RODOLFO TEÓFILO



A FOME

VIOLAÇÃO



ACADEMIA
CEARENSE
DE LETRAS

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA



ESTA EDIÇÃO

ESTA É A SEGUNDA PUBLICAÇÃO que se faz, integrante da "Coleção Dolor Barreira", em obediência a um plano de reedição de obras literárias cearenses, que há muito estavam esgotadas, em razão do que são pouco ou de modo nenhum conhecidas das novas gerações, quer no Ceará, quer noutros centros de estudos do País.

A Academia Cearense de Letras, a Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará e o Banco do Nordeste do Brasil congregaram idéias e esforços, e aqui vai a segunda publicação da sua iniciativa e responsabilidade, em seqüência à primeira, que consistiu na edição, em um mesmo volume, de duas obras do escritor cearense Adolfo Caminha, figura de prol na ficção naturalista nacional. Dele saíram, inaugurando esta série, o romance *A tentação* (1896), que flagra, em tintas fortes, como é característico no escritor, os dramas da aclimação de um casal provinciano do Ceará, em meio às falsidades e hipocrisias de uma sociedade mais sofisticada e convencional — a da Metrópole; e *No país dos ianques* (1894), uma coletânea de artigos em que, de modo muito arguto, fez revelações do que pôde observar, numa rápida estada em alguns centros dos Estados Unidos, em 1886, como integrante que foi de uma turma de aspirantes ao oficialato de nossa Marinha de Guerra.

Quanto a Rodolfo Teófilo, há muito está esgotado o romance *A fome*, que teve sua primeira edição, em 1890, e uma segunda, sem modificações sensíveis, em 1922, ambas, é óbvio, de tiragens reduzidas, como acontecia então e como ocorre, ainda, em nossos dias.

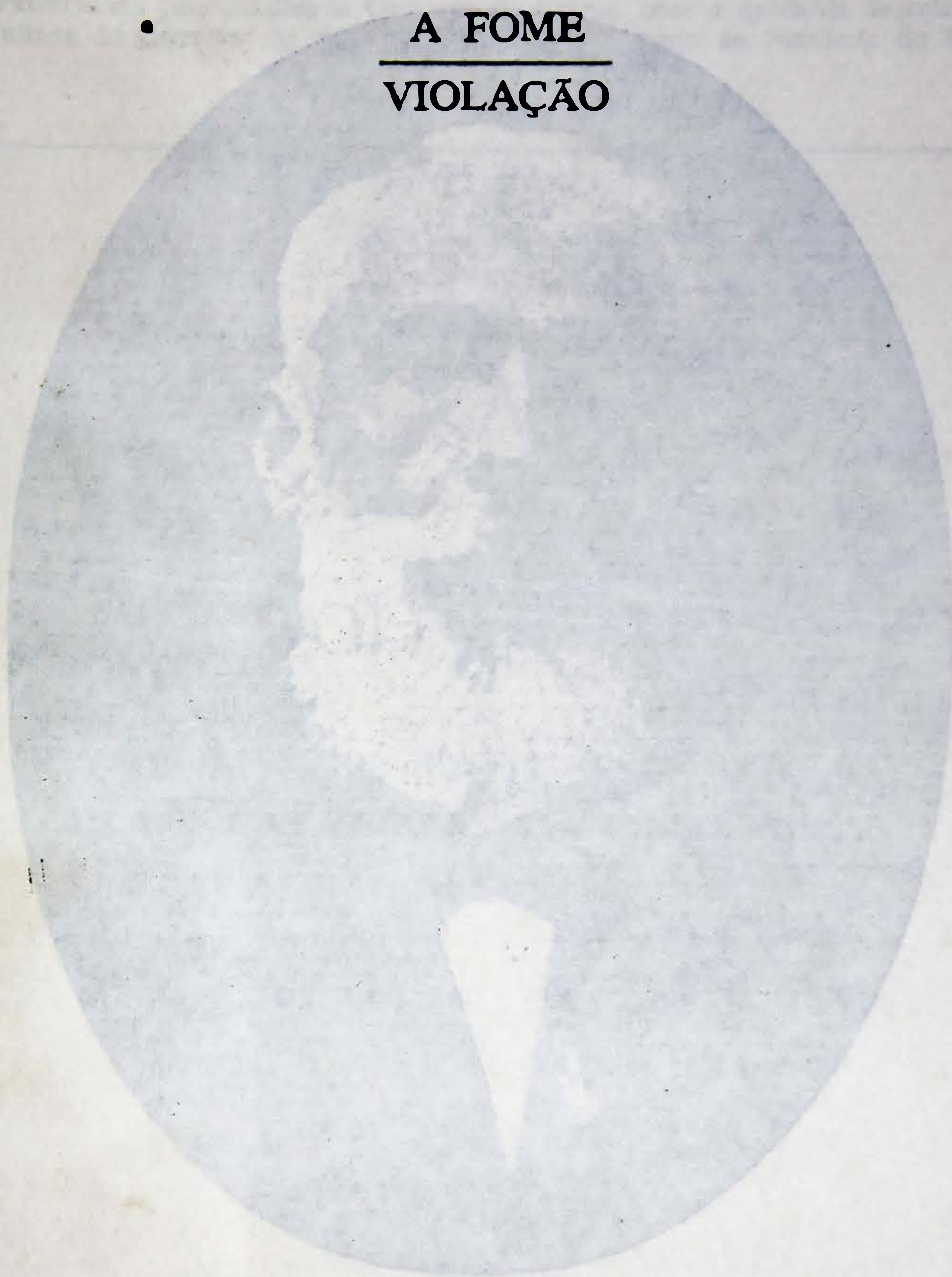
Livro, por assim dizer, abridor dos caminhos para o legítimo romance regional do Nordeste, sua leitura e estudo são coisa obrigatória para os que, hoje, se interessam pelo fenômeno da criação literária, já não mais em termos puramente imaginativos e, sim, de embasamento ecológico e sócio-econômico.

Mais rara ainda que *A fome* é a novela *Violação* (1899) a que o autor, antes, dera denominação de conto, e que é, indiscutivelmente, uma das mais fortes páginas da ficção brasileira, nos domínios da chamada estória curta, já pela ousadia do tema e o horripilante do desfecho, já pela atmosfera acabrunhantemente patética, por assim dizer, dostoievskiana, que é a nota dominante.

Violação complementa *A fome*, perfazendo ambas o 2.º volume da "Coleção Dolor Barreira", em obediência a um critério: se a fome é a grande personagem de ação implícita e onipresente no romance de Teófilo, a peste, que é sempre corolário do primeiro flagelo, assume, na novela, as mesmas características dolorosas de anátema, formando ambas as estórias um mesmo contexto, em que as misérias humanas correm parelhas com a miséria social de uma época que, embora já bem distante, ainda logra apresentar seus terríveis reflexos, atualmente, no que toca ao Norte-Nordeste.

A FOME

VIOLAÇÃO





LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

apresenta na

COLEÇÃO DOLOR BARREIRA

(Patrocinada pela Academia Cearense de Letras, com o apoio da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará e do Banco do Nordeste do Brasil)

O VOLUME Nº II

A FOME

VIOLAÇÃO

de

RODOLFO TEÓFILO

Organização, Atualização ortográfica, Introdução crítica e Notas por

OTACÍLIO COLARES

da Academia Cearense de Letras

1979



RIO DE JANEIRO

Copyright © 1979 by Academia Cearense de Letras

Rio de Janeiro — República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Capa
EUGENIO HIRSCH

FICHA CATALOGRÁFICA
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Teófilo, Rodolfo, 1853-1932.
T29f A Fome; Violação / Rodolfo Teófilo ; organização, atualização e notas por Otacílio Colares. — Rio de Janeiro : J. Olympio ; Fortaleza : Academia Cearense de Letras, 1979.
(Coleção Dolor Barreira ; v. n. 2)

Dados biobibliográficos do autor.
Bibliografia.

1. Novelas brasileiras 2. Romance brasileiro I. Colares, Otacílio II. Título III. Título : Fome IV. Série.

CDD — 869.93
869.9303
CDU — 869.0(81)-31
79-0350 869.0(81)-32

Direitos desta edição reservados à Livraria José Olympio Editora

COLEÇÃO DOLOR BARREIRA — VOLUME Nº 1

COMITÊ EDITORIAL

Cláudio Martins
(Presidente da Academia Cearense de Letras)

José Denizard Macedo de Alcântara
(Secretário de Cultura do Estado do Ceará)

Nilson Holanda
Otacílio Colares
Braga Montenegro
Sânzio de Azevedo
Pedro Paulo Montenegro

SUMÁRIO

NOTA EXPLICATIVA
(Cláudio Martins)
Pág. vii

INTRODUÇÃO CRÍTICA
FOME E PESTE NA FICÇÃO DE RODOLFO TEÓFILO
(Otacílio Colares)
Págs. ix a xviii

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DE RODOLFO TEÓFILO
Págs. xix a xxii

BIBLIOGRAFIA DE RODOLFO TEÓFILO
Págs. xxiii a xxiv

A FOME
VIOLAÇÃO

A FOME
Págs. 3 a 233

VIOLAÇÃO
Págs. 235 a 256

NOTA EXPLICATIVA

CLÁUDIO MARTINS
Presidente da Academia Cearense de Letras

EM SEU AFÃ *de divulgar o escritor vinculado à literatura cearense, a Academia Cearense de Letras editou sete livros que justificam plenamente esse propósito.*

Trata-se da "Coleção Antônio Sales", já enriquecida com A Academia de 1894, *de Raimundo Girão,* Contos, *de Oliveira Paiva, fruto de pesquisa realizada por Braga Montenegro e Sânzio de Azevedo, com a colaboração de Fran Martins,* Literatura Cearense, *de Sânzio de Azevedo,* Falas Acadêmicas, *coletânea de discursos pronunciados na A.C.L.,* As Outras Cunhãs, *do cronista Milton Dias,* Miséria e Sonho no Canal, *romance de Faria Guilherme e* Alencar 100 anos depois, *homenagem da A.C.L. a José de Alencar, no centenário de sua morte.*

Agora chegou a vez das reedições, empreendimento que se torna realidade pela compreensão e descortino dos ilustres dirigentes do Banco do Nordeste do Brasil, tendo à frente o professor Nílson Holanda, membro do Instituto do Ceará.

O Banco do Nordeste, é de justiça registrar, tem prestado à cultura nordestina os mais assinalados serviços. E, patrocinando este projeto, acrescenta à literatura pátria produção histórica da mais alta valia. Honras lhe sejam tributadas por tudo isso.

Escolhemos para patrono desta nossa coleção o nome sempre lembrado de Dolor Barreira.

Dolor é um dos principais responsáveis pela gloriosa ascensão da Casa de Tomás Pompeu.

Nos momentos de crise, foi no saber e na sua admirável prudência que fomos buscar as soluções necessárias.

Ademais, se outros títulos lhe não exornassem o prestígio de escritor, professor e historiador de primeiro plano, só o fato de haver dado às letras brasileiras a História da Literatura Cearense, *abonaria nosso maior reconhecimento e respeito pelo que ele significou para a nossa cultura.*

De modo que, emprestando seu nome ilustre à Coleção que ora se inicia, sob tão confortadores auspícios, estaremos apenas iniciando o testemunho de veneração que lhe deve a Academia que ele tanto amou.

Fortaleza, 3 de agosto de 1978.

INTRODUÇÃO CRÍTICA

FOME E PESTE NA FICÇÃO DE RODOLFO TEÓFILO

OTACÍLIO COLARES
da Academia Cearense de Letras

I. A VIDA

RODOLFO (MARCOS) TEÓFILO é, sem dúvida, o mais representativo escritor do Ceará em todos os tempos. Sua obra literária, que não é nenhum modelo em termos puramente estilísticos, é, em compensação, do ponto de vista do regional, sempre tão valorizado pela história e crítica literárias, uma espécie de vultoso monumento em torno do qual, com o passar do tempo, têm vindo abeberar-se ficcionistas e sociólogos de todo o Nordeste brasileiro, até os nossos dias.

O autor de *A Fome* era neto do negociante lusitano Manuel José Teófilo e de Dona Isabel Samico Teófilo. Seu pai, o médico Marcos José Teófilo, nasceu na cidade de Fortaleza, em 22 de outubro de 1821, e formou-se em Medicina na tradicional Faculdade da Bahia, em 13 de dezembro de 1849, vindo a falecer em Pacatuba (Ceará) em 15 de dezembro de 1864, aos 43 anos, portanto.

Sua tese de formatura versou sobre *moléstias de olhos*. Segundo o Barão de Studart, esteve em comissão do governo, como médico, durante epidemias de febre amarela, na região pré-central da província, Baturité, bem assim na zona do litoral leste, Aracati, sem esquecer sua atuação decisiva, quando de um terrível surto de cólera-morbo em Maranguape, nesta última cidade havendo contraído o beribéri, mal de que veio a falecer. Além de Rodolfo, deixou cinco filhos.

Era bisavô de Rodolfo o licenciado em Medicina, e brasileiro, Manuel Gaspar, que também fora formado em cirurgia pelo físico-mor do Reino, "no tempo em que o melhor tratado de terapêutica era o de João Curvo sem Medo", na expressão do próprio romancista.

Dessa ascendência, em que não deve estar esquecido ser a bisavó de Teófilo uma Feitosa, o que significa dizer — descendente do tradicional e bravio clã secularmente dominante nos Inhamuns — procedem várias peculiaridades individuais do autor de *Violação*, dentre essas o arraigado e como visceral amor à gleba cearense, uma extraordinária capacidade de observar e compreender o Ceará, no vasto leque de suas virtudes e defeitos; o apego quase instintivo à Ciência, como por atavismo e mesmo educação doméstica, ele que se formaria

em Farmácia e trabalharia largo tempo da vida em pesquisas de laboratório, daí, neste ou naquele passo de uma e outra de suas obras de ficção, um certo vezo a cientificismo, a que, aliás, não esteve infenso nenhum dos que, seus contemporâneos, viveram, no Brasil, o fastígio do Naturalismo. Isto sem esquecer, na sua personalidade, o alto sentido de bravura pessoal e independência de atitudes, que foram a constante maior de sua vida.

Baiano por acidente, mas descendente direto de cearenses, aos onze anos, quando lhe morreu o pai, em Pacatuba, a sensibilidade plástica do menino Rodolfo já estava impregnada de sensações que as conversas dos maiores, resguardadas na memória das gerações sucessivas, ficar-lhe-íam acumuladas no subconsciente, para eclodirem, depois, nas estórias longas e curtas que nos deixou, verdadeiros murais em que a crua realidade humana e ecológica correm parelhas com o fantástico, todos esses imensos painéis vibrados nas tintas pungentes da tragédia.

No tocante ao espírito de bravura e independência pessoais e do enraizado amor à gleba em que viveu agitada vida, a partir dos onze anos, interessante será que se transcrevam trechos memorialísticos do melhor sabor, em que o autor de *O paroara,* já vencidos 66 anos, escrevia:

> Não havia entrado a missa (*na igrejinha de Nossa Senhora do Rosário, ainda hoje preservada no centro urbano da Fortaleza*)[1] e já se achava meu bisavô perfilado na Capela-Mor, todo reverente com os olhos fitos no Crucificado, esperando que começasse o sacrifício.
>
> Estava naquela adoração muda sua alma de crente, quando o despertou, batendo-lhe no ombro, um soldado da guarda do governador Robim,[2] para dizer-lhe estas palavras que quase o fulminaram:
>
> — *Aqui só quem ouve missa é o Sr. Governador e sua real Família.*
>
> Manuel Gaspar ouviu a intimação e o seu espírito vibrou num arrepio de revolta.
>
> A imagem da Pátria desenhou-se em sua mente, e ele sentiu a posição humilhante dela, serva de um país pequeno, de homens atrevidos e ambiciosos que levavam o seu poderio até dentro dos templos! Quis gritar ali mesmo, perante Deus que irmanou os homens, a independência de sua pátria, quebrar os ferros do grilhão português.

---

1 O grifo é nosso.

2 Refere-se Teófilo a Francisco Alberto Robim (ou Rubim), capitão-de-mar-e-guerra, comendador da Ordem de Cristo, nomeado para o governo do Ceará por carta patente de 23 de dezembro de 1819. Figura curiosíssima, baste para refletir-lhe a feição imponderável o que dele diz o Barão de Studart, em *Datas e fatos para a história do Ceará*: "No ato da posse, Robim repreendeu publicamente os vereadores de Fortaleza por não terem ido buscá-lo à casa e obrigou-os a abandonarem as insígnias para pegar nas varas do pálio quando voltou para casa." A posse de Rubim ocorreria em 13 de julho de 1820.

Humilhado, saiu da igreja, rumo de casa. Ia desesperado. Aquele grande espírito não se conformava com o cativeiro.

Chegando ao lar, disse à mulher numa voz cujo timbre exprimia a tempestade que lhe ia na alma:

— *Senhora Dona Joana, arrume as malas, que em terra em que marinheiro*[3] *manda até dentro da igreja eu não moro!*

Aquelas palavras eram uma sentença, um fato consumado. Entrar a mulher em considerações não demoveria o marido de seu propósito. Nunca houve na vida quem fizesse o Sr. Manuel Gaspar mudar de opinião. Quem seria capaz de fazê-lo torcer o rumo, uma vez convencido de que ia direito?

A Senhora Dona Joana valeu-se das lágrimas, porém inutilmente. Tempos depois, meu bisavô, com mulher e filhos, formando grande caravana, deixava Fortaleza em rumo do sertão.

Quando perguntavam qual era o seu destino, respondia: — *uma terra que seja dos brasileiros.*

Em Baturité fez estações, obrigado pelo adiantado estado de gravidez da mulher, até que teve esta a criança e acabou o resguardo.

Restabelecida a Senhora Dona Joana, prosseguiram a viagem, estacionando em Quixadá. Ali, encontrando meu bisavô muitos doentes, demorou-se no serviço de sua profissão um ano, tempo em que lhe nasceu mais um filho.

Logo que minha bisavó pôde fazer viagem, puseram-se a caminho. A travessia agora era longa, cem léguas talvez, no rigor do inverno, com criancinhas de peito.

Só o ânimo varonil do Sr. Manuel Gaspar e o seu espírito forte venceriam as agruras de tão penoso caminho.

Diversas vezes escaparam da morte na travessia dos rios, que o rio fazia caudais. No rio Jaguaribe, quase morreram afogados em conseqüência do viramento de uma balsa. Se não fosse meu bisavô exímio nadador, e não possuísse uma presença de espírito fora do comum, ter-se-iam ali acabado todos os seus.

Depois dos dias penosíssimos daquela ingrata jornada, chegou o aventureiro ao Tauá, terra de sua mãe.

Os seus avós o receberam e hospedaram com carinho, *completamente esquecidos da ofensa que lhes fizera a filha, fugindo para casar* [Grifo nosso].

Não se lembravam mais da cena passada, havia quarenta anos, quando deram por falta de sua primogênita, uma linda rapariga de vinte anos, a mais bela flor daquela ribeira.

Toda a família Feitosa pôs-se em campo, à pista. Quem se atreveria a ofender aqueles senhores feudais no domínio absoluto do bacamarte, que não pagasse com a vida!... Foi decretada a sentença de morte do atrevido que teve a ousadia de raptar uma Feitosa, fosse um príncipe, para com ela casar-se.

Reunida a família em conselho, foi acordado que o irmão mais velho da raptada partisse imediatamente com quatro *peitos-largos*, dos mais perversos e valentes, no encalço dos fugitivos. Encontrados que fossem, seria morto o raptor e deixado aos urubus, sem cova e sem cruz, e a raptada, trazida à casa paterna, para, se conservasse a inocência, ser metida em custódia o resto da vida; impura, morta à faca.

---

[3] *Marinheiro* era palavra pejorativa e de desprezo com que os brasileiros de Pernambuco, a partir da Guerra dos Mascates, de 1817, denominavam os lusitanos. Até princípios deste século, o cognome depreciativo teve vasta circulação em todo o Nordeste.

Encerre-se aqui a longa citação desta que é uma das mais fortes expressões de uma verdade familiar, saída que foi da pena já experiente do escritor amadurecido. Uma dentre as onze excelentes crônicas, se assim podemos chamá-las, constitutivas do livro que ele denominou *Cenas e Tipos*.[4] Até chegar a seu final, sabe-se da viagem aventurosa que fez o bisavô do memorialista, em sua retirada voluntária, até chegar às margens do rio São Francisco, onde se estabeleceria, criando assim algumas raízes baianas para a família cearense do escritor. . .

Em face disto, o consenso geral, entre os estudiosos da literatura cearense, e nós com eles, não justificando o fato de não haver o honesto e cuidadoso Barão de Studart incluído em seu *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense* a biobibliografia do poeta da *Lira sertaneja* e do historiador das secas no Ceará, como se não fora meramente acidental o nascimento na Bahia do romancista de *Os brilhantes* e *Maria Rita,* quando o mesmo Guilherme Studart destaca, ao fazer a parte final da biografia do genitor (cearense) do autor dos contos de *O cunduru:* "Deixou seis filhos entre os quais Rodolfo Teófilo, o conhecido romancista."

II. A OBRA

Quando, para uma segunda edição do romance cearense-amazônico de Rodolfo Teófilo *O paroara,*[5] iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, fizemos-lhe o prefácio, ali escrevemos:

> No tocante ao Rodolfo Teófilo homem de letras, sua obra é valiosa, antes de tudo, pelo tom de sincera regionalidade, não a puramente superficial e pouco durável, antes, uma regionalidade por ele encarada em termos de observação e pesquisa profundas, de preocupação de descobrir e revelar o lado verdadeiro dos grandes dramas e das grandes alegrias da terra que sempre considerou a sua.

Também, naquela oportunidade (e nada, depois, nos fez modificar o pensamento), dizíamos ser Rodolfo Teófilo, como ficcionista, "enquadrável cronologicamente entre o Romantismo decadente e o Realismo-Naturalismo em euforia no Brasil, em fins do passado século."

---

4 Rodolfo Teófilo. *Cenas e tipos*. Fortaleza (Ceará), Editor Assis Bezerra, Tip. Minerva, 1919.

5 Otacílio Colares, "*O Paroara* na ficção de Rodolfo Teófilo". Apresentação crítica à 2.ª edição do romance. Publicação da Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. Editora Henriqueta Galeno. Fortaleza, 1974.

Mais adiante, pedíamos atentassem a História e a Crítica nacionais para o fato de que, mesmo aqui e ali rendido, talvez até mesmo subconscientemente, aos ditames estadeados pela escola de Zola, Teófilo deveria ser observado, antes do mais, pelo cunho regionalista de suas estórias, todas, sem exceção, reveladoras do chão, da gente e dos costumes cearenses, ora no bucólico garrettiano das descrições do inverno campesino, ora na rudez de cactos de um estilo candente, por vezes naturalmente discursivo e algo retórico, na exaltação de cenas em que a terra e o homem, num complexo de sofrimento e assombro, lembram figurações fantasmagóricas, vizinhas do irreal e imponderável.

Diga-se, aliás, que toda a ficção de Teófilo, constante dos romances *A fome, Os brilhantes, Maria Rita* e *O paroara,* da novela *Violação* e da coletânea de contos *O cunduru,* este último livro o único escrito e publicado no presente século (1910), oferece, neste ou naquele passo, como em passos de mágica, concessões por assim dizer geniais ao fantástico, o que nos deixa, mesmo leitores atentos e habituados, naquela situação de enleio e dúvida a que, com muita justeza, alude Irène Bessière, em seu precioso livro *Le Récit Fantastique*:

> A narração fantástica provoca a incerteza, quando do exame intelectual, porque põe em ação dados contraditórios reunidos segundo uma coerência e uma complementaridade próprias.

A fome, primeiro romance e primeira obra em livro de Rodolfo Teófilo, trai, no longo texto de 507 páginas (a 2ª edição, de 1922, que repete prefácio de Virgílio Brígido, sem modificações, é de 363 páginas, com pequenas alterações de palavras apenas) o escritor já amadurecido, quer no trato dos temas central e colaterais, quer na maneira peculiar do estilo, que aqui e ali pressupõe o reflexo das leituras juvenis dos romancistas românticos, portugueses sobretudo, embora o que predomine, já então, no tocante à maneira de escrever, seja a despoliciada concessão ao coloquial, pois soaria falso um romance que, tratando material humano e ecológico de características eminentemente adversas do requinte nobre ou do fausto burguês, tivesse o seu compositor a enquadrar seu estilo ou nos moldes poéticos dos romances de Alencar ou no bem-comportado e mesmo lisboeta escrever de Machado de Assis.

Para ambiente e temas agrestes, somente pode haver lugar para um estilo agreste. Não seria Euclides da Cunha a eminência que hoje é, e singular, no quadro de uma literatura, houvesse escrito o monumento d'*Os sertões* na linguagem em que Taunay escreveu as páginas belíssimas do seu romance *Inocência,* onde o homem nada mais é do que uma conseqüência da vastidão imensa das florestas e rios.

Em Teófilo, como em Euclides, guardadas as devidas proporções, a aspereza dos estilos é decorrência, quando não imposição, das peculiaridades chocantes da região a ser transformada em ambiente e do drama de adaptação e vida do homem na referida região.

Os que, na contemporaneidade do escritor e algum tempo ainda depois de seu desaparecimento, fizeram-lhe restrições ao estilo, por certas "deselegâncias" e certa arbitrariedade no trato descompassado de um romance como *A fome,* longe estavam de prever a época que se alcançaria, na ficção, de uma liberdade absoluta de estruturação de uma peça que, queiram ou não queiram os eternos conservadores, há de ser, para alcançar foros de espontânea comunicação sensorial e intelectiva, uma espécie de reflexo do complexo anímico responsável por seu surgimento de obra de arte.

Hoje em dia, aliás, já se pode notar, pelo menos no tocante a *A fome,* ser ele um dos romances de Teófilo em que o escritor está mais facilmente revelado como tal, valendo mais uma vez o alto grau de sinceridade do seu manejo vocabular e a extraordinária arte da construção da frase, o que nos leva, mesmo quando a trama do romance propriamente dita faz concessões ao documental, a viver como se tudo fora de pura criação.

Quando da apresentação crítica que escrevemos, já atrás citada, para a 2ª edição de *O paroara,* de Teófilo, afirmamos, com a segurança de uma visão absolutamente abrangente que então julgávamos ter, ser *A fome* "um dos mais chocantes livros de Teófilo, senão um dos mais chocantes da ficção brasileira em todos os tempos", salientando não se ter atemorizado seu autor, mesmo em face do que, contado em livro de ficção, por suas características de barbaridade, passa para o domínio do fantástico. E exemplificávamos com a dantesca descrição que faz o escritor cearense da cena de um personagem de seu romance, chegado ao estado máximo da alucinação pela fome, que chega a conservar por três dias uma criança morta, de cuja carne se servia para sustento.

Até que ponto o pormenor patético é da criação do romancista e até que limite será documental, difícil se torna ao contemporâneo aquilatar devidamente. Vale apenas registrar que a cena antropofágica lá está, com menor arte, ao nosso ver, no romance *Os retirantes,*[6] de José do Patrocínio, estória de valor mais jornalístico que propriamente literário, embora disposta em trama novelística, contemporânea de *A fome.* Aparece também a cena, não acontecendo na trama, mas aludida por personagens que conversam de secas, no primeiro romance de Rachel de Queiroz, *O quinze.*

---

[6] José do Patrocínio. *Os retirantes.* Rio de Janeiro, Editora Três, 1973. (A 1.ª edição é de 1873).

Ainda com respeito à estruturação de *A fome,* escritor estreante, Rodolfo Teófilo, ao publicar o livro, como que arreceou-se de determinar-lhe a categoria, o gênero, tanto que lá está, na capa, abaixo do título *A fome,* o subtítulo: *Cenas da seca no Ceará.* A mesma situação se verificou, quando, em 1922, ou seja, em vida ainda do autor, 32 anos após, saiu publicada a 2ª edição já atrás referida, o que, entretanto e paradoxalmente, não ocorreu, quando, em 1919, antes pois da segunda edição a que aludimos, o escritor alinhava como *romance* o seu livro extraordinário de estréia, ao lado das outras obras de ficção — *Os brilhantes, Maria Rita* e *O paroara.* Tal rol está no já por nós ventilado *Cenas e tipos,* livro que reúne, ao lado de trabalhos rememorativos ou de cunho científico-jornalístico, como *O Ceará ferreiro da maldição, Moedeiros falsos* e *Através do passado,* peças eminentemente literárias, como *O bebedouro,* um como *corte* extraordinariamente pungente, detalhe, talvez de um romance que não chegou a ser feito, em que se pinta o drama de um homem a cavar em terra enganadora a última cacimba salvadora, perante o olhar longo das últimas reses de um rebanho em fim de sua destruição. Ou como o conto que intitulou *A troca da costela,* inspirado num romance de Tolstói, e que foge à temática regional, situando-se mais no requintado campo do retrato social, pelo estudo inteligente do complexo carne-alma da mulher. Uma espécie retardada, no autor maduro, da ficção psicológica, tão comum em princípios deste século.

A propósito do chocante a que aludíamos em *A fome,* no trabalho de apresentação de *O paroara,* diremos que, então, não conhecíamos esse romance realmente patético e épico em sua grandeza bárbara que é *Deserdados,*[7] do genial e atrevido, injustiçado e esquecido Carlos de Vasconcelos, que este, sim, ao contrário do que fez Teófilo em seu romance biterritorial, cearense-amazônico, compôs o verdadeiro, sofrido e brutal romance do cearense na *Hiléia.* Na Amazônia do alto Purus, das margens misteriosas de seu longínquo afluente, o rio Iaco, já nas lindes do território brasileiro com o Peru.[8]

Se em *A fome* a paisagem do Nordeste abandonado e heróico é retratada através das gradações espectrais da desnutrição e da penúria, com seu caudal de verdades sociais e econômicas aviltantes, chegando às raias do inacreditável, em *Violação*[9] a estória, pelo alto poder de dramaticidade que se cristaliza no desfecho, comportou-se no que seu

---

7 Carlos de Vasconcelos, *Deserdados.* Rio de Janeiro, 1.ª edição, 1921; 2.ª edição, 1922.

8 Sobre Carlos de Vasconcelos, poeta maldito e romancista do cearense na Amazônia, ver estudo nosso, no livro em preparo *Lembrados e esquecidos IV.*

9 R. Teófilo. *Violação.* (Ceará), Militão Bivar, Editor. Tip. Minerva, Fortaleza, 1898.

autor classificou de conto, não só à época da publicação,[10] mas ainda numa relação de obras do autor, acompanhando a edição de *Cenas e tipos,* já duas vezes por nós citado e que saiu a lume, como já foi dito, em 1919, 23 anos após o aparecimento da curta mas intensa estória. Uma estória, ou melhor, um episódio dramático, que tem sua origem, evolução e desfecho macabro à conta da bestialidade gerada em cérebros elementares, no delírio da febre e da lubricidade sem freios, tudo como conseqüência do advento de uma peste de cólera-morbo.

Na verdade, *Violação* é fruto, quanto ao enredo e seu final dantesco, de uma forte e ousada imaginação criadora, cevado no húmus de lembranças infantis do autor.

Filho de médico, como é sabido, já vimos que esteve seu genitor, o Dr. Marcos José Teófilo, em comissão do governo, na então vila de Maranguape, ao tempo em que sobre aquela zona de entre montanha e litoral do Ceará se abateu o terrível flagelo do cólera-morbo.

Segundo registra o Barão de Studart em seu nunca por demais louvado *Datas e fatos para a história do Ceará*[11] no dia 5 de abril de 1862, "manifesta-se na província, pela primeira vez, a epidemia de cólera-morbo, declarando-se o flagelo na cidade do Icó, por transmissão do centro da Paraíba". Para prosseguir, em pormenorização que nos interessa:

> A epidemia, que tomou ali proporções aterradoras, propagou-se a muitos outros pontos da província. Na capital começou a reinar no dia 13 de maio. Em Baturité, Pacatuba, *Maranguape,* etc. fez horríveis estragos. Em fins de agosto do ano seguinte, achava-se extinta a epidemia em toda a província, elevando-se a mortandade a 11 mil vítimas.

Partindo da verdade dolorosa que, em criança, testemunhara, levando-se em conta que, como filho de um médico, o único de uma localidade empesteada, viu e sofreu muito, na sua sensibilidade aguçada de criança, chega-se à conclusão de que, embora o encaminhamento do que chamaremos a "novela" *Violação* tenha tido por ponto de partida e por ambiente uma ocorrência real num cenário também real, coube ao imaginativo que sempre houve em Teófilo armar o *pathos* com que sua estória curta pode passar aos fastos da ficção nacional como a mais ousada, no campo do inacreditável, por ser terrífico em demasia.

É interessante, à guisa de ilustração e sem querermos ser importunos, chamar atenção para essa preocupação com as idéias e teses au-

---

10 Ver, no livro, a relação das obras do autor. Lá está, como a então mais recente obra de Teófilo, *Violação — contos.*

11 Dr. Guilherme Studart, *Datas e fatos para a história do Ceará.* Fortaleza (Ceará), Tipografia Studart, 1896.

daciosas que foram apanágio dos ficcionistas cearenses de fins do passado século, dentre eles, além de Teófilo, Adolfo Caminha, com a temática de *Bom-crioulo,* de perversão sexual masculina, e o já por nós citado Carlos de Vasconcelos, com o mirabolante de contos como *Os miolos do amigo* e *Paixão lésbica* e ainda *Mademoiselle Squelette,* que já tivemos oportunidade de estudar em nosso *Lembrados e esquecidos III,* de 1977.

Que o tema predominante, o clima mefítico e de agonia coletiva têm base na brutal e chocante realidade da peste, não há como pôr em dúvida; sabida em seus primórdios a biografia do escritor, todos sentimos a memória nestas linhas iniciais da novela impressionante:

> A triste cena de bruteza humana que vou narrar passou-se em 1862, na epidemia do cólera-morbo, em uma das vilas do litoral do Ceará.
>
> Era eu bem criança; tinha apenas nove anos, mas conservo estereotipado em mim tudo que vi daquela medonha peste.
>
> Meu pai era o único médico do lugar quando se deu a invasão do mal. Havia meses em que o flagelo devastava os sertões da província, e de lá vinham as mais desoladoras notícias. Tudo estava se acabando no interior, morria-se em poucas horas, dizia a nova popular em seu costumado exagero, e assim se espalhava de tenda em tenda, deixando em sua passagem o gérmen do desconforto a desenvolver-se e a crescer.

Atentemos, antes de tudo, para o estilo simples, equilibrado, pouco adjetivado do escritor de 1898, no trato de um tema em que a morte não assumia o sentido do fim que se luta para não sobrevir, que este era o caso de *A fome.* O que predomina, ao largo das 103 mini-páginas do livrinho de formato 10x16 da coleção "Biblioteca da Padaria Espiritual", é a sensação por assim dizer dostoievskiana de apatia, à espera do mal irremediável, isso influindo na maneira pouco agressiva do modo de escrever do autor.

Longa demais talvez, para justificar-se como conto, *Violação* deve ser hoje classificada de novela, justamente porque seu enredo, de poucos personagens marcantes, apresenta como elemento de maior impacto aterrador a própria peste.

Ao evolver do entrecho, verifica-se que a estória abarca duas épocas: a do advento do flagelo, quando o narrador era criança, e o tempo presente da narrativa, em que ele, passados muitos anos, volta à vila, onde não conhece mais ninguém e ninguém o conhece.

Entre as duas épocas, um trágico elemento de ligação: um moço que, ao começar a estória, faz ao médico, pai do narrador, uma confidência tão terrível que este não resiste às demonstrações do maior assombro. Diante da curiosidade do filho confidente, que deseja saber o segredo, o médico diz: "— Quando fores homem, pede-lhe que te conte a sua triste estória."

Entre esta passagem inicial da novela e seu final, há toda uma série de acontecimentos colaterais, muitos deles traindo simples obser-

vação, até que o narrador-memorialista se encontra com o moço da revelação sigilosa. Escapara ele à epidemia, mas a sua fisionomia era de espectro e um molambo era seu corpo. Instado a contar ao homem adulto aquilo que o pai do menino não se animara a contar, o moço de antanho narra ao menino do tempo da peste toda a sua tragédia: a violação da noiva morta, no cemitério dos pesteados, em circunstâncias terríveis, vizinhas do fantástico, revelando-se Teófilo, nestes lances mais altos, um autêntico mestre da narrativa.

Não cabe, neste caso como no de *A fome,* tornar conhecido o enredo da obra-prima. Nossa tarefa terá sido apenas orientar o leitor do futuro, para certas peculiaridades não serem desprezadas, à conta de leitura apressada, que isto não deve ocorrer, quando se lêem obras cuja reedição, há tanto esperada, é a prova de que elas, quando nasceram para as letras nacionais, traziam a marca da imortalidade.

Fortaleza. 18.3.1978.

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS
DE RODOLFO TEÓFILO

1853 — Nasce em Salvador, Estado da Bahia, RODOLFO MARCOS TEÓFILO, filho do Dr. (médico) Marcos José Teófilo e D. Antônia Josefina Sarmento Teófilo. Defendeu o escritor, sempre, sua naturalidade cearense, e tanto que, em biografia que serve de pórtico a seu livro *Seca de 1915*, lá está escrito ter ele nascido "no Ceará, no dia 6 de maio" do ano atrás aludido, tendo-se batizado "no dia 1.º de outubro do mesmo ano, na igreja do Rosário, em Fortaleza".

1865 — Perdido o pai, em 1864, vitimado por beribéri, foi tutelado por seu parente afim, o comerciante José Francisco da Silva Albano, depois Barão de Aratanha, havendo freqüentado, por algum tempo, o recém-instalado e bem dirigido Ateneu Cearense, no qual foi contemporâneo de Capistrano de Abreu. Mas, pouco depois, irmão mais velho de uma irmandade já sem pai, passaria a estudar por si mesmo, nas horas que roubava ao natural descanso, na luta diária como caixeiro da casa comercial de Albano & Irmão.

1871 — Com dezoito anos, deixa o comércio e, com o que conseguira amealhar, retirado de um salário mínimo de caixeiro, viaja para o Recife, a intentar os então chamados "preparatórios", no que teve, algum tempo depois, amenizada a luta, graças à colocação de que se fizera merecedor, no Hospital Militar, como amanuense.

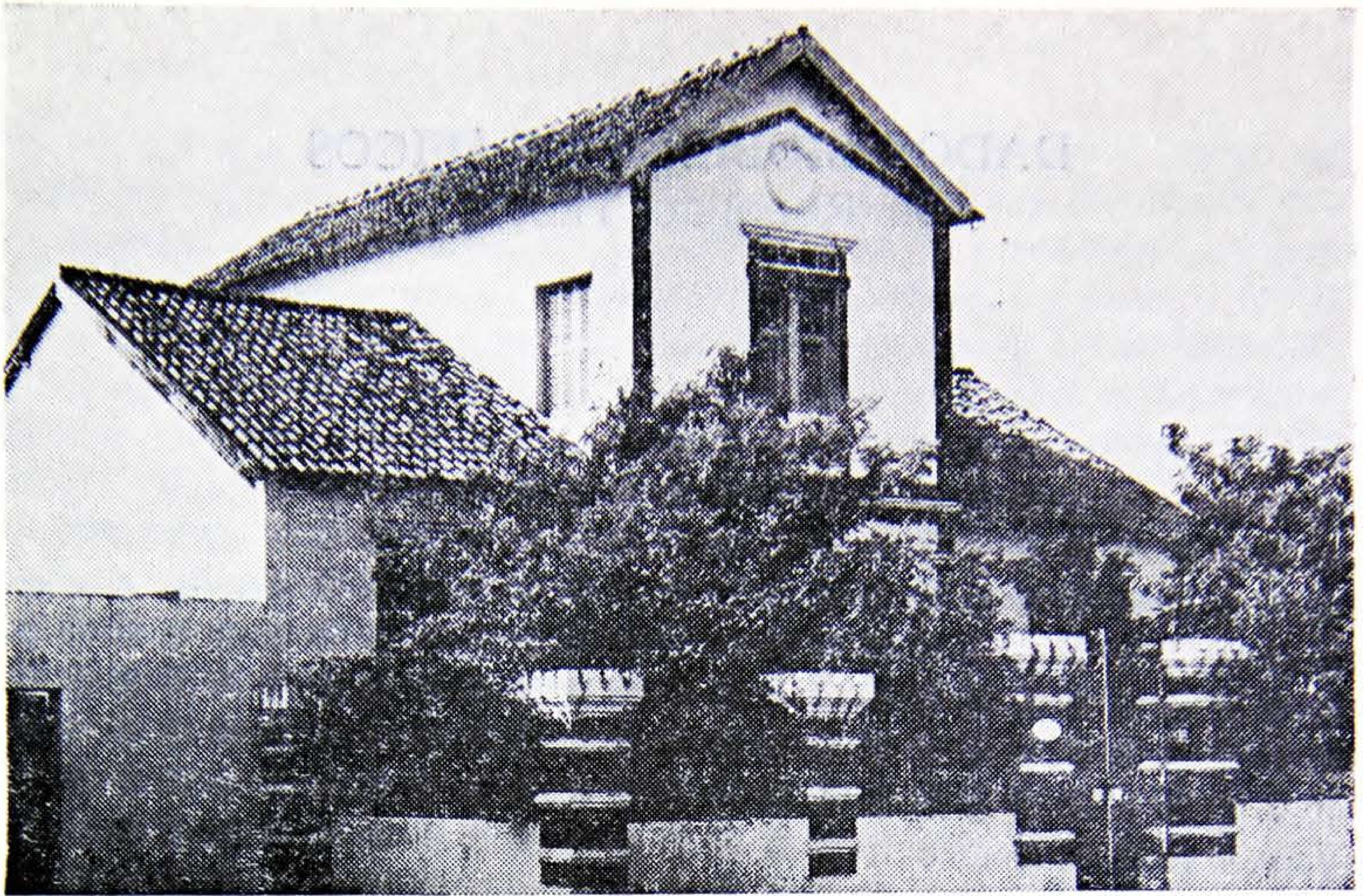
1875 — 20 de dezembro. Depois de concluídos os preparatórios no Recife, forma-se em Farmácia, pela Faculdade de Medicina da Bahia.

1877 — A esse tempo, que é o do ápice da grande seca que flagelou o Ceará, Teófilo já está de volta à sua terra, estabelecido com uma "botica", situada na antiga Rua da Palma, hoje Major Facundo, em Fortaleza, no prédio, ao tempo, de número 80. Ali — aludiria o futuro escritor, em página de memória publicada em livro, em 1919 — "assisti ao desfilar de cem mil criaturas famintas pelas ruas da capital".

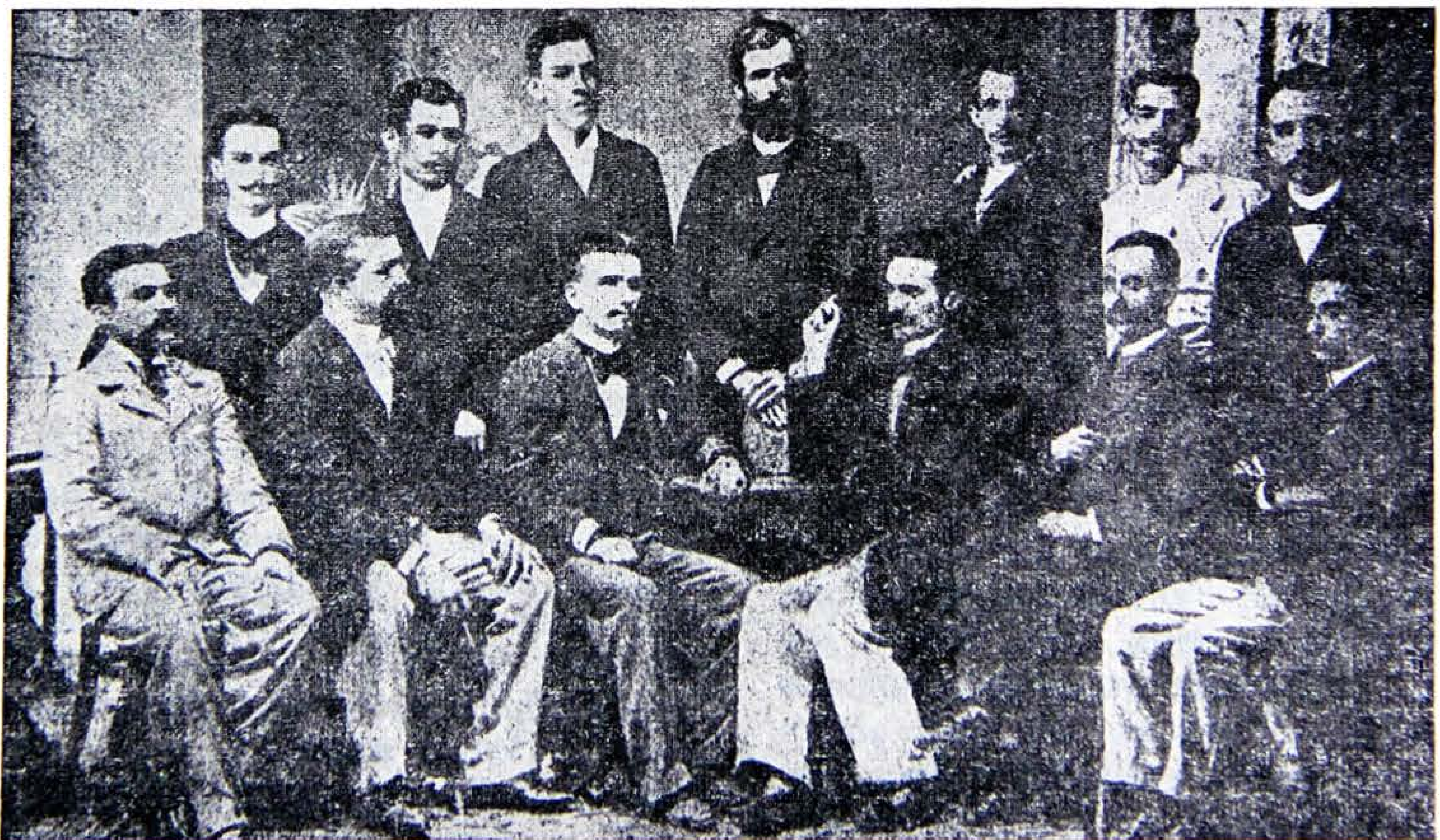
1878 — Dedica-se inteiramente, com revelações de grande altruísmo e espírito humanitário, ao socorro às vítimas da varíola (a peste ao lado da fome) à conta da qual, somente na capital cearense, ascenderiam ao total alarmante de 35 mil os mortos, malgrado a dedicação de Teófilo que, a bem dizer sozinho, corria os quatro cantos da cidade, sem ao menos o beneplácito do poder público, aplicando vacinas por ele mesmo fabricadas em seu *vacinogênio*, que passaria a fazer parte da história sanitária do Ceará.

1888 — Profundo conhecedor, já, das peculiaridades ecológicas do Ceará, publica *Monografia da Mucunã*, resultado de suas pesquisas sobre a raiz desta planta, ao tempo da seca de 1877. Também é deste ano *Ciências Naturais em contos*, de sua autoria e Garcia Redondo.

1890 — Estréia de Teófilo na ficção, com *A fome*, que não denominou "romance", quando da 1.ª edição, subtitulando o volumoso livro com a expressão *cenas da seca no Ceará*, receoso, talvez, de uma classificação "literária" a livro em grande parte documental e, em certos passos, pan-



Nesta casa em estilo chalet, *muito em voga na Fortaleza das primeiras décadas deste século, viveu Rodolfo Teófilo grande parte da sua vida. A edificação conserva a estrutura arquitetônica original, apenas tendo sido mudada a pintura. Está situada no início da hoje Avenida da Universidade, antigamente,* Boulevard *Visconde do Cauípe, no histórico bairro do Benfica. Ao tempo em que vivia o escritor, era esse um recanto bucólico, e à casa de Teófilo acorriam permanentemente inúmeros amigos, escritores, políticos, homens de ciência.*



Nesta fotografia, que é do ano de 1892, quando da fundação da "Padaria Espiritual", entidade literária que fez época, não só no Ceará como no meio literário nacional, vemos Rodolfo Teófilo, o único de barba cerrada, de pé, tendo à sua direita o então jovem médico e escritor José Nava, pai do poeta e memorialista mineiro Pedro Nava, de raízes eminentemente cearenses. Na extrema direita da foto, também de pé, o romancista, contista e teatrólogo Pápi Júnior, autor do romance O Simas, *cujo enredo decorre no Ceará. Sentado, e à esquerda de Teófilo, o poeta e prosador Antônio Sales, autor do romance regional* Aves de arribação. *O escritor estava em plena maturidade.*

fletário. A par, publica o compêndio didático *Botânica elementar.*

1894 — Entra, ao final do ano, para os quadros da "Padaria Espiritual", entidade de fins literários e artísticos, que se fundara em Fortaleza, dois anos antes, projetando-se nacionalmente, e à qual, até o final melancólico, em 1898, serviu com idealismo e dedicação.

1895 — Publicação de *Os brilhantes,* romance, tendo como temática o banditismo entre clãs sertanejas. O autor pensou estudar a psicologia do bandido, no que foi criticado com certo azedume por José Veríssimo. Reeditado em 1906 e 1972.

1897 — Aparece *Maria Rita,* romance de ricas tintas paisagísticas e de rara felicidade no pintar a alma simples do sertanejo. Considerado por Antônio Sales "o melhor romance cearense".

1899 — Dedicado profundamente às letras, sobretudo às de ficção, neste ano, publica o romance *O paroara,* reeditado em 1974, com prefácio de Otacílio Colares, e a novela *Violação.*

1901 — Publica *Secas do Ceará (segunda metade do Século XIX),* considerado um livro clássico de informação histórico-científica.

1905 e 1910 — Vai publicado, de sua autoria, *Varíola e vacinação no Ceará,* compêndio testemunhal de sua luta, por assim dizer, pessoal, contra a peste que assolou Fortaleza, ao longo de muitos anos. Também em 1910 publica coletânea de estórias curtas, explorando distorções sócio-político-econômicas do alto sertão cearense de princípios do século XIX, estereotipadas na figura do anti-herói sertanejo Conduru, que dá título à coletânea.

1912 — Envolvido pelo demônio de uma política partidária exacerbada, que várias vezes o vitimou, decepcionando-o em seus ideais de servir à causa pública, publica, pela Tipografia "A Editora", de Lisboa, *Memórias de um engrossador,* subtitulado *Homens e coisas do meu tempo,* em que zurze com certa impiedade, e não sem malícia, figurões da política e da sociedade suas contemporâneas.

1913 — Sem ter sido um poeta de largo vôo, conhecia Teófilo o mecanismo do verso. Neste ano, publica os volumes *Telesias* e *Lira Rústica,* este último, repositório em metro vário, sobretudo os menores, de costumes e comportamentos do sertão cearense, valorizado tudo pela nomenclatura típica daquela época e hoje grande parte em desuso.

1914 — Ano da publicação do livro polêmico que intitulou *Libertação do Ceará.* São depoimentos até certo ponto prejudicados pela paixão da luta política, nos quais verbera a permanência prolongada, no poder, da oligarquia da família Acioli e conta, com tintas fortes, a descida desta família e de sua *entourage,* por via de uma insurreição popular, que chegaria ao incêndio e à depredação.

1922 — Dominando inteiramente o cenário intelectual, político e social do Ceará, neste ano, saem, de Teófilo, os livros: *A sedição de Juazeiro,* um dos primeiros e valiosos depoimentos sobre a figura e a ação do Padre Cícero Romão Batista em sua luta contra o poder constituído, à frente de místicos e jagunços; *História da seca no Ceará, 1877-1880; Seca de 1915; Seca de 1919* e *Reino de Kiato.*

1924 — Aos 71 anos, mas em plena lucidez, embora já totalmente recolhido à vida privada, em seu pequeno solar do início do antigo bairro do Benfica, e cuja fachada, em listras brancas-vermelhas, ainda subsiste, nas proximidades da hoje Praça Clóvis Beviláqua, Teófilo selecionou uma série de artigos de várias épocas, nos quais se defendia de acusações à sua pessoa. Intitulou o livro de *Os meus Zoilos.*

1927 — É o ano de sua última publicação em livro — *O caixeiro.* Depois desta publicação, de importância relativa, o escritor aparece apenas em esporádicos e breves artigos

em periódicos ou em entrevistas sobre temas cearenses, já de cunho científico, já de cunho memorialístico. Chegava à época da chamada "Revolução de 30" e, no campo literário, atingia sua terra o influxo do chamado Movimento Modernista, justamente aquele que, no Ceará e no Brasil, através de uma história e crítica literárias melhor orientadas, passaria a estudar-lhe a obra e a colocá-la no merecido lugar.

1932 — Neste ano, no dia 2 de julho, falecia o grande benemérito do Ceará, que ainda lhe não deu a glória sequer de um busto em praça pública. Morreu tranqüilo, cercado do carinho e da admiração do seu povo. Deixava, a par de seu exemplo de grande humanitário e homem de luta e de ideais, o brilho de sua inteligência criativa, nas inúmeras páginas que deixou escritas e que o tempo se vem encarregando de imortalizar.



Figura das mais respeitadas e populares do Ceará do seu tempo, como ficcionista, poeta, jornalista, político e também homem de sérios estudos científicos ligados muitos deles à saúde pública e à industrialização de produtos tipicamente cearenses, Teófilo assim era caricaturado carinhosamente, no número inaugural de 7 de março de 1925 da revista Fanfarra, *que se editou em Fortaleza, Ceará.*

BIBLIOGRAFIA
DE RODOLFO TEÓFILO

A. OBRAS DO AUTOR

A Fome. 1.ª edição, 1890. 2.ª edição, 1922 (Prefácio de Virgílio Brígido).
Botânica elementar, 1890.
Ciências Naturais em contos, 1890.
Os brilhantes. 1.ª edição, 1895. 2.ª edição, INL. (Organizada por Afrânio Coutinho e Sônia Brayner, 1972).
Maria Rita, 1897.
O paroara, 1.ª edição, 1899. 2.ª edição, prefaciada por Otacílio Colares. Fortaleza (Ceará), Secretaria de Cultura do Ceará, Editora Henriqueta Galeno, 1974.
Violação, 1899.
Secas do Ceará (Segunda metade do Século XIX), 1901.
Varíola e vacinação no Ceará, 1905-1910.
O conduru, 1910.
Memórias de um engrossador, 1912.
Lira rústica, 1913.
Telesias, 1913.
Libertação do Ceará, 1914.
Cenas e tipos, 1919.
História da seca do Ceará, 1922.
A sedição do Juazeiro, 1922.
Reino de Kiato, 1922.
Os meus Zóilos, 1924.
Monografia da Mucunã, 1924.
O caixeiro, 1927.
Coberta de tacos, 1931.
Elementos de História Natural [s/d].

B. SOBRE O AUTOR

ARARIPE JÚNIOR, T. A. *Obra crítica* (Organização de Afrânio Coutinho). Vol. II. Rio de Janeiro, MEC — Casa de Rui Barbosa, 1960.
AZEVEDO, Sânzio de. *A padaria espiritual*. Fortaleza. Publicação da Casa de José de Alencar, 1970.
———. *Literatura cearense*. Fortaleza. Publicação da Academia Cearense de Letras, 1975.
ANTOLOGIA CEARENSE. Fortaleza, Imprensa Oficial do Estado, 1957.
BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense,* Vols. I e II. Fortaleza, Editora Instituto do Ceará Ltda. 1948-1951.
BENEVIDES, Artur Eduardo. *Evolução da poesia e do romance cearenses.* Fortaleza, 1976.
BRÍGIDO, Virgílio. "Rodolfo Teófilo" — prefácio às 1.ª e 2.ª edições de *A fome,* 1890 e 1922.
BRAYNER, Sônia. "Nota Preliminar", também chancelada por Afrânio Coutinho, in *Os brilhantes,* romance de Rodolfo Teófilo, 2.ª edição. Brasília, INL-MEC, 1972.
COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil,* 3.º Vol., Cap. "Ciclo do Nordeste", por Aderbal Jurema. 2.ª edição, Rio de Janeiro. Editora Sul-Americana, 1959 [pp. 234-48].
CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira.* Rio de Janeiro. Coleção Clássicos Brasileiros. 1971.

COLARES, Otacílio. *Lembrados e esquecidos*, vols. I, II e IV (este em preparo). Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará. 1975, 1977, 1979.

———. *Falas acadêmicas* (Oração do ocupante da cadeira que tem como patrono o escritor). Fortaleza, publicação da Academia Cearense de Letras, 1976.

CÂMARA, José Aurélio. *Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969.

GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro, Ariel Editora Ltda., 1933.

GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. Fortaleza, Editora Instituto do Ceará. 1962.

———. *A Academia de 1894*. Fortaleza, publicação da Academia Cearense de Letras, 1975.

LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos literários*, Vols. I e II. Rio de Janeiro, Editora Aguilar, 1966.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura* (portuguesa e brasileira). Porto Alegre, Editora Globo, 1968.

LINHARES, Mário. *História literária do Ceará*. Rio de Janeiro, 1948.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*, Vols. III e V. São Paulo, Cultrix, 1978.

MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo, Saraiva, 1969.

MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1969.

MONTENEGRO, Abelardo F. *O romance cearense*, 1953.

PACHECO, João. *O realismo*, 3.º vol. de *A literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1971.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *Estudos literários*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1971.

RAMOS, J. W. Ribeiro. *Páginas de literatura e crítica*. Fortaleza, Ramos & Pouchain, 1933.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*, Tomo V. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960.

SODRÉ, Nélson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

———. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1969.

TERRA DA LUZ (Antologia). Fortaleza, edição de responsabilidade da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Ceará, 1966.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Rio-Paris, H. Garnier, 1901.

A FOME

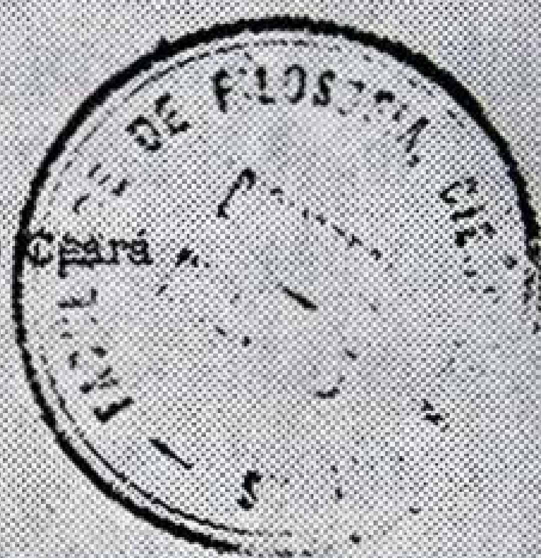
VIOLAÇÃO

A FOME

RODOLPHO THEOPHILO

A FOME

Scenas da sêcca do Ceará





CEARÁ

GUALTER R. SILVA — EDITOR

LIVRARIA E PAPELARIA

FORTALEZA

ÊXODO

CAPÍTULO I

O MÊS DE DEZEMBRO é sempre quente nas províncias do Brasil mais próximas do equador. Mesmo no litoral, que é bafejado pelas brisas do mar, os dias são calmosos, a temperatura, à sombra, chega às vezes, a 33° centígrados.

Foi na tarde de um desses dias, no ano de 1877, o ano da fome, que na Jacarecanga, um dos arrabaldes de Fortaleza, arranchava-se à sombra de um cajueiro uma família de retirantes, que, depois das torturas de uma viagem de cem léguas, vinham aumentar a onda dos famintos.

Sentado em um toro de madeira, na primeira manhã, em frente ao rancho, meditava um homem de pouco mais de cinqüenta anos: era o chefe da família. Profundamente triste olhava para os alojamentos dos companheiros de infortúnio, abrigados também à sombra de árvores. A fome com o cortejo de dores não pudera apagar os traços daquela carnação. A musculatura estava reduzida, mesmo assim ninguém duvidava que os braços daquele homem pudessem suster um touro pelos cornos. A caixa torácica bastante larga e bem conformada guardava os órgãos mais importantes da vida sãos e vigorosos. Naquelas formas não havia um traço que não denotasse virilidade. Os tons de tristeza, carregando-se até aos matizes da nostalgia, assentavam mal naquela figura máscula. O gigante, entretanto, absorvido todo em desvendar o futuro, meio desalentado, deixava as tristezas, que havia escondido dentro d'alma, saírem e se colocarem em sua frente. Era digna de reverência a postura meditativa do retirante a procurar seguir as miragens, que fugiam de imaginação afora.

A par da energia do caráter estava a bondade do coração, a doce expansibilidade no lar entre a família e os amigos. Aquela figura de

aço, desfazia-se em carinhos no berço dos filhos, em serviços junto dos oprimidos.

Manuel de Freitas é o seu nome. Descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão, herdara do pai modesta fortuna e a influência eleitoral na localidade. Sua educação havia sido completa para o tempo e estado do interior da província. Sabia as primeiras letras e um pouco de latim, língua esta com que os sertanejos ricos costumavam prendar os filhos. O vigário da freguesia, que fora seu mestre, tinha orgulho do discípulo, que em três anos traduzia bem o Cornélio. Emancipado ainda em vida de seu pai, fez-se criador como todos os seus ascendentes. Era estreito o círculo em que vivia: não procurara conhecer um meio mais culto, como a capital da província, embora para isso tivesse convites instantes dos chefes políticos, convites que precediam sempre os pleitos eleitorais. Era geralmente estimado e considerado por seus conterrâneos. A moderação como chefe de partido na época em que as lutas políticas eram decididas pelo bacamarte, o havia tornado credor do respeito dos próprios adversários. Casara aos trinta anos com D. Josefa Maciel, senhora pobre, porém bela e de família respeitável.

As estações foram regulares durante trinta e um anos: a fortuna de Manuel de Freitas, que aumentava anualmente, estava toda empregada em gados e escravos. Em começo de 1877, os amigos, temendo uma seca, aconselharam-no a vender uma parte dos rebanhos. Freitas se opôs, acreditando que haveria um inverno tardio. Os prejuízos que lhe causara a seca de 1845 não lhe serviram de lição. Obstinado, se recusava a acreditar que estivesse próxima a calamidade. A idéia de inverno quando os sinais meteorológicos deixavam prever um ano se não seco, ao menos escasso, foi-lhe muito fatal.

Apelava para o dia de São José; nesse dia é que se saberia a sorte do Ceará. Na noite de 18 de março poucos foram os que dormiram. Ao quebrar das barras já todos estavam nos terreiros, com o olhar fito no levante. O céu estava limpo e ponteado de estrelas, que esfuzilavam em todos os rumos. Um movimento de nuvens foi aparecendo no nascente ao mesmo tempo que um vento frio soprava de floresta afora. A luz do luar em plenilúnio ia enfraquecendo, à proporção que a claridade crepuscular ia aumentando: não tardaria o aparecimento do sol. As nuvens afastaram-se como um reposteiro, que fosse corrido, brilhou a aurora, franjando de ouro o contorno dos estratos, depois apareceu o sol, um globo de fogo, semelhante a cobre fundido. O vento de leste esfuziou mais forte e foi uivando de mundo afora, torcendo a ramaria das árvores, levantando do solo nuvens de folhas secas e de poeira. Os sertanejos, que olhavam o nascer do sol, baixaram a vista, alguns chorando a sua sentença de morte.

A crise foi acentuando-se e o mal tomando de dia a dia maiores proporções. Os campos secavam e as águas desapareciam das fontes. As searas por terra não tinham produzido uma espiga! A enxada se oxidava encostada na senzala. Na casa de farinha o caitatu cegava-se ralando a raiz estipenta da mucunã.

O aspecto da floresta era lúgubre e desolador. Apenas alguns juazeiros esfolhados vegetavam como representantes da vida, que havia cessado naqueles sítios.

O solo tinha uma fisionomia particular. Juncado de folhas torradas e enroladas em espiral, como embuás adormecidos, servia de domicílio a lacraus e aranhas-caranguejeiras.

A floresta, reduzida a esqueletos enegrecidos, bracejava desfolhada no espaço, confundia-se muito além com o firmamento.

As tristezas da terra faziam contraste com as alegrias do céu que lhe servia de cúpula. Nem um nimbo toldava a limpidez daquele imenso plano de safira! Apenas alguns cirros de uma alvura argentina, tendo a forma de uma asa de gaivota, imóveis nas alturas, escapavam do vento de leste, que soprava rijo.

Os raios do sol, caindo verticalmente sobre a terra, aqueciam as rochas e os vegetais mortos. O calor emitido por aqueles focos era, à sombra, de 38º centígrados. Os homens e os rebanhos erravam à toa naquela natureza tocada de morte, procurando a vida. As searas não tinham criado um grão para os celeiros.

Manuel de Freitas e a família estavam também sujeitos àquelas duras contingências. Os seus rebanhos eram dizimados pela fome. Os pródromos de uma calamidade terribilíssima se acentuavam cada vez mais. A energia do fazendeiro posta em campo nada conseguia em favor de sua fortuna, que se aniquilava. As fontes não vertiam uma gota d'água! Os gados mortos de sede urravam à beira dos bebedoiros com um sentimento que comovia! Era necessário rasgar a terra e arrancar-lhe água das entranhas.

Freitas empenha-se na luta, reúne todos os elementos de que dispõe, e resoluto decide-se a arcar contra o flagelo. De alvião às costas, acompanhado dos escravos, vai dar combate. Desce à primeira cacimba, que encontra e, com uma coragem heróica, é quem começa o trabalho. Os alviões retalham a rocha e as pás atiram-na para longe. Os escravos, a exemplo do senhor, redobram de esforços, de atividade. Duas horas depois daquele trabalho árduo e penoso retarda-se o compasso dos ferros contra o solo, a respiração dos trabalhadores torna-se mais curta. Ofegante, a amálgama do suor e pó, que lhes cobria a pele nua como uma camada de verniz, corre arrastada por uma onda mais abundante, que se extravasa dos poros, e água não aparece! O calor do sol, o cansaço extenua-os. Os gases dos pulmões escaldam-lhes as narinas, como se saíssem de uma caldeira a ferver!

Manuel de Freitas não desacoroçoa com as dificuldades que se levantam. Sua pertinácia recrudesce com a chegada de algumas reses, que ouvindo de longe o som dos ferros, vêm instintivamente à cacimba. O gado cerca o bebedouro e urra cavando a terra. Aquele coro de gemidos comove o fazendeiro, que procura redobrar de esforços. O seu alvião, entretanto, torna-se cada vez menos aguçoso, retalha a terra com menor afã. A fadiga retarda a marcha do serviço, mas não o interrompe. Freitas estava quase sem esperança de encontrar água, quando sentiu que pisava terra úmida. Estava próximo o termo daquele trabalho insano.

A rocha cada vez mais se umedecia. Já não havia mais o que fazer para o alvião, a camada de argila tinha sido substituída por uma de areia grossa, que as pás moviam para longe. Misturadas ao salão estavam algumas pedras, que pelo pequeno volume não embaraçavam o serviço.

O cheiro da terra úmida atraiu o gado, que a estalar de sede, lambia a areia molhada com frenesi. Os touros tristes e abatidos nem ciúmes sentiam dos rivais de outrora, nem amor às novilhas, cuja magreza apagara quase os traços sexuais, e todos juntos cambaleavam nas pulverulentas malhadas.

Freitas continuava a trabalhar com perseverança. As pás com dificuldade sustinham a rocha, que em consistência de papa esboroava-se pelas bordas. Julgavam a veia próxima, ela porém não aparecia com a franqueza que desejavam. A camada pastosa foi-se rarefazendo e em breve tocavam os ferros no dorso de uma rocha de granito. Os olhos de Freitas faiscaram de cólera. Tomou ainda o alvião e golpeou a pedra, que imóvel parecia assentar a extremidade inferior na arcada que fecha o centro da terra. O fazendeiro sem proferir palavra pôs a picareta às costas e voltou para a vivenda, seguido dos escravos.

No dia seguinte, logo pela manhã, Freitas continuou a tarefa. Desprezado o primeiro bebedoiro, procurou outros, e assim numa luta sem tréguas com a seca, sempre vencido, assistia ao aniquilamento de seus rebanhos. Já não era somente a sede que os matava, era agora também a fome e a peste! As folhas secas, de que o gado se alimentava, o vento levara. Era necessário decotar os juazeiros, as canafístulas e alimentar os rebanhos. Todos os dias pela manhã Freitas com os vaqueiros e escravos saía, e, todos armados de machados, iam deitar rama ao gado. O aspecto da floresta se tornava cada vez mais triste. Daquele panorama escuro desapareciam os pontos verdes. Os urubus, pousados aos milhares nos galhos das árvores num crocitar constante, tornavam a solidão tétrica e pavorosa. De uma gula insaciável, espreitavam as vítimas, que caíam aos centos mortas de fome e de peste, e banqueteavam-se naquele repasto de pelangas. A atmosfera que enchia os campos era deletéria e podre.

Freitas lutou até ser de todo vencido. Não foi a fome que o desarmou, foi a peste. Epizootias de diversas naturezas se desenvolveram e faziam diariamente centenas de vítimas. O micróbio do carbúnculo, embora fosse enterrado não morria, ressuscitaria nas ervas do campo levado pelas minhocas, quando chovesse.

Manuel de Freitas, cansado e pobre, entregou à fúria do flagelo as poucas reses que lhe restavam. Mais de doze mil cabeças de gado havia perdido em poucos meses.

Fechados os currais das fazendas e sem outros recursos que não fossem terras e escravos, refletia nas providências que deveria tomar. A despesa com a malograda tentativa da salvação dos rebanhos o arruinara de todo. Já poucas eram as jóias que restavam. Todos os dias saía uma para a gaveta do usuário e a preço de quinhentos réis por quatro gramas de ouro de lei. O produto da jóia nem entrava em casa, ia para o mercado e era empregado em farinha de mandioca, importada do sul do Brasil por via da Fortaleza e levada ao sertão por mascates, que a vendiam a mil-réis o litro![1]

Não havia dinheiro que chegasse para sustentar uma família grande com gêneros tão caros. A ração dos escravos havia sido reduzida a um terço e a mesa da família era muito pobre; mesmo assim a penúria a se aproximar sempre. Uma manhã Freitas pediu à mulher algum ouro para as despesas e ela trouxe-lhe a *Cruz do Santo Lenho,* que entregou chorando.

O fazendeiro recebeu com mão trêmula a cruz da família, o talismã que havia passado a cinco gerações e que provavelmente agora a necessidade obrigaria a passar a outra família. Desenrolou da cruz o grosso cordão de ouro, de cujas extremidades abriu os colchetes, e pôs o Santo Lenho ao pescoço. Nesse dia não foi ao mercado e o fogão quase não se acendeu.

Os mascates eram também traficantes de escravos. O seu grande negócio não era a farinha de mandioca vendida com lucro fabuloso, era o comércio de cativos feito do modo mais ilícito. Magarefes de gado humano, tinham pressentido um curral com boas peças e que se esvaziaria com algumas sacas de farinha. Espreitavam com interesse a vida de Freitas, aguardando o momento oportuno para a negociação. A fome, pensavam, o renderia.

Freitas vivia de portas fechadas no mais completo anojamento. Havia deixado de ir ao mercado, o que não passou despercebido aos mascates. A ocasião era oportuna e os traficantes não a perderam. Eram eles dois calabreses, que pelos gestos e figura pareciam descender da mais vil canalha da sua terra.

---

[1] O *mil-réis* correspondia, na época, ao *cruzeiro* dos nossos dias.

Foram à casa do fazendeiro sondar-lhe o ânimo. Freitas recebeu-os, e logo à primeira vista conheceu que tratava com os vendedores de farinha, e adivinhou o motivo da visita. Em poucas palavras despediu-os, recusando-se a aceitar as propostas. A notícia da visita dos italianos chegou à senzala e pô-la em sobressalto.

Na noite desse dia, depois que a família se recolheu, os escravos se reuniram e resolveram procurar a liberdade. A fuga efetuou-se muito antes de romper o dia. Foram caminho do Piauí, guiados por um cativo, filho daquela província. Apenas cinco escravos se recusaram obstinadamente a seguir os companheiros.

Pela manhã, a senzala estava deserta, e Freitas inteirado do acontecido. Não os maldisse e muito menos os perseguiu. De si para si lastimou não tivessem fugido todos.

Os mascates, com a notícia da fuga dos escravos, voltaram à casa de Freitas: este porém não quis recebê-los.

Crescia a penúria, já o fazendeiro vivia do socorro de amigos e parentes. Socorro escasso e que, em face das circunstâncias, em breve, não teria: a miséria o levaria de vencida. Apenas lhe restavam terras sem cotação, cinco escravos e a Cruz do Santo Lenho.

Passava os dias meditando: estudava os planos de salvação, que procurava acertar para depois executá-los. A emigração para a capital era a única esperança. Decidiu-se por ela: mas era preciso víveres ou dinheiro, e onde havê-los? A Cruz do Santo Lenho vendida ao usurário pouco produziria. Os escravos dariam um produto suficiente às necessidades da viagem, mas quem os compraria naquelas paragens, se os mascates desenganados tinham saído para outra localidade? O fazendeiro compreendia o perigo da situação. Algumas semanas mais de expectativa tornariam impossível a retirada. Estava resolvido a emigrar, mas não sabia onde achar forças para vender os escravos e a cruz da família. Os seus parentes tinham saído todos, exceto seu primo Inácio da Paixão, que vindo despedir-se para no dia seguinte emigrar para a capital, despertou em Freitas uma idéia: mandar por ele os cativos para serem vendidos.

A venda dos escravos estava resolvida.

Inácio da Paixão não partiria para a Fortaleza acompanhado da família e sim dos escravos e o produto destes seria empregado em víveres. Essa nova comissão, entretanto, não lhe adiaria a viagem, que seria na manhã seguinte.

Eram necessários víveres para a caravana e não os havia em casa, e nem dinheiro para comprá-los. Freitas estava resolvido a tudo. Jogava a última cartada. Para aumentar as probabilidades de ganhar, era necessário a Cruz do Santo Lenho; com muito constrangimento vendeu-a ao usurário, e o produto todo empregou em víveres.

Assinada a procuração e preparadas as matrículas e mais documentos, tudo foi entregue a Inácio da Paixão, que prometeu executar fielmente as ordens.

À noite, reunidos pela última vez no quarto do oratório, senhores e escravos, depois de rezado o terço com o maior respeito e devoção em frente de uma imagem de Cristo morto, Freitas comunicou a todos o seu ato.

Os cativos tremeram de pasmo e o sentimento explodiu. Um coro de prantos entrecortado de soluços tornava aquele recinto pavoroso. A claridade das velas dava ao Crucificado uma cor mortiça, que contrastava com o rubro sangue, tão vivo que parecia verter de uma ferida recente. Todos estavam comovidos e choravam, exceto Freitas, que retinha as lágrimas à custa das contrações espasmódicas, que, como um anel de aço, constringiam-lhe a garganta.

Os cativos deveriam partir ao alvorecer do dia. Fizeram-se as despedidas, mas na mudez imposta pelas grandes dores. Uma palavra não foi articulada. As últimas lágrimas dos escravos caíram quentes nos pés de Freitas e de Josefa.

Feitas as despedidas, os escravos seguiram um após outro até o altar, e cada um por sua vez beijou os pés do Crucificado com profundo recolhimento. Os olhos, que se levantavam súplices a se encontrarem com o olhar amortecido de Cristo, baixavam-se, e cravados no chão guiavam os infelizes à senzala.

Freitas sentia-se humilhado. Teve ímpetos de reconsiderar o seu ato, mas isso era arriscar à sorte a vida dos filhos. Pôde enfim vencer a tentação, e uma vez traçado o plano teria a coragem precisa de cumpri-lo à risca. Josefa chorava em silêncio: seu espírito timorato recolhia-se e meditava. Essas cenas a impressionavam como pródromos de uma grande desgraça. As velas se gastavam alimentando a chama, que alumiava a pequena sala com uma luz baça e triste. A figura lacrimosa de Josefa ao lado do marido, cujo semblante taciturno deixava perceber nos traços que o crispavam as lutas íntimas, dava àquele quadro os tons da piedade. A sala tinha uma fisionomia fúnebre. Parecia que se guardava ali um morto. As luzes já bruxuleavam em agudos estalidos, que o silêncio e a acústica do quarto tornavam mais percebíveis. Freitas, avisado da próxima escuridão, se aproxima de uma das velas e apaga-a. Josefa compreende que vai ficar às escuras e sai. O fazendeiro em seguida extinguiu a outra e se encaminhou às apalpadelas para a alcova. Lá já encontrou Josefa ainda chorando.

O resto da noite passou-se em aflitiva vigília.

Na senzala o pranto havia estancado, mas de quando em quando um gemido profundo, como um estertor, quebrava aquele silêncio, velado por alguns homens e mulheres, cuja vida começava a ser uma

angústia cruciante. Aquele teto respeitado pela adversidade desde o dia do levantamento, aquele teto que havia abrigado cinco gerações, sem nunca ouvir uma maldição à sorte, assistia naquela noite terrível a todas as fases de uma dor sem cura.

Aos primeiros clarões crepusculares, os escravos de maca às costas deixaram a senzala e seguiram para a casa de Inácio da Paixão.

Quando Freitas se levantou pela manhã, já iam longe os mal-aventurados.

Um mês era o prazo fatal e improrrogável para Inácio regressar.

Na despensa havia somente carne de gado magro e doente, e tão coberta de bolor que nem os vermes a queriam para repasto!

Freitas empregou todo o dinheiro em víveres, que dividiu em trinta rações que recolheu à despensa. Desde esse dia fez-se despenseiro e embora fossem escassas as refeições, não ouvia a mulher e os filhos quando pediam que aumentasse a mesa.

Josefa não encontrava explicação ao procedimento do marido, que outrora fazia alarde de sua liberalidade. Por vezes exprobrou-lhe a mesquinharia pondo debaixo de chaves migalhas, quando não tardava a chegar o primo com grande partida de víveres.

Freitas ouvia-a sem cólera e não procurava justificar-se.

No prazo marcado acabaram-se as rações e Inácio não chegou. Freitas estava justificado. A alimentação passou a ser exclusivamente de carne ardida. Alguns litros de farinha de longe em longe mandados por amigos abastados iam-lhes conservando a vida.

Mais um mês e Inácio da Paixão não chegava!

A cidade estava quase deserta. Apenas o vigário e muito poucas famílias tinham ficado, na esperança dos socorros do governo. A travessia, entretanto, ia-se tornando impraticável, e Freitas, decidido a emigrar para a Fortaleza, devia seguir enquanto havia alguma probabilidade de vencer a distância.

A carne, assim mesmo péssima, estava acabada. Uma manhã Manuel de Freitas se levantou mais cedo e chamando a mulher ordenou-lhe:

— Acorda os filhos, reúne depois a roupa indispensável a cada um em uma maca, que vamos deixar esta terra antes de sair o sol.

CAPÍTULO II

JOSEFA ouviu a ordem do marido e não replicou. Arrumadas na maca as roupas indispensáveis, uma muda para cada um e redes, distribuídas alpercatas a todos, fechou-se a porta e seguiu a caravana. Eram sete os viajantes. Freitas caminhava na frente, levando às costas a

maca da roupa, um saco com um resto de carne, uma borracha de água presa ao cabo de um machado, e na cinta uma grande faca dentro de uma bainha de sola. Seguiam-no três crianças, ainda sonolentas, e todas de menos de dez anos. Fechavam o pequeno préstito duas mulheres, Josefa e sua filha Carolina. Josefa caminhava chorosa, levando nos braços uma criança, que ainda amamentava. Ignorante das vicissitudes daquela peregrinação e agourando mal de seu êxito, deixava na imaginação tomarem vulto as idéias mais terrorosas. Èra a primeira vez que punha à prova sua energia. Afeita unicamente aos gozos de uma vida tranqüila e abastada, sem outra responsabilidade a não ser a educação física da família, em parte dirigida pelo marido, estranhava os primeiros embates com a adversidade.

Carolina seguia os pais com uma passibilidade de autômato. Aquelas cenas não deixavam de impressioná-la. Tinha quinze anos e o vigor das naturezas completamente sadias. O seu todo denotava a saúde dos organismos desenvolvidos ao ar do campo. Havia em seu corpo uma perfeita harmonia de formas, todas obedecendo às leis de uma rigorosa estética. Tinha um ar nobre que se percebia logo à primeira vista. Os olhos grandes e de um azul-celeste tinham a suavidade das almas puras e castíssimas, e davam uma expressão de vondade à fisionomia expandida em um rosto do mais correto oval, emoldurado por uma sanefa de cabelos louros. O nariz era aquilino. A boca formada por lábios rosados, conservava a castidade dos primeiros anos, e nunca fora maculada pela malícia ou desdém. O clima equatorial com o seu sol de fogo criara aquela flor loura, branca e de olhos azuis.

A caravana seguia acompanhando a marcha vagarosa das crianças. Andavam quilômetros e quilômetros sem dizer palavra; o silêncio era apenas interrompido pelo taco-taco das alpercatas, que, em pés não habituados, faziam retardar o passo. Dos viajantes era Josefa quem mais sofria. Seu corpo pesado de gordura ressentia-se muito da soalheira, e a musculatura dos membros inferiores cambaleava com o peso da armação do tronco.

No primeiro dia foi preciso descansar quatro vezes, menos pelos meninos do que por Josefa. À noite dormiram à beira da estrada e ao amanhecer continuaram a caminhar. Na tarde do quinto dia de viagem, a vinte léguas da cidade natal, Freitas batia à porta de uma casa à margem do caminho e pedia agasalho. Nem uma voz respondeu ao seu oh! da casa. Julgando aquela habitação uma das muitas abandonadas, forçou a porta, que cedeu, partindo-se a taramela.

Entrou a caravana e se aboletou na primeira sala. Havia ali um ar pesado das atmosferas confinadas. Nem um móvel descansava no pavimento sem ladrilho. As paredes em preto faziam mais escura a sala, que era o domicílio de morcegos. O fedor dos bichos tresandava e mais se difundia pelo movimento do ar. Espantados da caravana e

medrosos da luz descreviam retas e curvas no estreito espaço em um voar adoidado. Do pêlo cor de rato caía uma chuva de pulgas, que em saltos descomunais procuravam os emigrantes e um lugar onde se esconderem nas pregas dos vestidos.

Josefa achou a sala muito triste. As pulgas em breve começaram a lhe fervilhar pelo corpo ainda molhado de suor. Não era a dor da sucção que a irritava, era a cócega das pulgas a roçar-lhe nos pêlos do corpo.

O crepúsculo da tarde chegava ao fim; a natureza como num desmaio recolhia-se e esperava a noite, que não tardaria a chegar.

Freitas aproveitava as derradeiras ondulações da luz para fazer a lenha necessária ao fogo, que deveria alumiá-los toda aquela noite. Quando voltou ao rancho ainda encontrou a mulher a se coçar e a maldizer os morcegos. Já as crianças dormiam todas deitadas em um lençol estendido no chão. Carolina sentada na rede rezava quase a dormir.

Freitas acendeu o fogo a um canto da sala, fechou depois a porta, armou a rede e deitou-se. Não dormiria, entretanto, antes de resolver um problema, que desde a manhã estava fixo na mente: o meio de se refazer de víveres para continuar a jornada. Não existia mais um grama de carne no saco da matalotagem. Havia horas que Freitas meditava, mas sem encontrar uma idéia que o alentasse, uma esperança de salvação. Por cúmulo de desgraça a borracha[2] estava seca. Encontraria fonte ali e onde seria naquele lugar em que nunca havia andado? Pensava seriamente no dia de amanhã e nos elementos a congregar para vencer os obstáculos que se levantassem, e quase consternado conheceu que não havia armas nem braços capazes de pôr o inimigo em debandada. Perto daquela casa haveria uma fonte e a mucunã vegeta em todos os terrenos: estas idéias o alentaram quando ouviu vagidos de criança no interior da casa.

Josefa toda ouvidos levantou-se e correu para junto do marido.

Freitas sentou-se e esperou.

Novos gemidos se fizeram ouvir.

— Que horas são, Manuel?

— Meia-noite, disse Freitas, depois de ter aberto a porta e olhado a via-láctea.

— É choro de pagão, que sete anos depois de enterrado, à hora da meia-noite, vem pedir a água do batismo, disse Josefa, que era muito supersticiosa.

Freitas aproximou-se do fogo e tirando alguns tições fez um facho, que o alumiaria ao interior da casa.

---

2 Depósito de água, portátil, geralmente de couro, de grande uso pelos sertanejos nordestinos, para as longas viagens.

Josefa, benzendo-se, perguntou:

— Queres procurar o lugar sem uma cuia d'água e uma pedra de sal na boca?

— Sempre a acreditares em bruxarias, Josefa!

— A tia Antônia era uma mulher séria e devota, e dizia que batizar pagão enterrado sem sal na boca era caso de assombramento!...

— Veremos.

E Freitas seguiu pelo extenso corredor ao interior da casa. Josefa, medrosa de ficar só, acompanhou o marido. Os vagidos foram-se tornando mais audíveis, até que mui distintamente ouvia-se que saíam de um quarto à esquerda. A porta, que estava cerrada, a um leve impulso do braço de Freitas, girou nas dobradiças e abriu-se.

A chama do facho triplicou de intensidade alimentada por uma série de sopros de Freitas e encheu de luz o estreito aposento. À visão sucedeu a claridade e deixou patente um quadro medonho. Deitado sobre uma cama de talos de carnaubeira estava o cadáver de uma mulher branca reduzido a múmia. O corpo era de uma infeliz, que sucumbira no ato da maternidade, não havia muitas horas. O ar tresandava a parto. O cadáver tinha ao regaço e na postura em que as mães aleitam os filhos uma criança, cuja pele estava colada ao esqueleto.

A boca esfomeada do recém-nascido instintivamente procurava o bico do peito, mas embalde; as mamas estavam reduzidas a murchas pelangas, que se colavam às costelas. A frieza do cadáver se transmitia à criança, que também recebia a frialdade da placenta, a um canto da cama em uma poça de sangue e ainda presa à extremidade do cordão umbilical. A vida estava ali em perigo iminente. As fontes de calor eram fracas para se oporem à invasão do frio. O estômago vazio naquele organismo era o mesmo que um fogão apagado em uma cozinha.

Manuel de Freitas e a mulher cercaram o leito e cada vez mais o quadro os surpreendia.

Os vagidos da criança iam pouco a pouco enfraquecendo. Era necessário um socorro, um alento àquela vida que se extinguia.

Freitas entregou o facho a Josefa e procurou ajeitar entre os dedos o corpo franzino do recém-nascido.

A piedade do velho proporciona-lhe todo o aconchego de suas mãos calosas. Era necessário, entretanto, levar dali o pequenino e aquecê-lo; mas o cadáver apertava-o ao regaço em um abraço estreito e que mais apertado fazia agora a rigidez cadavérica. Foi difícil a separação. Livre a criança, Freitas supôs podê-la levar logo à sala e aquecê-la ao fogo; porém iludiu-se, continuava presa ao leito da morta pelo cordão umbilical. Era preciso cortar aquela amarra da morte.

O matuto deita a criança sobre o cadáver e prepara uma ligadura com os fios de seus vestidos; depois ata com apertado nó o cordão umbilical acima da inserção na região do abdômen. Certo da constrição dos vasos, saca a faca da bainha e com seguro golpe decepa o cordão, que cai vertendo sangue, mas um sangue pobre, quase incolor, sobre o peito da defunta. Estava livre o pequenino daquele elo mórbido, à custa do qual se havia alimentado durante a vida uterina. Freitas, com toda a piedade, toma a criança nos braços e, seguido da mulher, volta à sala, que estava quase às escuras. Josefa alimenta o fogo com os tições que trazia e pede depois o menino para amamentar. A criança arquejava, os lábios já se abriam ao estertor dos últimos momentos. Josefa comovida desmamava solícita um dos peitos com a sofreguidão dos perigos iminentes. O leite esguichava e caindo na boca da criança descia à garganta, onde ficava sem poder mais ser engolido, a gargarejar movido pelo ar que saía dos pulmões.

— Já fez o primeiro termo, Manuel, batiza-o, disse Josefa.[3]

— Com que água?

— A da borracha.

— Está seca!

— Seca?!!

— Sim, seca!...

Freitas estava embaraçado. A teologia não havia previsto aquele caso. Católico, apostólico, romano, sem água teria de deixar aquela alma ir para o limbo.

— O segundo termo, Manuel!

— E água, minha mulher?...

— Nesta casa havia gente, deve haver água lá por dentro.

Freitas tomando um tição vai ao interior da casa. Percorre todos os aposentos e encontra um pote debaixo da cama da defunta. Lança mão dele com sofreguidão, estava vazio. Apenas no fundo uma camada de lama. Leva-o assim mesmo à sala, e enchendo a mão daquela papa de argila, besunta a cabeça da criança proferindo em latim as palavras sacramentais. Ao terceiro termo anunciado por Josefa, o pequenino deixou de existir.

CAPÍTULO III

AO CLAREAR DO DIA, Manuel de Freitas e a mulher, carregando os mortos, foram dar-lhes sepultura. Difícil foi abrir-lhes a cova, embora

[3] A primeira manifestação, no moribundo, do fim próximo.

na areia, e, segundo a pragmática do sertão, com sete palmos de profundidade e à beira de um caminho. Os cadáveres postos na escavação, atiraram sobre eles alguns punhados de terra e rezaram um padre-nosso. A areia caiu em massa com um ruído cavo. Aterrado o buraco, viria o malho obrigá-lo a receber o excesso de terra, que o fazia convexo. Estúpida cerimônia ainda em uso! Um tronco de carnaubeira serviu de instrumento. As pancadas do malho a socar a cova ecoavam no silêncio daquela solidão pavorosamente. Recebida toda a terra, Freitas, concluída a tarefa, voltou com Josefa ao rancho.

Eram sete horas, e Carolina com os irmãos dormia sono profundo. Freitas recomendou que os deixasse acordar por si e, tomando o machado, a faca e borrachas, saiu para a mata a procurar a fonte.

A floresta, tocada de morte, bracejava no espaço. Compunha-se de plantas leguminosas na maior parte. A perspectiva era desoladora. A seca havia torrado e despovoado os campos.

Freitas caminhava por aquele labirinto de veredas confiado em seu tino de bússola.

Não se ouvia o trinar de uma ave, o zumbir de um inseto! Apenas as rajadas dos alísios, quentes já àquela hora, faziam uma orquestra nos esqueletos das árvores, e num diapasão lamentoso gemiam, rangiam, assobiavam.

O matuto seguia com pressa, mas observando tudo. Não perdia um só dos traços do solo. A vegetação, entretanto, não podia servir-lhe de orientação: semimorta, era a mesma por onde passava. O terreno, ora baixo, ora acidentado, nu ou coberto de seixos, não dava indícios de fonte próxima. Inquiria tudo e continuava no silêncio da expectativa. Havia andado alguns quilômetros em todos os rumos, e sempre a natureza com seu aspecto mórbido a desiludi-lo! Sentou-se para descansar, e olhando para o sul notou que ao longe, lá onde a terra parece limitar com o céu, havia um ponto mais saliente como um capacete sobre a linha da floresta. Um outeiro, acreditou, e ansioso de uma eminência de onde visse os horizontes se abrirem, encaminhou-se para lá. Acostumado desde menino a excursões pela mata, tinha grande tino. Em pouco tempo chegou ao sopé do outeiro, que era formado por quatro grandes rochas superpostas.

Aquela mole de granito de milhares de toneladas era uma prova geológica dos cataclismos por que passou o globo. Talhadas a pique em todas as faces, eram de ascensão dificílima senão impossível. A superfície superior era eriçada de alguns arbustos secos.

Freitas examinou com atenção a muralha a escalar. Nem um ponto vulnerável! A mole tinha a forma de um enorme polvo, cujos tentáculos eram grossos cipós que desciam do vértice ladeando-a até o solo. As hastes lhe serviriam de escada. Avaliou-lhes a resistência, balançando com força a que achou mais forte, pendurando-se e exe-

cutando alguns movimentos de vaivém. Estava presa à rocha como se fizesse parte de seus elementos. A altura a galgar era de dez metros. Pendurou-se ao cipó e sua musculatura ágil e forte em um instante pô-lo no vértice da rocha. Os músculos não precisavam do apoio da pedra; os braços guindavam o corpo e, para ostentarem força durante a ascensão, a cabeça esteve sempre no nível dos punhos. Quando a musculatura se contraía, via-se a manga da camisa no terço superior do braço se estiraçar com o volume do novelo de músculos. Freitas chegou ao vértice da pedra, mas difícil era agora galgar-lhe a superfície. Dez vezes esteve quase perdido, quase se precipitou, enfim, por um esforço supremo, pisou com firmeza a rocha. Livre do perigo foi que viu o risco em que estivera: o cipó, estava em parte decepado pela quina da pedra; apenas parte do cortical e algumas camadas lenhosas haviam-no agüentado. De pé sobre o alto pedestal, descortinava um panorama imenso; os horizontes se alargavam e a vista perdia-se nos espaços habitados pela floresta ou pela atmosfera. Naquela enorme tela o azul do céu era o tom alegre sombreado pelas tristezas, pelas cores sombrias dos campos. Perscrutava com um olhar inteligente tudo que o cercava. As pesquisas, entretanto, eram improfícuas, as qualidades investigadoras de seu espírito se nulificavam no descobrimento de um rumo que o levasse feliz ao porto do destino. Nenhuma orientação descobria! Os olhos deslumbrados por tanta luz e cansados de tanto ver, descansaram um pouco, velados pelas pálpebras. De olhos fechados, examinava o enorme panorama que descortinara. Sentindo dentro de si todo aquele mundo mais palpável ainda do que há pouco, julgou assim poder melhor auscultar o solo e ouvir a pulsação de alguma artéria d'água. Recolheu-se mais e meditou. Nada ouviu que o guiasse à fonte! Abriu os olhos e uma surpresa agradável deu-lhe novas esperanças. As retinas transmitiam agora ao cérebro as imagens de mais longe. Entre elas percebeu um ponto verde, um pequeno oásis cravado no seio da floresta de árvores mortas. Esfregou os olhos, pretendendo assim ativar a visão. A imagem continuou a desenhar-se em tons mais vivos. Era um pedaço de terra que a seca havia respeitado.

Manuel de Freitas tomou a direção do oásis, e tendo a precaução de matar com folhas secas a quina de pedra em que se dobrava o cipó, pendurou-se à haste e em poucos segundos pisava o solo. Movido de curiosidade, caminhava em rumo do ponto verde, desejoso de expandir a vista em um campo coberto de verdura. Não pensava em outra coisa senão em ver daí a minutos ressurgir de entre a enorme multidão de esqueletos uma colônia de indivíduos fortes e sadios com todos os atrativos e belezas da vida campesina. Uma gota d'água e uma folha verde naquelas paragens teria o encanto de uma ressurreição. Foi-lhe preciso, entretanto, caminhar alguns quilômetros para chegar ao

oásis. Um grupo de oiticicas, seculares, sadias, vigorosas, opulentamente enfolhadas, enchiam uma área de alguns decâmetros. Cada árvore era um colosso vestido de verdura, a ostentar todo o luxo da vegetação tropical. Sentiam-se ali as manifestações de vida e a harmonia dos seres da natureza. Os fetos que bordavam o solo com as folhas arrendadas viviam bem à custa da umidade e da sombra, livres das rajadas do vento da seca, que com seu hálito quente tudo crestava. A brisa, que ciciava era fresca e perfumosa. Lianas e aristolóquias se balançavam em flor entrelaçadas nas árvores. Manuel de Freitas contemplava absorto aquele sítio e procurava a causa da vida ali. Era a água! Mas como escaparia à ação da seca e deixou de evaporar-se? O fazendeiro não encontrava explicação ao fenômeno, só à vista da fonte, que não vira ainda, podia explicá-lo. Achava-se tão bem naquele sítio!... Os pulmões se dilatavam em inspirações plenas e profundas. As fadigas da ascensão e do caminho haviam desaparecido. O velho sentia-se remoçar com aquelas libações sadias. A temperatura agradável do oásis, a sombra das árvores, única que abrigou até ali, reparavam-lhe as forças. Tinha sede, mas acreditava estar perto d'água. Aqueles vegetais sem ela estariam reduzidos aos esqueletos. Havia água; ouvia nos rumores da brisa o som de um líquido a gotejar sobre uma superfície também líquida. Decidiu-se a procurá-la, e a passo lento seguiu a percorrer todo o sítio. Caminhava para o sul quando em um declive do terreno encontrou-se inesperadamente com uma rocha, que fechava o caminho. O som da água a gotejar se percebia distintamente e parecia sair de dentro da pedra. O fazendeiro encostou o ouvido ao granito, auscultou as entranhas da pedra e notou que lá por dentro não reinava o silêncio das coisas inanimadas, havia murmúrios de líquidos e de gases que se moviam. Estava sem dúvida no dorso de uma gruta, mas do lado oposto à entrada. Quis rodeá-la à direita e à esquerda, mas não conseguiu romper os balseiros de unha-de-gato nem com o terçado fazer caminho.

Voltar com sede ouvindo água gotejar tão perto não era para o seu gênio. Não podendo rodear a pedra, decidiu-se a galgar-lhe o cume. A ascensão foi difícil. Os musgos e os liquens fugiam-lhe sob os pés e a escorregadela seria mortal se não encontrasse pontos de apoio, que eram quase sempre grupos de macambiras. O sítio tornava-se cada vez mais aprazível. As juritis gemiam nos maciços de verdura, os insetos volitavam no espaço, as rãs coaxavam baixinho comendo as algas da fonte. Freitas encontrou na superfície da rocha, que julgava inteiriça, uma fenda com suficiente espaço à vista. Deitou-se na pedra e olhou através da abertura. Uma fonte cristalina alimentada por um fio d'água, que descia do alto da rocha e caía gota a gota e no centro de uma pequena sala fracamente iluminada pelo sol, viram os seus olhos. As estalagmites que se erguiam do

solo, quase encontravam-se com as estalactites que desciam do teto, refletindo a luz que decompunham, e então os tons do íris ofereciam a Freitas um espetáculo, novo e que deveras o maravilhava.

Era uma gruta digna de uma lenda. O fazendeiro quis ver mais de perto aqueles cristais, cuja lapidação refrangia também os raios luminosos, e arrastando-se pelo dorso da rocha, logrou, sem acidente, chegar à entrada da gruta. Mal os olhos recebem a primeira impressão do recinto, a perspectiva do local, um espasmo veloz como o raio abala-lhe os nervos e é seguido de uma situação difícil, a de um perigo iminente.

Uma onça-pintada, tão grande, que media quase dois metros da ponta do focinho à extremidade da cauda, de pé no fundo da gruta, balançando o rabo, como fazem os gatos, olhava para Freitas. Os olhos do fazendeiro fitaram os da fera ordenando-lhe que se rendesse. O animal e o homem não perdiam um movimento do seu contrário. Manuel de Freitas tinha a luta como travada. Em tais condições era a vida pela vida. Teve uma idéia, cuja elaboração foi rápida e o absorveu com todos os seus sentidos. Dessa saiu a resolução de atacar prontamente a fera. Anima-o a convicção de que a onça não resistirá à sua musculatura e ao seu terçado, e prepara-se para o ataque, que deve ser súbito e terrível. Sem tirar os olhos do animal, com todo o vagar e não menos precaução, lança no solo as borrachas, tira o pesado chapéu de couro, e, com a mão direita arranca o terçado da bainha. Tendo em uma das mãos o terçado e na outra o chapéu, corre sobre a fera. Esta encabrita-se, escancara a boca mostrando as compridas e aguçadas presas. Freitas agride a onça, com agilidade pasmosa, introduz-lhe o chapéu na boca, cravando-lhe ao mesmo tempo o terçado no coração. Essa cena foi instantânea, passou-se em uma fração de minuto. A fera mal teve tempo de armar o pulo. Quando ia atirar-se aos ombros de Freitas, cambaleia, ferida de morte, cai estrebuchando e seu derradeiro estertor foi um urro medonho e torvo que ecoou segundos pelos outeiros próximos até acabar-se ao longe.

CAPÍTULO IV

ERA MEIO-DIA e na sala do rancho conversavam Josefa e Carolina em derredor do leito das crianças adormecidas. Não havia em casa alimento de espécie alguma. Carolina sentia fome, sabia-se pela palidez das feições, não que se queixasse: herdara do pai muitas das suas qualidades psicológicas e físicas; a fibra de seus músculos não

se abatia com qualquer jejum. Josefa tinha um ar desalentado, não podia dominar a impressão de qualquer dor do corpo ou d'alma. Enfraquecida com a má qualidade de alimentos e exigüidade das refeições, era-lhe uma tortura o jejum.

Qualquer demora na satisfação das exigências do estômago excitava-lhe os centros nervosos e as desordens se manifestavam pelos fenômenos mais esquisitos. Às vezes era o ouvido a sede das perturbações, um murmúrio de cascata percebia; outras vezes era uma bola que lhe subia do estômago à garganta e produzia uma sensação de estrangulamento; agora era um grande vaga-lume que lhe passava em frente ao olho esquerdo, repassando muitas vezes num segundo. Josefa esfregava o olho, fechava-o, mas logo que a retina funcionava, a primeira imagem percebida era a do pirilampo. Carolina de quando em quando olhava para a mãe e notava-lhe o desassossego. Era necessário socorrê-la; e como não tinha alimento a dar-lhe, tratou de tirar-lhe dali o espírito: procurou, cavando o passado, levá-la aos lugares queridos da infância.

— Esta noite, mamãe, sonhei com Filipa, e que sonho triste! Pedia esmolas pelas ruas da Fortaleza, cega e esfarrapada.

— Infeliz criatura! disse Josefa, não contendo as lágrimas.

— Naquela noite terrível, depois do terço, ela foi ao meu quarto e acordou-me para despedir-se de mim. Àquela mesma hora quis ir ter com o papai e pedir-lhe justiça; mas se opôs, dizendo-me que não era mais tempo.

— Eu lhe havia prometido a liberdade em recompensa de seus serviços. Nunca te falou de minha promessa?

— Nunca, mamãe. No dia que sucedeu à fuga dos escravos, pediu-me que obtivesse do papai, caso quisesse vendê-la, deixar a filha em nossa companhia.

— E falaste nisso?

— Não, porque julguei que Filipa era livre desde o dia em que me amamentou.

— Eu o havia dito. Amamentou não só a ti como ainda a três de teus irmãos, e durante vinte anos prestou a mim os serviços de uma amiga incansável, dedicada e verdadeira. E que grande coração tinha! Dava a própria liberdade pela da filha!

Josefa não via mais o vaga-lume; tinha o espírito todo preocupado com a desgraça de Filipa.

Os meninos tinham acordado, e, sentados no leito, olhavam com desgosto para a mãe que, entregue a outros pensamentos, não via o ar desalentado das crianças pálidas como figuras de cera. A imaginação de Josefa errava muito longe; acompanhava as idéias em seu curso fantástico, sentindo todas as impressões do meio em que a mente estacionava.

O silêncio da filha, que também pensava em Filipa, amorteceu-lhe algum tanto as lembranças do passado, e seu espírito foi pouco a pouco acordando e pondo-se em comunicação mais íntima com tudo o que a cercava.

Doloroso foi-lhe o despertar; já não eram o vaga-lume, a bala, a cascata, o que a torturava, mas a fome dos filhos. Julgava-se abandonada com a família, à discrição da miséria; pois Freitas, perdido no mato, não voltaria. Esta e outras fobias aterravam-na e dominavam-na de tal modo que as seguia com uma passividade de sombra. Essas visões horrorosas sucediam-se com inclível rapidez, dando lugar a crises repetidas. Não tinha forças para repeli-las, para afastá-las. Depois de uma crise mais forte, Josefa, apertando a cabeça com as mãos, exclamou:

— Quem me socorre?!

— Deus! Reze, minha mãe, disse Carolina com voz doce e resignada.

As palavras da moça produziram o efeito miraculoso de um calmante aplicado oportunamente.

Josefa ajoelhou-se e, cruzando as mãos sobre o peito, extática, olhando para o teto, em fervorosa oração, pediu ao céu proteção e lenitivo às suas aflições. O cenógrafo mudara o cenário; a fome com todas as suas dores e a morte seguida de todos os seus espectros haviam desaparecido do palco; agora, das sombras hediondas surgiam místicas visões. Deus aparecia, não implacável em espírito, mas encarnado no Cristo macilento e supliciado. No seu olhar amortecido e terno, Josefa acreditava uma promessa muda de socorro, de salvação, e num êxtase d'alma, que se absorvia toda na contemplação da vida celestial, sentia-se desprendida da terra.

Manuel de Freitas, cuja energia e valor o haviam feito triunfar da morte quando, afrontando-a em frente da fera, a esta disputou peito a peito a vida, chegava à porta da sala do rancho sem ser pressentido e com tamanha carga, que difícil lhe era caminhar. Josefa em êxtase orava ainda, Carolina cismava e os meninos sentiam-se devorados de fome. Freitas compreendeu pelo ar e postura das figuras a cena que se passava. Um pouco de carne e voltaria a paz ao coração, e ao semblante a tranqüilidade. Estava-o torturando a contemplação daquelas tristezas, e pondo o pé no limiar, exclamou:

— A paz esteja nesta casa.

Carolina levantou-se, e em seguida os meninos que, com algum alvoroço, acercaram-se do velho. Todos reanimaram-se: a presença de Freitas fortalecia-os. A carne da onça e as borrachas d'água completavam o conforto; em breve saciariam a fome e matariam a sede. Josefa, alheia ao que se passava perto de si, continuaria a vagar pelas regiões celestes, se Freitas, depois de alijar a carga, não a des-

pertasse batendo-lhe no ombro. Nela foram iguais a surpresa e o contentamento. Tanta carne, tanta água só por milagre. A promessa muda de Cristo havia-se cumprido, cria firmemente.

Pronta a refeição, foi servida. Havia ração para oito dias e água para quatro. Aquele incidente feliz aumentava as probabilidades de chegarem ao porto do destino, pois que proporcionou-lhes o indispensável para percorrerem a extensão de vinte léguas do ponto onde estavam até a Várzea do Meio, lugar destinado por Freitas para refazerem-se de víveres, que seriam a fécula extraída da mucunã e da carnaubeira, e depois continuarem a viagem.

A refeição havia acalmado os nervos de Josefa; descera dos desconhecidos páramos celestes, e, muito humana, se achava agora ao pé dos filhos e do marido. Inteirada de que prosseguiriam a jornada na madrugada do dia seguinte, lembrou a Freitas a falta em que estavam para com a defunta proprietária daquela casa; haviam lhe dado sepultura; mas não botaram a cruz na cova, a cruz, o sinal do cristão e o chamariz das rezas dos viajantes pelos mortos enterrados à beira do caminho. Assim não teria um padre-nosso nem uma ave-maria do caminheiro e menos ainda um raminho verde como lembrança dos vivos, acrescentou meio contrariada por lhe parecer que seu marido tinha má vontade ao seu pedido. Freitas não a tinha; mas fadiga sentia demais para desculpar-se da falta daquela homenagem à morta. Fez a cruz para satisfazer a Josefa, levando a tarde inteira a preparar a obra a machado. Antes de sair o sol, iria colocá-sefa, e foram pôr a cruz na sepultura.

Aos primeiros clarões da alva, Freitas levantou-se, acordou Josefa, e foram pôr a cruz na sepultura.

Muito perto da cova notou Josefa que estava um vulto branco. Eriçavam-se-lhe os cabelos com a idéia de um encontro com a alma da defunta, e, com as pernas já a tremer, chamou a atenção do marido para o fantasma visível a mui pequena distância. Freitas viu efetivamente um vulto branco, sobre a cova.

— Voltemos, Manuel, disse Josefa cada vez mais apavorada.

— O que for, soará. Se voltas, vou só, tornou-lhe Freitas.

O vulto de repente duplicou de volume. Josefa, que não o perdia de vista, não sustinha os queixos, que repicavam.

A quatro metros de distância o vulto disparou em carreira vertiginosa pela estrada fora. Josefa, assombrada, soltou um grito agudo e agarrou-se ao marido de um modo tão brusco, que o deitou por terra em risco de contundi-lo, e até matá-lo a cruz que trazia.

O vulto era um retirante, que emigrara para a Fortaleza, e havendo pernoitado sobre aquele montículo de terra que achou bom para cama, de madrugada, ao acordar, avistou Freitas e Josefa, que à primeira vista pareceram-lhe companheiros de viagem; achando

porém, esquisita a forma do guia, pôs-se de pé para melhor observá-lo. Aproximaram-se, e quando reconheceu um homem de compridas barbas brancas, carregando volumosa cruz e avançando ao seu encontro, supôs uma alma penada e fugiu a bom correr.

Freitas conseguiu levantar-se, e chegando à cova, convenceu a Josefa de seu engano: ali estavam a maca do retirante e o seu cacete.

Erguida a cruz, voltaram para o rancho e cuidaram de despertar a família e de arrumar a bagagem. Às seis horas da manhã seguia a caravana caminho da Várzea do Meio.

Manuel de Freitas havia encarregado a filha de conduzir a maca de roupa, e contudo o saco da matalotagem, o machado e as borrachas, que reservou para si, eram uma carga quase superior às suas forças. Ao meio-dia tomaram rancho em uma casa abandonada; e, sendo o sol muito quente, a luz intensa e insuportável, as rajadas de vento um tormento para os olhos e já estando todos muito tostados, Freitas resolveu aproveitar as noites, que eram de um luar esplêndido, para viajar.

CAPÍTULO V

MANUEL DE FREITAS, por mais esforços que empregasse, não conseguiu acostumar as crianças a caminhar à noite. Trôpegas e sonolentas, protestavam chorando contra a vigília imposta pelo pai.

Bastaram duas noites de experiência para convencê-lo da impossibilidade de trocar a noite pelo dia. A viagem tinha-se atrasado e isto seria causa de grandes transtornos.

A estrada, que até aquele ponto recebia um caminho ou outro, servia agora de grossa artéria a milhares de veredas, que nela desembocavam. O préstito dos famintos era agora considerável. Naquela imensa procissão viam-se indivíduos de todas as idades. Acossados pela fome, seguiam caminho da Fortaleza, a reclamar a assistência pública.

Freitas achava-se mal com sua caravana naquele meio. Indivíduos de todas as castas se confundiam ali. Haviam perdido o senso íntimo e deixavam-se dominar pelas necessidades da animalidade. Poucos eram os que não estavam reduzidos a magreza extrema. No leito da estrada encontravam-se, a cada passo, ossos humanos, cuja pele seca e colada os conservava articulados.

Freitas compreendia o perigo da situação. Precavia-se à hora das refeições, deixando a estrada e se internando com a família pela

mata. Trazia as borrachas d'água escondidas no saco da matalotagem. Ainda assim os famintos, com o instinto de animal esfomeado, pressentiam que levava alimento e cercavam-no pedindo de joelhos uma migalha pelo amor de Deus. Freitas fechava o coração aos rogos, e procurava convencê-los de que nada tinha também para comer. Havia cinco dias que a caravana caminhava em sobressalto entre aquela turbamulta. A água havia-se acabado e a Várzea do Meio ainda ficava distante cinco léguas. Freitas afastou-se da estrada e arranchou-se por trás de um barranco. Estavam livres da vista dos viandantes. Era necessário água e onde encontrá-la? O sol ainda estava alto, e Freitas, arrostando a sede, a fadiga, o calor, decidiu-se, animado por um supremo esforço, a procurar a fonte. Tomou o machado, as borrachas, e saiu.

O solo tinha um aspecto de deserto. Árvores desfolhadas enchiam áreas de léguas com uma monotonia de cemitério. Freitas errava pela mata. Examinava o terreno, procurava indícios de aguada e nem uma esperança! Sentia-se desalentar cada vez mais quando notou que o firmamento se cobria de pesados nimbos, o vento emudecia e os vapores escureciam o ar. Julgou-se salvo, a chuva em breve regaria a terra e mataria a sede dos filhos. Afagava tão doce ilusão, quando ouviu que o vento da seca desencadeava-se impetuoso e varria a terra e o espaço. Os esqueletos das árvores rangiam batidos pelas rajadas, ao mesmo tempo que as nuvens em vertiginosa desfilada corriam para oeste deixando após si o espaço límpido e azul.

Freitas olhou desiludido o firmamento e continuou a caminhar à toa. Supunha-se longe do rancho quando inesperadamente o descobriu.

— Estamos salvos! teu pai, meus filhos!!. . .

Mal Josefa acabava de pronunciar estas palavras, notou que as borrachas vinham secas como foram. Um gesto expressivo de desgosto contraiu todos os músculos do rosto e sem articular mais uma frase fitou o marido.

Freitas sentia-se esmorecer. O quadro que tinha diante de si representava a sede com todas as suas angústias. Havia dezoito horas que não bebiam! O exercício muscular, o calor, haviam gasto quase a água do sangue! Os adultos ainda resistiam, mas as crianças deitadas no solo, entorpecidas estavam, no mais completo marasmo, com os olhos cerrados, imóveis, a boca aberta. A língua seca pendurava-se sobre a arcada dentária inferior; assim exposta, fendia-se com o calor da atmosfera e o hálito quente que lhes saía dos pulmões.

Carolina tinha um ar triste, mas resignado.

Era a hora das saudades. A luz crepuscular baça e triste em mórbidos reflexos, derramava a mornidão pela natureza, que parecia em êxtase, nos primeiros transportes de um desmaio. O vento emudecera

e algumas nuvens tangiam para oeste enfileiradas e imóveis no zênite, coloriam-se de rosa refletindo os últimos raios do sol, que se escondia no ocaso.

Manuel de Freitas viu-se perdido. A contemplação da família quase superava-lhe a energia, e temendo o aniquilamento de todos os meios de ação, afastou-se do rancho.

— É tarde, Manuel!!...

Freitas deu alguns passos e parou junto ao tronco de uma árvore. Imóvel, com o rosto coberto com as mãos, esteve alguns minutos. O seu espírito recolhia-se e meditava. Como despertando, olhou com atenção as árvores que o cercavam, e se aproximando de uma, que tinha enrolada ao tronco uma haste sarmentosa,[4] cortou-a a um palmo do chão. Algumas gotas de um líquido cor de sangue brotaram da ferida. Tinha achado o que procurava, a mucunã-lisa, a planta que tantas vezes lhe matara a sede quando, embrenhado pelas florestas, caçava abelhas e veados. A família morria à falta d'água, porque os seus pensamentos, todos os seus esforços convergiam para um ponto: achar uma fonte abundante como a da gruta da onça. Agora que, desiludido, não pensava em encontrar bebedoiro, mas em salvar-se com a mulher e filhos, avivaram-se as reminiscências e uma impressionou-o agradavelmente: era a mucunã a verter água como o rochedo do deserto tocado por Moisés.

Freitas vê que a água não corre, mas isso não o surpreende. Introduz depois a extremidade superior do caule decepado dentro da boca da borracha, que ajeita apoiando-a ao tronco da árvore, e depois, marinhando pelos galhos em que se enrolava o cipó, vai ter à extremidade. O sarmento tinha mais de cinco metros de comprimento, bom diâmetro, era vivaz e anoso.

Freitas, chegando ao ponto terminal da haste, decepa-a pouco abaixo do olho. A pressão atmosférica se exerce sobre o líquido, e ouve-se o murmúrio da seiva que desce e despeja-se na borracha. Aquele sussurro suave enche de contentamento a alma do fazendeiro. Deseja chegar a terra ao mesmo tempo que a água, mas não pode. Quando pisou no chão já a borracha regurgitava de cheia. Levou-a ao rancho.

Josefa recebeu o marido com exclamações.

Carolina compreendeu que primeiro se devia socorrer as crianças e se aproximou levando-lhes uma cuia e uma colher. Cheio o vaso, começou a medicação. As primeiras colheres foram engolidas com

---

[4] Palavra ligada à Botânica. São chamados *sarmentos* ramos longos, delgados, lenhosos e flexíveis. A nomenclatura científica abunda nesta obra de estréia do ficcionista R. Teófilo.

dificuldade. Foram-se reanimando aos poucos, até que, no fim de duas horas, sentados, conversavam.

Freitas, Josefa e Carolina tinham-se saciado d'água, que, embora tivesse um ligeiro travo, contudo matava a sede.

Estavam a cinco léguas do ponto escolhido para estação, estação que duraria o tempo necessário a se refazerem de alimento para o resto do caminho.

Freitas temia novos transes, não pela sede, contra a qual estava armado, mas pela fome. Havia carne somente para uma refeição e escassa! Era preciso empregar esforços e até sacrifícios, a fim de amanhecerem na Várzea do Meio. Lá teriam água necessária à extração da goma da carnaubeira e da mucunã. Em face de necessidades tão palpitantes, resolveu continuar a viagem depois da meia-noite. Agasalhada, a família dormia, enquanto ele, sem sono, passeava em derredor do rancho.

A lua, nos últimos dias do crescente, fazia a trajetória no espaço, que, de nublado, tornava pela sua morte-cor mais brilhante a superfície do astro. Os seus raios iluminavam a terra, mas com um brilho que deleitava. Os tons da tela, representando aquele pedaço de solo com os seres que o povoavam, confundiam-se em uma nuança escura. As rochas e os areais brancos se diluíam na pretidão da floresta em uma aguarela desmaiada e sombria.

Freitas, como sentinela perdida, guardava o caminho do rancho. Com a alma abalada ainda pelas impressões da última tarde, sentia-se fatigado e os músculos participavam do cansaço que lhe tolhia o espírito. Era necessário que os sentidos repousassem; o sono o tornaria incomunicável com o mundo e suas misérias. O fazendeiro conheceu que tinha necessidade de dormir, não só para recuperar as forças perdidas pelo corpo, como para descansar o espírito e torná-lo apto a enfrentar com energia os futuros transes. Para poder tranqüilamente repousar, alargou a área da vistoria a fim de se convencer de que, além de sua caravana, ninguém mais ali pernoitava. Ia deitar-se quando notou o aparecimento de um vulto um pouco distante do rancho. Algum infeliz que nos espreita e aguarda o meu sono para vir furtar migalhas, como fazem os cães sem dono a desoras nas cozinhas, pensou. Deitou-se e fingiu dormir. Mais de uma hora esteve assim, e o vulto sempre imóvel. Sentindo que as pálpebras pesavam cada vez mais, pôs-se de pé, decidido a fazer um reconhecimento. Encaminhou-se para o vulto, mas antes de enfrentá-lo reconheceu a figura de um homem.

— Quem está aí? perguntou Freitas.

O eco das palavras repercutiu além nos mais próximos outeiros, e voltou o silêncio a dominar outra vez aqueles lugares ermos.

Freitas advertiu ao desconhecido que se vai aproximar: e animoso segue até ficar cara a cara com ele.

Surpresa horrível! O fazendeiro, sem querer, recua um passo e procura dominar-se. Tinha diante de si uma múmia de pé, encostada ao tronco de uma árvore. A figura era horripilante. Uma caveira coberta de pele seca e lustrosa eriçada de cabelos duros como as cerdas do *caitatu,*[5] de órbitas vazias, as fossas nasais abertas e sem nariz, a boca cerrada pelas filas de dentes de branco esmalte, articulava-se ao esqueleto, que se conservava na posição vertical, devido ao equilíbrio mantido pelos membros superiores agarrados à árvore. Pendente das vértebras do pescoço caía um rosário de vidro formando uma curva oval. Mirrados todos os músculos, as vísceras se colaram aos ossos, dispensando o concurso da putrefação o banquete dos vermes.

Freitas, comovido, contemplava aquela vítima da fome. Desejou sepultá-la, mas com que ferros abriria a cova? Pelo corpo nada podia fazer, pela alma, sim, se é que as orações lhe servem de consolo, tinha que rezar, e ajoelhou-se com muita devoção, como se ali houvesse alguma coisa mais do que uma retorta em que, durante um período de anos, deram-se muitos e diversos atos químicos; as peças de uma máquina que ativa funcionou, mantendo e regulando a vida.

Freitas rezava, mas com certo pavor. Antes de concluir a oração, foi surpreendido por um estremeção do esqueleto: assustado, ergue os olhos e vé chispas vomitadas pela caveira. Sente-se amedrontar, mas em tempo pôde vencer o medo e terminar a reza. Concluída a oração, levanta-se; não havia mais fogo e nem o esqueleto estremecia. O vidro das contas do rosário refrangia a luz da lua, e visto de baixo para cima iludia, colocando focos luminosos na boca da múmia.

Freitas, convencido da ilusão e certo de que o esqueleto estremecera agitado pelo vento que balançava a árvore, volta ao rancho dizendo consigo:

— É assim que se contam as estórias de almas do outro mundo.

CAPÍTULO VI

MANUEL DE FREITAS chegou com a caravana a Várzea do Meio, logo ao amanhecer do dia. O solo tinha ali outro aspecto e a natureza um

[5] Espécie de porco selvagem.

ar mais sadio. Uma área de mais de dois quilômetros de extensão arborizada de carnaubeiras seculares, todas verdes, limitada pela floresta semimorta, constituía a várzea, aprazível pela vida de suas palmeiras. As brumas crepusculares rarefaziam-se e os vapores sutis desapareciam diluídos pelos raios solares, que chegavam à terra. Algumas espirais de fumo enovelavam-se nos leques de carnaubeiras, desprendidas dos fogos nos ranchos dos retirantes. Havia ali algumas centenas de viajantes fazendo estação. Todos estavam magros, estropeados, cansados, e muitos enfermos de anasarca.[6]

Freitas notou com desgosto o crescido número de companheiros. Era-lhe necessário agora maior soma de trabalho. Era grande perigo viver no meio daquela onda de infelizes, que a perversão moral havia reduzido somente ao instinto da besta. Procurou um lugar mais retirado e arranchou-se. O local escolhido era magnífico. Um grupo de carnaubeiras, cujas hastes marcavam no solo uma circunferência, formava um quiosque natural com proporções suficientes a acomodar a caravana. O fazendeiro, depois de ciscar o lugar do rancho, instalou-se com a família.

O movimento dos famintos era considerável. Entravam e saíam centenas todos os dias. Os recursos naturais, como a fécula da mucunã, a goma da carnaubeira e água em abundância, faziam da várzea estação obrigada. Freitas quis logo por-se a par das aguadas, e saiu a colher informações. As fontes ficavam a duzentos metros do rancho. Eram três grandes caldeirões, que estavam sempre cheios, alimentados por alguma veia d'água do subsolo. A água era clara, mas tinha a superfície velada por uma tênue nata de caparrosa.

Freitas encheu as borrachas, e, sem provar o líquido, levou-as ao rancho, certo de que continha substâncias nocivas.

As crianças, sequiosas, quase esvaziaram uma das borrachas, mas o efeito da água não se fez esperar e foram atacadas de cólicas e diarréia. O fazendeiro previa isto, tanto que as preveniu do resultado, recomendando-lhes que bebessem pouca água.

Era necessário procurar outra fonte, aquela serviria para a extração das féculas. Indagando do mais próximo vizinho, soube que a oeste da várzea havia uma fonte d'água doce, chamada a *encantada,* pois só enchia de três em três dias. Tratava-se de uma fonte intermitente, cuja causa Freitas não compreendia e cujos fenômenos muito menos podia explicar por lhe faltarem conhecimentos.

A nova fonte era mais potável, mas contudo não deixava de ser um pouco salobra. O fazendeiro achou a água sofrível e apanhou-a.

---

6 O autor usou para seres humanos, por ênfase, sintomas patológicos peculiares a animais.

Freitas resolveu que a estação ali seria de três dias, e, para não perder tempo, cuidou logo em tirar o palmito dos mais viçosos *quandus,* que em grande número cercavam o quiosque, reduzi-lo a massa, esmagando-o entre duas pedras, e depois entregá-lo a Josefa para com a filha lavá-lo e tirar-lhe a goma.

Começado o trabalho, depois de tomada a primeira e única refeição daquele dia, Freitas, ansioso de explorar aqueles sítios e desejoso de carne, saiu da várzea fora com o machado ao ombro e terçado à cinta. Seguia rumo de leste. A terra era nua. As malvas, os marmeleiros, as sensitivas tinham morrido, e o vento derrubado os seus esqueletos. Nem uma habitação, um rancho daquele lado! Entrou no extremo da várzea para a mata e começou a ouvir muito ao longe o ladrar de um cão. Tomou o rumo e seguiu por uma vereda. O caminho morreu no pátio da vivenda, que, de telhas, caiada, com porta e janela para o nascente, era a habitação da família e ao mesmo tempo um pequeno estabelecimento rural. Nos outões saíam duas asas, dois grandes alpendres, ocupados um pelos toscos maquinismos de madeira do fabrico da farinha de mandioca e o outro por uma engenhoca também de pau e mais pertences destinados ao fazimento de rapaduras. Ao lado do sul, um curral de pau-a-pique, com a porteira fechada e pousado em um dos mourões, jejuava um grande carcará, olhando o sítio onde outrora viveu luzido gado. Freitas andou às pedradas com o rapina, a fim de matá-lo. A ave alou-se muito alto e se pôs livre das pedras. A janela da casa estava aberta, e a porta fechada deixava ver riscos a carvão formando inúmeras e diversas figuras. À primeira vista parecia uma página de hieroglifos. Aproximando-se, via-se que eram desenhos de marcas de tamanho e formas diferentes não só das fazendas da vizinhança como das mais distantes, cujos vaqueiros, na pista de animais perdidos, deixavam os ferros ali desenhados, a fim de não se apagarem da memória.

Manuel de Freitas, chegando à janela, se debruça no peitoril e diz para dentro:

— Ó de casa!

O eco de suas palavras repercutiu nos escuros aposentos, e foi respondido pelo ladrar do cão. Freitas notou que, de quando em quando, um ruído semelhante ao vôo de aves se fazia ouvir. Não se conteve e pulou a janela, mas, antes de chegar ao corredor, o cão saiu-lhe ao encontro. Foi difícil defender-se sem o auxílio do terçado. O animal, levemente ferido, cedeu o caminho à sala de jantar. Antes de entrar nela, Freitas começou a sentir um cheiro insuportável de carniça. A atmosfera parecia podre. Havia pouca luz. Aberta a porta, renovou-se o ar e fez-se claridade. Os raios do sol

bateram em cheio no pavimento, e um espetáculo horrível viu o fazendeiro. Apodrecia ali o cadáver de um homem, cujo rosto já estava medonho pela decomposição. A pele cianótica se estilhava na putrefação, que fazia a cara disforme e horripilante. A fisionomia mais hórrida tornava o nariz, que, diluído em uma amálgama de pus e vermes, caía sobre a boca, já sem lábios, e não cobria mais os dentes alvos e sãos. Os olhos arregalados a saltar das órbitas, num olhar de morto, sem luz e consciência, pareciam fitar-se no fazendeiro. O cadáver estava vestido de camisa e calça de algodão. O hábito, entretanto, na altura do ventre estava rasgado, e rasgado também estava o abdômen pelo cão, a cevar-se nos intestinos e vísceras do morto. O terreno onde descansava o corpo estava revolvido.

Manuel de Freitas aproxima-se mais da carniça, para melhor observá-la, quando o cão, vendo-o junto do repasto, ataca-o de novo. O animal vinha furioso. Para se livrar, o fazendeiro mata-o a golpes de machado. Parecia-lhe que o morto não era uma vítima da fome. Quase putrefato, se percebia assim mesmo gordura nos tecidos, gordura que a fome teria gasto antes de matá-lo. Examinava o cadáver com interesse, quando notou sinais de um crime: um suicídio por estrangulamento. O pescoço do defunto ainda apertava o mortífero laço.

Prescindindo de mais conjeturas, Freitas voltava à sala, pelo corredor, quando, ao passar pela porta de um quarto, foi vivamente impressionado por um ruído de vôo que vinha de dentro. Parou, forçou a porta e entrou no escuro aposento. Uma nuvem de morcegos pairava no ar. Freitas vai às apalpadelas à porta fronteira, guiado pelas estreitas frestas abertas entre as tábuas e por onde a luz se coava. Aberta a porta, entra a luz em feixes, e os morcegos deslumbrados esvoaçam doidamente. A um canto estava uma rede armada, que oscilava brandamente como impelida pelos movimentos respiratórios de animal. O fazendeiro se aproxima e vê viva uma massa preta a mover-se; olha com mais atenção e vê que centenas de morcegos se enovelam ali grunhindo. Observa atentamente e com surpresa divulga encravados na pretidão da nuvem dois pontos azuis aureolados de branco. Eram olhos, e olhos humanos. Aproxima-se mais e, tocando o pêlo dos animais, procura enxotá-los. Poucos foram os que voaram deixando o repasto. Rarefeito o véu negro, percebe o fazendeiro as formas de um corpo de criança. Os morcegos agarrados sugavam o sangue, embora de cheios já não pudessem voar.

Freitas toma a criança nos braços com uma piedade paternal. Alguns dos bichos soltaram o corpo e, pesados de sangue, arrastavam-se no chão. Outros mais gulosos não viam o fazendeiro, que tomava

a indiferença deles pelo mais requintado atrevimento. Pagariam com a vida os instintos carniceiros e a audácia.

Manuel de Freitas arrancava um a um e ia-os estrangulando entre os dedos. O animal obrigado a despegar-se da vítima, raivoso, rilhava os dentes mas era logo esmagado; o corpo sem forma era atirado para longe, enquanto debaixo da rede ficava uma poça de sangue. O último se enchia, indiferente à matança dos companheiros, agarrado ao lábio inferior da menina. Freitas segura-o, mas ele resiste, agarrando-se mais à carne, que chupava. O fazendeiro emprega mais força, aperta-o a ponto de quebrar-lhe todos os ossos, e o sangue esguichar por todos os poros, mas o quiróptero nas convulsões da morte cravou mais ainda os dentes no lábio da criança. Freitas procura arrancá-lo e o cadáver cede, porém trazendo quase todo o beiço da menina.

Mortos e em fuga todos os morcegos, o fazendeiro pergunta a si mesmo que socorro há de prestar àquela criaturinha. Uma só ferida cobria-lhe o corpo. Já se lhe ouve a agonia. O velho com toda a piedade assiste à morte da criança, que se anuncia pela frialdade da pele, pelas últimas contrações dos músculos. A vida cessa num suspiro, que os lábios entreabertos deixam passar.

Freitas estava comovido. A frieza do cadáver chegava-lhe às carnes, impressionando-o desagradavelmente. Compadecido, olha ainda uma vez para a criança e, deitando-a na rede, voltou ao rancho.

CAPÍTULO VIII

NO RANCHO, Josefa e a filha concluíam a tarefa. Os meninos, depois de repetidas dejeções, dormiam a sono solto. O quiosque dava-lhes o conforto de uma excelente sombra e o ar puro dos sítios arborizados. Estavam bem, ali.

A goma da carnaubeira enchia uma grande cuia com uma alvura de neve. Como a tamareira dos desertos africanos, a carnaubeira nos sertões do Ceará abriga as caravanas de retirantes à sombra das frondes e dá-lhes para comer a fécula das hastes novas.

O sol já caía muito para o ocaso quando Freitas chegou ao rancho. Fervia uma panela de mingau e Josefa de vez em quando atiçava o fogo, aguilhoada pelo apetite que o laxante aguçara: depois do efeito da água férrea, convinha apressar o ponto do mingau. Freitas louvou-lhe a diligência e admirou a quantidade de goma extraída de tão pouco palmito.

Preparada a refeição, foi servida. Aquela goma dava excelente papa e tão sadia como a de araruta.[7] Árvore utilíssima, a carnaubeira, desde a raiz até o pó das folhas, é aproveitada pelo homem. É o boi vegetal.

Manuel de Freitas, cercado da família, no doce conchego da vida íntima, sentia-se mais feliz e mostrava-se mais expansivo naquela tarde. A sua alegria resultava da comparação da cena de hoje com a cena de ontem. O meio era outro, e as condições de vida mais favoráveis. A felicidade consistia na posse da sombra de algumas árvores e em uma alimentação frugalíssima. Conversavam todos animados pelo ar que circundava livre e purificado pela vegetação daquele sítio.

Chegou a noite, e ainda fatigados da viagem da véspera e mal satisfeita a necessidade de dormir, cedo se recolheram às redes.

Freitas fez um fogo valente, que duraria até pela manhã, e deu depois uma volta para certificar-se de que estavam sós. Quando voltou, já todos dormiam. Deitou-se e procurou conciliar o sono, mas a cena do enforcado impedia-o de dormir, não o apavorando, porém dando à imaginação o trabalho de muitas horas de conjeturas. Virava-se de um para o outro punho da rede, parafusando sempre; e nada de sono. O silêncio da noite e a solidão do descampado avolumavam-lhe no cérebro a figura horrenda do estrangulado, cujo olhar mortiço e imóvel fitava-se nos seus olhos, muito embora velados pelas pálpebras sonolentas. Os nervos crispavam-se e um arrepio o fazia suar. Aquela cena estacionada sempre na imaginação começava a incomodá-lo, a ele que os mais perigosos transes nunca tinham podido deixar perceber-lhe na fisionomia um traço de medo. Contra a visão que pretendia dominá-lo, reage abrindo os olhos e procurando novas e reais impressões. A sombra desaparecia, mas, quando as pálpebras fechavam-se, ei-la de novo: os olhos do estrangulado a saltar das órbitas, com uma rigidez de carne petrificada, um olhar sem vida e luz, a fitá-lo!. . .

Imóvel na rede, com uma das entradas do quiosque debaixo da vista, continuava a parafusar no enforcado, quando notou o aparecimento de uma sombra, que interceptava a luz em um espaço limitado do pavimento do rancho. A imagem era perfeita, e a confusão de formas não permitia conhecer o corpo que a projetava.

Freitas não perdeu mais de vista a sombra, que, imóvel e sem aumentar e nem diminuir de extensão, se conservava inteiriça, dando

---

[7] Variedade de tubérculo de que se extrai finíssima goma, de utilização na culinária.

ao lugar que ocupava uma morte-cor[8] escura e sem gradações de tons.

O fazendeiro decidiu-se a fazer um reconhecimento, e quando ia levantar-se viu que a sombra caminhava. Ficou imóvel e esperou. A sombra continuava a projetar-se e a seguir, porém informe, até que parou; e à entrada do quiosque assomou um vulto escuro, caminhando lentamente como um quadrúpede. A atmosfera do rancho de inodora que era, tresandou a *maritacaca*.[9]

Freitas, por mais atenção que prestasse ao vulto, não lhe divulgava as formas e muito menos as feições; não sabia que espécie de animal era. Parecia-lhe onça, raposa ou cão de monturo. O fato é que o bicho ou farejava ou espreitava. O fazendeiro, apercebendo melhor o animal, se lembrou dos famintos. Um homem a andar de gatinhas no último período da fome, a farejar migalhas, seria possível. Não perdia um só movimento do vulto, e com a mão no cabo do terçado, esperou. Aproximou-se mais e pôde ser reconhecido. Não era um bicho mas um homem que a fome reduzira a bicho. Chegando dentro do quiosque pôs-se de pé. Do chão alevantou-se o esqueleto, que media mais de um metro e meio, e tinha a hediondez dos espectros. O tronco largo e bem desenvolvido mostrava ter sido vestido de uma carnação vigorosa, que havia consumido a fome e deixado nuas as vértebras e as costelas. O espinhaço, como uma coluna de nós, apenas coberto de pele, deixava contar todos os ossos. A ele se articulava a cabeça, um pouco mais vestida do que uma caveira, com um rosto esquálido, a fisionomia carregada de ferocidade de animal faminto. Os dentes completos, de branco esmalte, sem lábios mais que os cobrissem, num riso perene de ironia e mofa, brilhavam em lúgubres cintilações, mais horripilante tornavam-lhe a figura. O olhar era vago. As pupilas dilatadas quase tocavam o disco do íris, que lhes servia de debrum, e sepultadas no fundo das órbitas davam à caveira uma expressão de vida, mas de vida de fera. Os braços se estiravam ao longo do tronco envolvidos na pele, que, tendo perdido a frescura e macieza, enrugada e áspera, parecia de amarrotado pergaminho. As pernas magras, apenas os ossos e um quinto da musculatura, cambaleavam com o peso de carga, pelancas e ossos. O abdômen retraído e colado à espinha deixava perceber as cristas dos ilíacos e a forma da bacia.

Manuel de Freitas, temendo pelo pudor da filha, cuja virgindade moral se macularia percebendo as formas de um homem todo nu,

---

[8] Palavra utilizada, geralmente entre pintores, para caracterizar o indefinido das cores das primeiras tintas espalhadas na tela.

[9] Variante nordestina de *gambá*. Por extensão, o cheiro ativo e desagradável, lembrando o que o animal expele, quando atacado.

levantou-se e pôs-se à frente do faminto. Aquela nudez obscena que o delírio famélico expunha sem rebuço, sem consciência, mas também sem sensualidade; à vista de um esqueleto, mas de um esqueleto com sexo o aterrava, porque iria violentar a castidade dos sentidos de Carolina. Era necessário retirar já dali aquele homem, fazê-lo sair enquanto o sono da filha impedia que fosse vista a figura impudica do retirante. O fazendeiro aproximando-se do faminto fitou-o com energia e com um gesto ordenou-lhe que saísse. O infeliz coçou-se, roeu as unhas com gula e desespero, rangeu os dentes, mastigou a saliva e articulou com dificuldade — fome — mas em um som abafado e todo gutural.

Freitas ouviu-o, e com um leve movimento de cabeça mostrou-se entendido, ordenando-lhe, depois, com um gesto ainda mais imperioso que se retirasse.

O faminto não obedecia; e continuava a roer as unhas e a comer as escamas que se desagregavam da pele. Agora fitava o rosto de Carolina perto de si, completamente exposto e alumiado em cheio pela luz da fogueira. Percebia os tons daquela carnação, mas com o apetite de besta esfomeada. As narinas dilatam-se-lhe mais, fareja, sorve o cheiro daquela carne sadia na qual tem ímpetos de saciar a fome, de rasgá-la a dentadas. O delírio aumenta, os músculos das faces retesam-se, relaxam-se, executam enfim uma série de movimentos desordenados, de contrações espasmódicas e, na esperança de mastigar as faces da moça, dá um passo para ela, vacila, mas depois firma-se melhor nas pernas, que cambaleiam.

Freitas se coloca entre o faminto e a filha, e para intimidá-lo mostra-lhe a faca que lhe aponta ao coração. No delírio famélico, não vê o ferro nem quem o brande, só enxerga a carne, que a imaginação lhe mostra sangrenta, e deseja mordê-la até de todo saciar-se. Arrisca mais um passo e a ossada range, querendo desarticular-se!... Um fedor de carniça enche o quiosque! Quer dar outro passo, mas, o terçado de Freitas o esbarra.

O fazendeiro compreendeu que estava na frente de uma besta humana; e procurou dominá-la. Põe-lhe a mão no ombro, que balança, e indica-lhe a entrada do quiosque com um gesto. Com o sacalão os ossos do esqueleto estalaram dentro do invólucro de pele, mas o faminto nem ouviu e muito menos obedeceu à ordem.

A frialdade do retirante impressionou desagradavelmente o fazendeiro, que, retirando a mão, tratou de fazê-lo sair dali. Num ímpeto de cólera e irritado com a teimosia do bruto, fere-o no antebraço. O faminto leva a ferida à boca e, com uma avidez que desarma e comove Freitas, suga o sangue que sai do ferimento, um sangue incolor

como o dos insetos. A sucção era feita com uma gula infrene. O faminto parecia querer sugar pela ferida todos os líquidos do corpo. Nem uma gota mais vertendo o ferimento, começou a comer as próprias carnes!

Freitas, com surpresa e mágoa, notou que o desgraçado se devorava em vida. Era preciso retirá-lo do rancho e procurar alimentá-lo. Como conduzi-lo se o contato de seu corpo era tão repugnante como o de uma aranha-caranguejeira? Se fedia tanto como uma carniça? Pôde dominar a repugnância de seus nervos, e, largando o terçado, tomou o faminto nos braços, e levou-o a vinte metros do rancho. Aí deixou-o e voltando ao quiosque, preparou um pouco de mingau, que levou ao retirante. O infeliz tinha caído no marasmo, depois de ter comido as carnes de todo o antebraço. Agonizava.

O fazendeiro assim mesmo procurou alimentá-lo, mas embalde; os queixos cerrados não permitiam a passagem de corpo algum. A morte foi imediatamente precedida de uma horrível convulsão. Distendidos e contraídos os músculos em um espasmo violento, num minuto, a vida cessou com todas as suas misérias.

Freitas abandonou o cadáver por não poder suportar o fedor que exalava. Voltou ao rancho, mas lá a atmosfera tresandava ainda a carniça. Deitou-se, mas não dormiu. Pela madrugada acordou a mulher, que deixou de conta da família, e foi procurar esconder o cadáver em algum *brocotó*.[10]

CAPÍTULO VIII

TOMOU O CADÁVER do faminto às costas e saiu de mata fora. O peso da carga era pequeno para a sua musculatura, mas a repugnância ao defunto era uma tortura. A frialdade do morto transia-lhe a carne das espáduas e se irradiava a todos os nervos do corpo, crispando-os em um arrepio tetânico. O fétido que exalava fazia-o caminhar aos engulhos.

O fazendeiro esforçava-se por dominar a excitação nervosa, em grande parte aumentada pelas impressões do olfato. Quase esmoreceu e atirou o corpo ao chão, mas um resto de energia fê-lo triunfar e conseguiu chegar à beira de um formigueiro. Abria-se ali uma funda

[10] Não encontramos, em vocabulários de termos nordestinos, alusões a esta palavra, que aí está na acepção de lugar escondido, grotão.

escavação, uma grande toca, um casarão abandonado de formigas e cujos compartimentos subterrâneos a água dc alguns invernos havia demolido e reduzido a uma só profunda cavidade.

Freitas achou aquele lugar ótimo para descanso eterno e atirou à vala o cadáver. Livre da carga, mas sempre a tresandar a carniça, decidiu-se a ir desinfetar-se na fonte encantada, e para lá seguiu. Não quis o caminho da várzea, e continuou a romper a floresta. Havia amanhecido, e a luz do sol não reanimava aquela vegetação moribunda.

As árvores tinham o aspecto dos indivíduos de climas frios no rigor do inverno. Nem uma folha viva, um gomo, uma bráctea! O panasco[11] desfeito em pó, era levantado pelo vento e em nuvens espessas atufava-se na mata. As hastes sarmentosas das parasitas, quebradas as gavinhas, estendidas, desenrolavam as espirais na terra quente, como serpentes, que fossem lançadas no rescaldo de um forno. Nem um inseto se aquecia ao sol nascente. A vida animal desaparecera daqueles sítios; só os ínfimos seres habitavam sadios e vigorosos aqueles lugares desolados.

Freita caminhava sonolento. Duas noites de completa vigília, a testemunhar cenas fortes, haviam-lhe abalado os nervos. Era-lhe preciso repousar algumas horas; mas uma parcela do dia perdida podia diminuir as probabilidades de triunfar da fome. Seguia caminho da fonte, quando, ao passar pela ribanceira de um riacho seco, ouviu alguns gemidos. Parou e pensou logo em alguma desgraça. Os gemidos se repetiam; tomando o rumo de onde lhe pareciam vir, caminhou. Não foi preciso andar muito para ser espectador de uma cena terrível. Um grande lajedo estirado ao rés-do-chão, guardado por um grupo de angicos desfolhados, servia de palco a um drama da fome. Deitada sobre a pedra, na postura de crucificada, uma mulher tão magra como uma múmia, era devorada ainda viva pelos urubus. Banquete horrível! Como o Prometeu, imóvel e sem ação, sente rasgarem-lhe as entranhas as garras e os bicos acerados das aves malditas! Vivia, ainda, quando estas, que das alturas devassavam a terra, procurando repasto à fome, vêem-na e descem sobre ela.

O crocitar das aves disputando o melhor quinhão da presa, seu passo lento e grave, a vestidura negra, como os convivas de um préstituto fúnebre, aterram a desgraçada, sem forças para reagir, mas ainda com consciência para temer e sentir; e como o único e derradeiro esforço da vontade, que se aniquila, lança um olhar súplice

---

11 Erva de pasto.

para o céu, um olhar cuja luz vacilante refletem duas lágrimas, que tremem entre as pálpebras mal cerradas.

Os urubus, crocitando sempre, alternando o canto pavoroso com pios agudos e longos, aproximam-se da vítima, e o banquete começa. Os bicos compridos e aguçados rasgam o ventre e puxam o intestino que se desenrola à mercê da gula das aves. As vísceras são arrancadas do tronco e devoradas com gula famélica! Os mais fracos receiam disputar aos mais fortes um pedaço de intestino, e, covardes, cercam a cabeça da vítima e lhe vazam os olhos a bicadas! Vivia ainda: suas pupilas se fitavam no azul do céu, quando a luz se apagou de repente e, nas agonias de dor tão cruciante, sente que a vida foge com as últimas ondas da claridade.

Freitas chegou a tempo de ouvir-lhe o último arquejo. Enxotou as aves, que voam crocitando com pedaços de tripa nos bicos pendurados. Voam, porém pousam logo nas grandes árvores a espreitar a presa.

O fazendeiro procura sepultar os restos da morta numa fenda do lajedo, o que consegue com alguma dificuldade, e continuou o caminho.

O mesmo céu azul a se arquear sobre um solo estéril! As cenas se sucediam numa monotonia crescente. A sequidão da terra a constringir as raízes das plantas, que morrem de fome.

O fazendeiro deixa as tristezas da mata pelas alegrias da várzea, que, com as verdes carnaubeiras, tinha os atrativos e a louçania de um oásis ressurgido de um campo torrado pela seca. Os olhos molestados pela luz que superfícies brilhantes refrangiam, descansavam agora nos maciços verde-escuros das frondes, que coroavam o vértice das palmeiras. À sombra do carnaubal, num perfeito contraste com a vida daquele sítio, fervilha uma onda de famintos carregando água ou procurando raízes silvestres para comer. Aquela procissão de esqueletos num formigar incessante, enche de profunda melancolia aquele pedaço de terra ainda fecundo, ainda habitado. A fisionomia dos retirantes tinha uma gravidade particular; nas linhas do rosto escaveirado e macilento se distinguia uma gradação de tons mórbidos. Não se percebia um traço alegre, uma expressão de contentamento íntimo.

O fazendeiro atravessou a turma de esfomeados e continuou caminho da fonte. Ainda fedia a carniça. Para melhor se desinfetar havia colhido alguns frutos de uma sapindácea, o saboneteiro. Estavam secos; porém, mesmo assim faziam o efeito de um bom sabão.

A fonte estava cheia de uma água tão cristalina que deixava ver o fundo da bacia. Ninguém havia por ali perto. O fazendeiro despiu-

se muito à vontade. Ensaboou a roupa, que deitou ao sol a corar, e fez depois o mesmo em si. A loção abria-lhe os poros ao ar, tonificava-lhe os nervos, restaurava-lhe a força muscular gasta em excesso nas lutas pela existência. Depois do banho, sentiu-se mais novo e mais forte. Enxugou a roupa, que estendeu a secar. O calor gastaria pouco tempo em evaporar a água da vestimenta, mas não fazer coisa alguma durante esse tempo era esperdiçar o dia e aproveitava-o com a maior usura. Sentia-se disposto e limpo. Um pedaço de sabão e uma bátega d'água produzem às vezes os efeitos miraculosos de uma ressurreição. Enquanto a roupa enxugava, o fazendeiro foi à mata próxima e cortou uma vergôntea forte de jucá, um espeque, que tratou de aguçar. Tinha necessidade de um instrumento para cavar a terra e aproveitou aquela madeira, rija como o aço, no fazimento de um ferro de cova. Preparado o cavador, vestiu a roupa e lépido voltou ao rancho. Ia mais moço. A pele do rosto tinha menos rugas e os nervos não se ressentiam mais das crispações da noite anterior.

No quiosque a família, depois da refeição de mingau, reunida conversava sobre o mau cheiro que se sentia ali. Alguma carniça perto, pensava Josefa. Ignoravam as cenas que se tinham passado durante a noite. Freitas chegou ao rancho e saudou-os com bondade. Carolina e os irmãos, com respeito e ternura, beijaram-lhe a mão. Josefa serviu uma copiosa refeição de mingau ao marido, que, com o apetite aguçado pelo banho, comeu em alguns instantes.

— É preciso começarmos hoje uma farinhada de mucunã, Josefa; eu vou procurar as raízes, enquanto ficas preparando o necessário para o trabalho, disse Freitas, saindo de várzea fora com o machado, espeque e terçado.

Ia procurar a mucunã-lisa, planta tradicional e figura obrigada de todas as secas.

Logo que o fazendeiro entrou na mata, achou a leguminosa que procurava. Estendida ao solo, compartilhava da sorte das companheiras: havia perdido as folhas e o viço. Reduzida ao cipó, sem os verdes folíolos trifoliados e as flores roxas de corola papilionácea, a mucunã parecia hibernar até que voltasse o inverno.

Freitas examinou a haste e lhe pareceu ter muita raiz. Entretanto o terreno era de argila, e de uma argila tão compacta, que seria muito penoso revolvê-lo, embora em pequena profundidade. Temeu o massapê pela pouca resistência do seu ferro de cova e foi procurar a mucunã vivendo em chão arenoso. Não lhe foi custoso encontrá-la.

Freitas achou, entre outros pés de mucunã, um que, pelo diâmetro da haste, pareceu-lhe anoso e por isso rico de raiz. Cavou a rocha,

que, de sílica, se desagregava com facilidade. Meia hora de trabalho a escarnar a terra onde as raízes se irradiavam do tronco lateralmente, e aparece à luz do dia o tesouro vegetal, avaramente escondido no subsolo. Numa circunferência, cujo raio media dois metros, as raízes dispostas como os raios de uma roda, unidas pelas bordas, enchiam toda a área com seus corpos vermelhos.

Freitas estava maravilhado de tanta abundância. Mais de duas dezenas de raízes e algumas tão desenvolvidas que um homem forçudo não podia com uma! Separadas dos coletos, o fazendeiro, empregando o espeque como alavanca, virou-as para fora da cava e foi conduzindo-as uma a uma para o rancho. O trajeto era curto, e por isso, pouco depois de meio-dia, chegava ao rancho com a última raiz. Tinha mais de quinhentos quilogramas de matéria vegetal, que daria dez por cento de fécula, de uma substância alimentícia, a *goma da mucunã*.

Josefa recebeu mal a leguminosa. A sua presença acordara-lhe na mente adormecidas reminiscências; causara-lhe a mesma impressão que a chegada do último conviva de um enterro, após a qual foi-lhe arrancado dos braços o féretro do filho amado.

Freitas via a mucunã por prisma diferente. Tinha certeza de ser muito venenosa e, como tal, a maior assassina que o Ceará tem tido, durante as secas; mas também sabia que a ação tóxica podia ser modificada ou mesmo destruída, segundo o processo empregado na extração da fécula. Preparada por mãos ignorantes, é sempre um veneno e nunca um alimento. Convencido disso, dispõe-se a prepará-la com o máximo escrúpulo. Faltavam-lhe, entretanto, certos aprestos e entre eles um indispensável: um depósito para repousarem as lavagens da mucunã. Era, se não impossível, ao menos difícil encontrar aquele aviamento, sem o qual a extração da fécula seria inexeqüível.

"Tantas raízes perdidas e também o meu trabalho!" pensou Freitas. Não podia conformar-se com a idéia daquele prejuízo. A inação para ele era um crime, quando havia necessidade a prover. Se fosse possível obter o vaso de que precisava à custa mesmo de uma fadiga de horas, se resignaria a sofrê-la, mas, por maior que fosse o esforço, não poderia adquiri-lo com a presteza do momento.

O dia seguia o curso e Freitas via pesaroso o sol descambar para o ocaso, e com ele a esperança de remediar a falta do aviamento. Estava resolvido a perder as raízes, quando teve uma idéia que julgou salvar a situação: havia uma casa próxima, a do enforcado, e nela aviamentos de farinha. Dois quilômetros era a distância a vencer, e, sem mais refletir, o fazendeiro pôs-se a caminho.

Josefa não tirava os olhos da pilha de raízes. A partida do marido convenceu-a de que ele havia resolvido as dificuldades, e pesarosa esperava que voltasse.

Freitas fez a viagem com incrível rapidez. Sua mulher ainda se conservava na mesma posição, fitando a mucunã, quando ele assomou na extremidade da várzea. Vinha com passo firme, apesar da carga que trazia às costas. Achara o indispensável à farinhada, um grande *cocho*[12] de mulungu, que na casa de farinha abandonada servira outrora, nos dias festivos da *desmancha*, para aparar a manipueira, que corria da prensa. O cocho tinha uma capacidade de cem litros.

O fazendeiro alijou a carga perto do quiosque e entrou no rancho. A família ia tomar a segunda refeição de mingau, uma papa sadia e nutritiva, mas à custa só da qual não se podia viver. Uma alimentação aquela que, embora copiosa, não dispensava o organismo de gastar as reservas, reparando as perdas dos tecidos. Assim, em breve estariam inanidos e morreriam à míngua de alimentos plásticos.

Os conhecimentos de Freitas eram resumidos, nada sabia de fisiologia. Para ele a vida se mantinha à custa de qualquer alimentação. Pensando assim, a mucunã era a mais útil de todas as plantas indígenas.

Tudo preparado para a extração da fécula, Freitas deu começo ao trabalho. As raízes seriam primeiramente reduzidas a massa, o que fez com muita inteligência e facilidade, machucando-as a cacete sobre um plano de pedra. Em pouco tempo estava concluído o primeiro processo. As fibras vegetais foram depois lavadas e as lavagens postas no cocho, a fim de se depositar a fécula em suspensão n'água. O vaso transbordava de um líquido vermelho, cor que lhe havia comunicado o princípio corante da raiz.

O fazendeiro deu por concluída a tarefa, deixando as outras lavagens da fécula para o sol vindouro.

O dia findava-se, as ondulações crepusculares esmoreciam nas cristas dos outeiros, e as sombras, se elevando da terra, dominariam tudo.

Freitas estava morto de sono. A claridade baça do pôr-do-sol e a mornidão da natureza quase num desmaio, incitavam o descanso, a quietação. O fazendeiro quase não podia suspender as pálpebras. A necessidade que tinha de dormir era invencível. Aos cochilos e tro-

[12] *Cocho* — vasilha feita de um tronco só, no caso, da madeira leve e compacta do mulungu, para lavagem, ou depuração, da mandioca. *Desmancha* é a transformação da mandioca em farinha, *manipueira* é o suco da mandioca, depois de ralada e prensada.

peções, preparou lenha para a fogueira e, voltando ao rancho, disse à mulher:

— Vou dormir. Tu ficarás de guarda; à meia-noite me acorda.

CAPÍTULO IX

JOSEFA cumpriu fielmente a ordem do marido. Sentada na rede, de onde só se levantava para atiçar o fogo, rezava com um grande rosário de contas de coco.

Freitas dormia a sono solto. Duas noites de vigília e um dia de pesada lida tinham-no amarrotado.

À meia-noite, pouco mais ou menos, Josefa despertou o marido com muito trabalho.

O fazendeiro parecia em síncope, tão profundo era o sono. Ouvia a mulher chamá-lo, compreendia a necessidade de acordar, mas tão agradável era-lhe a quietação do leito, tão salutar o descanso aos membros fatigados, que foi preciso grande esforço para erguer-se. Finalmente, depois de alguns sacalões, levantou-se, gemendo de sono, e a mulher, rendida da sentinela, deitou-se imediatamente e adormeceu.

O silêncio dominava tudo; apenas, de quando em quando, ouvia-se a aragem da madrugada farfalhar nos verdes leques das carnaubeiras.

O fazendeiro, acocorado junto ao fogo, ainda sonolento, olhava os tições roídos pela labareda, cavando o passado. Pensava na fortuna perdida e na sorte dos filhos. A seca e a emigração trouxeram-lhe mui logicamente a idéia da mucunã. Rediviva ela, Freitas levantou-se e foi ter ao cocho. Todas as matérias sólidas estavam depositadas. A claridade da fogueira deixava ver a água ligeiramente corada de rosa.

O fazendeiro, para ganhar tempo, decantou o líquido e ficou surpreendido da quantidade de sedimento. Uma massa cor de carne enchia mais de metade do cocho; era a goma de mucunã ainda imprestável aos usos da vida, porque só havia sido lavada uma vez e deveria sê-lo nove, a fim de se despojar, nas repetidas lavagens, do tanino associado à fécula. Era necessário nova água e antes de amanhecer seria impossível carregá-la.

Freitas esperava a manhã passeando em derredor do rancho, tonificando os músculos com as libações sadias, que os pulmões fazi m do puro ar do campo. Sentia-se alentar com aquelas inspirações, inspirações tão profundas que lhe chegavam até às últimas ramificações brônquicas. Tinha restaurado as forças gastas pela lida e vigília.

Continuava a pensar no passado, quando a viração do norte traz-lhe, entre outros sons, um que deveras o impressionou: era o tilintar de chocalhos. Todo ouvidos ao rumo de onde vinham as ondulações, percebia outros sons, e novos horizontes mentalmente descortinava. A idéia de um comboio associou-se logo à da volta de Inácio da Paixão. Era possível ser ele o comboieiro arranchado ali com os víveres comprados em Fortaleza. Convencido da possibilidade de se encontrar com o primo, prestava toda a atenção aos rumores que o vento trazia. O tilintar dos chocalhos se misturava agora ao som de uma confusa vozeria alternado com o eco de gemidos e prantos. Os sons vibravam naquele meio em uma confusão de báratro, impossível de diapasão.

Freitas pretendia ouvir o tinir de ferros em renhida luta. Inácio da Paixão sem dúvida estava sendo atacado pelos famintos e corria perigo o pão da família. Cumpria-lhe o dever de ir em socorro, e, despertando a mulher e filha, deixou-as de guarda ao rancho e partiu de terçado em punho para o lugar onde lhe parecia travado o conflito. Seguia para o extremo da várzea ao norte. A lua, já perdida para o poente, alumiava com feixes de argentina luz.

Freitas ia com pressa. A vozeria tornava-se mais audível e os sons cada vez mais distintos; percebiam-se já as palavras, umas de súplica, outras de ameaça.

O fazendeiro poucos minutos gastou para lá chegar e se inteirar de tudo. Uma grande área coalhada de famintos de todas as idades e sofrendo o suplício de Tântalo foi o que encontrou. Mais de mil infelizes, magros e esfarrapados, cercando à distância um comboio de víveres, pediam aos comboieiros punhados de farinha, para matar a fome.

O fazendeiro, condoído dos desgraçados, indagou o que faziam ali. Disseram-lhe que esperavam que o freteiro se compadecesse deles e distribuísse ao menos uma saca de farinha das vinte do governo que levava para o interior; que o freteiro os tinha maltratado, esmurrando alguns.

O fazendeiro espreitou o comboio e ficou convencido de que os gêneros eram do governo; as sacas tinham a marca S. P. (socorros públicos); eram três os freteiros, e pelas palavras e gestos estavam dispostos a levar os retirantes a murro e a faca.

Freitas pensava no desenlace daquela cena, já a poucos metros dos freteiros, quando uma retirante se aproxima destes e de joelhos apresenta o filho, uma criancinha a expirar de fome, e pede um pouco de farinha pelo amor de Deus. Uma bofetada tremenda, dada por um dos comboieiros, fá-la rolar no chão, por cima do filho.

Freitas, indignado com aquele ato cruel, decide-se pelos infelizes e se prepara para lutar. Entre todos aqueles retirantes, muito poucos

encontraria com forças para auxiliá-lo; sem contar muito com o valor deles, vai à mata próxima e volta armado de cacete e terçado. O freteiro vociferava contra os famintos, ameaçando de levá-los à faca se persistissem em matar a fome com os gêneros do governo.

Freitas não esteve pelas ameaças, e, atravessando a turbamulta, põe-se rosto a rosto com os freteiros e pergunta-lhes:

— Com que direito esmurram estes infelizes?

Os comboieiros surpreendidos com a ousadia de Freitas e com sua atitude enérgica e ameaçadora, desembainham as facas e responde-lhe o patrão quase convencido da derrota do fazendeiro:

— Não espanco ninguém, garanto e defendo os víveres, que me foram entregues e pelos quais sou responsável.

As palavras de Freitas acordaram nos famintos um resto de energia, um último esforço da vontade, e a onda de criaturas imóveis e súplices moveu-se na direção dos contendores. A multidão se revolucionava, seguia movida unicamente pelo instinto de conservação. Todos avançavam, tendo em mira a farinha defendida pelos comboieiros. Os mais fortes vociferavam contra os freteiros; os mais fracos os seguiam também, mas de gatinhas ou de rastos, como reptis. Depois de uma marcha de minutos, uma confusão infrene, como se o delírio famélico houvesse acometido a todos e alucinado, tornava mais revolta a onda dos famintos, que se movia sempre ao som de gritos, gemidos e prantos. Em crescente alucinação, seguiam, acotovelando-se: os que sem forças caíam, morriam pisados ou asfixiados em uma atmosfera quase sólida, quase poeira.

O fazendeiro compreendeu o perigo que os ameaçava. A sua voz havia levantado um exército de esfomeados, que, uma vez em operação, ninguém mais imobilizaria. Não viam senão o alimento e não ouviam palavras que não fossem estas: — avancemos à farinha, que é do rei e também nossa.

Freitas, receoso de ser envolvido na onda e obrigado depois, para salvar-se, a abrir caminho com o terçado, dispôs-se a ultimar com o freteiro as suas negociações:

— O perigo está iminente; se prezam a vida, abandonem o campo.

— Miserável, amotinaste o povo e agora me aconselhas a fuga, disse o patrão num ímpeto de cólera, lançando-se com os companheiros sobre o fazendeiro, para feri-lo.

Freitas, que jogava cacete com muita destreza e arte, esperou a agressão e, antes de alcançarem-no as facas dos comboieiros como uma intimação ao dono do comboio, desarmou-o com um golpe num abrir e fechar de olhos. Aquele ato de bravura intimidou os freteiros, que, temendo mais a cólera e o terçado de Freitas do que

o prejuízo de metade do frete dos víveres, cederam o campo, já à última hora, quando as bestas de carga, que perto do rancho comiam a ração de alfafa, espantadas com o motim e medrosas do cerco que mais e mais se apertava, dispararam de várzea fora.

A carreira dos animais foi um desastre para a multidão, que se agrupava em derredor do rancho. As bestas perseguidas pelos freteiros, corriam desembestadas, deixando na massa compacta de famintos um grande claro. Dezenas de infelizes, com os membros fraturados pelas patas dos animais, rolavam no chão estorcendo-se em dores atrozes.

Manuel de Freitas, surpreendido com o triste incidente e vendo que o cerco não tardava a se restabelecer, saiu pelo caminho que as bestas tinham aberto. Custava-lhe suportar o cheiro que saía dos famintos. Aquela atmosfera era quase irrespirável. Antes de vencer o acampamento, era o rancho invadido pelos famintos. Uma algazarra horrível ouvia-se e era repercutida ao longe pelos mais próximos outeiros.

Travou-se uma luta tremenda, uma briga de feras esfomeadas sobre um minguado repasto. Os víveres seriam dos mais fortes e não dos mais necessitados. Os que p odiam agredir eram em muito pequeno número. Tomaram conta das sacas, que abriam, e começou a luta. Os mais esfomeados precipitavam-se sobre a farinha com uma gula e teimosia para as quais não havia oposição possível. Eram repelidos a empuxões, a murros: caíam, mas voltavam de gatinhas, gemendo ou praguejando. Não havia meio de debandá-los. Os que sustentavam a peleja não tardariam a enfraquecer, pois os fracos eram cem vezes mais. As turmas de famintos aumentavam e a confusão crescia sempre. A vitória seria do mais forte, e entre os que defendiam os víveres travou-se uma luta, mas uma luta impossível de termo. Pelejavam corpo a corpo. Não se ouvia o tinir de um ferro, mas percebia-se que as carnes dos lutadores eram rasgadas a dentadas. Enquanto os contendores rolavam no chão enovelados num amplexo fratricida, o sítio foi invadido pela onda que avançava sempre, e com uma gula difícil de descrever comiam a farinha a mãos cheias. Freitas observava compungido aquela luta pela existência. Lembrou-se ainda de pôr termo a ela, mas como, se no delírio famélico embota-se o senso íntimo e o homem fica reduzido a bruto, a animal carnívoro, e que se vê faminto? Havia ali uma multidão de homens em tudo semelhantes a uma manada de porcos esfomeados, a disputar o maior quinhão da ceva.

Manuel de Freitas, deixou-os e voltou ao rancho.

A luz crepuscular, em ondulações suaves, chegava à terra. No oriente, alguns estratos franjavam-se de ouro, precediam o sol, que não tardaria a assomar.

O fazendeiro entrou no quiosque. Reinava ali a paz da vida tranqüila. As crianças dormiam ainda. Freitas olhou-as com ternura e foi cuidar da mucunã. Era preciso água para lavar ainda oito vezes o sedimento; tomando as borrachas, seguiu para a fonte. Todo esse dia gastou em carregar água para as lavagens da fécula. Ao pôr-do-sol, tinha concluído o trabalho. A substância alimentícia extraída da mucunã, depois de lavada nove vezes, ficou depositada no fundo do *cocho* sob a forma de uma massa cor-de-rosa. No outro dia, seria seca ao sol e então utilizada como alimento.

A noite passou-se sem incidentes.

Pela manhã, o fazendeiro, depois da refeição de mingau e de ordenar à mulher que pusesse a goma a secar, saiu a explorar a várzea. Os acontecimentos da madrugada pintaram-se-lhe na imaginação, e se dirigiu ao rancho dos freteiros do governo. Consumava-se ali o drama da fome. Na arena da luta, mais de trinta cadáveres apodreciam ao sol e serviam de repasto a centenas de urubus, que, em lúgubre crocitar, cevavam-se naquele repasto de podridão. Nem um fragmento de farinha misturado à argila do solo. Freitas olhou compungido para os restos mortais das vítimas da fome e continuou o seu caminho. Andou por toda a várzea, passou por quase todos os ranchos e nada viu, entre os retirantes, que denotasse pesar pela morte dos parentes ou companheiros.

O fazendeiro entrou na mata, na esperança de encontrar alguma caça, carne de algum animal que lhe restaurasse as forças depauperadas pela alimentação de goma.

Errou pela mata e nada encontrou para alimentar-se. Despovoada e solitária, tinha um aspecto desolador. Nem um inseto, uma revoada dos verdes papagaios, que cantarolavam outrora, pousados nas frondes das palmeiras. O pasto torrado parecia ter sido levado por uma inundação de lavas e tinha agora ares de uma solfatara.[13] Ao tronco das árvores o vento havia encostado medas de capim seco. O sol tostara tudo! A terra, coberta de uma floresta de esqueletos, com os tons da tristeza, vestia-se de uma expressão lutuosa e desoladora, e além o seu perfil sombrio esbatia-se na transparência do firmamento azul, todo nu e sereno, como a superfície de um lago tranqüilo. Nem um vivente naquele sítio! As próprias aranhas, recolhidas às tocas, morriam de fome, não saíam mais a caçar os insetos, que tinham morrido ou emigrado.

Cansado de ver tantas tristezas, Freitas voltou à várzea. Antes, porém, de sair da mata, foi surpreendido com estas palavras:

---

13 Cratera de vulcão extinto, que apenas expele gases sulfurosos.

— Passageiro, socorrei-nos pelo amor de Deus.

O fazendeiro pára imediatamente e procurou quem falava. À direita, por trás de um tufo de cactáceas, viu um rancho de retirantes e para lá seguiu: um casal de emigrantes com seis filhos, todos menores, tostados do sol e magros, fugiam da seca, quando ali uma desgraça sem nome surpreendeu-os e fê-los parar. O chefe da família, percebendo que Freitas se aproximava, ajoelhou-se e com as mãos súplices a ele se dirigiu:

— Valha-nos, pelo amor de Deus, irmão.

— Levante-se, meu filho, disse-lhe o fazendeiro, pegando-lhe no braço e fazendo-o levantar. Que deseja de mim?

— É muito grande a nossa infelicidade, meu bom senhor. Há três dias, chegamos aqui e nos arranchamos. Íamos para a capital a fim de escapar da fome. No primeiro dia de rancho, passamos sem comer nada; no segundo dia, era quase ao pôr-do-sol, e os meninos desde manhã que choravam com fome; aflito, quase desesperado com o sofrimento deles, saí, procurando com que alimentá-los, e aqui bem perto do rancho encontrei uma planta trepadeira muito delicada, com a rama verde e em flor, vivendo bem nesta sequidão, e à sombra de um balseiro de macambira. Em nada pensei: atirei-me a ela com sofreguidão, para arrancar-lhe as folhas e levá-las ao rancho, para a família comer. A um dos cipós veio agarrado um pedaço de batata. Alegrei-me abria-se uma fonte de recursos naturais que nos garantiria a vida. Escarvei a terra com as unhas, e tirei todas as batatas, sentindo no meu estômago a fome de todos os meus filhos. Chegando ao rancho, não perdemos tempo em cozinhá-las e comê-las. Sua massa era cor de carne, o sabor adocicado e os tecidos de uma macieza que muito agradava o paladar. Comemos até à saciedade. À noite dormimos sem incômodo algum. Nenhum de nós suspeitava que na doçura do alimento, que tomamos, se mascarava o mais hórrido veneno. Acordamos pela manhã e já a mim e a alguns de meus filhos não foi permitido mais ver a luz do dia! Quase enlouqueci! Chamei minha mulher em meu socorro, mas ela, tão desgraçada quanto eu, não me ouvia: estava muda e surda! Dos filhos, o menor estava paralítico; enfim, não havia um de nós que não tivesse perdido um dos sentidos! Agora, senhor, que a história de nossa desgraça não lhe é estranha, deixe que lhe suplique piedade para estes inocentes. Leve-nos ao primeiro povoado, que fica daqui a cinco léguas, e aí nos deixe entregues à caridade pública. Compadeça-se destas crianças nascidas e acostumadas aos gozos da abastança e que pela primeira vez sentem o frio da desgraça!

— Eu os levarei comigo, meus filhos: podem crer que os não abandonarei.

O fazendeiro conduziu o cego com a família ao rancho, seriamente preocupado com tão horrendo fato. Aquele acontecimento, entretanto, não lhe era estranho; crescera ouvindo o pai contar fatos estupendos e semelhantes episódios contristadores, durante as fomes de que fora contemporâneo. Em sua cidade natal, conhecera duas mulheres, já velhas, uma cega e a outra muda e surda, que haviam perdido aqueles sentidos na seca de 1825, depois da refeição de umas batatas também vermelhas.

Freitas, chegando com os hóspedes ao rancho, deu-lhes todo o agasalho que lhe permitiam seus recursos.

Às seis horas da tarde, o fazendeiro preparou a fogueira, e com a família e hóspedes se recolheram às redes, para dormir algumas horas.

À meia-noite em ponto, Freitas acordou e deu sinal de partida. Difícil foi despertar as crianças, que, sonolentas, se levantavam e tornavam a cair no leito. Depois de algum trabalho, conseguiram pôr a caravana a caminho, em rumo do norte. Na mais próxima cidade, a cinco léguas da Várzea do Meio, devia fazer estação.

CAPÍTULO X

A CARAVANA chegou às portas da cidade, ao clarear do dia.

A entrada estava deserta; nem um passageiro encontravam e não ouviam o trinar de uma ave. As árvores, despidas de folhas, reduzidas aos esqueletos, enfileiradas nas orlas do caminho, parecia que abriam alas a um préstito fúnebre. A brisa que ciciava não trazia um perfume: movia uma nuvem de pó impalpável, que atirava aos olhos dos viandantes.

A ala esquerda dos vegetais foi rareando, até deixar na linha um grande claro. Esta parte da avenida cortava um dos flancos da cidade, edificada em terreno muito acidentado e composto de rochas de argila.

A luz já permitia apreciar a tortuosidade das ruas, todas de casas térreas e de taipa. Os telhados enegrecidos pelo tempo serviam de tela às poucas frentes caiadas que se destacavam daquele panorama cor de barro. Os passeios das casas acompanhavam as sinuosidades das ruas, fazendo uma curva em cada esquina, que era marcada por um esteio de aroeira fincado abaixo do cordão da calçada. No centro destacava-se um edifício, cujas formas brancas tornavam mais saliente a cor azul do céu: era a matriz, que, edificada contra as leis da arquitetura moderna, tinha o cunho português, e, documento do

estilo, atestava a arte lusitana de mais de um século. Uma pesada massa de alvenaria, formando um quadrilongo enfrentado por duas torres e um frontispício triangular, tendo no vértice do ângulo superior uma cruz de ferro, eis o templo.

No centro do triângulo, que era decorado com uma sanefa azul, via-se um quadro em relevo e muito original: uma personagem bíblica, o anjo do sacrifício, cujo esboço havia sido feito pelo cura de então e dado ao escultor, que em estética com ele podia correr parelhas. Da ignorância das regras de arte resultou a originalidade do quadro; o anjo do sacrifício manifestava perfeita discrepância nas proporções do tórax e membros superiores e inferiores. As enormes asas de corvo presas em parte na túnica branca estiraçada pelo volume de um abdômen obeso, faziam contraste com os braços, cujo úmero tinha mais de duas vezes o comprimento do antebraço. As mãos terminavam-se, uma por cinco e outra por seis dedos, todos iguais, segurando um cálice, que em atitude súplice, o anjo oferecia ao céu, mas seu olhar estrábico não correspondia à postura e muito menos aos traços fisionômicos, que reunidos davam ao rosto uma expressão de ferocidade perceptível à primeira vista.

Manuel de Freitas, logo que avistou a matriz, encaminhou para lá a caravana. A cidade tinha um aspecto lúgubre! As portas estavam fechadas e nos passeios das casas dormiam ainda os infelizes, que a fome fizera emigrar. No trajeto até à igreja, encontraram dezenas de corpos estirados a fio comprido nas calçadas, avassalados pelo sono e vencidos pela fome.

Freitas, chegando ao adro da matriz, prostrou-se com os companheiros diante do cruzeiro e oraram por algum tempo. Levantaram-se, e o fazendeiro ficou surpreendido, vendo tanta miséria reunida. Havia criaturas de todas as idades. A magreza de todos era extrema! Não se via um rosto que não fosse uma caveira, um corpo que não fosse um esqueleto!

Era dia, mas ainda era a luz crepuscular que alumiava a terra. A maioria dos famintos, sentada no adro, esperava raios mais vivos do sol, para dissiparem a cegueira noturna, a hemeralopia.[14]

Voltados para o oriente afligia vê-los de olhos extremamente abertos, as pupilas muito dilatadas a esperar a luz, a luz que, em excesso e refletida por superfícies brilhantes, tanto os fizera sofrer e depois cegou-os a inanição, quando o sol esconde-se no ocaso.

Naquela onda maltrapilha e esfomeada, que se revolvia como os vermes na podridão, havia dores cruciantes, mas que não podiam

---

14 Palavras assim, de cunho eminentemente científico, tiram a este romance de estréia de R. T. a espontaneidade narrativa e fazem-no, aqui e ali, eminentemente documental.

ser percebidas; não havia mais sensibilidade moral para avaliá-las. Pareciam embotadas as faculdades d'alma. As mães aleitavam os filhos ou fingiam aleitá-los, pois os murchos peitos nem mais uma gota vertiam. As mamas reduzidas a pelangas, presas nas costelas, com os bicos atrofiados, assim mesmo eram sugadas pelas crianças com uma avidez famélica! Os vagidos dos filhos desalentados por não encontrarem uma gota de leite irritava-as em vez de comovê-las, irritava-as a mamadura anormal, porque produzia-lhes um frenesi que as desesperava e que em parte era excitado pela presença do sangue, um sangue cor de salmoura, em vez de leite e que tingia os lábios dos pequeninos.

As mães não tinham mais uma lágrima para lastimar os filhos: avaras de sangue que tiravam-lhes dos magros seios, arrancavam-lhes com ímpeto feroz da boca o murcho peito como se desarmassem um assassino que tentasse contra a sua existência.

O sol chegava, e nem por isso a luz reanimava-os! Apenas a dilatação das pupilas permitia a entrada de maior soma de raios luminosos, a impressão mais viva da luz e portanto a dissipação da cegueira, que voltaria de novo, quando o sol se escondesse no horizonte.

A luz vinha, mas não podia tonificar-lhes os músculos depauperados pela inanição, relaxados pela atonia, pela fome! Nas fisionomias macilentas percebiam-se as torturas impostas pela profunda discrasia do sangue. A miséria e os dias de jejum gastaram as reservas nutritivas acumuladas, comeram os glóbulos vermelhos do sangue, e, uma vez desaparecidos estes da circulação, o líquido nutritivo desfibrado perdera uma das qualidades mecânicas, a densidade, e a vida tornou-se penosa e aflitiva.

O aparelho digestivo redobrava de esforços, gastava as forças em digerir a mucunã e outras raízes silvestres, para depois assimilar algumas gramas de um produto pouco alimentício e às vezes venenoso.

Os famintos foram pouco a pouco se levantando do adro da igreja. Os seus movimentos eram morosos. Os músculos tinham perdido a agilidade, a força, tornando assim difícil e penosa a marcha. Não era somente o abatimento muscular que os privava de caminhar depressa, era o desfalecimento que sentiam, estando mesmo em repouso. Caminhavam, mas com que sacrifício?! Quanto lhes custava procurar as migalhas que lhes prolongariam um pouco aquela vida de misérias, de aflições?! A marcha era vagarosa, e ainda assim a respiração era ofegante, lhes dilatava as narinas. O tórax crescia e diminuía de volume mais de trinta vezes em um minuto, aumentando-lhes a fadiga, desalentando-os mais!

Naqueles organismos a desordem era completa. O coração, que a pouca densidade do sangue tornara irregular e tumultuoso, os afligia com sofrimentos atrozes. As pulsações eram incompletas, intermitentes, aceleradas, irrigando mal o cérebro, causando vertigens, zumbidos nos ouvidos, ou flagelando a todos os instantes! A cabeça atordoava um constante baticum. Por cúmulo de infelicidade, não era pequeno o número de infelizes que se aproximavam da morte. A anasarca, conseqüência imediata daquela vida de fome, chegava como a última tortura. Entre os famintos conheciam-se os enfermos daquela moléstia pelo aspecto ainda mais triste e doentio da fisionomia. Marchavam com passo lento, pois os membros inferiores infiltrados pesavam como chumbo, e ainda por excesso de carga sustentavam um abdômen obeso, obeso de água, que em tempo deixou de ser eliminada.

E como era repugnante o aspecto da pele dos famintos! As funções da epiderme profundamente alteradas modificavam as qualidades físicas do invólucro cutâneo, tornando-se improfícuo contra aquele estado fisiológico o maior asseio. A pele se tornara áspera e suja, desagregavam-se escamas de tamanho irregular, ao mesmo tempo que uma secreção fétida destilava os poros!

À proporção que no adro da igreja moviam-se os retirantes, mais tresandava o mau cheiro que exalavam os corpos sujos e vestidos de nojentos trapos.

Freitas, pasmado diante do quadro que tinha à vista, deixou a matriz e foi com os companheiros procurar a comissão de socorros públicos.

CAPÍTULO XI

Manuel de Freitas não precisou que lhe dissessem onde era a comissão de socorros públicos. Seguiu com a caravana, acompanhando o lento caminhar do préstito da miséria. Mais de trinta minutos levaram para vencer uma distância de cem metros.

As portas das casas começavam a se abrir e os habitantes ainda sonolentos olhavam com indiferença o cortejo de mendigos que pelas ruas desfilava. Um pouco mais nutridos do que os retirantes, contudo os seus rostos, de uma cor mortiça, atestavam de um modo veemente a pobreza da mesa. Muito raros eram os que tinham fisionomia sadia.

A turba dos famintos parou em frente à casa do vigário, que, embora fosse uma das habitações melhores da cidade, contudo, não se podia dizer confortável. Os retirantes fizeram alto e sentaram-se na

rua esperando que se distribuísse a ração. A sua impaciência era percebida em todas as linhas do rosto. A fome roía-lhes o estômago, que não se podia habituar com tão grande jejum. Uma febre nervosa exasperava-os sem contudo denunciar-se pela temperatura da pele, que, profundamente alterada, se conservava fria. O calor do sol não os aquecia, nem uma gota de suor eliminavam os poros; os líquidos se acumulavam como elemento necessário a um estado mórbido que se acentuava.

Eram já nove horas da manhã e a ração não chegava. Os famintos resignavam-se com a demora, porque não tinham forças para reagir. Gemiam, suspiravam, porém, não blasfemavam. As lágrimas haviam secado ou, desviadas de seu curso, seguiam caminho diverso. De quando em quando os mais esfomeados erguiam-se e olhavam de esguelha para a sala do padre. O cura lia o seu breviário. Sentavam-se outra vez e procuravam iludir a fome, roendo as unhas ou comendo as escamas, que se desagregavam da pele.

Manuel de Freitas, que havia mais de três horas esperava que o vigário distribuísse os socorros públicos, foi-se impacientando e guiou a caravana à porta do cura.

A obesa figura do padre fazia um contraste perfeito com a magreza dos retirantes. Repoltreado em uma cadeira de braços de espaldar de sola, lia com muita calma. Nas pausas da leitura lançava um olhar de piedade para um crucifixo, que a poucos passos pendia da parede, e, carregando depois os sobrolhos, olhava de soslaio os retirantes que o espreitavam.

Freitas havia chegado à porta precisamente quando o cura concluía um período. Cristo teve, como das outras vezes, um olhar súplice e terno, e o fazendeiro recebeu uma olhadela de tédio e repreensão. Freitas não descoroçoou e continuou de pé, impedindo um pouco a luz, que penetrava na sala somente pela porta em que se havia postado. Esperava impaciente que o padre o fitasse outra vez para dirigir-lhe a palavra: mas embalde, as páginas do breviário não tinham mais pontuação. Sabia que continuava a ler, porque de quando em quando a mão gorda e cabeluda até as falanges, volvia as folhas do livro e com tanta preguiça que deixava distinguir os caracteres vermelhos dos pretos. Eram já dez horas e não havia esperança de termo à leitura e nem de um período com ponto.

Freitas não se conteve e adiantou-se para o sacerdote. Mal a sombra do fazendeiro lançou na penumbra o corpo obeso do cura, este, marcando o breviário com o índex, olhou-o com severidade e desdem, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Entrou, perdeu a ração.

E, depois de olhar com piedade o crucifixo, continuou a ler.

— Sou passageiro, senhor; trago em minha caravana uma família de cegos, que encontrei a morrer de fome nos caminhos e desejava deixá-la debaixo da proteção de V. Rev.ma, disse Freitas.

O vigário fez que não ouvia e continuou a ler.

O fazendeiro, exasperado com a indiferença do padre, teve ímpetos de arrancar-lhe o livro da mão e obrigá-lo a atendê-lo. Conteve-se, e, resignado, esperou o desfecho daquela entrevista.

Meia hora ainda levou o padre a ler; depois levantou-se, pôs-se as mãos sobre o peito, fitou com humildade o crucifixo e persignou-se com recolhimento.

Freitas olhou-o com atenção, e antes de falar-lhe diz-lhe o sacerdote:

— *Serva te ipsum!*

— *Charitas super omnia.*

A resposta adequada de Freitas e no mesmo idioma fez voltar o vigário, que se havia encaminhado para o interior da casa.

— *Serva tei psum,* repito, meu filho, conduze sem demora tua caravana a porto seguro, antes que ela seja sepultada nas estradas desertas.

E entrou para o interior da casa.

Freitas ouviu as palavras do vigário ditas em tom profético e incorporou-se aos companheiros. Minutos depois, voltava o cura trazendo às costas uma saca de farinha, que encostou à porta da entrada.

Um frenesi indescritível contaminou em um instante os famintos. Nenhum saiu de seu lugar, mas movimentos desordenados agitavam-lhes os membros. Moviam os lábios, lambiam os beiços, coçavam-se, roíam as unhas, mastigavam a saliva, arregalavam os olhos, moviam o nariz como os coelhos, enfim uma excitação nervosa determinada pela presença do alimento, desorientava-os.

Freitas ficava ali, desejoso de ver o fim daquela cena. O vigário, depois de ter colocado a saca de farinha em posição de ser aberta, levou para junto dela a sua cadeira de espaldar, sentou-se e tirou do bolso da batina uma xícara pequena e uma folha de papel escrita a lápis.

O frenesi dos famintos quase chegou ao delírio. Os membros torácicos e os músculos do rosto, em movimentos desordenados, pareciam executar a dança de São Guido.[15]

O vigário olhou-os com severidade e disse-lhes:

---

15 Denominação dada, nos sertões, antigamente, ao chamado *delirium-tremens*.

— Aquietem-se! e abriu a folha de papel, dobrada em forma de requerimento, e já bastante manchada de gordura e pó.

Nela estava escrita a relação dos chefes daquelas mal-aventuradas famílias.

O cura começou a chamada e a distribuição com preguiça e calma. Uma xícara de farinha dava a cada faminto adulto e meia às crianças.

A ração era ali mesmo devorada com uma esfomeação que comovia! Muitos ingeriam com tal avidez que não davam tempo à saliva umedecer o bolo e engasgavam-se. Parte do bolo era rejeitado e saía pelo nariz e boca, misturando-se à areia. Avaros das migalhas caídas, apanhavam-nas e ingeriam-nas de novo, cobertas de terra.

Distribuídas as rações, o vigário disse aos retirantes:

— Vão agora para a mata procurar a vida; ainda há muita mucunã na beira do rio. Os socorros que manda o rei, eu já tenho dito, meus filhos, são para os pobres daqui e não para os que vêm de fora.

Esta prática fazia o vigário, todos os dias, quando concluía a distribuição dos socorros.

Freitas não se animou a pedir um grão de farinha e nem o padre se lembrou de dá-la. Pediu também para ser incluído na relação o nome do chefe da família de cegos, o que obteve.

O fazendeiro deixou a essa mesma hora a cidade, ouvindo ainda do vigário como despedida:

— *Serva te ipsum.*

CAPÍTULO XII

HAVIA SEIS DIAS que a caravana havia deixado a cidade. Durante esse tempo nenhum incidente interrompeu a viagem, que continuava a ser de pouco mais de vinte quilômetros por dia. Todos estavam magros e tostados do sol. Freitas havia encanecido mais; os cabelos brancos tinham duplicado em duas semanas.

Josefa estava resignada; a esperança do próximo termo da viagem e as orações a todos os instantes tinham-na armado um pouco contra a adversidade. Beata por índole, e em face de dificuldades imprevistas, o seu espírito voltava-se para o céu, pedindo socorro.

Carolina era, dos peregrinos, o que mais sofria. A natureza a criara muito fraca para aquelas vicissitudes. A refração da luz nos areais molestava-lhe os olhos, a ponto de se fecharem lacrimosos. O pó das estradas, que o vento levantava em nuvens, irritava-lhe a

garganta, titilando-a, produzindo uma tosse seca impertinente. As noites eram para ela de pesadelos e vigílias. O leito e o dormitório eram muito rudes para a delicadeza de suas formas, de sua sensibilidade moral. Desde que saíra de casa nunca mais tivera um sono tranqüilo.

As crianças tinham também um ar doentio. Nos rostos acentuava-se a cor mortiça dos estados mórbidos. Tinham os tornozelos infiltrados e a pele já se ia tornando áspera.

Dos viandantes só Freitas e a mulher gozavam mais ou menos saúde.

Todos, cansados da penosa jornada, almejavam o porto do destino. Já não estava longe. Seis dias e algumas horas depois que deixaram a cidade, chegavam à povoação de Arronches[16] onde a natureza era mais sadia; cajueiros seculares opulentamente enfolhados, abrigavam os retirantes, que viviam dos socorros públicos.

Circulando a antiga vila, alguns abarracamentos regurgitavam de famintos cuja vida era de misérias, humilhações e doenças.

A povoação era pequena: duas ruas calçadas de seixos, formando um T, uma igreja ainda construída pelos padres da Companhia de Jesus, e uma velha casa de câmara onde se reuniam os edis da antiga vila; em frente a ela, um pelourinho; eis como era Arronches. A oeste da povoação, o terreno deprimia-se, formando a bacia da lagoa da Porangaba, que, completamente seca, recebia no leito o calor de um sol abrasador, que abria aquela enorme rocha de argila cinzenta em extensos sulcos mais ou menos profundos.

Manuel de Freitas parou com a caravana à porta de uma taverna, a pedir o rumo de Fortaleza. A taverna era da tia Inácia, octogenária e a mais antiga criatura da povoação. Os vizinhos tinham-na em boa conta e os mais cultos acatavam-na como um precioso documento histórico. Conservava perfeitas as faculdades e uma reminiscência feliz quanto podia ser. A sua taverna era a que tinha maior número de fregueses, não só por contar os seus cinqüenta anos de existência, como pelo dom da proprietária de atraí-los com suas lendas e histórias. Conhecia todos os episódios do Ceará nos últimos setenta anos, e de muitos falava como testemunha ocular. Havia assistido a todas as secas deste século, e da de 1792 referia muitos fatos que lhe contaram os pais. Dizia-se descendente dos Algodões, tribo que habitou Parangaba, e por isso tinha natural antipatia aos portugueses. Quando se referia aos governadores da capitania, especialmente a Robim,[17] seus olhos faiscavam de cólera.

---

16 Denominação antiga de Porangaba, atualmente Parangaba, hoje fazendo parte da grande Fortaleza.

17 Também chamado Rubim. Leia-se, sobre essa curiosa personagem da história do Ceará Colônia, nota na *Apresentação* a esta edição.

Freitas chegou à porta da taverna, que estava repleta de fregueses, uns a comprar e outros a palestrar. O Cachimbo, um tipo da rua, artista funileiro, bêbedo por índole e figura obrigada de Arronches, escarrapachado em um canto sobre um feixe de lenha, de quando em quando, com uma risada epilética, mais desconcertada do que o zurro de um asno, interrompia a palestra. Um dos palradores aproximava-se e ameaçava-o com o punho cerrado. Continuava a animar-se a conversação, a aguardente corria a roda, quando interrompia a tagarelice, não a risada do Cachimbo, mas um bendito cantado a queima-roupa pela S. Damiana, idiota que se cria santa e não se alimentava de comida que tivesse padecido morte, mas bebia aguardente como um cossaco. Davam-lhe *caxaça,* e enquanto o álcool lhe aquecia a garganta, os tagarelas falavam sem interrupção.

A palestra atingia o máximo da animação. A tia Inácia, toda ouvidos, encostada ao balcão, arquivava mais aquele caso para contar nas horas vagas aos fregueses. Todos reunidos em um grupo cercavam e escutavam a criada do subdelegado, que, a meia voz, contava um fato, que ouvira por bocas pequenas em casa do amo. O Cachimbo não riu mais e nem a S. Damiana cantou; aproximaram-se também e, curiosos, escutavam a história.

Freitas entrou na taverna e com pasmo ouviu que se tratava de um crime cometido nas imediações da povoação. Comentavam o assassinato de um retirante, que, entrando em uma roça, furtou *um pau de macaxeira,* e foi preso pelo lavrador, amarrado e surrado até morrer, e o cadáver enterrado no canavial. A cozinheira do vigário, depois de ouvir a criada do subdelegado, tomou a palavra e disse que também por sua casa já ouvira rosnar aquela história, mas com uma diferença: o corpo do morto foi sepultado na casa do engenho; o que foi visto pela Quitéria do sacristão, no responso que fez a Santo Antônio.[18]

[18] É crença ainda em voga, entre as camadas populares sertanejas, a força milagrosa dessa tradicional oração feita a Santo Antônio.

A CASA NEGREIRA

CAPÍTULO I

Os PREJUÍZOS que sofria a fortuna particular com a seca eram enormes. O Ceará tinha empregado suas economias em gados, economias de mais de trinta anos, e que subiam a algumas dezenas de mil contos. Além dessa riqueza, representada pela indústria pastoril, havia no milhão de habitantes da província uma população escrava de cerca de trinta mil almas.

Esgotados todos os recursos com o aniquilamento de quatro quintos dos rebanhos, tornava-se cada vez mais precária a sorte do criador, que, para escapar da miséria, tinha apenas terras sem valor e o escravo, considerado quase como pessoa da família.

A propriedade escrava ficou sendo a única fonte de receita.

A maioria dos negociantes da Fortaleza entregavam-se ao comércio de cativos, que faziam embarcar para o sul do império, como faziam outrora com o algodão, café e açúcar para o estrangeiro.

Raro era o dia em que não entravam levas de escravos, trazidos dos sertões por seus senhores ou pelos mascates italianos. À entrada da cidade, nas diversas estradas, os corretores açambarcavam a *mercadoria* com a gana da gorjeta, cujo valor dependia do número das *peças* levadas ao escritório do traficante.

Inácio da Paixão não escaparia ao faro dos corretores. Entrou, já dia claro, pela estrada empedrada de Arronches, com um matuto, que também vinha à capital, como procurador de seu amo, a vender um magote de escravos.

Viriato de Maia, corretor do traficante Comendador Prisco da Trindade, tinha amanhecido em Benfica, arrabalde da Fortaleza, e sentado à sombra de uma das mongubeiras que enfeitam as orlas da estrada, esperava a entrada de alguma partida de cativos.

— Olá, amigo, os negrinhos são para negócio? perguntou Viriato saindo ao encontro de Inácio da Paixão e do companheiro.

— Sim, senhor, conforme o preço.

— Pelo maior da praça: meu patrão é quem paga hoje melhor este gênero, disse Viriato, já de braço ao pescoço de Inácio e caminhando em direção à Fortaleza, como dois antigos conhecidos.

— Os negros vieram foi para vender, disse o matuto.

— E pelo melhor preço do mercado. O meu patrão, que é o comendador Prisco da Trindade, o homem mais rico e mais honrado desta terra, está agora quase intrigado com todos os colegas de negócio, e por quê? por estar pagando melhor do que todos a *mercadoria*. Coisas da vida: teve um pedido de um fazendeiro, seu parente, de São Paulo, de cem escravos de flor, e, querendo aviar com presteza a encomenda, apresentou-se no mercado pagando melhor do que os outros: eis a intriga, o barulho todo.

— Queremos é encontrar um homem sério e que nos despache logo.

— Nada mais justo do que esta exigência. Quanto à seriedade, juro que ninguém tem mais do que o comendador.

Viriato de Maia seguiu conversando com os matutos até a casa de Prisco da Trindade. As informações foram tais e prestadas com tanta habilidade que os sertanejos acreditavam poder sem receio efetuar as suas transações com o traficante, em quem supunham o cúmulo da probidade. Com as melhores disposições, chegaram à porta do palacete: um casarão de rica fachada. A porta estava aberta e as vidraças fechadas refletiam a luz do sol nascente em clarões de incêndio.

Inácio da Paixão e o companheiro, Miguel das Andorinhas, sentaram-se com os escravos no cordão da calçada, enquanto o corretor ia ter com o traficante.

Uma das portas laterais do salão de visita, aberta para o corredor, deixava entrar a claridade necessária às escravas, que espanavam os móveis. Era um salão de luxo, porém ornado à moda parisiense e que seria um conforto, uma delícia num clima frio, mas, no equador, era uma estufa, uma tortura. Uma mobília de mogno à Luís XIV, estofada, com as cadeiras em duas filas, aos lados do sofá, numa simetria monótona e rotineira, enchia o espaço da parede do oitão ao meio da sala. As cadeiras pisavam com os pés de carritéis de metal amarelo um espesso tapete francês, verdoengo com alegóricas figuras chinesas.

Sobre o mármore dos dunquerques[19] espelhos de cristal encaixilhados em quadrilongas molduras douradas, com festões áureos de

[19] Uma das muitas denominações sofisticadas dos *consolos* (do francês *console*).

narcisos e tulipas. Dois a dois, sobre a pedra do móvel, empinavam-se os jarros de porcelana, mostrando no bojo ramalhetes de rosas em relevo, aparentando a cor e frescura naturais. Entre as flores petrificadas apareciam as figuras esbeltas e sadias de camponesas meio nuas, deixando perceber as formas meio descobertas. Do centro do teto, um forro de pesado estuque, em desacordo na altura com os preceitos arquitetônicos, descia o suporte de um candeeiro de gás com doze luzes. As três janelas, que se abriam para a rua, eram decoradas de cortinados de seda branca, franjados de ouro. Os panos de parede eram forrados de papel azul-celeste com flores douradas. Nos claros das janelas e nos espaços vazios dos lados do grande espelho oval sobre o sofá pendiam retratos de família em telas ricamente molduradas. Entre as personagens que o pincel do artista copiou, duas prendiam a atenção: uma pela esquisitice do trajo, outra pela irregularidade das feições. Eram um homem e uma mulher. De *vis-à-vis*,[20] olhavam um para o outro, mas com um olhar morto, um olhar de animal quando rumina. As duas escravas encarregadas da espanação, depois de concluída a tarefa, pararam defronte de um dos retratos e apupavam-no com uma vaia muda de gestos e de sorrisos.

O retrato era de um homem de meia-idade cuja fealdade de feições e a moda antiga do trajo provocavam o motejo das raparigas. A espessa cabeleira empoada reunia-se em uma comprida trança, que se terminava apertada por um laço de fita preta e caía nas costas. Vestia o tronco uma casaca de pano azul de mangas estreitas e apertadas, terminando em um canhão justo ao punho e abotoadas por dois botões. A gola da casaca dobra-se na base de um colarinho de linho branco bem teso e tão alto que tocava as orelhas. Os membros inferiores, vestidos também à corte de D. João VI, trajavam calções largos de pano fino até o joelho, onde se terminavam por umas ligas negras com fivelas de ouro e que prendiam as meias de seda cor-de-rosa. Os pés eram calçados por sapatos de couro envernizado, entrada baixa, rosto curto e ornados de grandes fivelas de ouro.

Do peito do retrato pendia uma comenda da ordem de Nossa Senhora de Vila Viçosa de Portugal.

As raparigas faziam uma zombaria inocente daquele documento antigo, zombavam de um trajo, que ainda no começo deste século, no Ceará, no governo de Manuel Inácio Sampaio, era usado por este

[20] A expressão era de muita voga, no Ceará, entre fins do passado século e princípios deste, prova da influência francesa no seio das classes intelectuais e abastadas.

governador e por todos que desejavam agradá-lo, arremedando os nobres da metrópole.

Surpreendidas pelo corretor, as escravas julgavam-se rés de um grande delito e iam-se retirar para o interior da casa, quando Viriato perguntou-lhes:

— O senhor já se levantou?

—Está no gabinete, responderam a uma voz, meio desorientadas.

O corretor deu as costas à entrada do salão, e, aproximando-se de uma porta fechada *vis-à-vis* àquela, deu três pancadas compassadas com o cabo do chapéu-de-sol.

Imediatamente ouviu-se o soar de uma campainha e, minutos depois, a porta era aberta por um escravo ainda rapaz.

Viriato entrou no gabinete do comendador e saudou-o com uma respeitosa vênia. O criado retirou-se.

Prisco da Trindade, em uma espreguiçadeira, lia os jornais do dia, ainda de chambre[21] de linho branco.

A visita do corretor àquela hora indicava alguma transação, e, interrompendo a leitura, interrogou-o:

— Que temos de novo?

— Uma partida de escravos, que acaba de entrar do sertão.

— Onde está ela?

— Em frente do palacete de V. Exª.

— Que tais as *peças?*[22]

— De primeira qualidade. Custou-me obter dos matutos a preferência; vinham com destino a outra casa.

— Peça permissão aos vendedores para recolher os escravos à senzala e depois leve os matutos ao hotel onde almoçará com eles, disse Prisco, dando ao corretor uma nota de vinte mil-réis.

— E a que horas poderemos procurar V. Exª?

— Depois de onze horas.

Viriato retirou-se. O criado, avisado pela campainha, veio fechar a porta e o comendador continuou a ler.

---

21 Muito comum, no sertão nordestino, e mesmo nas capitais, o emprego desta palavra francesa, no significado de longa camisa de dormir, geralmente, para homens de posses e de tradição.

22 Era comum, no linguajar da época em que se desenvolve a ação do romance, denominarem-se *peças* os escravos, prova do pouco apreço que se dava a eles como criaturas humanas.

CAPÍTULO II

PRISCO DA TRINDADE tinha no gabinete o escritório de compra de escravos. Era uma sala um pouco menor do que a de visitas, esteirada, com algumas cadeiras de descanso, um sofá, uma secretária de ébano e uma grande burra[23] de ferro à prova de fogo. Este compartimento comunicava pela parte posterior por duas portas com um grande quarto, cuja mobília constava de um sofá sem verniz, duas cadeiras ordinárias, um lavatório de ferro com os pertences, dois cabides, tendo cada um uma toalha felpuda de algodão: este era o quarto em que o médico examinava os cativos.

O comendador tinha uns quarenta anos e possuía algumas dezenas de contos de réis, ganhos no comércio de escravos. Pela regularidade das feições não se diria que a ambição era uma de suas qualidades dominantes.

O rosto tinha uma expressão agradável, embora deixasse perceber a sensualidade do temperamento, na abertura das narinas.

A questão capital de Prisco era ser milionário, e, no pé em que estavam os seus negócios, com algum esforço e improbidade sê-lo-ia em breve. A quadra para a realização de seus desejos era a melhor possível; no sul do império a propriedade escrava subia de valor, era o sustentáculo da indústria agrícola, que, se alargando todos os dias, tinha necessidade de braços, que o Ceará fornecia por elevados preços.

Prisco tinha uma ganância desmedida e contra a qual o coração e a consciência nada podiam. Um cofre cheio de ouro e mulheres para gozar, eis o seu ideal.

Às dez horas da manhã, o comendador deixou o gabinete e foi para o quarto de vestir, preparar-se para o almoço. Na sala de jantar esperavam-no uma mulher e um menino. A mulher era D. Faustina, esposa de Prisco, e a criança seu filho.

D. Faustina era um tipo comum. Não era feia, nem bonita. Era magra, nervosa, malfeita de corpo, e o rosto mais comprido fazia um pequeno cavanhaque preto. Gostava de vestir-se bem, tinha a mania das modas, mas o tronco e sobretudo a barriga e o colo cheio de altos e baixos não se acomodavam às exigências da costureira. Casara-se muito nova, mais por um arranjo do que por afeição. Tinha necessidade de um marido, e Prisco estava em condições de satisfazê-la.

---

23 Armário grande, especialmente destinado à guarda de valores.

Faustina não levava muito em conta as poucas-vergonhas[24] do marido, dava-lhe outros gozos que não eram os da carne, com que se conformava seu temperamento. Governava a casa por um sistema adotado por sua indolência. Repoltreava-se em um divã estofado de marroquim e daí dirigia o serviço doméstico. Punia as faltas dos escravos com castigos corporais, às vezes bárbaros e em completo desacordo com as práticas religiosas que diariamente exercia. Além da mania das modas, revelava grande paixão pela intriga, e não era muito prejudicial por esse lado por causa da preguiça.

O intrigante deve ter facilidade de locomoção; encarnado em um macaco chegaria à perfectibilidade. Bisbilhotava, espionava com a língua e olhos das escravas, que lhe diziam o que se comia e tudo mais que se passava em casa do vizinho. No círculo de suas relações, bastante largo pela posição e fortuna do marido, era considerada como parte de um todo, que por convenção chama-se *elite da sociedade*. Uma ironia caricata da qual a mulher do traficante não compreendia a mordacidade. Tratavam-na com a distinção de que eram credores os contos de réis de Prisco. Nas rodas mais íntimas, quando a acusavam de leviana, de intrigante, atenuavam-lhe os defeitos, qualificando-os de desfastio.

Faustina gastava inutilmente o tempo. O filho, que se chamava Jacó, contava dez anos e era criado *à lei da natureza*. Amava-o, porém, com um amor de mulher estúpida e fria. Proporcionava-lhe todos os gozos, satisfazia-lhe todas as exigências de menino, e, nem um dia, se lembrara de pô-lo na escola, nem falara na carta de a-bê-cê.

Jacó era filho único, e, desde que nasceu, os pais o apelidaram de *Sinhozinho*. Todas as suas vontades eram satisfeitas, com graves prejuízos de sua educação física e moral. Nessa manhã, quando Prisco entrava na sala de jantar, encontrou-o deitado no regaço de Faustina, teimando, porque queria para almoço uma compoteira de doce de goiaba.

O comendador não perdia o tempo com a educação do filho; a mulher que o guiasse como quisesse e entendesse. Sentou-se à mesa, e Faustina veio colocar-se ao lado dele. Ambos tinham um pelo outro uma indiferença de estátua.

Tinham começado a almoçar, quando o carteiro gritou à porta de entrada:

— Correio!

---

[24] *Poucas* e *vergonhas* foram, aqui, unidas por um hífen, porque consideradas como formadoras de uma expressão substantiva, muito em voga no Nordeste, como sinônimo de mau comportamento social.

Um criado foi receber a correspondência, e colocou-a ao lado de Prisco.

O comendador descansou o talher e tirando uma carta de entre as muitas que tinham vindo do sul, no paquete fundeado havia poucas horas, abriu-a e leu com interesse.

Faustina continuou a comer com invejável apetite. Não podendo arrumar mais coisa alguma no estômago, cruzou o talher e disse para o marido:

— O jornal de modas?

— Ei-lo.

— E Prisco entregou um folheto que Faustina abriu e folheava com uma pressa e interesse contrários à sua índole e temperamento.

O rosto do comendador deixava perceber todos os transportes de alegria. As palavras da carta davam-lhe um contentamento, que se expandia em todas as linhas da fisionomia.

— Não veio o jornal francês? Perguntou Faustina.

— A mala da Europa não alcançou este paquete.

— A moda aqui sempre está atrasada por causa dessa irregularidade de serviço.

— Prestas mais atenção ao fofo de um vestido do que ao resultado de meus negócios. O correspondente escreve-me, e nunca me perguntas se foram boas as contas de venda!

— Não entendo disso, sabes.

— Sei, mas quero hoje que partilhes do meu contentamento. A última partida de escravos que embarquei, deu um resultado esplêndido. Houve *peças* vendidas a dois contos e trezentos mil-réis! Em cem escravos tivemos um lucro líquido de sessenta contos!

— Procura o jornal francês, que talvez tivesse vindo.

— Sempre a te preocupares com as modas mais do que com tudo no mundo! A posse de mais sessenta contos vale menos a ti do que a vinda de um novo molde de vestido, de um *panier* mais moderno.

— Cada qual naquilo para que Deus o fez.

Soou a campainha de entrada. Era Viriato que chegava com os matutos.

Prisco levantou-se da mesa, levando consigo a correspondência, e foi mesmo abrir a porta aos sertanejos.

O corretor convidou-os a entrar. Os matutos, um pouco desconfiados, apertaram com força a mão do traficante, dando-lhe o tratamento de capitão.

Prisco, com arte e uma amabilidade fingida e bem estudada, suportou o aperto e sacalão das calosas e grosseiras mãos dos matutos, desfazendo-se em atenções a suas pessoas, às quais mostrava toda a estima e prestava a maior consideração. Os sertanejo com os rostos afogueados pelos vapores alcoólicos, meio aturdidos, sentaram-se e

esperaram a negociação. Prisco mandou Viriato chamar o médico e, enquanto este chegava, para adiantar serviço, pediu os papéis dos escravos aos procuradores e examinava-os com muita atenção.

O médico acudiu imediatamente ao chamado. Cada exame rendia-lhe cinco mil-réis, por cabeça, e, pelo que lhe dissera o corretor, a leva não era pequena. O doutor era com efeito médico de carta, estava autorizado por uma das academias do Império a exercer a arte de curar no Brasil, mas por isso não se segue que fosse médico. À entrada do gabinete, foi recebido pelo comendador que, todo civilidade, tomou-lhe o chapéu e bengala, apertou-lhe depois a mão com efusão e fê-lo sentar.

— Que notícias trouxe o paquete, comendador?

— Nada, politicamente falando. Comercialmente, uma conta de venda que me desgostou. Na última partida que embarquei, foi julgada uma peça, inutilizada.

— Como assim?

— De uma lesão cardíaca.

— De que natureza?

— Uma insuficiência mitral.

— Isto me surpreende! Admitida a sinceridade do correspondente e a veracidade do diagnóstico, só posso atribuir o desenvolvimento de tal moléstia ao enjôo do mar.

— Talvez, pois V. Sª não se costuma enganar, e o negro de que se trata parecia vender saúde.

— Foi o enjôo, não há dúvida.

— E o meu prejuízo?

— Havemos de ressarci-lo.

— É de justiça.

— Quando poderemos começar o exame?

— Quando quiser.

E Prisco, fazendo a campainha soar três vezes, chamou o corretor.

Viriato, muito prático naquele serviço, já esperava na calçada, acompanhado dos escravos, a ordem de entrar. As escravas tinha deixado na senzala; seriam examinadas em último lugar.

O corretor entrou no gabinete, seguido de doze cativos. Todos mais ou menos abatidos e cansados da viagem, tinham uma fisionomia triste e desgostosa. Entraram um após outro para o quarto das observações. O corretor ordenou-lhes que se pusessem em linha e se despissem. Obedeceram. Alguns automaticamente se punham nus, mas outros tiravam a roupa com vergonha. O espetáculo era indigno da civilização do século. Aqueles homens sadios, fortes, se submetiam de corpo e alma à vontade de outros homens que se intitulavam seus senhores e a quem obedeciam com uma pas-

sividade de corpo inanimado, porque as leis garantiam-lhes o direito de propriedade.

O médico entrou no quarto, acompanhado do traficante. Aquelas figuras, umas côr de bronze, outras negras, perfiladas em nudez obscena, impressionavam mal a quem as fitasse.

O doutor começou o exame. Percutiu o largo tórax do primeiro escravo e depois o auscultou com o ouvido armado de estetoscópio, como se este instrumento substituísse, com as qualidades acústicas, a falta de conhecimentos. A escuta trazia-lhe ao ouvido os murmúrios respiratórios, os ruídos do coração, mas ele não podia avaliar, pelo que ouvia, do estado fisiológico daqueles órgãos. Escutado o tórax pelos lados anterior e posterior, o doutor leva o examinado ao sofá, deita-o a fio comprido, lhe encolhe as pernas a fim de se relaxarem os músculos da barriga e passa a examinar as vísceras, mas com tal força que teria feito romper, se houvesse, algum aneurisma da aorta abdominal. O fígado, o baço, os intestinos foram amassados em vez de apalpados, e como o escravo não gemesse acusando dor alguma, tinha sãs aquelas entranhas. Os órgãos de reprodução foram bem vistoriados. As virilhas foram examinadas, e o escravo, para ser julgado bom, obrigado a soprar com toda força uma garrafa vazia, a fim de espirrar alguma hérnia.

Findo o exame médico, começou o do traficante. O organismo estava são, afirmava o doutor, mas Prisco queria saber a qualidade, a força da musculatura, para calcular o valor da *peça*. Apalpava os músculos do escravo, abria-lhe depois a boca, escancarando-a com as mãos, que aplicava uma sobre a barba e a outra achatando o nariz, a fim de ver e avaliar o estado de todos os dentes. Examinada com o máximo escrúpulo a *peça*, o comendador tomava-lhe o nome e punha em seguida o valor que lhe dava.

O médico continuou o exame, sempre do mesmo modo; quando chegou ao penúltimo escravo, depois de prolongar a escuta na região do coração, disse a Prisco:

— Uma lesão do orifício aórtico!. . .

— Uma lesão?!!

— Sim, e muito adiantada. Este escravo está perdido, pouco poderá viver.

O pobre homem ouviu aterrado a sua sentença de morte. A emoção foi tamanha que quase o derribou.

O traficante, acreditando que o escravo pudesse ficar doente, em conseqüência da franqueza do médico, e vendo-o empalidecer, se aproximou para animá-lo:

— Que é isso, filho? os médicos também se enganam, e voltando-se para Viriato, pediu um cálice de vinho para o doente.

O escravo bebeu o vinho e reanimou-se um pouco.

Prisco aproveitou a ocasião para examiná-lo e calcular o valor que daria o fazendeiro paulista àquela *peça;* depois, tomou-lhe o nome, ao qual acrescentou a palavra — inutilizado.

Findos os exames, Viriato acompanhou os escravos à senzala. Minutos depois, voltava ao gabinete de Prisco, com as escravas. Eram quatro e todas entraram chorando.

Filipa trazia a filha Bernardina pela mão, e era acompanhada por duas raparigas novas, mulatas e irmãs.

Viriato levou-as ao quarto dos exames e, olhando com desdém para as suas lágrimas, disse-lhes:

— Panos abaixo para a vistoria.

Nenhuma se moveu. Vestidas de saia e camisa, e com o tronco envolvido em um lençol grosso de algodão, ficaram dispostas a conservar ocultas as formas ameaçadas de uma indecente exposição.

O médico entrou com o traficante.

As escravas choravam de pé, imóveis.

— Por que tanto choram, demônios? Deixam uma terra onde só comiam mucunã, e ainda se lastimam! Vamos, botem abaixo estes molambos.

E o corretor, aproximando-se da primeira, que era Filipa, arrancou-lhe brutalmente o lençol dos ombros.

As duas raparigas, horrorizadas com aquela cena e temendo serem também vítimas, ligaram-se em um apertado abraço, colo a colo, e assim unidas julgaram-se salvas da vistoria. Deserdadas da fortuna, tiveram a desgraça de nascer de um homem livre e de uma mulher escrava, e em um país onde o cativeiro é uma instituição garantida pela lei! Donzelas, ainda conservam a pureza de costumes da vida campesina, o amor ao trabalho, o respeito ao dever, o culto à honestidade, incutidos no espírito pelos seus avós e senhores, pelos mesmos que à hora angustiada das provações da miséria, sufocando na alma os sentimentos íntimos, abafando no peito o grito da consciência, mandaram-nas vender. Foram sacrificadas à hora do perigo, como bastardas que eram, para salvar os legítimos rebentos dos velhos troncos. Nada tinham a opor. Seu pai era livre, e casado que fosse com sua mãe, que era escrava, a lei não lhes garantia a liberdade. Desprotegidas e atiradas em um instante à mercê somente do infortúnio, na mais cruciante tribulação, abraçavam-se e, num amplexo solene, que só as dores fundas são capazes de estreitar, maldiziam os seus progenitores.

O médico, tendo concluído os exames de Filipa e de Bernardina, estacou em frente das raparigas.

Viriato maltratou-as com palavras, e pretendia desligá-las a empuxões, quando Prisco ordenou que se contivesse. O traficante ia pôr em prática o que usava em casos idênticos: dominar a dor com

palavras consoladoras, fazer reviver a esperança naqueles corações angustiados pelo desespero. Falou-lhes, fingindo tanta sinceridade e convicção, que as raparigas, ouvindo-o, sentiram que a dor serenava. A situação não era desesperadora, disse-lhes, as tomaria para criadas de sua mulher e, depois que lhe prestassem cinco anos de serviço, as libertaria. A promessa do traficante foi percebida, como a luz de um farol por um náufrago em noite escura e tormentosa. O abraço que as unia foi perdendo a estreiteza e, desejando conhecer o homem generoso que lhes estendia a mão no momento mais crítico da vida, desabraçaram-se, e, com os olhos pisados, rasos de lágrimas, num olhar, cuja serenidade refletia o reconhecimento, fitaram o traficante.

Prisco nada viu daquela prova de gratidão. Pasmo pela beleza da mais nova das raparigas, sentiu-se devorar de desejos sensuais.

As escravas tinham uma vinte e a outra dezesseis anos. A mais moça era bonita. A cor de jambo dava-lhe às formas a suavidade da carne de mulher nova. Os olhos negros, velados por pálpebras franjadas de longos cílios pretos, eram uma tentação e sempre em lânguido movimento, em requebros de volúpia inata, volviam-se em uma indolência toda sensual.

Prisco sentia que se crispavam todos os nervos em um arrepio concupiscente. O olhar da mestiça tinha cintilações cujo esplendor deslumbrava o espírito do traficante. Comprá-la-ia, e cevaria o gênio libidinoso até à saciedade naquela carnação sadia, e, depois de esgotados todos os prazeres da carne, vendê-la-ia para o sul, como a mais ínfima das cativas.

As escravas tinham de ser examinadas ainda com mais cuidado. Era preciso saber se eram virgens ou não. As prostitutas valiam muito menos porque podiam estar prenhes e o ventre, sendo livre, o futuro filho seria um empecilho ao trabalho e o parto podia pôr a vida em perigo.

O médico levou a escrava mais velha ao sofá e obrigou-a a deitar. A mulata relutou, mas cedeu. O doutor afrouxou-lhe o cordão da saia e, metendo a mão por baixo da camisa, palpou o abdômen, o fígado, o baço.

Estas vísceras estavam sãs. Desceu aos órgãos da reprodução. Quando os tocou, a mulata estremeceu como se a tivessem alfinetado e encolheu-se. O médico fez o toque: era virgem.

O doutor sabia medicina legal como uma parteira leiga e por isso ficou satisfeito. A sua ignorância livrou a escrava de uma cena ao nu. Seguiu-se a mulata mais nova, que não queria deixar-se examinar. Relutou muito, mas cedeu. O exame foi mais demorado e minucioso. O médico estava cevando a sensualidade naquela palpação. A macieza da pele morna do baixo ventre o arrepiava de desejos.

O toque foi mais prolongado, menos leve do que devia ser e a tênue membrana em parte se rompeu. Prisco meio enciumado com a demora perguntou:

— Encontrou alguma coisa, doutor?

— Não, respondeu o médico, dando por findo o exame.

O traficante, por sua vez, contentou-se em apreciar a frescura da pele das mulatas, em apertar-lhes as carnes dos braços para saber se eram duras, enquanto os olhos procuravam devassar-lhe o regaço a ver os seios virgens. Inteirado do valor das *peças* e saboreando desde logo o deleite carnal que lhe proporcionariam, fê-las voltar à senzala.

O médico, nada mais tendo que fazer ali, retirou-se.

Prisco entrou com os matutos no ajuste do preço da *mercadoria*.

A lei considerava o escravo uma propriedade, cuja transmissão deve ser feita por escritura pública e sujeita a direitos e impostos pagos aos cofres da Nação. O comendador, porém, como todos os traficantes, tinha derrogado aquela disposição legal e lesava a Fazenda.

O escravo *inutilizado* pertencia a Inácio da Paixão.

Miguel das Andorinhas, em poucas palavras, liquidou o negócio, quanto ao preço; depois Prisco o interrogou:

— Não tem alguma patente da Guarda Nacional?

— Não, senhor.

— O oficial sou eu, capitão da quarta companhia de meu batalhão, disse Inácio.

Prisco aproximou-se de Viriato e lhe disse em voz baixa:

— Substabeleça a procuração a Taveira, Cunha & Cia., do Rio de Janeiro.

— Não será preciso o substabelecimento do primeiro ser feito pelo tabelião, visto como não tem poderes de passar procuração com o próprio punho? perguntou o corretor.

— Quais poderes, dê-lhe a patente de capitão de um desses batalhões do interior e está tudo direito. O essencial é a procuração do dono dos escravos e o recibo do procurador.

— E não será isso causa de dúvidas futuras, peço licença a V. Exª para perguntar?

— Não. Assim nos isentamos de pagar o imposto de transmissão; não houve venda.

Viriato concluiu o substabelecimento da procuração de Miguel das Andorinhas, a quem fez capitão da Guarda Nacional. Convidado pelo comendador a assinar o documento, Andorinhas declarou entre dentes que não usava de ler e menos de escrever.

Prisco não se embaraçou com isso e mandou que Viriato assinasse o substabelecimento como se ele fosse o próprio Miguel. Esses do-

cumentos iriam para a corte e de lá para São Paulo ou Minas Gerais, e quem descobriria a sua falsidade?

O escravo doente estava embaraçando Inácio da Paixão.

Prisco, com voz clara e pausada, fazia o histórico da moléstia, a descrição patológica; mas o matuto não compreendia de maneira alguma o que queria dizer *lesão do orifício aórtico.* A todas as considerações e explicações do traficante respondia assim:

— Será, senhor; porém no meu sertão nunca ouvi dizer que houvesse tal enfermidade. Os cirurgiões de lá nunca disseram que morresse alguém desse mal!

O comendador concluiu a negociação, dizendo formalmente ao matuto que a *peça doente* só valia cem mil-réis, quantia esta que arriscaria, pois estava convencido de que o escravo, depois de um tratamento longo e sério, mal serviria para criar galinhas.

Inácio da Paixão fechou o negócio, recebeu a importância dos escravos, e procurou, acompanhado de seu arrieiro, o hotel onde almoçara pela manhã.

CAPÍTULO III

A SENZALA era um grande telheiro no quintal da casa de Prisco: um vão só, sem compartimentos, sem ladrilho, e aberto dos lados ao sol e aos ventos. O teto era sustentado por muitos esteios fincados no solo, os quais também serviam para armadores de redes.

Escravos e escravas comiam e dormiam juntos. Nem um tabique separava os dormitórios. Viviam numa promiscuidade abjeta, tendo por menagem apenas o quintal da casa. Na consciência de sua degradação moral, de seu aviltamento, com o caráter rebaixado na convivência das cozinhas, o pudor embotado pelos castigos corporais, entregavam-se à crápula com um cio de porca.

Filipa, a antiga escrava de Freitas, e as companheiras foram recebidas na senzala com especial deboche. Eram mais três mulheres para a saturnal.

Filipa, que era de uma honestidade admirável, cuja vida de donzela, de casada e de viúva não tinha sido maculada por um pensamento desonesto, horrorizou-se com aquele meio, com a convivência que ia ter. Alguns ditos obscenos do rude vocabulário da canalha, atirados pelos devassos da senzala às raparigas recém-chegadas, deram-lhe uma idéia perfeita da imundície moral que reinava ali. Não havia meio de separarem-se daquela onda podre, de saírem daquela esterqueira. Procuraram, entretanto, afastar-se, evitar, quanto possí-

vel, o seu contato: tristes e envergonhadas, foram-se esconder a um canto.

O seu retraimento desagradou aos veteranos da senzala; compreenderam que queriam evitá-los e puniram o atentado de um modo cruel. Cercaram-nas e romperam em uma vaia estúpida e indecente. Ditos e gestos obscenos, acenados com um desbriamento de prostituta devassa e bêbeda, ofendiam o pudor das castas filhas do sertão. Certos da imunidade, patearam-nas até cansar. Responderam-lhes os insultos com lágrimas. Deixaram-nas quando no monturo não havia mais lixo a revolver.

Filipa lembrou-se de ir com a filha e companheiras valer-se da mulher de Prisco e pedir-lhe agasalho longe daquele foco de depravação. Alimentava esta idéia quando alguém lhe informou que o comendador não admitia tal distinção. Resignaram-se a ficar ali. Logo que anoiteceu, agasalharam-se.

Os habitantes da senzala, quando escureceu de todo, entregaram-se ao mais imoral deboche. Devorados da bestial sensualidade e numa gula insaciável de deleites carnais, obedeciam, como se brutos fossem, somente às imposições da carne.

A noite ia em meio. No quintal deserto e escuro atravessava um homem envolvido em um comprido capote preto. Era Prisco que, àquela hora, tão lascivo como os escravos, ia a uma entrevista, procurar os amores das mulatas, que comprara havia poucas horas. Caminhou até o extremo do quintal, onde se ocultou em uma estrebaria abandonada; escondido aí fez ouvir um longo e fino assobio. Era o sinal. Algum tempo depois, apresentou-se-lhe uma preta idosa, a receber ordens. Era a alcoviteira: fazia a cozinha da senzala, de dia, e de noite levava-lhe amantes.

Prisco ordenou-lhe de trazer à sua presença a mulata mais nova das duas que tinha comprado pela manhã.

A escrava desapareceu nas sombras, em rumo do telheiro. Chegando à senzala foi com facilidade ter à rede da rapariga. Acordou-a, e com muita astúcia deu-lhe o recado do senhor, acrescentando por sua conta promessas de liberdade e futuro, sem dizer a preço de quê.

A rapariga ouviu-a e recusou-se a acompanhá-la.

A preta tinha longa prática daquele serviço e não desacoroçoou com a recusa. Voltou ao assunto, e com muita finura aconselhou-lhe a conveniência de obedecer às ordens de tão bom senhor, e com arte deu às suas palavras uns tons muito longe de ameaça.

A mulata foi pouco a pouco acreditando nas promessas da alcoviteira e acabou por acompanhá-la.

Chegando à estrebaria, a preta deixou-a com Prisco. O traficante tomou-a pela mão; estava fria e trêmula. A escuridão não permitia ler-lhe nos olhos os sentimentos d'alma.

O comendador tinha a vítima segura. Começou a sedução do espírito pela promessa da liberdade. Enquanto a alma se embebia contemplando o quadro esboçado pelo sedutor, a carne se excitava ao contato da carne de criatura de outro sexo.

Prisco compreendia que as resistências cediam. Seu braço passou da mão ao pescoço da rapariga e os lábios segredaram-lhe ao ouvido todas as promessas, todas as seduções imagináveis, sem que procurasse evitá-lo.

O espírito da moça caía em lânguido delíquio e sentia o fluido nervoso em crispações elétricas, todas as vezes que as ásperas barbas do sedutor roçavam-lhe de leve as faces e o hálito dele entrava-lhe de narinas adentro. Aquele cheiro de homem a desorientou.

A mulata tinha as extremidades geladas e as faces, ora lívidas, ora incendiadas, rubras dos últimos lampejos de sua castidade agonizante. Os olhos, quase sem luz, fechavam-se num requebro volutuoso. Estava de todo rendida à vontade do sedutor. Quedou-se como se estivesse morta. Soltava de longe em longe um gemido abafado, que logo se perdia no ar quieto da noite.

Prisco abraçou-a; uniram-se em um contato mais íntimo, e os seios dela, comprimidos pelo largo tórax do traficante, vibraram a última estrofe de sua virgindade.

Prisco ouvia aqueles acordes sem alma e sem coração. Sentia que a emoção inanimava a mulher que tinha nos braços e nem um instante teve piedade! Cevaria os desejos brutais até a saciedade e a venderia depois para fora da província e ainda com lucro, embora cônscio de que a fizera procriar.

A mulata sentia-se desfalecer; mas, antes de entregar-se completamente ao sedutor, quis reagir, erguer-se; mas embalde, a vontade a havia abandonado e falecido todos os meios de ação.

Algumas horas depois, recolhia-se o traficante ao leito conjugal e a mulata voltava prostituída à senzala, em companhia da alcoviteira.

CAPÍTULO IV

D. Faustina levava a abelhudice a ponto de conversar com todos os escravos que o marido comprava, a fim de saber da vida deles e da dos seus antigos senhores.

Havia na senzala uma partida de dezesseis cativos, comprada ultimamente, e a mulher de Prisco teria assunto para alguns dias.

Logo na primeira manhã, Faustina se levantou um pouco antes das oito horas do dia e começou a tarefa. Filipa foi chamada para

depor em primeiro lugar. A fisionomia da preta tinha uma expressão serena de bondade. Chegando à presença da nova senhora, saudou-a pedindo-lhe a bênção, com verdadeira humildade cristã.

Faustina olhou-a e continuou, sentada no divã, a escolher rendas, que uma escrava ajoelhada ao pé dela mostrava-lhe dentro de uma grande cesta.

Filipa já estava cansada de estar ali, quando a senhora começou a interrogá-la. Havia uma hora que durava o interrogatório, quando foi interrompido pelos gritos de Jacó.

Sinhozinho passeava no quintal, quando encontrou Bernardina, a pequena filha de Filipa, brincando com uma concha. O menino cobiçou o brinquedo da escravinha e lho pediu:

— Dá-me esta concha, diabo.

Ela recusou. Jacó ameaçou-a de esmurrá-la e, como esta tivesse resistido, deu-lhe uma bofetada, depois segurou-a pelos cabelos e atirou-lhe com a cabeça de encontro ao muro.

A escravinha, exasperada de dor, e para livrar-se do agressor, mordeu-o na mão.

O menino soltou-a imediatamente e correu, gritando, a queixar-se à mãe:

— Mamãe! mamãe! o diabo da negrinha nova mordeu-me! Eu não lhe fiz nada! Olhe o sangue!

Faustina olhou mui tranqüilamente para a pequena ferida do filho e disse para a senzala:

— Elias! traze o chicote e a negrinha que se comprou ontem.

Filipa ouviu sobressaltada aquela ordem. Voltou-se para o lado da senzala, e na mais angustiosa expectativa estava, quando viu subir a escada da varanda o escravo, trazendo Bernardina arrastada, e um grande chicote.

A figura do negro tinha um quê de sinistro. A musculatura, a feia catadura iluminada por um olhar feroz irradiado de uns olhos pequenos e injetados, aterraram a escrava e levaram-na a cair suplicante nos pés de Faustina:

— Pelas chagas de Cristo, minha senhora, perdoe minha filha que é também uma criança.

A mulher de Prisco, sem atender à súplica de Filipa, disse a Elias com todo sangue-frio:

— Castiga.

O chicote, movido por aquele braço de ferro, bateu sobre o corpo da escravinha. Filipa ocultou o rosto entre as mãos e chorava sem consolo. Faustina, indiferente à cena que se passava, continuava a escolher rendas e bordados. Jacó acompanhava de uma gargalhada gostosa os gritos que o chicote arrancava à escravinha. O castigo durava havia cinco minutos. A pele das costas da criança havia sido rasgada

em alguns pontos pelo açoite ou contundida em negras equimoses. No chão excrementos líquidos e sólidos tornavam ainda mais repugnante aquela cena.

A surra continuava, quando soou a campainha da sala de jantar; era Prisco que entrava no gabinete.

O escravo parou o chicote imediatamente.

— Todos para a senzala, disse Faustina.

A escrava que segurava a cesta de rendas levantou-se e foi limpar o assoalho emporcalhado em uma grande extensão.

CAPÍTULO V

FILIPA, em oito dias de senzala, tinha envelhecido mais do que nos quarenta anos de cativeiro no sertão. O castigo da filha havia sido de uma agonia cruciante. Foi-lhe um dia fatal. À tarde, quando o espírito conservava ainda vivas as impressões das cenas da manhã, é chamada, com a filha, à presença de Faustina. Custou-lhe um sacrifício enorme obedecer.

A mulher do comendador precisava de alguns metros de renda, que lhe faltavam para concluir o enfeite de um vestido. A renda era sertaneja, e por isso a filha de Filipa foi escolhida para executá-la.

A escrava apresentou-se a Faustina. Em seu rosto não havia um traço, uma linha que não denotasse o desgosto, o pesar que lhe ia pela alma. Perfilada, muda, com os olhos cravados no chão, evitando a fisionomia da senhora, esperava que lhe dissesse o que queria.

A mulher de Prisco indagou das prendas de Bernardina. Filipa respondeu-lhe, afirmando que a filha mal trocava bilros.

Faustina não esteve por isso e entregou-lhe uma almofada com os pertences e a linha necessária à renda que Bernardina deveria fazer no prazo de oito dias, prazo improrrogável, e sujeita à pena de uma surra, no caso de falta.

Filipa, indignada, revoltada mesmo com o procedimento da senhora, recebeu a almofada e voltou à senzala.

A tarefa era grande e custosa. Impossível era à escravinha executá-la. Uma *rendeira* perita, trabalhando noite e dia, talvez não a concluísse.

Filipa olhou para a almofada como para uma nova desgraça. Naquela mesma tarde deu começo à renda. Trabalhava com afinco, empregava no serviço até as horas do sono e os minutos das refeições, e, ainda assim, os dias se passavam e não traziam-lhe sequer uma esperança de termo à tarefa. Faltavam dois dias para acabar-se

o prazo e havia menos de metade da renda. Filipa não dormia e quase não se alimentava. As mãos trêmulas e descarnadas retardavam a marcha do serviço; o trocamento dos bilros, além de moroso, era imperfeito. O tremor dos dedos embaraçava o adiantamento do trabalho; com muita dificuldade conseguia introduzir o alfinete no estreito orifício do papelão e assim prender a laçada. O prazo era de oito dias, e oito dias durou a sua angústia.

Chegou o dia fatal.

Filipa sentia um desalento percebível em todas as linhas do rosto. Sentada a um canto da senzala, com os olhos fitos na almofada em uma imobilidade de estátua, via o dia crescer e com ele a aproximação de um transe mortal.

Bernardina brincava, na feliz inconsciência de sua idade.

Faustina já se tinha lembrado da renda, e, como o marido estivesse em casa, esperava que saísse a fim de chamar a escravinha a contas. Prisco não queria absolutamente que a mulher castigasse as *peças* que tinha para negócio. Que infligisse os maiores castigos aos escravos empregados no serviço doméstico pouco lhe importava.

O comendador, à tarde, saiu à rua, e Faustina, aproveitando-lhe a ausência, mandou vir Bernardina à sala de jantar, onde em uma cadeira preguiçosa[25] lia os jornais de modas.

Filipa ouviu a ordem, e, decidida a sofrer tudo pela filha, levou a almofada e foi, só, à presença da senhora.

O definhamento da escrava nada influiu no ânimo de Faustina.

Filipa contou-lhe a triste história de seus sofrimentos, as torturas de seu espírito em oito dias de uma agonia só e mortificante; mas não comoveu a senhora. Quando a escrava supunha ter justificado a falta da filha, Faustina disse-lhe com uma frieza sem nome:

— Mas a tarefa está no meio...

Filipa, que até então chorava e suplicava, num ímpeto de indignação, fitou a senhora com um olhar feroz e disse-lhe:

— Castigue, senhora, mas castigue a mim...

Faustina olhou a escrava com desdém e mandou dizer a Elias, na senzala, que trouxesse Bernardina e o chicote.

Filipa ouviu a ordem sem proferir palavra, e esperou.

Minutos depois, ouviu-se um berreiro infernal na senzala: era Bernardina, que, arrastada pelo negro, vinha à presença de Faustina.

Elias entrou na sala de jantar com a escravinha, que, passando ao lado da mãe, com ela se agarrou. O negro puxava a criança

---

25 No Nordeste, mormente no Ceará, denomina-se *preguiçosa* a espreguiçadeira, constante de um assento e encosto único de lona preso pelas extremidades a uma armação dobrável de madeira.

para desligá-la, mas tão segura estava que só se desligaria quando se lhe desarticulassem os membros.

Filipa, num ímpeto de cólera, dá uma forte bofetada no negro.

Faustina, mordida pelo desrespeito a sua pessoa diz:

— Castiga todas duas.

O chicote, movido pelo braço impiedoso do negro, batia naqueles dois corpos intimamente ligados num abraço.

Bernardina atordoava a casa num horrível berreiro.

Filipa sofria imóvel, como se estivesse petrificada. O açoite cortava-lhe a pele, retalhava-lhe a carne, mas não se lhe ouvia soltar um gemido, sequer um ai! Vinte vezes talvez não tivesse o chicote lhe contundido as costas, quando Filipa cai redondamente no chão, como uma massa inerte, dando um grito agudo e desconcertado, semelhante a um gemido fundo, a um estertor longo.

Bernardina continua agarrada ao corpo imóvel de sua mãe.

Elias, surpreendido com o acontecimento, recua um passo e espera, com o chicote erguido, orientar-se.

— É manha, disse Faustina mui tranqüilamente.

— É um ataque, disse o negro convencido.

— Continua, Elias.

O negro ia descarregar o chicote quando notou que o rosto da escrava tornava-se cada vez mais fulo, cada vez se acentuava mais a cor de fígado assado. Baixou o braço e repetiu para a senhora:

— É um ataque, minha senhora!. . .

Faustina desviou os olhos do figurino que examinava, e muito tranqüilamente fitou o rosto de Filipa.

A epilepsia acabava de invadir aquele organismo de um modo súbito e terrível. A lividez do semblante, a imobilidade e rigidez do corpo estendido a fio comprido, em um espasmo tônico, davam certeza da abolição de todas as faculdades; nem vontade, nem sensibilidade, a menor noção do mundo ficou-lhe: apenas viviam os nervos, mas uma vida toda automática. A respiração também estava suspensa, e de sua suspensão resultava a estase[26] venosa, que vinha colorir de violeta a palidez fula do rosto.

Pouco mais de um minuto fazia que Filipa tinha caído e ficado imóvel, quando os grupos de músculos das faces são agitados em convulsões clônicas.[26a] As contrações musculares e o seu relaxamento dão à fisionomia da epilética uma expressão hedionda, que se transformava às vezes em um gesto de ironia. Os traços do rosto, assim modificados por aquela dança de movimentos desconcertados, faziam

---

26 *Estase*: termo científico, significativo de embotamento pela estagnação do sangue venoso.

26a Outro termo científico: relativo a contrações espasmódicas.

um contraste perfeito com o resto do corpo na imobilidade de cadáver.

As convulsões, que se limitavam aos músculos do rosto, invadiam pouco a pouco a musculatura do tronco e membros. Parece ter-se operado uma ressurreição.

Faustina tinha visto os primeiros tremores convulsivos e desviado o olhar, que fitou no jornal de modas.

O acesso, que seguia a marcha normal, havia atingido a fase aterradora. As feições de Filipa, de uma serenidade perfeita, estavam completamente decompostas. Tinha a fronte coberta de rugas e os supercílios unidos formavam uma só linha, que se arqueava sobre os olhos sem luz, de grandes pupilas, e cujas pálpebras abertas os deixavam ver, numa agitação constante, dentro das órbitas. As faces, distendidas em todos os sentidos, contraíam-se em hórrida careta. Das comissuras dos lábios, que em precípite agitação pareciam segredar, caíam flocos de sanguinolenta espuma. A saliva afluía à boca pelo movimento dos queixos em automática mastigação misturada ao sangue, que vertiam as bordas da língua, retalhadas pelos dentes, e saindo, descia ao longo do pescoço, colorindo de vermelho as veias, que a turgidez tornava mais salientes. A cabeça obedecia aos músculos cervicais e movia-se em repetidas vênias, ou gesticulava, negando ou afirmando, enquanto o tronco, em bruscos movimentos, levantava-se e caía, batendo no assoalho em monótono compasso. Os membros torácicos, estendidos ao longo do corpo, em uma rigidez tetânica, contraíam os músculos flexores dos dedos, obrigando os polegares a se fecharem sobre as palmas das mãos e os outros dedos a se dobrarem sobre eles. Tesos, os braços eram agitados por tremores mais ou menos intensos. Os membros abdominais, obedecendo às imposições do mesmo centro, arremedavam os torácicos, tinham convulsões e fechavam os dedos dos pés.

A lívida turgidez da face cada vez mais se acentuava, mantida pelo tetanismo dos músculos do tórax. A última fase do acesso se anunciava pela respiração, que pouco a pouco se restabelecia. As primeiras porções de ar penetram na traquéia e conseguem chegar ao pulmão, mas fazem ouvir, atravessando os brônquios, um ruído estridente, um estertor de moribundo. Relaxa-se mais e mais a musculatura do peito, tanto quanto preciso à dilatação do tórax. O pulmão enche-se de ar e a onda sanguínea, que estava em estase, caminha a seu destino, e, assim, restabelecidas a circulação e respiração, foi desaparecendo a cianose do rosto e a pele readquirindo o colorido normal. Uma onda de suor, extravasando-se dos poros, banhou o corpo todo, ao mesmo tempo que a bexiga, em um instante de incontinência, deixou vazar toda a urina que continha.

A última fase do acesso vai terminar. As convulsões clônicas vão diminuindo de intensidade, e dos violentos espasmos restam ligeiros tremores. As funções respiratória e circulatória se exercem no ritmo normal; mas ouve-se ainda um gargarejo, um estertor de coma profunda. Restabelecida a ordem na vida orgânica, a escrava ainda se conserva algum tempo sem ter noções do mundo. Um colapso geral, entretanto, anuncia que a sensibilidade e a consciência vão voltar. As pálpebras cerraram-se e a enferma parecia adormecida. Alguns minutos esteve nesse marasmo, nesse sono mórbido. Voltando a si, abriu os olhos, levantou-se, e como se acordasse de um pesadelo, olhou para tudo que a cercava, e ficou de pé em um estado de completa apatia.

Faustina, vendo-se assim, e temendo que o marido surpreendesse aquela cena, ordenou a Elias que levasse a epilética e a filha para a senzala.

O negro tomou Filipa pela mão, e ela, seguida de Bernardina, o acompanhou com uma passividade de autômato. O escravo levou-a até a rede e deitou-a.

Filipa sentia uma fadiga e uma dor de cabeça que lhe estalava os miolos. Uma vez deitada, adormeceu. Aquele sono profundo e fora de tempo não era fisiológico, era um fenômeno mórbido. Dormiu até pouco depois de meia-noite. Acordou mais restaurada, boa da cefalalgia e com a inteligência em estado de perfeita lucidez. O que se passou consigo até o momento de desenvolver-se nela a nevrose, veio ter à imaginação. Ainda quis acreditar um sonho tudo aquilo, mas em breve se convenceu da tremenda verdade, palpou as equimoses que o chicote lhe havia produzido no corpo, e, num desespero que tocava a alucinação, teve a idéia de matar-se. Esse pensamento mau encheu-lhe totalmente o cérebro; não era mais um desejo, era uma aspiração que, minutos depois, tornava-se para o seu espírito a maior e a mais urgente necessidade.

Resolvida a acabar a vida, levantou-se e, tirando uma das cordas da rede, amarrou no beiral da casa e fez o laço que a devia estrangular. Preparado tudo para o crime, lembrou-se da filha e foi dizer-lhe o adeus. A criança dormia profundamente. Filipa ajoelhou-se junto à rede da menina e, fitando-a, falou em voz baixa, como para justificar o seu procedimento:

— Trabalhei toda a minha mocidade para os meus antigos senhores, fui amiga sincera e dedicada de minha senhora, dei de mamar a todos os seus filhos, poupando-lhe trabalhos e desgostos; e que tive em paga de tudo isso? A ingratidão. Minha senhora dizia muitas vezes que me amava, mas se assim era, a sua amizade deixou-se dominar pelo interesse. Ensinou-me a ler e mostrou-me o caminho do bem, dando-me bons livros e a edificar-me nos exemplos da vir-

tude; e de que me serviu tudo isso? Para avaliar melhor a ingratidão dela e me fazer mais desgraçada. Quantas vezes me prometeu a liberdade! Ela, que foi minha companheira de infância, que recebeu de mim as provas mais reais de dedicação, vendeu-me, como se eu fosse simplesmente uma besta!... Que poderei esperar dessa nova senhora, a quem nunca prestei o menor serviço? Devo morrer. Ela ensinou-me a crer na religião do Cristo, e esta religião condena a quem se mata. Ela enganou-me, porque me prometeu libertar; a religião manda amar o próximo e ela vendeu-me; é portanto falsa a doutrina que me ensinou. Pedi que me vendessem só, que ficassem contigo, minha filha, e os ingratos foram surdos aos meus rogos. Nada os comoveu! Não tive direito à menor recompensa. Filha de minha alma, vou deixar-te; de que te poderei servir no mundo? Morrendo, poupar-te-ei a aflição de ver o chicote rasgar-me as carnes! Ai! custa-me tanto deixar-te.

E Filipa, inclinando-se sobre a filha para beijá-la, sentiu o contato do crucifixo, que lhe pendia do pescoço. Estremeceu. Uma centelha de fé escapara do naufrágio de suas esperanças, de suas crenças e ficara-lhe na alma. Na tribulação havia esquecido tudo, as horas ascéticas de outrora, e quase a crença na outra vida. O contato do crucifixo de ouro, a frialdade do metal transindo-lhe as carnes, transportaram o seu espírito em um instante para o passado. Aquela cruz era uma lembrança de Josefa, um mimo que esta lhe havia feito no dia do batizamento de Carolina.

Filipa tirou a imagem do pescoço e sem a costumada reverência fitou-a e continuou a despedida:

— Disseram-me que rogasse a Deus em minhas tribulações: vou tentar esse recurso; talvez seja falso como as promessas de minha senhora. Vou rezar; quero saber se existe alguém que escute os rogos do escravo, alguém sobrenatural, mas justo, onipotente e misericordioso. Rezarei, e se da oração, da súplica, não vier conforto, esperança, resignação, não voltarei, minha filha, pois estou convencida de que minha vida será para ti uma tortura.

Filipa deitou o crucifixo ao pescoço, beijou a filha muitas vezes, e, quando se ergueu, sentiu que um frio, como uma aragem de gelo, transiu-lhe as carnes, dos pés à cabeça; era uma onda epilética, que precedia a um segundo acesso e ainda mais intenso.

CAPÍTULO VI

INÁCIO DA PAIXÃO, logo que concluiu a venda dos escravos, foi para o hotel em que tinha almoçado com Viriato, jantou e tomou um quarto.

O corretor dera-lhe as melhores informações do hoteleiro. À custa do matuto tinha ganho naquele dia duas comissões e ainda esperava uma terceira. Certo de que Inácio pernoitaria no hotel, foi tratar de ganhar a última gorjeta. Seguiu pela rua Formosa e entrou em uma casa de modesta aparência. Bateu e veio recebê-lo um homem de meia-idade, que, depois de apertar amigavelmente a mão do corretor, disse-lhe:

— Há muito tempo que não me dá o prazer de vê-lo!

— Sabe que os meus afazeres não me permitem visitar os amigos senão quando há algum negócio a tratar.

— Então! temos novidade?

— Uma mina! melhor e menos difícil do que a última.

— Está certo?

— Perfeitamente. Examinei o terreno, e, havendo tática, o pato cairá no laço.

— Talvez não seja tão fácil como supõe!

— Facílimo! O marreco, além de gostar, como me disse, do divertimento, atira com pólvora alheia e tem mais outra coisa: toma bem o seu *codório;*[27] havendo por lá alguma cerveja *preparada* cairá como um cassaco.

— Onde está hospedado?

— No hotel de. . .

— Vem só?

— Graças a Deus.

— Quanto poderá *lascar?* O seu nome?

— Ficando depenado, quatro contos. Batizou-se por Inácio da Paixão.

— Encontrá-lo-ei à noite?

— É provável, suponho que não terá que fazer na rua. Creio tê-lo satisfeito: agora, o prometido.

Viriato despediu-se, recebendo dez mil-réis de gorjeta.

No salão dos bilhares do hotel, Inácio da Paixão, sentado, à noite, ao lado de uma mesa de mármore, aperuava uma partida em que três amadores disputavam a vitória em uma *negra;* tão entretido estava que não viu os olhares curiosos que demoravam sobre ele dois homens decentemente vestidos e que acabavam de entrar no salão. Um era um comissário do governo, encarregado de distribuir socorros públicos, um tipo comum, mas figura obrigada em tempo de miséria. O outro era um jogador de profissão, aquele que, havia pouco tempo, tinha recebido em sua casa o corretor e pago a notícia.

---

27 Gole de vinho ou de aguardente. Dicionarizado por Aurélio Buarque de Holanda como corrupção da expressão litúrgica *quod ore*, que era pronunciada pelo sacerdote, à missa, ao beber o vinho.

Era um homenzinho feio, raquítico, nariz vermelho como um pimentão, olhos doentes encaixilhados em óculos escuros de quatro vidros. Falava com dificuldade, gaguejando, mas jogava admiravelmente o *trombone*.

O comissário pediu duas xícaras de café e sentou-se perto do matuto. O jogador já tinha contado ao companheiro a notícia que recebera de Viriato. Era necessário saber quem era o Inácio da Paixão. Pelo trajo e a atenção ao bilhar, era possível que fosse aquele o indivíduo que procuravam. O comissário levantou-se e dirigiu a palavra ao matuto.

— É V. Sª o capitão Feitosa?

— Não senhor, sou o capitão Inácio da Paixão.

— Desculpe o incômodo, disse o comissário, sentando-se em seu lugar.

— É o sujeito, disse em voz baixa para o jogador.

— Então podemos dar o recado.

— Sabes que volto hoje à rua de..... nº 50, a ver se a fortuna me protege como a noite passada.

Inácio fitava com interesse o comissário e o companheiro, e era todo ouvidos para o diálogo que começava.

— O jogo prolongou-se até as duas horas da madrugada e o banqueiro saiu com um prejuízo de dez contos de réis.

— Estava então *caipora!*

— É o que parece. O sujeito só sendo doido; quer teimar com a sorte. Dizem que é um grande ricaço do sul que joga para distrair-se.

— Seja como for, vou aproveitá-lo, enquanto se demora por aqui. Segue nestes quatro dias para o norte; é preciso que os pobres, como nós, fiquem com alguma parte do tesouro provavelmente roubado.

— À vista das suas informações, irei também hoje à rua de..... nº 50, a ver se ganho com que passar um ano.

— Não se arrependerá. E vamo-nos aproximando, que o divertimento começa às dez horas em ponto.

E o comissário saiu com o jogador, sem olharem para o matuto.

Inácio da Paixão ouviu com grande interesse a conversação. O jogo era a sua paixão, desde menino. Jogava no sertão o *trinta e um de boca,* e tinha-se em conta de felizardo. A ocasião era oportuna e pensou que não estaria longe o momento de ser rico. Deveria regressar para o interior no dia seguinte, com víveres para o parente. Dominava-o o desejo de ir à casa do jogo tentar a sorte. Sua consciência repelia esta idéia; arriscar o dinheiro alheio, fossem quais fossem as probabilidades do lucro, não era honesto. Mas cedeu aos caprichos da paixão e, levando todo o dinheiro de Freitas, foi jogar. Com muita dificuldade encontrou a rua e a casa indicadas. Parou à porta, que estava aberta, e olhou para o interior. Apenas viu um

corredor estreito iluminado por um candeeiro de querosene. Escutou algum tempo e ouviu que falavam lá por dentro. Teve receios de entrar; examinou algumas vezes o número da casa; era o mesmo que ouvira no hotel. Depois de mais alguns segundos de indecisão, decidiu-se e entrou. Vencido o corredor, chegou à sala do jogo, que, suficientemente iluminada por quatro lâmpadas a petróleo, de luz dupla, mobilada com grande número de cadeiras americanas, estava já àquela hora repleta de jogadores.

O matuto saudou os circunstantes com uma boa-noite, dita por entre os dentes e meio *encabulado*.

No meio da sala estava uma mesa de tamanho regular, coberta com um pano verde-escuro, em que via-se traçado a giz um quadrado e dividido ainda por um traço no centro. Sobre a mesa estava o simples instrumento chamado *trombone*: é apenas um tubo curto, de pouco diâmetro, e adaptado por suas extremidades a bocas semelhantes à do trombone. Na parte média do tubo, cruzam-se dois fios de linho bem tesos atravessando o espaço formado pelo canudo. Depois que Inácio entrou, fechou-se a porta da rua; não se esperava mais ninguém.

O jogo reunia ali uma admirável variedade de tipos. Quase todas as classes da sociedade estavam representadas, sendo a dos comissários da seca a que mais se distinguia pelo número. O banqueiro do trombone chamava-se Carrilho da Paz e conversava com o comissário, que o acompanhou ao hotel, sobre a necessidade de ser naquela noite feita a banca por seu ajudante, a fim de Inácio nada desconfiar.

Ficou assentado isso. O ajudante era ainda moço, porém, tão viciado estava como o velho mais perdido.

Tendo recebido as ordens do patrão, sentou-se ao lado da mesa e abriu a caixa das fichas, que separou conforme os valores; depois, tirou de uma caixinha de pau três grandes dados, que atirou sobre a mesa. Quando os dados caíam sobre o pano muitos dos jogadores se aproximaram e tomaram assento; era o primeiro sinal. Outros ficaram de pé a *aperuar*. Houve alguns ditos sobre os dados.

— Há muito que não apareciam!

— Tenho minhas queixas de vocês!

— Honre-me com sua proteção, como da última vez.

O banqueiro dirigiu-se aos parceiros; o silêncio foi geral, todos queriam escutá-lo.

— Meus senhores, vamos começar o divertimento; a banca é de cinco contos de réis; a gata é a sorte do banqueiro, é três quadras; dando, levarei metade do que houver na mesa.

E tomando o trombone pela garganta virou-lhe uma das bocas para os jogadores, a fim de verem que os fios estavam perfeitos.

Inácio da Paixão nada entendia daquele jogo. O comissário compreendeu sua ignorância e se aproximou dele. Para inspirar-lhe confiança, tirou da carteira algumas notas de duzentos mil réis e, ao mesmo tempo, perguntou-lhe em voz baixa:

— Não joga?

— Tenho vontade, mas é a primeira vez que vejo este jogo.

— Não é preciso saber, não depende do cálculo e sim da fortuna. Vê aquela divisão feita por um risco branco no pano?

— Sim, senhor.

— Pois bem, deve fazer a sua parada dentro de um dos dois quadros, conforme seu palpite. Se os dados derem um dos números do lado em que parou, ganhará; ao contrário, perderá.

Inácio ficou satisfeito com as explicações e foi sentar-se junto à mesa com o comissário, que lhe ficou à esquerda.

O banqueiro agitou os dados dentro do copo de sola e despejou-os na boca escancarada do trombone. Já as paradas estavam feitas. O silêncio era completo, as respirações estavam suspensas e os olhos se fitavam todos no trombone. Os dados atravessaram a garganta do instrumento e caíram vagarosa e silenciosamente sobre o pano. O banqueiro suspendeu o trombone; os olhos dos jogadores parecia quererem sair das órbitas; nem um movimento de pálpebras! Fez-se a luz, foi recolhido o lucro e pago o prejuízo. Quantos gestos diferentes! A fisionomia dos favorecidos da fortuna sorria: quanta alegria nos olhares! O contrário de tudo isso nos enjeitados da sorte. Sobrolhos carregados, rostos rugados de raiva, decompostos pelo desapontamento! Quanto despeito nas feições! Quatro vezes os dados tinham caído sobre o pano, quando Inácio se resolveu a fazer uma parada. Quis deixá-la no *grande,* depois no *pequeno,* dez vezes esteve indeciso, até que deixou-a ficar no *grande* com o comissário.

A entrada de Inácio e a sua indecisão chamaram a atenção dos parceiros. Alguns mais supersticiosos retiraram as paradas, outros murmuraram entre dentes palavras que não se ouviram. O banqueiro ia levantar o trombone; o interesse de ver o número que marcavam os dados, era desta vez maior. O instrumento foi suspenso e nada haviam dito os dados, mais outra vez, e ainda nada! Os palpites apareceram e as superstições também.

Retiraram-se paradas, aumentaram-se outras, muitas se fizeram de novo e o banqueiro em nove vezes consecutivas não conseguiu uma sorte! Houve uma pausa, o banqueiro tomou respiração inteira, agitou fortemente os dados, e fê-los engolir rapidamente pelo trombone. Este incidente fez aparecer novos palpites e alguns duplicaram as paradas. Os jogadores, mudos, imóveis, abriam mais as pálpebras, como se assim aumentasse a visão. Os dados foram descobertos. Um ruído surdo, como um gemido abafado se ouviu, as fisio-

nomias se carregaram de cólera, alguns concentraram a fúria nos olhares, e assim feriam Inácio a quem maldiziam em voz baixa:

— Maus raios te partam, caipora do inferno!

Entre aqueles semblantes feios de cólera via-se o rosto alegre do banqueiro, que solícito dividia ao meio as paradas, graças a uma *gata* que os dados tinham formado.

Recolhido o lucro à gaveta, o jogo continuou. Os dados caíam sobre o pano e os mais queimados com a *gata* triplicaram as paradas.

O *trombone* levantou-se e maior foi o descontentamento. Cabelos foram arrancados, ouviu-se o ranger de dentes, fizeram-se mil gestos de desesperação e o banqueiro, mais alegre ainda, recolhia à gaveta metade das paradas, o lucro da *regata.*

Alguns dos parceiros se levantaram, despeitados, e foram para a fileira dos *perus;* outros, que estavam medrosos, tiveram palpites e entraram no jogo. Ia, pensavam, virar a sorte.

Inácio da Paixão era um dos enfermos daquela moléstia contagiosa. Com os nervos excitados por todas aquelas emoções, não se lembrava de que estava arriscando à sorte o dinheiro alheio. Um copo de cerveja previamente misturado com conhaque o excitou mais, e então, com uma coragem de alucinado, atirou-se ao jogo como um desesperado. As primeiras paradas ganhou: o lucro já subia a mais de um conto de réis, mas, na ambição de todas as notas do banqueiro, continuou até de madrugada, quando se acabou o jogo, retirando-se para o hotel com um desfalque no dinheiro de Freitas de mais de dois contos de réis.

Chegando ao hotel, foi para o quarto e aí, ainda meio aturdido, contou as cédulas que tinha no bolso, e, certo do seu crime, deitou-se e adormeceu.

Dormiu e dormiu até cinco horas da tarde, quando despertou. Os acontecimentos da última noite se lhe pintaram na imaginação.

Contou outra vez o dinheiro, na esperança de que a mente o estivesse iludindo e se convenceu de que era real o desfalque.

Era possível ressarcir o prejuízo, e o avezado jogador pediu jantar, e depois de satisfeitas as necessidades do estômago, foi para o salão do bilhar a esperar a hora do jogo. Sentado a um canto, ouvindo o tique-taque do relógio, o matuto fazia os mais altos castelos. Ganhava naquela noite uma dezena de contos e acabava por ser banqueiro, em lugar do suposto ricaço.

Levou assim até nove horas da noite, quando seguiu para a casa de jogo. Já lá o esperavam.

Carrilho da Paz estava com o ouvido alerta, esperando ouvir os passos do matuto. A cerveja estava preparada.

Inácio entrou, deu boa-noite e sentou-se isolado.

— O sujeito vem zangado, disse o comissário ao ouvido de Carrilho.

— Tanto melhor, quanto mais *queimado* mais perderá.

Precedido das mesmas cerimônias da última noite, começou o jogo. Inácio atirou-se, ao primeiro rolar dos dados. Audaz, temerário se mostrava porque estava convencido de que ia recuperar o perdido, ia ganhar muito dinheiro. Os dados pareciam obedecê-lo. A sorte procurava-o, onde quer que estivesse a sua parada. Em pouco tempo tinha ressarcido o prejuízo e ganho alguns contos de mil-réis. Não pensou em se retirar, e, certo de que a fortuna continuaria a protegê-lo, fez uma grande parada. A sorte virou e o azar, que tanto o havia atormentado na véspera, voltou a persegui-lo. A parada desapareceu e, depois desta, mais outra e mais outra. Inácio em crescente excitação, deixou-se dominar por aquela indômita paixão e perdeu até o último vintém. Recolhida a derradeira cédula à gaveta do banqueiro, o matuto levantou-se e lançou um olhar feroz e desvairado para todos que o cercavam e saiu para o hotel.

CAPÍTULO VII

ERAM NOVE HORAS DA NOITE. Prisco da Trindade e sua mulher deixavam o palacete e iam a carro a um baile dado a uma entidade política da terra.

O comendador, ao lado de Faustina, em uma postura toda estudada, com o tronco em rigorosa vertical, deixava bem à vista a venera, com que o governo imperial o havia distinguido *por serviços à humanidade,* dizia o decreto. Faustina, não menos fútil, ia cheia de si porque trajava um vestido de seda *gris perle,* com um *panier* da última moda, e adornada com brilhantes no valor de alguns contos de réis. Chegaram à casa do baile e foram recebidos no tope da escadaria com toda a distinção de que era credora a sua fortuna. As luzes a se refletirem nos cristais que ornavam os salões, tinham um efeito deslumbrante. As salas estavam repletas de convivas. Os trajes luxuosos e as mesas lautas e opíparas faziam um contraste profundo e terrível com a miséria de milhares de famintos, que, maltrapilhos e a morrer de fome, desabrigados, a poucos passos de distância nas ruas e praças públicas, eram vítimas da mais atroz das calamidades.

Se não era um escárnio à miséria, era uma indiferença revoltante! O baile corria animado. O botequim, sempre repleto de visitas e o champanha e a cerveja a espumar nas taças. Tudo ali era de uma

puerilidade cômica. Tudo frívolo, desde o diálogo banal dos pares dançantes até as partidas de voltarete, jogadas em uma sala por alguns velhos viciosos.

As conversações eram uma fotografia viva do meio e das personagens. Críticas grosseiras dos convivas às *toilettes,* indagações sobre o câmbio do dia, apreciações sobre o preço dos gêneros do país, sobre os depósitos de farinha e carne do sul, considerações sobre a alta dos escravos, opiniões sobre os socorros públicos, e compra de víveres na capital, enfim, uma palestra indigesta sobre a política da província e que absorvia grande número de indivíduos formando grupos nos vãos das portas.

Prisco não escapou ao contágio da tagarelice. O seu grupo era o da *elite* da terra, e nem por isso deixava de ser o mesmo o assunto da palestra. A eleição para deputados à assembléia geral estava próxima e marcados os dias e hora, muito embora dois terços do eleitorado da província estivessem deslocados, tivessem emigrado e carregassem pedras da pedreira do Mucuripe.

O comendador pertencia à política da situação; tinha voto na escolha dos candidatos à deputação. Um dos deputados em perspectiva cercava Prisco de todas as atenções. O aspirante insinuava-se no ânimo do comendador, e pelo ponto mais vulnerável. Sabia que o negreiro sonhava noite e dia com uma honraria, o título de barão, e que uma promessa feita por ele serviria de muito à sua candidatura. O agiota político tocou no ponto, e o comendador tornou-se todo atenção. Contou-lhe que, já no fim da sessão, soube pelo ministério do Império de um desejo seu muito justo e contava, pelo modo com que se exprimia o alto funcionário, ser negócio decidido; mas, como até aquela data não tivesse sido concedida a graça, se comprometia, desde já, caso continuasse a merecer a confiança de seus correligionários, voltando à câmara, ser o seu primeiro serviço apresentar o nome do comendador à munificência do governo Imperial.

Prisco acreditou-se barão e, num contentamento infantil, prometeu todo o auxílio à candidatura do correligionário e, ainda mais, algum dinheiro, caso no círculo houvesse alguns eleitores a comprar. Os protestos de gratidão do comendador e as explicações do candidato iriam muito longe se não avisassem que estava servido o chá.

Sentaram-se à mesa, e foi servido um jantar opíparo. A mesa estava esplêndida. De espaço a espaço, viam-se na toalha listras em caracteres góticos e, na língua de Hugo,[28] inovação devida a João das Regras, um tipo que se dizia mestre-de-cerimônias e muito en-

---

[28] Como já se referiu, anteriormente, o francês era a predominante nos chamados círculos sociais do Ceará da época.

tendido em etiqueta. Um jantar que não tinha uma lista em francês, começando no alto por letras gordas — *Menu du dîner* — dizia o Regras, não é de gente educada. À vista disso foi ele convidado para dirigir o serviço da mesa. Pedanteou tudo. Não houve galinha, nem pato, nem peru que não fosse crismado. Dos convivas uma trigésima parte mal traduzia o francês, e no entanto o Regras anunciava assim: *dindon à comendador Prisco, poule à Simião de Arruda, mouton à Xenofonte da Silveira,* etc. etc.

O champanha espumava nas taças, desafiando o apetite, que era invejável.

Cheios os estômagos e em muitos os caprichos da gula satisfeitos, começaram os brindes. Reinou uma epidemia de discursos bajulatórios. Em primeiro lugar, foi saudado o tipo a quem era oferecido o baile. Era um indivíduo muito comum; entretanto, emprestaram-lhe todas as virtudes cívicas e cristãs.

O comendador Prisco foi brindado em segundo lugar; era a primeira figura metálica da festa, representava algumas centenas de apólices da dívida pública. Deram-lhe talento, ilustração, virtude, enfim turificaram-no com todo o incenso da bajulação. O conviva, que fazia o elogio biográfico do comendador, esgotado o vocabulário bajulatório, passou a saudar D. Faustina, a quem emprestou todas as virtudes de um coração de anjo.

Um grupo de crianças, que tinha acompanhado os pais ao baile, depois de um assalto à mesa dos doces, fazia uma bulha infernal na saleta da orquestra. Apoderou-se dos instrumentos de música e, num concerto de notas desafinadas, atordoava tudo.

Às três horas da madrugada, fez-se o brinde de honra a S. M. o Imperador, e, depois de dançar-se mais uma contradança, dissolveu-se a reunião.

Prisco e Faustina chegaram ao palacete às quatro horas da manhã. Tudo era silêncio.

Na senzala dormiam extenuados os escravos, mas extenuados no deboche. Só Filipa velava; só ela, em amargurada vigília, vira anoitecer e veria amanhecer! Tinha a alma enferma. A nevrose havia-lhe produzido no cérebro grandes desordens. Os centros nervosos, mais ou menos afetados, determinavam uma verdadeira monomania religiosa. Quando tornou a si do segundo acesso, afastou aterrada da mente a idéia do suicídio e caiu no mais rigoroso ascetismo. Havia dito, no auge da dor: haverá um Deus dos escravos?. . . Existirá alguém sobrenatural, forte e poderoso, mas também justo, e que ouça os rogos desses infelizes? Os brancos têm o seu Deus, que dizem ser de misericórdia; deve ser diferente do nosso, se é que este existe, porque eles são felizes e nós somos desgraçados.

Filipa procurava esquecer aquelas palavras como uma hórrida blasfêmia. Parecia ouvir segredar-lhe ao ouvido: — Bem-aventurados os que sofrem com paciência, porque deles será o reino do céu.

A cura epilética lhe pareceu um aviso do céu. Pensava na outra vida, como se a estivesse vendo, tocando-a. Daria tudo para a salvação de sua alma, sofreria os maiores martírios com a esperança dos gozos inefáveis da bem-aventurança. Reza noite e dia, e com tanta reverência, prostrada diante do seu crucifixo, como se estivesse perante o próprio Deus. De mãos postas, pálpebras cerradas, de joelhos, ficava horas inteiras em êxtase, em muda contemplação das maravilhas que via em espírito na corte celeste. Desejava a morte, não para descansar dos trabalhos da vida, mas para gozar as delícias eternas, para unir-se com seu pai celestial. Em suas orações, pedia a Deus a morte da filha, que acreditava um anjo e que iria cantar — *glória* — junto ao trono do Onipotente. Assim era a vida de Filipa, depois que foi atacada de epilepsia.

Prisco ainda teve tempo de ir à senzala, antes de amanhecer o dia. Reservara essa noite para prostituir a mais velha das duas mulatas, que havia comprado. Não lhe foi difícil vencer as resistências que opôs a infeliz. Consumado o ato, voltou ao leito da esposa e com ela dormiu até ser dia.

Faustina foi a primeira que acordou, e, despertando Prisco, disse-lhe:

— Que noite horrível passei! Que pesadelos medonhos tive!...

— Então estávamos apostados. O champanha e o peru fizeram-me sonhar asneiras de fazer rir.

— Então tiveste pesadelos?

— Quatro pelo menos.

— Conta-me algum.

— Vá o mais engraçado e o que mais me amedrontou. Sonhava que fazia uma viagem pelo interior da província, quando fui atacado pelos Calangos,[29] preso e depois vendido como escravo para o Rio de Janeiro. Era então eu bem preto e muito moço. Chegando ao mercado, fui vendido a um fazendeiro de São Paulo, com quem tive de seguir, acompanhado de outros companheiros, e, coisa singular, eram eles os mesmos de minha última remessa.

---

[29] Segundo refere F. A. Pereira da Costa, em seu *Vocabulário Pernambucano*, 2ª ed. Recife, 1976, assim eram denominados "os liberais constitucionais, que sustentavam a monarquia sob estes princípios políticos, de encontro às idéias do absolutismo apregoados pelos *colunas* ou *corcundas*, e os quais apoiaram depois a situação política que subiu em 1831 com a triunfante revolução de 7 de abril e conseqüente abdicação do imperador D. Pedro I".

A fazenda era importante e tinha mais de seiscentos cativos. Um dia depois de minha chegada, fui mandado para o serviço; o sol queimava-me a pele, a enxada me feria as mãos e o feitor vigiava-me, de chicote em punho. Parei de cansado, ofegante, e o feitor advertiu-me, com uma dúzia de chicotadas, de que o escravo não tinha o direito de descansar um instante no serviço do senhor. Acordei aterrado, sentia retalhada a carne, pelo açoite!

— Que coincidência! Escravos também me atormentaram em sonhos. A escrava Filipa amarrou-me e afiava um punhal para matar-me. Eu gritava, pedindo socorro e a meus gritos acudiam escravos bem pretos, desconhecidos, de alvíssimos dentes, que, vendo-me sofrer, riam, gargalhavam e diziam em altas vozes: *quem com ferro fere com ferro será ferido*. Depois, caíam de chofre no chão, soltavam um grito agudo, desconcertado, e se estorciam em horríveis convulsões. Gelada de medo, acordei, e felizmente já era dia claro.

— E seriamente tiveste medo?

— E horrível! Quando embarcas os escravos?

— Estarás persuadida de que a escrava te quer matar?

— Não, porém...

— Muitos ainda vão ser vacinados e, entre eles, a escravinha filha dela.

— E não podes vendê-la aqui mesmo?

— Deveras! Ainda estás com medo? Se receias alguma coisa, hoje mesmo mando botar a escrava no tronco.

— E as palavras: *quem com ferro fere*...?

— E feriste alguém?

— Não, mas...

— Breve te verás livre da negra.

Faustina retirou-se para a sala de jantar, um pouco impressionada com o sonho, e isso contra o seu temperamento.

CAPÍTULO VIII

INÁCIO DA PAIXÃO chegou ao hotel sem um vintém.

Como salvar-se das tribulações? Pensou em matar-se, esteve ainda com a faca fora da bainha, mas não teve coragem. Deitou-se e adormeceu. Dormiu bem. Quando acordou, estava mais acostumado com o crime. Os acontecimentos da última noite vieram postar-se à sua frente, mas repeliu-os. Uma idéia o absorvia todo. A paixão pelo jogo era-lhe uma moléstia congênita.

Não parecia o mesmo homem. A expressão de funda tristeza, que lhe enoitava o semblante, havia desaparecido. Apenas uns tons de preocupação se percebiam em traços rasos no rosto. Meditava. Esteve algum tempo com o olhar fito no chão, depois, ergueu-se do leito, vestiu-se e saiu para o quintal do hotel. Foi ter com o fâmulo, que o havia acompanhado à Fortaleza. É um homem bom o Manuel da Paciência. Tem estatura regular, cor parda, organização forte, sadia, e menos de trinta anos de idade. É só no mundo e nunca pensou em casar-se. Não conheceu os pais e julga não ter parentes no mundo. O dia de hoje é-lhe indiferente como o de amanhã. Nunca tivera a mais humilde aspiração em toda a vida e nisso consiste a sua felicidade. Sempre alegre, sempre satisfeito, pouco lhe importa a pequenez do pão e a pobreza do vestuário. Havia muitos anos que era fâmulo de Inácio da Paixão, que lhe dava alimentação, roupa, e recebia o serviço dum bom escravo. Paciência teria sido um grande filósofo se fosse outra a sua educação. Afeiçoara-se a Inácio e lhe era tão fiel como o mais fiel dos cães.

O matuto procurou o fâmulo e disse-lhe:

— Então, Manuel, a seca continua e tem de acabar tudo isso?

— Senhor, sim.

— Estou vendo que lá em cima se acaba tudo de fome.

— Meu amo é quem sabe.

— Dize a tua opinião.

— É a de vossemecê.

— Não achas que nos devemos mudar desta terra?

— Vossemecê é que manda.

— Estou com vontade de embarcar para um lugar onde há fartura; não achas bom?

— Meu amo indo...

— E queres ir comigo?

— Senhor, sim.

— Temos de passar boa vida; depois de arrumados lá, voltaremos para levar tua ama.

— Está bom assim.

— Pois bem, eu hoje vou deixar-te em casa de um amigo meu, o senhor de Filipa e dos outros. Ficarás lá até o dia de embarcarmos. É preciso, lá, agradares os brancos. A gente da cidade é arisca.

— Senhor, sim.

— Logo que chegares, há de vir um doutor te revistar, porque o velho dono da casa é muito birrento e poderá pensar que estás doente de algum mal ruim, e ele tem muita escravatura. E ficas triste, indo ficar lá até o dia do embarque?

— Senhor, não; meu amo querendo, estou pronto.

— Então vais satisfeito?

— Senhor, sim.

— Pois bem, arruma a tua maca, que virei te chamar quando for tempo.

— Senhor, sim.

Inácio da Paixão voltou ao quarto completamente satisfeito. A mais um crime ia arrastá-lo o jogo. Ia vender o seu leal servo para ter mais alguns mil-réis para jogar. Sem refletir na enormidade do atentado contra a liberdade de Paciência, dirigiu-se, acompanhado do fâmulo, à casa de Prisco.

O comendador estava no gabinete.

Inácio da Paixão entrou só.

— Então, ainda por aqui? — perguntou o traficante, dando ao matuto as pontas dos dedos.

— Sim, senhor. Não tive tempo de me arrumar e nem achei freteiros para o sertão. Trago um escravo para vender a V. Sª. É um negro bonito e bom. Só o vendo porque as circunstâncias o exigem. É meu fiel, desde rapaz. Achei uma partida de farinha em conta, e não há jeito senão levá-lo para me arremediar.

—E onde está a *peça*?

— Aí na porta.

— E os papéis?

— Ah, senhor, eu quando saí de minha terra não pensava em vender o meu negro e deixei a matrícula.

— Já vê que é difícil fazer a transação.

— Mas V. Sª podia dar um jeito a isso.

— Não sei como. Afinal, mande entrar o escravo.

— Antes de tudo, quero pedir a V. Sª um grande favor. O negro é, como disse, o meu fiel, tenho-lhe muita amizade e não queria que soubesse que o tinha vendido. Trouxe-o para aqui, dizendo que vinha ficar em casa de V. Sª enquanto eu fazia uma viagem aqui perto. Eu o farei entrar e voltarei mais tarde.

— Pode ir descansado, eu saberei iludi-lo.

Inácio da Paixão saiu e mandou Paciência entrar para o gabinete de Prisco.

O comendador ficou perdido pela *peça*. A musculatura e os dentes perfeitos, sem faltar um só, desafiaram a sua cobiça.

— Se fosse bem preto! dizia Prisco em voz baixa.

Paciência foi examinado pelo traficante. Com algum constrangimento, teve de botar as calças abaixo e sujeitar-se a uma completa vistoria; o amo havia recomendado e não se opôs.

Prisco, contando com lucro certo, decidiu-se a comprar Paciência, embora faltasse a matrícula, falta esta que sanaria com um

documento falso. Prescindiu do exame médico; a saúde do matuto era manifesta.

O comendador, depois de ter tomado o nome do suposto escravo, fê-lo seguir para a senzala, acompanhado de um criado.

Enquanto esperava a volta de Inácio, Prisco examinava as matrículas dos escravos que foram de Freitas, e procurava arranjar uma matrícula para Manuel da Paciência. Fez um documento que iludiria à primeira vista, e assinado pelo coletor das rendas gerais do município onde residia Inácio da Paixão.

Muito depois do meio-dia, voltou Inácio; vinha sobressaltado.

Prisco percebeu a comoção e tomou-a por um sentimento bom. Era preciso fechar o negócio, antes de algum arrependimento.

— O seu negro é sadio, mas falta o indispensável.

— Ah, senhor, eu assino a escritura e lhe prometo mandar a matrícula, dentro de um mês.

— Não duvido, mas demora o embarque.

— Eu darei um abatimento pelo empate.

— E quanto quer pelo escravo?

— Um conto de réis.

— É muito caro! A mercadoria está depreciada no sul, e tenho aqui um grande depósito.

— E quanto V. Sª dá?

— Para lhe falar com franqueza, eu preferia não comprar o escravo.

— Para servi-lo, darei seiscentos mil-réis, e o senhor assinará um documento se responsabilizando pela matrícula, a qual me entregará no prazo de trinta dias.

— É muito pouco dinheiro! Lembre-se V. Sª que este é o último bem que me resta, é o pão que tenho para a família neste tempo de calamidade.

— O meu oferecimento não priva o capitão de procurar melhor negócio; o escravo está aí, querendo pode levá-lo a outro comprador.

— Já está aqui, não quero retirá-lo. Pode V. Sª aprontar os papéis para eu assinar.

Prisco preparou todos os documentos, que Inácio assinou com mão firme.

O comendador contou seiscentos mil-réis, que o matuto recebeu, guardou sem escrúpulo e, com respeitosa vênia, se despediu de Prisco.

CAPÍTULO IX

Inácio da Paixão passou o resto da tarde ansioso que chegasse a noite para ir jogar. Nem se lembrava do crime contra a liberdade de Paciência! À noite, foi quem primeiro se sentou em frente do trombone.

O jogo começou e Inácio atirou-se ao primeiro correr dos dados. A sorte, entretanto, sem olhos que lhe vissem a catadura, pregava-lhe grandes logros. Parecia divertir-se à sua custa. Inácio parava no *pequeno* vinha o *grande*; mudava para este vinha aquele, e assim, numa constante embaçadela, antes de meia-noite, tinha perdido os seiscentos mil-réis que recebera do comendador. Com uma grandeza de ânimo que surpreendia, pediu ao comissário, seu próximo parceiro, um empréstimo de vinte mil-réis. O agente do governo serviu-o imediatamente.

Inácio recebeu o dinheiro e parou todo de uma vez. Imóvel, com os olhos cravados na nota do tesouro, com a respiração quase suspensa, parecia sempre fito no dinheiro que havia parado; colava as cédulas ao pano.

Correu o jogo e dez vezes ganhou. Inácio, deixando as paradas a dobrar sempre! Na undécima vez, antes do banqueiro levantar o trombone, Inácio teve um palpite e retirou todo o dinheiro. Havia adivinhado; descobertos os dados viu-se um número pequeno e o matuto jogava no *grande*. Livre do azar, mesmo assim Inácio não pôde deixar de sentir um calefrio. Era grande o lucro; deduzida a quantia de Freitas, ficavam-lhe alguns contos de réis, uma fortuna sob todos os pontos de vista.

Dez vezes quis levantar-se e sentava-se. Quis retirar-se e não pôde. Não queria jogar e parava. Nessa alucinação horrível, completamente dominado pelo jogo, deixou-se arrastar. A sorte virou, os dados divertiam-se com o matuto, e tão manifesta era a teimosia da fortuna que os parceiros haviam-na compreendido e aumentavam os lucros jogando sempre contra Inácio. Em pouco tempo o matuto viu desaparecer o que havia ganho; restava-lhe o dinheiro de Freitas. Fez um esforço para sair do jogo, mas não pôde. Abandonar todas as probabilidades de fazer fortuna, deixar a banca com tanto dinheiro, que com certeza mais tarde seria seu, arriscando alguns mil-réis, não era para aquele espírito dominado por uma paixão. Arriscou dez mil-réis e perdeu-os: foi salvá-los e perdeu mais! Exasperado com os caprichos da sorte, se atirou ao jogo e, antes de uma hora, de decepção em decepção, perdia o último real! Não parecia muito contrariado; *aperuou* a banca até o fim, e foi o último a retirar-se. A sua tranqüilidade de espírito não durou

muito tempo. Ainda não tinha pensado na situação em que se achava, nos crimes que havia cometido. Chegando ao hotel, se recolheu ao quarto. Pensou no que havia feito e sentiu-se humilhado. Nem uma esperança de conforto; só o remorso a torturá-lo, noite e dia. A venerando figura de Freitas e a humildade de Paciência, cada qual mais nobre e mais infeliz, estacionariam sempre diante de seus olhos como uma maldição à sua loucura. Inácio chorou como uma criança. Pensou em sua desgraça e só encontrou dois caminhos a seguir: a emigração ou o suicídio. Matar-se era impossível naquela ocasião, tinha as faculdades perfeitas e estas repeliam tal idéia. Convinha-lhe a emigração, embora deixasse o torrão natal, a esposa, os filhos. O espírito, ao mesmo tempo que se abatia com uma separação forçada, se alentava com a esperança de um futuro risonho; um mundo novo que se abria e onde talvez existisse a felicidade. Decidido a emigrar, escreveu a Manuel de Freitas:

"Meu bom amigo. — O vício me fez desgraçado. Abusei de sua confiança, perdendo no jogo o resto de sua fortuna. Se tivesse direito de pedir-lhe alguma coisa, em nome de Deus lhe rogava, lhe implorava caridade para minha mulher e filhos, que ficam desamparados à mercê da fome, da miséria. Emigro para o Amazonas, de onde só voltarei quando puder saldar as minhas dívidas. — Seu parente e amigo grato, *Inácio da Paixão.*

Fechada a carta, o matuto guardou-a no bolso do paletó. Quis descansar, dormir mesmo, mas qual! As pálpebras tesas, como num espasmo, deixavam ver os olhos secos, num olhar amortecido e desalentado. Pensava na viagem, quando lhe apareceu na imaginação a figura de Paciência.

Inácio sentiu despedaçar-se-lhe o coração. O que faria para salvar aquele inocente? Numa prostração, num abatimento doloroso, o matuto cada vez caía mais, quando se lembrou que muito provável era que fosse descoberto o seu crime, e então, em vez de ter por menagem as florestas virgens do Amazonas, teria a cadeia da Fortaleza.

Reanimou-se e tratou de procurar um meio denunciar a traição de que fora vítima o seu fâmulo. Lembrou-se do jornal do seu partido, do qual era assinante e sabia a tipografia. Havia publicado, há muito tempo, um anúncio de *escravo fugido,* e com bons resultados. Aceita a idéia, pô-la em prática:

"Um amigo da liberdade previne à polícia que em casa do comendador Prisco da Trindade existe um homem livre reduzido à escravidão. Chama-se Manuel da Paciência, e foi vendido por um matuto."

Inácio da Paixão fechou o aviso e sobrescritou ao referido jornal. Era preciso agora sair do hotel às escondidas e com a maca.

Saiu sem ser visto, e, ao dobrar a primeira esquina, encontrou-se com o comissário, seu parceiro de jogo, que descia para o porto, acompanhando mais de quatrocentos retirantes, que iam embarcar para o Pará, em uma barca velha e arruinada, que saía em lastro para aquele porto.[30]

— Vão embarcar? perguntou o matuto ao comissário.

— Para o Pará.

— Dá-me uma passagem?

— Com muito gosto.

— Até já, vou preparar-me, e o procuro na praia com pouco mais.

E saiu para a tipografia com precipitação.

— Não demore muito, gritou o comissário para o matuto.

— Depressa me avio.

Inácio deixou na tipografia o aviso e seguiu para o porto. O comissário fazia transportar os retirantes para bordo da barca *Laura*. O transporte era mal feito e vexatório. A emigração não era voluntária, mas forçada pelo governo, que trancava os celeiros aos famintos e abria os portos da província.

O matuto, aproximando-se do comissário disse-lhe:

— Já que me fez o favor de dar passagem, por bondade encarregue-se de fazer esta carta chegar ao seu destino.

E entregou a carta dirigida a Manuel de Freitas.

— Pois não, disse o comissário, guardando a carta.

— Obrigado; tem um criado, onde me levar a sorte.

— Seja feliz.

Inácio da Paixão, embarcando na jangada que transportava os retirantes, olhou com saudades para as brancas praias de sua terra, para o puro azul do firmamento.

CAPÍTULO X

No palacete de Prisco todos passavam regularmente. Havia na senzala mais alguns escravos comprados por preços muito inferiores aos do mercado do sul. Filipa, completamente ascética, vivia

---

30 Ao nosso entender, parece que, em lugar de *em lastro*, como está na 2.ª ed. e na 1.ª, deve ler-se *sem lastro*. Dada a pouca ou nenhuma conta em que se tinha o homem de cor feito escravo, nada mais justo, à época, do que lastrear os porões dos navios de linha, que voltariam do norte, com madeiras, sobretudo, para carpintaria e marcenaria destinadas à cidade de Fortaleza.

rezando pelos cantos. No dia em que o médico vacinava os seus companheiros de cativeiro, ela, que também se achava presente, teve um acesso forte de epilepsia. Era o quarto ataque que tinha, depois da invasão do mal. O doutor reconheceu a nevrose e considerou a doente perdida.

Prisco, tendo conhecimento do fato, interrogou a escrava acerca da moléstia, e soube a data e causa do desenvolvimento. O comendador, inteirado de tudo, nada disse. Os sonhos de Faustina confirmavam a história de Filipa.

Alguns dias depois da vacinação dos escravos, havia na *casa negreira* uma festa de família: os anos de Sinhozinho.

O comendador tinha a mania de ver o seu nome em letra redonda, coberto de elogios. A ocasião era oportuna, podia figurar entre os beneméritos libertadores, entre os que alforriam escravos, mas escravos válidos, sem ônus algum, sem gastar vintém. Filipa estava perdida e por isso a libertaria. A mãe liberta, podia vender e embarcar a filha, que era menor de dez anos. O dia escolhido foi o aniversário natalício de Jacó. Haveria um banquete comemorativo daquela data, o qual terminaria pela liberdade de Filipa.

Assim foi: quando o jantar estava à sobremesa, depois de centenas de brindes onde apregoaram-se honras, talento, ilustrações, virtudes etc., etc., e o champanha saboroso e traiçoeiro ia do estômago ao cérebro, levantou-se o comendador e, em frase estropeada, declarou livre sem ônus algum a escrava Filipa.

Depois da explosão do contentamento, houve o silêncio sucessor dos grandes acontecimentos. Assim seria tornar o ato mais grandioso.

Os redatores de todos os jornais da capital achavam-se presentes; tinham sido convidados de propósito e aproveitavam o silêncio para tomar notas. Um dos convivas levantou-se, pediu atenção e, em uma postura toda estudada, fez um discurso em que historiava a vida do comendador, o nascimento de Jacó e a liberdade de Filipa. Falou e falou mais de meia hora. Um outro convidado, ainda não satisfeito com a exibição do companheiro, ocupou-se largamente com as virtudes de D. Faustina, e não foi menos pródigo em elogios e bernardices.

O jantar terminou muito depois das oito horas da noite, retirando-se os convivas muito gratos à gentileza de Prisco e de Faustina.

O dia seguinte era domingo, e o comendador madrugou ansioso para ler nos jornais a notícia de sua festa. Chegaram os periódicos, e era esta a local, pouco mais ou menos:

"*Ação meritória.* — Ontem teve lugar no palacete do nosso distinto e respeitável amigo, o Ex.^{mo} Sr. Comendador Prisco da Trindade, um lauto banquete, ao qual assistiu a *elite* de nossa socie-

dade, onde também nos achamos, graças à gentileza daquele cavalheiro. O festim foi em homenagem ao natalício de seu digno e inocente filhinho Jacó. S. Exª, com a bondade de coração que o caracteriza e a generosidade que o distingue, para mais solenizar aquela data, concedeu, animado pelos mais puros e elevados sentimentos de humanidade, fosse livre, sem ônus algum, sua escrava Filipa. Este ato é tanto mais para louvar, quanto a liberta tem apenas dezoito anos de idade! Com o maior prazer registramos esta obra de benemerência do nosso ilustre amigo."

Prisco leu dez vezes cada período. Como lhe era agradável ver o nome precedido de uma excelência! Passou o dia contentíssimo. À tarde, no jantar, disse à mulher que Filipa estava liberta e que a despedisse.

Faustina, logo no outro dia, pela manhã, mandou vir à sua presença a antiga escrava de Freitas, e disse-lhe:

— Está forra, minha negra, cuide em procurar a vida.

A liberta ouviu surpreendida as palavras da mulher de Prisco: não supôs que a enxotassem tão cedo! Naquela casa havia um elo forte que a prendia; era a filha. Obrigada a separar-se de Bernardina, e tão cedo! A idéia daquela separação forçada e a certeza de ser preciso mendigar para viver, aterrou-a. Filipa fita Faustina e ia suplicar-lhe quando cai redondamente no chão.

Jacó, que perto de sua mãe prestava atenção à liberta, assusta-se, e medroso senta-se no colo de Faustina.

A epilética, depois do baque, solta um grito medonho que assombra a criança.

Faustina procura acalentar o filho, animá-lo, mas Jacó, cada vez mais apavorado com o ataque da liberta, que em convulsões horríveis rolava por toda a sala, empalidece e desmaia.

A mulher de Prisco pede socorro, acodem todos, vem o médico e declara que a criança havia sofrido um ataque incompleto de epilepsia; herdara do trisavô, um alcoólico, a nevrose, que não se tinha desenvolvido nas outras gerações que o precederam.

Filipa recolheu-se à senzala, depois do acesso, onde ficou esquecida dos senhores, que viviam entregues à idéia de procurar restabelecer a saúde do filho.

Faustina vivia triste, parecia que lhe repetiam ao ouvido aquelas palavras fatais:

— *Quem com ferro fere com ferro será ferido.*

Manuel da Paciência foi interrogado por Faustina, dias antes do aniversário de Jacó, e disse ser livre. Surpreendida com tal declaração, comunicou-a ao marido. O aviso de Inácio da Paixão não tinha sido publicado, mas corria na cidade. Só a polícia o ignorava. O redator do jornal a quem fora dirigido, no dia do banquete do

comendador, chamou Prisco à parte e mostrou-lhe o autógrafo. O traficante empalideceu e prometeu que chamaria a polícia, para tirar o caso a limpo.

Logo no dia seguinte, foi Paciência interrogado e recolhido à cadeia. Dez vezes fizeram-lhe auto de perguntas, e foram sempre as mesmas as suas respostas.

O delegado de polícia, certo de que nada colheria que provasse a cumplicidade de Paciência, mandou espaldeirá-lo, mas Manuel, embora barbaramente castigado, disse sempre que estava inocente. Abriram-lhe as portas do cárcere, e, sem procurar mais pelo amo, voltou ao sertão.

MISÉRIAS

CAPÍTULO I

É Simeão de Arruda, comissário distribuidor de socorros públicos, uma das personagens mais importantes desta história. Tem trinta anos e estatura regular. O rosto é alvo e descarnado, os olhos azuis e vivos, enfeitado por uma barba à inglesa, ruiva como a espessa cabeleira. É diligente, falador, e tem em grande conta os serviços que prestou e vai prestando na seca. Deve o lugar de comissário à política. É partidário exaltado, bom cabo de eleições, reúne capangas, e não há quem grite mais nos conflitos eleitorais. A sua nomeação não foi muito fácil. O lugar era ambicionado como se fosse um rendoso emprego. As vagas eram preenchidas mais de acordo com os interesses da política, do que com a conveniência pública. O presidente da província tinha sempre uma lista de pretendentes a escolher. Falsos patriotas que, aparentando serviços à pátria, só visavam ao interesse pessoal. Entretanto, o patriotismo e a dedicação à causa pública não se tinham embotado completamente no espírito cearense.

Havia ainda muito coração leal e dedicado à pátria. A par dessa degradação moral, no meio do enxame de zangões do erário, dedicados até o sacrifício, encontravam-se alguns cidadãos que, sem a menor retribuição, devotavam-se com toda a abnegação à causa da humanidade.

O governo da província era cúmplice nos estelionatos de alguns de seus agentes, cúmplice porque aceitava e não retribuía os serviços de homens onerados de família e completamente deserdados da fortuna.

Simeão de Arruda era casado, tinha mulher e filhos, e a subsistência da família, difícil já em outros tempos, tornava-se agora

impossível. Os amigos políticos obtiveram sua nomeação para comissário de um dos abarracamentos na capital, emprego este cuja remuneração constava apenas de sessenta mil-réis mensais para o aluguel de uma cavalgadura.

Arruda aceitou o emprego, disposto a fazer dele um meio de vida honesto como qualquer outro; pensava como muita gente pensa: furtar do governo não é furtar.

Havia muita miséria na população adventícia da capital. As mesmas cenas da fome nos ermos caminhos do interior tinham lugar nas ruas e praças da Fortaleza. Quase cem mil infelizes de todas as idades viviam miseravelmente nos abarracamentos do governo, nas praças públicas e nos passeios das casas! O presidente da província havia concorrido para essa aglomeração de famintos na capital. Homem de idade avançada, enfezado por padecimentos crônicos, portanto incapaz de aturados trabalhos de espírito, deixou-se levar por informações falsas e, sem medir as conseqüências de seus atos em crise tão melindrosa, tomou as desastradas medidas de fechar os celeiros do governo aos famintos do interior e de suspender a construção de abarracamentos na Fortaleza. Esses dois atos praticados na mesma data revelavam uma enfermidade moral, tal era o seu antagonismo.

Manuel de Freitas chegava na pior quadra. No dia que sucedeu ao seu alojamento, logo pela manhã, saiu a conhecer a capital da província. Tinha um desejo veemente de vê-la, de admirá-la! A Fortaleza é uma cidade nova, reedificada sobre as ruínas de uma casaria de palhas e de taipas depois da seca de 1845.[31]

Situada na costa, muito perto do mar, em um terreno plano, teria todas as vantagens das povoações marítimas se fosse servida por um bom porto. Entretanto, o seu comércio se alarga, todos os anos, e a área edificada aumenta sempre.

Era a primeira vez que Freitas a via. Deixou os tabuleiros da Jacarecanga, aquele areal branco e estéril, cuja mobilidade tanto dificulta a locomoção, coberto apenas em alguns pontos de uma vegetação raquítica, mas enfolhada, e entrou pela Rua do Senador Pompeu, chamada outrora Rua Amélia. O fazendeiro ficou admirado da regularidade da edificação. Duas filas de casas com a maioria das frentes pintadas de amarelo, com saliente cornija branca, parapeito também emoldurado de alvos relevos, e do qual saíam cabeças de serpentes, de jacarés, de dragões, feitas de zinco e destinadas a esgotar os telhados durante as chuvas, perfilavam-se na

---

31 Ressente-se R. T., em todos os seus romances regionais, da preocupação com os fatos históricos e geográficos.

extensão de quase um quilômetro, guardando de uma para outra a distância de vinte metros. As fachadas das casas, todas obedeciam ao mesmo plano e à mesma simetria monótona.

Delas se destacavam portas e janelas, aquelas tendo rótulas e estas vidraças na metade superior do vão e rótulas na metade inferior, mas todas pintadas de verde. De muitas portadas os postigos se abriam para fora, embaraçando estupidamente o trânsito público, ou saindo de encontro inesperadamente à cara do transeunte, impelido pelo morador que abria de súbito a portinhola da rótula.

A rua calçada de seixos, com o dorso convexo, descia até as coxias, onde formava uma depressão, subindo depois até encontrar o cordão da calçada. Os passeios das casas, todos da mesma largura, tinham os bordos externos orlados pelos combustores de gás de iluminação, colunas de ferro pintadas de alcatrão, de vinte em vinte metros de distância, terminadas por uma manga quase oval, inteiriça, de bom vidro e coberta por um capacete de metal pintado de verde. Essas filas de postes pretos lembravam, à noite, o desfilar de um enterro.

As dez ruas, todas do mesmo comprimento e largura, calçadas e cortadas em retângulos formando quarteirões de cem metros quadrados, eram, pelo plano de disposição, convenientemente ventiladas e, quanto possível, alumiadas pelo sol. Mais de dez praças, grandes, arborizadas de castanheiros e mungubeiras, embelezavam a cidade, concorrendo assim para a salubridade do clima, até então, um dos melhores do Império.

Da linha superior da fachada das casas, elevavam-se alguns sobrados, quase todos de um só andar e de recente edificação, pois os antigos proprietários acreditavam que o terreno da Fortaleza, por sua natureza arenosa, não se prestava a este gênero de construção.

Poucos templos e todos construídos ainda no estilo da antiga arquitetura portuguesa, viam-se com seus pares de campanários terminados em cata-ventos de ferro, mas imóveis em pleno espaço. Alguns edifícios públicos isolados, como a assembléia provincial, o palácio do governo, o seminário episcopal, o tesouro provincial, a biblioteca pública, a escola normal mas todos ressentindo-se mais ou menos da falta de estética. Entre os edifícios, é o da estação central da estrada de ferro de Baturité o que estava mais no caso de satisfazer a todas as exigências dos preceitos arquiteturais, pois foi construído por profissionais; este mesmo tinha graves defeitos percebíveis, logo à primeira vista.

Manuel de Freitas percorria a cidade da Fortaleza com a alma vazia de esperanças! Palpava a grande chaga aberta no coração do povo com uma consternação que o desalentava. Todos felizes em uma vida pacífica, cuidavam em criar novos elementos de pros-

peridade, quando um grito de alarma — *seca* — ecoou das praias da Fortaleza às covoadas[32] do Araripe! O período da felicidade havia-se esgotado, era chegada a época das angústias, das provações.

Já bem alto no horizonte ia o sol, que devia torrar os campos, secar as fontes, esterilizar a terra e trazer a miséria à tenda do homem. Era a seca que chegava. O flagelo propagava-se a toda a província com a velocidade da luz.

Freitas, apavorado com o cortejo da miséria que desfilava pelas ruas da Fortaleza, quase esmorecera. Uma multidão de criaturas de todas as idades e de todos os sexos, trôpegas, escaveiradas, seminuas, enchia a cidade, a pedir esmolas.

O fazendeiro, aterrado e desiludido, voltou ao rancho, e assim descrevia a sua mulher o estado da capital:

— Venho horrorizado, Josefa. Vi tanta miséria, que me espantei. Imagina o que de horrível vi, que pôde me eriçar os cabelos, a mim, testemunha ocular das mais pungentes e medonhas cenas! Cedo desiludi-me. A Fortaleza, que acreditava a nossa salvação, onde supus o conforto das populações famintas, tem o lúgubre aspecto das povoações do interior, regurgita de infelizes, que mendigam cambaleando de fome. Nos passeios das casas, nos adros das igrejas, nas praças públicas dormem ao relento, e raro é o dia que destes dormitórios não conduzam, ao amanhecer, cadáveres para o cemitério. Vi mortos, no meio da rua, um velho e uma mulher, expostos no calçamento como cães ou gatos, apodrecendo no monturo. Tive dó deles! Como estavam magros! Em suas fisionomias, pode-se dizer, se percebiam ainda os fundos traços de uma prolongada angústia. A peste e a fome matam mais de quatrocentos por dia! O que te afirmo é que, durante o tempo em que estive parado em uma esquina, vi passar vinte cadáveres: e como seguem para a vala! Faz horror! Os que têm rede, vão nela, suja, rota, como se acha; os que não a têm, são amarrados de pés e mãos em um comprido pau e assim são levados para a sepultura. Os enterramentos desfilam pelas ruas mais públicas da cidade. E as crianças que morrem nos abarracamentos, como são conduzidas! Pela manhã os encarregados de sepultá-las vão recolhendo-as em um grande saco; e, ensacados os cadáveres, é atado aquele sudário de grossa estopa a um pau e conduzido para a sepultura! Informei-me de tudo, e nada do que vi e ouvi alentou-me! Disseram-me que a prostituição lavra desenfreada. São muitos os sedutores. Até meninas de dez anos estão perdidas por esta raça maldita de perversos! O espírito se

---

[32] Termo regional, dicionarizado modernamente com o significado de repetição de concavidades nas montanhas.

abate, agoniza mesmo, perante um tão vivo quadro de misérias humanas. Ao mesmo tempo, o corpo definha, mal alimentado, à falta de ordem na distribuição dos víveres do governo. Os socorros são mal distribuídos. Trocam a ração pelo trabalho, mas por um trabalho penoso, superior às forças dos famintos. Um pobre homem cansado de uma longa viagem, enfraquecido de fome, pode caminhar todos os dias doze quilômetros com uma pedra às costas, para receber uma ração de um litro de farinha e quinhentas gramas de carne do sul?! Se é só, poderá escapar à fome, mas se tem, como na maioria deles, oito e mais pessoas de família, qual o seu fim? A morte, Josefa.

— Valha-nos Deus, Manuel, disse Josefa, chorando desconsoladamente.

— Só temo a peste, Josefa. A febre mata nos abarracamentos, de um modo espantoso! Se eu morrer, o que será de ti e de Carolina? Aterra-te a minha franqueza! Era necessário que não ignorasses a nossa situação, para ficares também de guarda. Sinto-me disposto para a luta e juro continuar a velar pela tua sorte e de nossos filhos. Se eu morrer, prefere, com os filhos, acabar-te de miséria a ir para um abarracamento.

— Deus sobretudo, Manuel.

Freitas ouviu a mulher e fitou-a. Tinha os olhos rasos de lágrimas e, apelando para a misericórdia da Providência, olhava a filha que, perto de si, cercada dos irmãos, entretinha-lhes a fome contando-lhes histórias.

O fazendeiro ia continuar a conversação, quando notou que um cavalheiro se aproximava do rancho.

Era Simeão de Arruda, que vinha a galope no seu cavalo negro. Olhou de relance para os habitantes da palhoça e, impressionado pela formosura de Carolina, parou o cavalo e dirigiu-se a Freitas:

— Quando chegou, meu velho?

— Há pouco tempo.

— Quantas pessoas tem de família?

— Mulher e cinco filhos.

— Seu nome?

— Manuel de Freitas.

— De onde é natural?

— Da cidade de. . .

— Qual sua profissão?

— Criador.

— Não se empregava em outra coisa?

— Não senhor.

— Nem ao menos era subdelegado em sua terra?

— Sou coronel da Guarda Nacional e presidente da Câmara no município em que residia.

— Bem, coronel, vejo que merece os socorros do Estado. Tomarei em toda a consideração a sua pobreza.

— Agradecido. Desejava saber com quem tenho a honra de falar?

— Com Simeão de Arruda, comissário distribuidor de socorros públicos.

— Muito estimo conhecê-lo.

— Obrigado, voltarei amanhã, adeus.

O comissário, dando de rédeas, continuou a excursão. Ia perdido pela beleza de Carolina. O nome de Freitas não lhe era estranho; lembrou-se finalmente da carta de Inácio da Paixão, que havia aberto e lido.

O coronel, a mulher e os filhos teriam passado dias de completo jejum, se uma família abastada, que residia na vizinhança, não se condoesse das crianças e não lhes mandasse algum socorro.

Na manhã seguinte a primeira pessoa que viu Manuel de Freitas foi Simeão de Arruda. O comissário, estava apaixonado pela moça, que seduziria, custasse o que custasse. Contudo, não achava muito fácil a realização de seus desejos — o seu primeiro passo seria no sentido de conquistar o coração de Carolina, depois de granjear a simpatia e gratidão dos pais com repetidos favores. Assim procedendo, pensava ser fato consumado a sedução da moça. Se esses meios falhassem, lançaria mão de uma arma poderosa e terrível — a miséria. Havia de rendê-los pelo dinheiro ou pela fome. Todos estes pensamentos ocorreram-lhe durante a noite, no leito, ao lado da esposa.

Simeão, chegando à palhoça, cumprimentou a todos de um modo afável e delicado. Dirigindo-se a Freitas, disse-lhe:

— Como lhe prometi, coronel, trato de prestar-lhe os meus serviços. De hoje em diante receberá víveres para subsistir com sua família, até que possa lhe obter um emprego digno de sua posição.

— Eternamente obrigado, senhor comissário. Se fosse possível trabalhar logo, para ganhar o pão, ser-me-ia mais agradável.

— Veremos isso com mais demora. Em primeiro lugar, vou procurar abrigá-los melhor.

Josefa ouvia cheia de contentamento as promessas de Simeão. Para ela não havia dúvida que aquele homem era um enviado do céu, o anjo da guarda que vinha defendê-los de todos os perigos. Agradecida, disse-lhe:

— Permita-me V. Sª que em nome de meus filhos, agradeça os seus favores e atenções.

O comissário, em cômica postura e revestindo-se de uma gravidade que lhe não era própria, respondeu:

— Grato às expressões delicadas com que V. Exª acaba de honrar-me; é de minha obrigação dizer-lhe que nada tem a agradecer-me. Cumpro o meu dever prestando serviços à humanidade, sem outra remuneração a não ser a consciência de um ato bom.

A mulher de Freitas estava admirada de tanta virtude. Cada vez mais se convencia de que o comissário era um enviado de Deus.

Arruda, não querendo prolongar mais aquela cena, temendo comprometer-se, retirou-se, depois de apertar com efusão a mão de Freitas e dizer-lhe:

— Permita-me que me retire, coronel; é preciso não perder tempo; a peste e a fome não têm coração e não se conta o número de suas vítimas. É preciso procurar os que sofrem e enxugar-lhes as lágrimas. Hoje mesmo lhe serão entregues víveres para oito dias.

Pouco tempo depois da retirada do comissário, chegava à palhoça um empregado de Arruda, acompanhado de dois retirantes carregados de gêneros alimentícios. Traziam tudo que era necessário à vida.

Josefa recebeu o presente e de joelhos bendizia a mão protetora que Deus havia enviado para levantá-los.

Freitas, disposto a dar segundo passeio à Fortaleza, disse a sua mulher:

— Vou à cidade falar com o comendador, para me obter um emprego.

— E o conheces?

— Pessoalmente, não. É chefe de meu partido, deve atender-me e conhecer-me.

— Não é melhor esperar pelo emprego de nosso protetor?

— Gosto de andar a duas amarras.

E saiu.

CAPÍTULO II

Manuel de Freitas bateu à porta de um dos bons prédios da Fortaleza, a casa do comendador * * *. Apareceu-lhe um criado, que, depois de olhá-lo com indiferença, voltou-lhe as costas sem dar palavra.

Freitas compreendeu o silêncio do servo; não merecia ser anunciado. Sentia o terribilíssimo jugo da dependência, era humilhado pela primeira vez na vida. Quis voltar e esconder-se em sua palhoça, a tragar as amarguras do infortúnio, mas isso era uma covardia, era entregar-se à indolência, ao aviltamento da esmola.

O coronel se anunciou outra vez, e, aparecendo-lhe, o mesmo criado disse-lhe com insolência:

— Não me incomode com suas palmas. O senhor comendador não fala a retirantes.

Freitas sentiu-se cada vez mais ferido em seu amor-próprio. Ia retirar-se, quando se abriu a porta da escadaria e apareceu-lhe o comendador.

— Tenho a honra de conhecer pessoalmente V. Exª, disse Freitas.

O comendador deu-lhe friamente as pontas dos dedos e perguntou-lhe:

— O senhor quem é?

— Manuel de Freitas, da cidade de. . .

— Sim, senhor, estimo em conhecê-lo, e sinto não poder prestar-lhe atenção por causa de muitos afazeres que tenho hoje.

E continuou a descer a escada.

— Obrigado. Não perdi de todo o meu tempo, fiquei-o conhecendo.

O comendador parou imediatamente. As palavras do coronel o abalaram. Era atrevido, mas covarde; tinha o defeito dos cães que ladram muito, mas só mordem a furto.

— O coronel queira desculpar-me, só agora é que pude recordar-me de V. Sª. Talvez pretenda um emprego, não é assim?

— Queria conhecê-lo.

— Não, senhor, é preciso V. Exª não se zangar com os seus amigos. Estou afastado de palácio e da política. Se fosse em outros tempos o coronel podia contar com um dos melhores empregos daqui, mas estamos debaixo, não se pode fazer nada.

— Suponho que não pedi a V. Exª emprego e nem favor algum.

— Não há dúvida, mas se houver mudança de presidente, pode ser que tudo se arranje. Ninguém merece mais que V. Exª. O nosso partido muito lhe deve. Ninguém foi mais leal e obteve mais triunfos. Deixe estar que algum dia os seus serviços serão recompensados.

— Quando dediquei-me à causa dum partido não foi visando a interesses e recompensas. Passe bem, senhor comendador.

E Freitas desceu a escada. Chegando à rua, voltou ao rancho.

Simeão de Arruda vira o coronel entrar em casa do comendador e foi à palhoça, para conversar mais à vontade.

— Venho saber, minha senhora, se meu criado entregou ontem os gêneros que prometi, perguntou o comissário a D. Josefa.

— Entregou, e estamos muito agradecidos à bondade de V. Sª.

— Onde está o coronel?

— Foi à cidade.

— Parece-me que V. Exª tem a ventura de possuir um bom marido.

— Graças a Deus.

— Sua filha não tem gostado daqui?... Está sempre triste...

— Talvez alguma saudade a faça cismar! Não é assim, D. Carolina?

A moça antipatizou com o comissário, desde a primeira vez que o viu, e agora sua conversação, toda fútil, toda banal, concorreu para que aquele sentimento mais se acentuasse.

Arruda estava em uma situação difícil. Acontecia a ele o que se dá todos os dias nos grandes salões; insossos diálogos de criaturas de sexos diferentes e que se encontram pela primeira vez.

— Saudade do lugar em que nasceu e passou a infância? perguntou Simeão.

— Talvez, respondeu a moça.

— Das amigas que deixou, senhor comissário, disse Josefa.

— Aqui, muito breve, terá outras. Ainda vou distribuir socorros a mais de quinhentas famílias. Amanhã trarei um livro para distraí-la, D. Carolina.

— Queira não se incomodar.

— Não me incomoda, dá-me prazer.

E Arruda, despedindo-se, saiu para o abarracamento. Ia desapontado: parecia-lhe haver estreado mal. As reservas de Carolina, suas palavras ditas em um tom todo especial e de quem está aborrecido, haviam-lhe incitado o despeito e, agora mais do que nunca, jurava prostituí-la.

Mal o comissário perdia de vista a palhoça, chegava Freitas, triste e desalentado. Voltara sem uma esperança!

Josefa contou-lhe a visita de Simeão e mais promessas. O coronel ouviu tudo de sobrolho carregado e disse:

— É generosidade demais! No tempo em que eu era crédulo, podia deixar de ver, nesses repetidos favores, a manha, a astúcia; mas hoje, não.

— Quererás desconfiar da bondade do nosso protetor, Manuel?!

— Não tenho ainda razões para isso. Estarei de guarda, sempre alerta, pois é enorme a raça de hipócritas. Galvaniza-se a fisionomia com a mesma facilidade com que os ourives galvanizam os metais. Não existe hoje amizade que mereça um sacrifício! Fui pedir a proteção do comendador, o mesmo que ontem abria-me as portas de seu palácio e punha os seus serviços à minha disposição.

— E como te recebeu ele? perguntou Josefa.

— Como se recebe um mendigo. Até os seus criados zombaram de mim!...

— Devemos fugir dos maus e confiar nos bons, Manuel.

— E como distingui-los? As aparências iludem muito.

— A virtude é conhecida.

— *Não julgues o bom por bom e nem o mau por mau;* é esta uma das sentenças mais sábias que conheço.

— É preciso mais calma, mais prudência, Manuel.

— Cansei, Josefa. Não avalias o que tenho sofrido! Não sabes mesmo as cenas horrorosas de que fui testemunha nos caminhos do sertão! Tudo eu calava, concentrava tudo por amor do teu sossego, do feliz êxito de nossa peregrinação! Chegamos com vida ao porto, não do destino, porque na luta em que estamos envolvidos não há previsão de sorte; mas ao centro das operações, onde o soldado ou segue para a vala, ou deserta, fora, procurando melhor pátria.

— As tuas palavras me mortificam, Manuel!

— De hoje em diante, te comunicarei a nossa posição, nada quero que ignores.

— Deus seja em nosso favor.

— Custa-me essa franqueza rude, mas é necessária. Supõe que eu falte amanhã e te deixe ignorante do meio em que estás vivendo: com certeza serás uma vítima, do destino e da minha imbecilidade. Quero que se caíres no abismo, tenhas consciência das conseqüências da queda.

— Deus sobretudo, Manuel.

CAPÍTULO III

NA MANHÃ que sucedeu ao dia da última visita à palhoça de Freitas, o comissário, montando em seu cavalo negro, seguiu em direção ao rancho do coronel. Ia levar um romance a Carolina, e socorros em dinheiro e fazendas a Freitas. A família tinha-se levantado, havia pouco tempo.

Arruda apeou-se no terreiro da palhoça e entrou, pedindo licença:

— Bom-dia, coronel, D. Josefa e D. Carolina.

Todos se levantaram e saudaram com respeito o comissário.

— Como vai o coronel? perguntou Simeão.

— Assim, assim. . .

— Vim trazer-lhe dois cartões, um para receber fazendas, para vestir-se com a família, e outro para tirar semanalmente três mil-réis.

— É muita bondade, Sr. Arruda, disse Freitas.

— Nada tem que agradecer-me, tudo deve ao seu merecimento e ao patriotismo do nosso governo.

— E, não é preciso trabalhar para ter direito aos socorros públicos?

— É, porém o coronel não se há de sujeitar à degradante condição de carregador de pedras. O único interesse que temos nestas comissões é proteger nossos amigos.

— Não desejo que V. Sª por minha causa deixe de cumprir os seus deveres. Se o governo ordena que o retirante carregue pedras, para ter direito à ração, eu irei à pedreira.

— A responsabilidade é minha, e disso não pode vir ao coronel mal algum.

— Sou muito amigo da ordem e respeitador do princípio de autoridade.

— O coronel não conhece a capital e os seus homens.

— Mais talvez do que V. Sª supõe.

— Vou ao abarracamento.

O comissário despediu-se e caminhou até junto de seu cavalo, de onde voltou ao rancho:

— Ia esquecendo o romance que prometi a D. Carolina.

— Certamente traz a *Mulher Forte* para minha filha ler, disse Freitas.

O comissário perturbou-se um pouco e, aproximando-se da moça, disse, entregando-lhe o livro:

— Há de gostar desse romance, D. Carolina.

— Permita que peça o favor de dá-lo a meu pai; nada leio sem que ele o autorize.

O comissário perturbou-se mais ainda com a recusa.

Quase automaticamente depositou o livro nas mãos de Freitas e saiu com pressa.

"Ao portador dêem-se: quarenta metros de chita, duas peças de madapolão,[33] duas calças de brim, quatro camisas para homem e uma peça de cambraia", lia Freitas em um dos cartões furta-cor que recebera de Arruda.

— Uma peça de cambraia!! Será possível que o governo consinta em semelhante abuso? Esta ordem deve-se inutilizar, exclamou Freitas indignado.

— Não, Manuel, recebe as outras fazendas e deixa a cambraia; ou então pede ao Sr. Arruda para reformar o cartão.

CAPÍTULO IV

Simeão de Arruda pensava que o coronel ficaria muito satisfeito com a cambraia oferecida a Carolina. Contava vencer todos os obs-

[33] Denominava-se, geralmente, até poucas décadas, no Nordeste, assim, uma espécie de *morim* grosseiro, mais de uso masculino.

táculos. Entretanto precisava de um auxiliar e lembrou-se de uma feiticeira sua conhecida. Era a Quitéria do Cabo, e chamavam-na assim por ter sido muitos anos vivandeira de um cabo do Exército.[34] O povo a apelidava de feiticeira, porque se metia a adivinhar, a tirar feitiço, benzer erisipelas, curar osso rendido, coser carnes quebradas, sarar feridas de garganta, levantar espinhelas caídas e outras bruxarias. Era grande a clínica; os seus fregueses consideravam-na ótima curandeira e temiam seus malefícios. Os vizinhos respeitavam-na, temendo cair em seu desagrado. Em segredo diziam que Quitéria tinha pacto com o diabo, com quem conversava todos os anos, na véspera de São João, em uma encruzilhada, à hora da meia-noite.

A fisionomia da feiticeira e seus hábitos levavam a crer que em sua vida havia mistério. Vivia só. Dizia-se viúva e por isso trajava sempre um vestido preto. Era branca, rosto pálido e bastante sulcado pela velhice, tendo rugas mais salientes e em maior número do que exigiam os seus cinqüenta anos. Um nariz enorme e curvo, como o bico das aves de rapina, levantava-se como uma parede em meio de dois olhos pequenos vivos e verdes, com raríssimas pestanas, arqueadas sob grossas sobrancelhas grisalhas. A testa enorme e arrampada para a nuca fazia um contraste com o queixo pontiagudo, que, à falta absoluta de dentes, deixava unir os maxilares e beijava a ponta do nariz. As orelhas enormes parece que cresciam, havia meio século; eram tão finas, que quase a luz as atravessava, e estavam presas ao rosto como as aldrabas a um baú. Balançavam, ao menor movimento do corpo, e quase tocavam as clavículas.

Quitéria era assim fisicamente e no moral um aleijão também.

De uma avareza extrema, cometeria todos os crimes, assim lhe dessem dinheiro. Era devota e dizia-se temente a Deus. Ouvia missa diariamente, mas, quando voltava da igreja, escondia-se atrás da veneziana da rótula a observar o dia inteiro o que se passava na vizinhança. Confessava-se todas as semanas, jejuava nas quartas e sextas-feiras, e à noite não se deitava sem rezar um rosário de quinze mistérios. Cingia-lhe a cinta um grosso cordão de São Francisco e pendiam-lhe do pescoço bentos, medalhas, terços, orações milagrosas e alguns *patuás*[35] cosidos em pano preto. Temia o inferno e nunca chamou pelo diabo em presença de pessoa alguma. A sala de visitas

---

34 Embora no sentido tradicional sejam denominadas *vivandeiras* mulheres que, antigamente, acompanhavam os exércitos em luta, vendendo gêneros alimentícios, no texto, R. T. empregou a palavra na acepção de *amásia*.

35 Generalizadamente, receptáculos móveis, em que se transportam objetos leves. No texto, o autor se refere a uma espécie de amuleto que os sertanejos crédulos levavam ao pescoço, na crença de espantar malefícios.

e a alcova eram decoradas com retratos de santos e santas em caixilho de madeira envernizada.

Simeão de Arruda lembrou-se de uma excelente auxiliar. Os serviços de Quitéria seriam pagos pela verba *Socorros Públicos.* Era necessário cuidar logo da construção de uma casa para Freitas, e seria construída nas imediações da habitação da feiticeira. O comissário acreditava que o bom êxito de sua empresa dependia de Carolina vizinhar com Quitéria. Assim obteve um terreno perto da casa da feiticeira e deu começo à edificação. Todos os materiais seriam das olarias do governo e de seus depósitos; os operários seriam pagos com víveres do Estado.

Havia sido suspensa a construção dos abarracamentos e Simeão levantava com socorros públicos uma casa, que figuraria entre os seus imóveis.

O serviço marchava acelerado, graças ao salário dobrado que os operários recebiam.

A feiticeira, curiosa, observava aquela construção e estava vexada[36] por saber alguma coisa a respeito. Pensou que seria algum abarracamento, por ser o serviço feito pelos retirantes. Sob seu postigo parafusava[36a] sobre a nova casa quando viu que se aproximava o comissário. Simeão percebeu por detrás da veneziana os olhos verdes de Quitéria. Não perdeu ocasião de entabular o seu negócio, e dirigiu-se a ela:

— Muito boa tarde, minha senhora.

— Nosso Senhor lhe dê as mesmas, meu capitão; V.S.ª por aqui?!

— E de agora em diante terá de me ver muitas vezes em sua rua. Estou construindo ali uma casinha para uma família retirante. Pobre gente, está arranchada numa ruim palhoça.

— Credo! que vêm fazer esses *cafutes*[37] no meio da gente limpa?

— Não, senhora; é uma família importante que tem educação e foi rica.

— Logo vi, e se assim não fosse, que ficassem à sombra dos cajueiros.

— Se a senhora visse o seu estado, faria o mesmo que estou fazendo. Desde já os recomendo à sua amizade e proteção.

---

36 R. T. empregou *vexar* no sentido peculiar do linguajar popular nordestino — *ter pressa.*

36a O verbo parafusar tem a nítida significação de preocupar-se, de dar *tratos à bola.*

37 Palavra popular, eufemística, com que o populacho, antigamente, cognominava o diabo, cujo nome era de enunciação proibitiva para os crédulos.

Quitéria compreendeu o pensamento do comissário e tratou de explorá-lo.

— Quem sou eu, meu capitão, pobre velha que passa, sabe Deus como! Antigamente ainda ganhava algum vintém com as minhas mezinhas. Acabou-se isso, com a miséria do povo.

— E não recebe socorro de alguma comissão?

— Isso não chega para mim, velha e feia...

— Estou surpreendido! É uma injustiça, uma crueldade se deixar passar privações uma viúva honesta e que honrou sempre o nome de um soldado distinto do Exército brasileiro.

Duas grossas lágrimas caíram nas faces de Quitéria.

— Diz a verdade. Só sabe de meu merecimento quem me conhece.

— Descanse, D. Quitéria, não se mortifique por isso; eu tomarei em toda a consideração as suas necessidades. Amanhã lhe mandarei algum socorro e continuarei a remir as suas precisões, enquanto o governo distinguir-me com sua confiança.

— *É Deus,* que ainda existem almas caridosas![38] Hei de recomendá-lo, meu capitão, em minhas orações. Todas as noites não o deixarei sem uma salve-rainha a Santa Rita dos Impossíveis.

— Rogue a Deus para pôr termo a esse horrível flagelo. É o favor maior que me poderá fazer. A tarefa está sendo superior às minhas forças. Custa-me muito sacrifício a contemplação das cenas da miséria!

— Deus lhe dará forças, meu capitão. Ah! se meus rogos servissem!... Quem pode com a cólera do céu, quando quer castigar os nossos pecados?! Frei Vidal[39] dizia, em suas santas missões, que viria tempo que ninguém saberia o lugar onde existiu a cidade do Forte. Eu ouvi isso de sua sacratíssima boca.

— Amanhã lhe mandarei alguma coisa. Adeus.

— Acompanhado seja dos anjos, meu capitão.

O comissário saiu satisfeito e Quitéria o acompanhava com um olhar de triunfo e um riso de ironia. Perspicaz, compreendeu que

---

38 Razão teve, no grifar a expressão, o romancista. Ela era empregada pelo vulgo na acepção de *Graças a Deus* ou, então, *o que nos vale.*

39 Trata-se de Frei Vidal de Frescarolo, italiano, mais conhecido como Frei Vidal da Penha, por ser frade no convento da Penha, no Recife. Segundo D. José Tupinambá da Frota, autor da obra *História de Sobral*, Editora Henriqueta Galeno, Ceará, 1974, "depois de ter missionado nesta região (Sobral) em 1785, regressou novamente a Fortaleza, onde chegou em dezembro de 1796, e aí abriu as santas missões" etc., etc. Para prosseguir: "As missões pregadas pelo célebre capuchinho e missionário apostólico nunca foram esquecidas, tornando-se lendárias as profecias a ele atribuídas, segundo as quais a praça da Matriz de Sobral ainda havia de ser "cama de tubarões".

Simeão precisava de seu auxílio para algumas de suas conquistas amorosas. Ajudá-lo-ia conforme o preço de seus serviços.

No dia seguinte, o primeiro trabalho de Arruda foi mandar encher a despensa de Quitéria de gêneros alimentícios.

A feiticeira recebeu contentíssima o presente; nunca viu tanta abundância.

Arruda não poupava esforços para a conclusão da obra. Sabia que Carolina só podia ser sua, vizinhando com Quitéria. Ele prometia gratificações aos operários, visitava a casa em construção, três vezes diariamente, enfim, dia e noite, não pensava em outra coisa.

CAPÍTULO V

Simeão de Arruda dirigiu-se à palhoça onde, havia dois dias, não aparecia, e lá encontrou Edmundo da Silveira, que, chegando do interior da província, visitava a família Freitas.

O comissário não gostou da visita.

Edmundo tinha vinte e cinco anos, era inteligente e de bons costumes. Não foram estes dotes que desagradaram a Arruda, mas a regularidade de suas feições. Os olhos, barba e cabelos, de um negro cor de jucá,[40] assentavam admiravelmente sobre o rosto de um moreno de jambo. Sua fronte espaçosa e varonil limitava-se por uma cabeça achatada, perfeitamente cearense.[41]

Edmundo ficara órfão muito criança e muito pobre. Um seu tio padre, encarregou-se de sua educação e mandou-o para o seminário da Fortaleza. Silveira aproveitou bem o tempo e a inteligência. Em três anos havia concluído os preparatórios exigidos para matrícula nas faculdades do Império. Estava preparado para entrar em qualquer curso superior. Queria ser bacharel em ciências jurídicas e sociais; padre, nunca. Resolvido a cursar a Faculdade de Direito do Recife, dirigiu-se ao tio comunicando-lhe sua resolução e pedindolhe autorização e meios para levá-la a efeito.

---

40 A expressão "negro da cor de jucá" revela, em R. T., a preocupação regionalista. A árvore do jucá Caesalpinia ferrea, da família das leguminosas, é característica, do litoral ao sertão nordestino. Tem o cerne arroxeado, quase preto.

41 O autor, já ao tempo, atentava para a peculiaridade morfológica craniana do cearense, que, em razão disto, é, ainda hoje, chamado pelos de outras regiões "cabeça-chata".

O velho padre pensava de modo diverso, não admitia vocações. Tanto fazia ser clérigo como soldado, alfaiate como médico, a questão capital era ganhar dinheiro. Procurava o caminho mais curto, e a inclinação era letra morta no curso da vida. Quando mandou o sobrinho para o seminário foi para fazê-lo padre; nada havia de mais nisso. Se odiasse o celibato, podia formar família, como ele havia feito, depois de vigário.[42]

A carta de Edmundo contrariou o tio, que respondeu-lhe reprovando formalmente sua resolução e declarando-lhe não concorreria com um real para estudos feitos fora do seminário. Edmundo recebeu o desengano, voltou para o sertão e fez-se rábula. Vegetou no interior alguns anos até que a seca o fez emigrar para a capital. Chegando à Fortaleza, casualmente se encontrou com Freitas e foi à palhoça. Conversavam sobre o estado do sertão, quando chegou o comissário, que cumprimentou a todos com muita amabilidade e se dirigiu a Freitas.

— Os meus afazeres não me têm deixado aparecer. Aumentam todos os dias os meus trabalhos!

— Conhecemos suas ocupações, Sr. Arruda.

— Este moço é certamente algum parente do coronel?

— Não, senhor, é meu amigo e morávamos na mesma cidade.

— E hoje estou aqui como retirante, disse Silveira.

— Mas não carrega pedras?. . .

— Ainda não estou resolvido a isso.

— Não tem emprego ainda?

— Nem promessas.

— É solteiro?

— Até hoje.

— Será mais fácil qualquer arranjo.

Simeão olhava para Edmundo com maus olhos: via nele um rival.

— O Sr. Arruda pode ter a bondade de reformar o cartão que me ofereceu? perguntou Freitas.

— Algum erro, coronel?

— Um engano.

E entregou o furta-cor ao comissário.

— Não encontro engano algum!

— É sobre a peça de cambraia minha dúvida, Sr. Arruda.

— Oh! coronel, o senhor é muito susceptível! Quis provar-lhe minha amizade, oferecendo uma fazenda melhor a sua digna filha.

---

42 Desassombradamente, R. T. alude a uma constante, na vida das sociedades nordestinas do passado, nos quais não era estranha a existência de vigários afamiliados por mancebia, o que se justificava pois, na maioria, não eram vocacionais.

— Muito nos penhoram suas finezas, mas pode vir disso alguma censura e não quero que V. Sª sofra por nós o menor dissabor.

— Não, senhor. Tomo a responsabilidade de meus atos e não admito que um tesoureiro pagador faça a menor objeção ao cumprimento de uma ordem minha. Tenho dado cambraia a centenas de emigrantes, sem que fosse por isso censurado.

— Estou certo disso, mas há de fazer o favor de excluir a cambraia. Não consinto que minha filha, que já vestiu seda, traje um vestido fino quando seu pai, para comer, recebe esmolas.

— O coronel quer, que se há de fazer?. . .

E o comissário, tirando o lápis da carteira, inutilizou a ordem da cambraia.

— Então tem gostado do livro, D. Carolina? perguntou Arruda.

— Ainda não o li.

— A propósito do livro, senhor comissário, suponho que se enganou, porque o romance que deixou é tão livre, que nem eu quis lê-lo, disse Freitas.

— Será possível, coronel?! Dar-se-ia o caso de ter-me enganado?

— Ei-lo; basta o título e o autor, disse Freitas, entregando o livro a Arruda.

— Perdão, coronel, este livro nem me pertence. É de um amigo que, sem dúvida, deixou-o sobre minha secretária. A encadernação do que pretendia trazer é semelhante, e daí o engano.

— Está desculpado.

— Agora me permita que louve o seu modo de educar.

E, visivelmente perturbado, se despediu e saiu.

Edmundo estava curioso por saber o título do livro, e, logo que Arruda se retirou, perguntou a Freitas:

— Qual era o livro?

— Um romance da época.

— Realista, por certo, uma fotografia de costumes e atos reprovados. A história de um homem vicioso ou de uma mulher depravada. Estudos psicológicos, que devem ser lidos por espíritos cultos e amadurecidos. Esses comissários são audazes! . . .

— Não julgue assim, Sr. Edmundo, pode ter-se dado o engano, ponderou Josefa.

— Quanto mais velha ficas, mais crédula, disse Freitas.

— Está ficando tarde, e é preciso que torne a casa.

Edmundo afetuosamente se despediu de seus conterrâneos, acariciou os meninos e saiu.

Ia pensando em Carolina, a quem amava desde muito tempo. O seu amor, que não tinha sido até então compreendido pela moça, era malvisto de Josefa, que o havia adivinhado. A pobreza de Silveira era o único tropeço, o único obstáculo àquela união. Agora a cena

mudava-se. A seca, com um tremendo golpe, destruiu as fortunas e aniquilou os preconceitos, e, desaparecidas as posições, a todos nivelou.

Carolina, até o momento da visita de Edmundo, não o tinha amado um instante. Vivia enamorada de seus folguedos de criança. Nada entendia dos seus olhares apaixonados e não compreendia suas palavras. As saudades do sertão, as contrariedades do infortúnio fizeram-na acordar do sono de adolescente, para impressionar-se com as realidades da vida.

Edmundo encontrou-a saudosa ainda dos brincos[43] infantis, deixando a imaginação entregar-se ao gozo das recordações do passado, mas pensando também no futuro, do qual nunca se havia lembrado.

A visita do moço impressionou-a e, por um desses caprichos tão comuns ao coração humano, antes de retirar-se ele, Carolina já o amava. Não sabia o que se passava. Acordara em um mundo novo, os sonhos eram diferentes, seguia outra miragem. Era-lhe impossível brincar como outrora.

Depois que Edmundo saiu, afastou-se dos pais, para chorar à vontade. As lágrimas caíam-lhe nas faces e não sabia por que chorava! O amor que nascia recebia o batismo do pranto.

Silveira voltava à casa com a alma repleta de esperanças.

Os espíritos se falaram, embora os lábios se conservassem mudos!

Enquanto Edmundo e Carolina idealizavam um mundo de gozos, uma vida de flores, um ninho feito de felicidades para neles desfrutarem o amor, Simeão de Arruda, contrariado, ralado de ciúmes, jurava vingar-se de Silveira. O seu exagerado amor próprio não admitia que Carolina preferisse uma afeição que a levaria ao altar, aos galanteios do sedutor, a um amor reprovado, cujo fim seria o lupanar.

O comissário, disfarçando todo o ódio em uma proteção franca e leal a Silveira, armava-lhe uma grande cilada. Um emprego no armazém de víveres do governo a seu cargo lhe seria oferecido, sendo o laço que o deveria inutilizar. O lugar de fiel de armazém era uma boa arrumação para quem estava desempregado. O comissário não tratou de consultar a Silveira, e, antes de ouvi-lo, dispensou o empregado que ocupava o lugar, que era um homem probo e trabalhador. Implorou a Arruda, pediu que não lhe tirasse o pão da família; mas o comissário, com a maior crueza, deu-lhe as costas para não lhe ouvir as súplicas.

---

[43] Em Teófilo, como, de resto, em todos os ficcionistas cearenses seus contemporâneos, havia, a par dos regionalismos, certos empregos injustificáveis de palavras mais do falar lusitano. No caso, *brincos* em lugar de brincadeiras.

Vago o lugar, Simeão se dirigiu à palhoça, a fim de comunicar a Freitas a vaga que tinha havido.

Edmundo estava na palhoça. Arruda, vendo-o gozar daquela íntima convivência, sentiu exasperar-se-lhe o ciúme, mas pôde dominar-se. Cumprimentou a todos com a costumada amabilidade.

— Muito estimo encontrar aqui o seu amigo, coronel. Acabo de descobrir um grande furto no armazém de víveres a meu cargo. As suspeitas recaíram no fiel, que abusava de minha confiança, e demiti-o. Vago o lugar, peço ao Sr. Edmundo de aceitá-lo, e confio que não recusará meu oferecimento.

— Sinto muito rejeitá-lo. Não estou disposto a exercer empregos remunerados pela verba *Socorros Públicos*. Agradeço, entretanto, a atenção.

— O senhor ofende-me, disse o comissário.

— Absolutamente não. O senhor presta serviços sem remuneração, enquanto eu os prestaria por quatro ou cinco rações, rações que fariam falta aos famintos.

— Nesse caso ofereça-se gratuitamente, disse Arruda.

— Sai mais caro ao Estado.

— Como assim? perguntou o comissário visivelmente perturbado; a alusão o havia alcançado em cheio.

— Pagando-me às ocultas e com generosidade. Como viver sem recursos e trabalhando sem vencimentos?! O senhor naturalmente tem rendas que lhe garantam a subsistência.

— Lá isto é verdade.

— Quando for tempo, ninguém mais do que eu saberá ser patriota.

— Sua recusa me entristece, Sr. Edmundo; entretanto, não preencherei o lugar sem tornar a ouvi-lo.

— Suponho que será inútil insistir.

Arruda não contava com a recusa de Silveira. Tinha como certo o seu desastre. Sem plano formado e vendo desfeito o laço que tinha armado, se retirou da palhoça, ainda uma vez jurando castigar a audácia de Edmundo.

Quando Josefa viu que o comissário ia longe, disse a Silveira:

— Devia ter aceitado o oferecimento do nosso protetor, Sr. Edmundo. Não pensas assim, Manuel?

Freitas, depois de um longo bocejo, mais significativo do que um cento de palavras, respondeu:

— Eu sei, Josefa?. . .

— A senhora não compreende minha posição. O emprego pode ser bom, creio mesmo que será rendoso, mas não me ficava bem aceitá-lo.

— E o senhor não está desempregado? Não é melhor trabalhar, ajudar o moço que quer protegê-lo e se mostra tão seu amigo? A

pessoa deve saber viver; não é assim que se passa neste vale de lágrimas, disse Josefa.

Freitas, temendo que a discussão se azedasse, pôs-lhe termo assim:

— Então, para o retirante só há o recurso das pedras do Mucuripe?

— E enquanto não entender o contrário a *alta sabedoria* do Sr. Aguiar.

— Suponho que muito breve estarei viajando naquelas brancas areias.

— Credo, Manuel, longe vá o teu agouro, disse Josefa.

— Por quê? Supões que estou contente com esta vida de vadio?

— Estarás tomando as lições do Sr. Edmundo?

— Não, minha senhora, seu marido tem bastante senso para dirigir-se; não precisa de mentor.

Carolina corou. A conversação voltava ao antigo terreno. Freitas a desviou.

— Não acha o transporte de pedras uma medida vexatória e extravagante?

— O maior dos absurdos. Justificam-no como um meio de livrar o povo da ociosidade. A medida é desastrada. Chega o retirante, é alistado, e no dia seguinte o comissário ordena-lhe que siga para a pedreira do Mucuripe, a duas léguas da Fortaleza, ida e volta, a carregar pedras para ter direito a uma ração. Inanido, cansado da viagem, às vezes velho e doente, segue o infeliz. Alguns nem chegam, com a carga que o governo lhes pôs às costas, ao porto do destino; caem no caminho e morrem de fome, de fadiga! Os que vencem a distância são mais desgraçados ainda, porque continuam a viver uma vida de misérias, de humilhações. Duas vezes por semana dão-lhe um litro de farinha e meio quilo de carne do sul, para se alimentarem com uma família, termo médio, de seis pessoas!

— Pobre gente! exclamou Freitas.

— E o governo, isolado em seu palácio, oculta-se de propósito, para não ver o desfilar do préstito da miséria pelas ruas da capital!

— E as mulheres, disseram-me, vão também à pedreira?

— Para nossa vergonha, exigem-lhes o serviço. E, que espetáculo contristador o cortejo de infelizes, seminuas, carregadas de pedras pelas ruas da cidade! Não tiveram pejo de afrontar o sexo frágil! Esqueceram-se que por humanidade deviam respeitar aquelas desgraçadas, entre as quais muitas ainda ontem gozavam dos mimos da fortuna no doce aconcheco do lar.

— É uma crueldade.

— E qual a utilidade dessas pedras? Esses braços enfraquecidos pela fome, por que não os fortalecem e depois não os empregam num trabalho útil e com um salário razoável? O porto da Fortaleza,

com o qual têm-se gasto tantos contos de réis, só para pintá-lo, por que não se faz?

— E que veio fazer a comissão de engenheiros?

— Estudar a causa das secas e procurar evitá-las. E sabe quanto vence cada um desses ilustres científicos? Um conto de réis por mês! Afilhados do ministro, validos dos medalhões do país.

— E não há uma esperança de melhoramentos de sorte?

— Qual, coronel. O Brasil acostumou-se a imitar a Europa, isto é, na legislação. Quem lê nossas leis admira a liberdade do povo e sua prosperidade. Começamos pela gramática e acabamos pelo a-bê-cê.

— Haja vista a reforma eleitoral.

— A mascarada do *empenho de honra?* Tudo se reforma! A política tudo absorve! Os nossos estadistas amam demais a encenação. Os legisladores dão às leis a maleabilidade da cera. São feitas para serem interpretadas à vontade do governo. E se é em matéria eleitoral, então é um verdadeiro escândalo.

— Se cuidassem no que é utilidade, havia tanto que fazer!

— A palestra hoje foi bastante longa; são horas de tornar a casa.

E Edmundo retirou-se.

CAPÍTULO VI

SIMEÃO DE ARRUDA estava desapontado com a indiferença de Carolina, que cada dia mais se acentuava, e era devida às visitas de Edmundo. Era necessário afastar Silveira da palhoça, o que faria embarcando-o à falsa fé no meio dos retirantes, para o norte ou sul do Império, e, caso falhasse esse meio, mandaria assassiná-lo.

A casa construída para Freitas estava acabada; o comissário, no dia em que foi recebê-la, passou pela porta de Quitéria para avisá-la da próxima mudança da família. A feiticeira fê-lo entrar; queria receber algum dinheiro adiantado pelos serviços futuros.

— Queira entrar, meu capitão, e sentar-se.

O comissário aquiesceu.

— Acho-a muito triste, está doente?

— Foram as almas dos enforcados que o botaram por aqui. Nunca pensei sofrer tanto! Se não fosse o temor do inferno já teria desesperado.

E Quitéria começou a chorar.

— Diga-me o que lhe aconteceu. Em mim tem um amigo pronto a socorrê-la.

A feiticeira fingiu alentar-se e, soluçando ainda, disse:

— Só Deus pode enviar, como enviou, um espírito cristão e benfazejo, para livrar-me de tão grande tribulação.

E Quitéria calou-se; parecia sufocada pelos soluços.

— Não se amofine, minha senhora. Confie em mim, e, se lhe posso valer, diga-me a causa de seus pesares.

A feiticeira descobriu o rosto e, mais consolada, falou:

— Fui insultada pelo dono deste pobre rancho. Devo-lhe cinqüenta mil-réis de aluguéis, mas a dívida não dá direito ao insulto. Ordenou-me que saísse, senão mandaria destelhar a casa! Como sairei daqui? Para onde irei? Ah! homem sem coração! Atirar uma pobre velha à rua!

— Como se chama esse tirano?

— Não queira saber o nome desse homem mau, meu capitão. A religião manda perdoar as misérias do próximo e esquecê-las pelo amor de Deus. É caridade ocultá-las.

— A senhora tem alma grande! Aqui tem a quantia de que necessita.

E Simeão entregou à feiticeira uma nota de cinqüenta mil-réis.

Os olhos verdes de Quitéria brilharam de contentamento. Ajoelhou-se, pôs as mãos e, fitando uma imagem de Cristo, exclamou:

— Meu Deus e Senhor, prostrada, vossa indigna serva vos pede que aceiteis a esmola que me acaba de fazer este bom cristão.

A feiticeira iria longe com a sua jeremiada se Arruda não a interrompesse:

— Basta, D. Quitéria, estou convencido de sua gratidão. Vou mandar construir uma casa para a senhora; ninguém mais a incomodará.

Com esta promessa, a feiticeira, que já se havia calado e posto de pé, quis-se ajoelhar e fazer novas exclamações, mas o comissário a conteve, despedindo-se e saindo.

A casa para o coronel estava pronta; era necessário mobiliá-la. Para isso não foi preciso ao comissário mais do que timbrar algumas dúzias de *furta-cores* e mandá-los ao tesoureiro. Estava ansioso por ver a família de Freitas junto de Quitéria.

Simeão comprou em poucas horas os móveis, que arrumou ele mesmo na casa, e foi entregar a chave a Freitas.

Chegou à palhoça contentíssimo:

— Dá-me as alvíssaras, coronel?

— Por quê?

— Se não dá, pedi-las-ei a D. Josefa.

— Já sei, está pronta a casa, disse a mulher de Freitas.

— Adivinhou; não imaginam o prazer que sinto: esta palhoça me contrariava.

— Seus favores serão recompensados de Deus, senhor comissário, disse Josefa.

— O Sr. Edmundo! disse Carolina, olhando para o caminho.

— Estimo que me encontre aqui. Desejo saber se está resolvido a aceitar o meu oferecimento, disse Simeão.

— Até ontem não estava resolvido, disse Freitas.

— Isso me contraria, porque o estimo e desejava tê-lo como auxiliar.

— Talvez pense hoje de outro modo. Não há motivo para rejeitar tão generosa oferta. Se Manuel o aconselhasse, estou certa que aceitaria o emprego.

— Costumo só dar conselhos quando nos pedem. E demais Edmundo tem bastante discernimento para guiar-se.

— Qual, Manuel, a mocidade tem loucuras e o teu amigo não caiu do céu por descuido.

— Para julgá-lo te considero pouco habilitada.

Edmundo entrou na palhoça. Simeão foi o primeiro a saudá-lo.

— Falávamos a seu respeito. Discutíamos as vantagens do emprego que lhe ofereci. A nossa respeitável amiga D. Josefa é de opinião que deve aceitar o lugar que pus à sua disposição.

— Sinto dizer-lhe que estou no mesmo propósito.

Simeão fez um gesto de desgosto.

— Dá um parecer franco, Manuel. Dize-lhe que aceite o emprego, disse Josefa.

— Não admito reflexões dessa ordem! Estás-te excedendo, Josefa!. . .

— Desculpe, coronel: a sua virtuosa esposa exprime-se assim pelo muito que quer ao nosso amigo Edmundo.

— Agradeço o interesse que D. Josefa toma por mim, mas é ocioso insistirem para que aceite tal emprego.

— Não falemos mais nisso. Hei de provar-lhe minha simpatia. Peço-lhe freqüente nossa casa, que me honre com suas relações.

— Agradecido. Não serei indiferente às finezas que me tem dispensado, disse Edmundo.

O comissário se dirigiu a Freitas.

— Permita-me, coronel, oferecer a chave de sua nova habitação à sua digna filha?

Freitas fez um gesto afirmativo, e Arruda, se aproximando de Carolina, entregou-lhe a chave.

A moça corou até à raiz dos cabelos e disse-lhe:

— Obrigada.

Edmundo empalideceu.

— A mudança pode ser hoje mesmo. À tarde mandarei os meus criados para mudá-lo.

— Não é preciso tomar mais esse incômodo. Não temos trastes. Quem conduziu até aqui estes *cacarecos,* os levará mais adiante.

— É bom vir uma pessoa guiá-lo.

— O senhor insta, aceitarei mais esse obséquio.

— Quando o verei agora, Sr. Edmundo? Aceite o meu cartão; nele encontrará a rua e o número de meu gabinete. A casa é escolástica, por isso nada de cerimônia. Apareça, disse Arruda.

— Obrigado, irei visitá-lo.

O comissário saiu, depois de ter ouvido de Josefa mil agradecimentos. A pobre senhora não sabia como agradecer a Simeão o favor de abrigá-los!

— O que pensa da generosidade do Sr. Simeão? perguntou Freitas a Edmundo.

— Eu sei, coronel... contam tanta coisa desses comissários...

— É um grande pecado pensar mal do próximo, ponderou Josefa.

— Os tolos são sempre crédulos, disse Freitas.

— Mas não são maliciosos, disse Josefa.

— Não sei por que o Sr. Arruda não me merece confiança, disse o coronel.

— Hei de restabelecer a verdade. Procurarei o Sr. Simeão e em breve direi quem ele é.

— Suponho que o Sr. Edmundo encontrará um homem de bem e muito caridoso.

— Muito estimarei se assim for, D. Josefa. O romance foi que me preveniu.

— Querem culpar o moço por um engano.

— És muito ingênua, Josefa.

— Suspendamos todos os nossos juízos, vou conhecê-lo para julgá-lo.

— Mas sem paixão, disse a mulher de Freitas.

— Com toda a imparcialidade. Comprometo-me, sob minha palavra de cavalheiro, a voltar aqui muito breve com minha opinião firmada sobre Simeão de Arruda.

E assim terminou a discussão.

CAPÍTULO VII

Os criados de Arruda se apresentaram na palhoça e acompanharam Freitas e a família à nova casa.

Todos estavam mais ou menos satisfeitos com a habitação, exceto o coronel que, de semblante fechado, não dava palavra.

Carolina olhava com indiferença para tudo aquilo, mas Josefa não cessava de admirar os móveis, pobres, porém decentes, de louvar a generosidade do comissário e de rogar-lhe mil bens. Estava inocente em todo aquele drama. Via Simeão um homem cuja caridade não tinha limites. Faltava-lhe, entretanto, uma das qualidades para bem viver-se no mundo, a perspicácia. Confiava demais na probidade alheia, era de boa fé, como se diz vulgarmente.

Freitas havia levado o seu toro de madeira e colocado a um canto da sala. Seria sua cadeira enquanto fosse retirante. Depois que os criados de Arruda se retiraram, ele disse a sua mulher:

— Está tudo muito bom, mas com franqueza digo-te, preferia o nosso rancho. É difícil viver tranqüilo aqui. Estes móveis fazem-me lembrar a nossa casa e essa lembrança magoa-me o coração! Ah! Josefa, se há felicidade no mundo, consiste unicamente na paz do espírito. De que serve a riqueza com os seus gozos e delícias, quando a alma é amargurada por um pesar? Quisera antes a nossa palhoça batida dos ventos. Qual será o preço dessa proteção? Pensamentos maus têm-me assaltado o espírito e me desalentado.

— Não te compreendo, Manuel. Aceitamos os favores de um homem, que espontaneamente se mostrou nosso amigo. É um agente do governo autorizado a socorrer os desvalidos. Estamos nesse caso, e seria orgulho nosso rejeitar a esmola, quando necessitamos. Até agora ainda não temos razão de desconfiar do homem que nos protege, pelo menos eu de nada sei; contudo, se te contraria aceitar tal favor, voltemos a nosso rancho. Estou pelo que quiseres.

— É tarde. Vela por tua filha e confiemos em Deus.

Freitas passou mal a primeira noite na nova casa. Almejava o alvorecer do dia, a luz do sol, para reanimá-lo. A insônia havia sido mortificante e lhe abatera ainda mais o espírito, já tão depauperado. Ao primeiro clarão do sol, levantou-se e foi sentar-se em seu toro de madeira, à porta de entrada. A aragem fresca da manhã pouco a pouco acalmara-lhe o espírito, que a meditação havia excitado.

A feiticeira também passou mal a noite, estudando a sua apresentação em casa do coronel. Levantou-se cedo e não teve tempo de rezar senão um padre-nosso. Quando abriu a porta, já Freitas estava sentado à entrada da casa.

Quitéria, vendo-o, riu-se, encolheu os ombros e disse entre dentes:

— É um figurão! parece-me um frade. Que barbas do Senhor São Pedro, comparando mal! Vamos ver quem sai mais. Estavam ontem com tanta cerimônia e hoje já tão cedo saem da toca.

Carolina levantou-se após seu pai e veio ter com ele. A feiticeira, admirada da beleza da moça, resmungou:

— Tem bom gosto o comissário! A menina é bonita como uma rosa! Que lindos cabelos louros que tem! Parece ser tão novinha! Que olhar amoroso! É perfeita como uma imagem!

Cantarolou o verso de um bendito e continuou:

— Por menos de um conto de réis não ajudarei o Sr. Simeão, e se não mo der eu acho quem queira... O mundo está cheio de gente de bom-gosto e de dinheiro. São horas de apresentar-me.

Quitéria entrou para a alcova, tirou da mala de pregaria um vestido de alpaca preta já esverdeado, ainda do luto do seu defunto cabo, vestiu-o, deitou o veterano lençol de cabeça, deixando apenas os olhos e o nariz de fora, enrolou um grande rosário de coco na mão direita, fechou a porta e saiu para a casa de Freitas. Chegando, pediu-lhe licença e entrou.

— Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo, meu bom senhor e senhora, disse Quitéria, se inclinando quase até o chão.

— Bom dia, minha senhora, queira sentar-se, disse Freitas oferecendo-lhe uma cadeira.

— Venho cumprir o meu dever de vizinha. Não se admirem de minha visita não se ter demorado. Costumo visitar todas as pessoas que vêm morar perto de mim e oferecer-lhes meus serviços. Simpatizei muito com os vizinhos e apressei-me em vir pôr à sua disposição os poucos préstimos de uma pobre velha.

— Agradeço muito a sua atenção e aproveito a ocasião de oferecer-lhe também os meus serviços.

Josefa, que já estava de pé, veio à sala.

— Bom dia, disse, entrando, a mulher do coronel.

— Nosso Senhor lhe dê as mesmas, minha dona, disse a feiticeira, inclinando-se e estendendo a mão que segurava o rosário.

— Já sei que é nossa vizinha, disse Josefa.

— Vizinha e criada, acrescentou a feiticeira com a maior humildade.

— Veio oferecer-nos os seus serviços e amizade, disse Freitas.

— Muito estimo e agradeço-lhe, disse a mulher do coronel.

— Já cumpri meu dever; hão de permitir que me retire; ainda vou ouvir a santa missa, essa devoção de todos os dias. Ali é o meu pobre rancho, estarei sempre às suas ordens.

Quitéria, depois de ter indicado com o dedo sua casa, curvou-se respeitosamente diante de todos que estavam na sala e saiu para a igreja.

Edmundo havia muitos dias que não aparecia em casa do coronel. Continuava suas indagações sobre o comissário; só queria encontrar-se com Josefa depois de firmada sua opinião. Já sabia que o comissário era casado, tinha filhos, era crapuloso e se embriagava de vez em quando. Quis conhecê-lo de perto e procurou-o no seu gabinete.

Simeão recebeu-o com um apertado abraço.

— Seja bem-vindo o mais novo, porém o mais simpático dos meus amigos.

— Sempre a penhorar-me com suas finezas.

— Diga-me: que milagre foi esse? Estava perdendo a esperança de vê-lo nesta pobre casa.

E Arruda fez Edmundo sentar-se a seu lado.

— Pretendi sempre visitá-lo e já não o havia feito com preguiça.

— Tem visto o nosso coronel?

— A última vez que o vi foi naquela tarde.

— Também não tenho aparecido por lá, depois daquele dia. Vivo sempre ocupado e atropelado com esse maldito serviço de socorros. O tempo não chega para os meus negócios particulares. Tenho pedido por vezes exoneração de tão pesado cargo, e o governo por forma alguma me tem querido dispensar. Ainda ontem disse mui positivamente ao presidente da província que se de todo não quisesse exonerar-me, eu dava parte de doente.

Batem à porta. Simeão faz ponto em seu discurso, e vê que mão descarnada procura abrir o postigo da rótula; enfurecido grita:

— Retire-se, retirante dos diabos! não falo hoje com essa canalha, corja de ladrões, mentirosos, capazes de tudo quanto há de ruim.

Um gemido foi a resposta que teve o insulto de Arruda: a mão retirou-se e o infeliz seguiu.

— Desculpe, meu amigo, essa gente só se tratando assim; abusam de minha paciência e forçam-me a tratá-los mal. Agora vamos tomar um pouco de licor.

E deitou chartreuse, em dois cálices, que bebeu com Edmundo.

— Bom licor! disse Silveira, depois de esvaziar o cálice, que colocou sobre a mesa.

— É obra do frade.

— Tem bom gosto!

— Que tal o meu gabinete, Edmundo?

— Está bem decorado.

— Nada como a vida escolástica! Viva o celibato! havemos de saudá-lo, não com chartreuse, mas com curaçau.

— Agradeço, sou fraco.

— Qual! licor não embriaga, alegra o espírito e faz do fraco forte.

E encheu dois cálices, que beberam.

— Hurra! pelo celibato.

— E sempre teve essas idéias? perguntou Edmundo.

— Para falar-te a verdade, não. Já pensei uma vez em casar-me, o que dou graças a Deus não ter levado a efeito. Não és da minha opinião?

— Não.
— Eu não me lembrava que és noivo. . .
— Está brincando.
— Não, e até me ofereço para testemunha do casamento. Aceitas?
— Se casar algum dia.
— Eu te considero já na lista dos papéis queimados.
— Engana-se.
— Veremos. A tua amável presença deu-me grande contentamento! Hoje o dia será nosso, havemos de passear por essa cidade toda.
— E não vai ao abarracamento?
— Qual! os retirantes que se arranjem como puderem. Já te disse que o dia é nosso. Rejeitas meu convite?
— Aceito. . .
— Já embarcaste?
— Não.
— Nem foste a bordo?
— Nunca.
— Hei de te mostrar hoje, meu matuto, o que é uma casa sobre o mar.
— E tem que fazer a bordo?
— Alguma coisa. Embarcarão hoje quatrocentos retirantes do meu abarracamento.
— Pobre gente!. . .
— O que sai não nos faz falta.
— Agora não fará, estou certo, porém, quando voltarem os tempos regulares, onde ir buscar braços para a lavoura?
— Não falemos em coisas tristes; vamos ao embarque, que a hora se aproxima.
E Simeão, depois de fechada a porta do seu gabinete, saiu com Edmundo para o porto.

CAPÍTULO VIII

CHEGOU A HORA DA SEPARAÇÃO. Quatrocentos retirantes de todas as idades marchavam em préstito para o porto da cidade. Era triste aquela procissão, como o desfilar de um enterro. Todos magros, macilentos e esfarrapados, davam ao cortejo a cor sombria da tristeza. Forçados a abandonar a terra natal, caminhavam desalentados. Pela cadência do passo lento e grave podia-se avaliar do desgosto que lhes ia na alma! Seguiam em silêncio, e muitos tinham os olhos pisados de chorar! Chegaram ao porto do embarque. Quatro grandes lanchas, próximas da praia pela vazante da maré, se balançavam nas

ondas da arrebentação, esticando as correntes das amarras, cujas âncoras mordiam as areias do porto. Eram os batéis que deviam transportar a bordo do vapor *Pernambuco* os infelizes condenados a abandonar a pátria. O navio, ancorado perto da costa, movia-se, preso à amarra de proa, de bombordo a estibordo.

O préstito parou ao lado do velho trapiche.

Os encarregados do embarque, num açodamento cruel, faziam transportar os retirantes para bordo das lanchas. O serviço era feito de um modo desumano e aflitivo! Não havia um cais, uma ponte para atracar as embarcações. Uma dúzia de homens fortes e musculosos, nus, tendo apenas uma tanga, trabalhadores da capatazia do porto, faziam o embarque, a tostão por cabeça, com a mesma humanidade com que costumavam carregar os fardos de algodão, os sacos de açúcar. Não havia ali respeito à velhice, decoro à honestidade e proteção à infância! Queriam ganhar depressa o seu tostão, e a moça, o velho, o menino, eram conduzidos do mesmo modo aos ombros, e chegando a borda da lancha, atiravam-nos sem piedade, como se fossem corpos inanimados!

As crianças gritavam assombradas, quando se viam carregadas de mar adentro, e muitos dos carregadores faziam-nas calar a empuxões! Além do modo bárbaro de embarcá-los, por cúmulo de perversidade, a zombaria dos trabalhadores, a galhofa que faziam dos seios das mulheres expostos pela nudez à sua brutal irrisão e que a fome havia reduzido a murchas pelangas!

Em completo desalento olhavam pesarosos para a alvura diamantina das praias de sua terra e muitos choravam.

A bordo das lanchas era horrível a confusão. Os lancheiros, com uma crueza de brutos, acavalavam os emigrantes como se fossem fardos de mercadorias! Os raios do sol tostavam-lhes a pele, e cada vez mais afogadiça tornavam a atmosfera das embarcações. Era quase meio-dia, e os emigrantes estavam em perfeito jejum.

Arruda havia chegado à praia com Edmundo e assistiam àquelas cenas de canibalismo. De bordo de uma das lanchas, logo que o comissário se apresentou na praia, os retirantes praguejaram:

— O castigo de Deus te persiga, miserável! És a causa de nossa desgraça! Maldição sobre ti, sedutor das filhas alheias! A cadeia seja teu fim, ladrão do dinheiro do nosso rei!

Arruda ouviu as pragas e deixou com o companheiro aquele sítio.

O paquete largaria dentro de duas horas, e o comissário, temendo ver frustrado o seu plano, fretou uma jangada. A bordo com Edmundo, mandou que o mestre se fizesse de vela para o *Pernambuco*. Apesar de baixa-mar as ondas se encapelavam levantadas pelo vento que soprava rijo. Passaram a primeira onda, chegaram à segunda e grita o mestre:

— Calça a bolina!

Uma vaga se ergueu, acastelou-se na proa da embarcação e um lençol d'água levou tudo que encontrou.

— Estamos safos, patrão, disse o mestre.

— Felizmente, porém molhados como pintos, disse Arruda.

A jangada corria sobre as ondas com a velocidade de um vapor. A vela latina atufava-se com o vento e a embarcação estendia sobre a superfície verde do mar uma esteira branca de espumas. O mestre manobrava com arte, e o batel passava a todo pano entre os inúmeros navios ancorados no porto, sem receio de um abalroamento. Aproavam para o *Pernambuco*. Em poucos minutos, fizeram a viagem e tinham à frente o bojo negro do navio, que saía do mar como um comprido recife.

— Cuidado, Pedro, temos o vapor pela proa e perto! Agüenta a jangada... Tira a bolina... Ferra a vela!... grita o mestre no leme, governando.

Atracada a embarcação à escada de ré, subiram os passageiros. Simeão de Arruda, da amurada do navio, dirigiu-se ao mestre:

— A jangada fica por minha conta.

— Ciente, patrão, sua bolsa é minha guia.

— Agora vamos ver o que é um vapor, coisa admirável para quem o vê pela primeira vez.

— Um dos bons produtos do engenho humano, respondeu Silveira, olhando atentamente para os mastros e para tudo que o cercava.

— Estás admirado?

— É verdade: mas sinto a cabeça tontear, não sei se será efeito do licor ou algum começo de enjôo.

— Isso passa. Aproxima-se uma lancha de retirantes que vai atracar na proa; vamos assistir mais perto a baldeação.

— Não posso seguir, as pernas pesam-me como se fossem de chumbo.

— Apóia-te no meu braço e vamos.

E Arruda, dando o braço a Silveira, o conduziu por bombordo até perto do mastro grande onde ficaram.

A lancha tinha atracado; trazia mais de cem retirantes maltrapilhos e molhados. Muitos, atacados de enjôo, vinham deitados e expostos à soalheira; outros choravam, debruçados na borda da lancha, com o olhar fito em terra. As crianças, entorpecidas de fome e afogueadas de calor, deixavam pender as frontes sobre os regaços ossiculados das mães, que o mais que podiam fazer por elas era dar-lhes a sombra esguia de seus corpos!

A brisa do mar soprava quente, como se viesse de atravessar um campo incendiado. O espaço era azul e nem uma nuvem assomava no horizonte anunciando que o tempo iria se aborrascar!

Abriu-se o portaló de proa para dar entrada às vítimas da seca. Os passageiros do navio, debruçados nas amuradas, assistiam à baldeação daqueles esqueletos animados. Os empregados de bordo recebiam-nos brutalmente. Não encontravam ali piedade.

A lancha ia largar, quando o imediato do navio se dirigiu ao patrão:

— Ainda temos muito deste gênero em terra?

— Três lanchadas.

— Com mil diabos! Temos agora a peste a bordo! Diga lá que mandem a mercadoria mais bem acondicionada, que esta chegou muito avariada, e, se continuar a vir assim, ficará, durante a derrota, toda no mar, cevando as tainhas. Puxem pelos remos que largamos cedo.

E o imediato, virando as costas à lancha, disse aos retirantes:

— Deste mastro de proa para a ré nem um passo! Arrumem-se aí como puderem; se ficarem como sardinha em tigela e se for quente o sol queixem-se da sorte; se à noite chover e fizer frio, queixem-se de Deus, que não deu inverno à sua terra.

Muito poucos dos emigrantes, com semelhante tratamento, resistiriam à viagem. Das crianças não escaparia uma só!

Era a emigração a última desgraça reservada ao cearense; e a emigração forçada, porque não queriam sair e o governo da província a isso os obrigava, diminuindo todos os dias os socorros. Seis vezes por mês, tocavam os paquetes do norte e sul na Fortaleza e todos levavam emigrantes!

O plano do comissário parecia caminhar a bom êxito. Edmundo sentia se agravarem os incômodos. Simeão não perdia o mais leve sinal da moléstia do companheiro. Era grande a sua satisfação. Aproximava-se a hora da saída do paquete, e era necessário que Edmundo caísse de todo. Arruda levou-o à câmara, quase arrastado. Sentou-o em um banco e observava com o maior sangue-frio os efeitos de enjôo, que aumentava à custa do calor que ali fazia e do cheiro especial de tais lugares.

Silveira enfraquecia a olhos vistos. O olhar havia-se amortecido de todo: de pálpebras cerradas, esperava a morte como termo à agonia que o prostrava. Suas feições descompostas, estavam quase cadavéricas. Acreditava que ia morrer, tais eram os sofrimentos. De todos os poros do corpo exsudava um suor gelado que lhe esfriava a pele; as extremidades estavam álgidas; a respiração era

curta; o pulso pequeno e fraco, e, de quando em quando, vinha uma vertigem.

O estômago, que até então não tinha sido influenciado, veio aumentar os padecimentos causados por aquele estado mórbido.

Edmundo havia caído de todo; estava completamente à mercê do morte e estirou-se no banco, a fio comprido, para melhor morrer. O mundo a andar-lhe à roda, o coração a bater sem ritmo, a preguiça pulmonar, tudo isso era o menos, era suportável, à vista da angústia que sentia no estômago, angústia que se manifestava, não por vômitos, mas por um estado nauseoso, aflitivo e desalentador.

Edmundo havia caído de todo; estava completamente à mercê do comissário.

Arruda olhava para a vítima, sem a menor piedade, e ficaria completando o fruto de sua obra se a sineta de bordo não avisasse que o paquete ia levantar ferro.

Simeão, em um instante, pôs-se no portaló de ré e fez sinal ao jangadeiro para atracar.

A jangada atracou, recebeu-o e aproou para terra.

Duas lanchadas carregadas de retirantes bordejavam perto do vapor, esperando ordens de bordo.

Os quatrocentos emigrantes, que tinham vindo de terra para o *Pernambuco,* foram recebidos: porém o imediato, não tendo acomodações para mais de duzentos, pô-los em forma, sem atender que ali iam famílias e que seus membros deviam ficar reunidos, e começou a contagem do começo da coluna. Chegando a duzentos fez voltar o excesso para as lanchas, que ficaram bordejando.

Os retirantes obedeceram e guardavam o momento de voltar ao vapor, quando o navio suspendeu a âncora e aproou para o sul.

A confusão foi horrível. Um só grito de desespero, um eco longo de um só pranto partiu das lanchas e da proa do *Pernambuco.* Assistia àquela angustiosa cena com uma impassibilidade de bruto o comandante do vapor, fumando cachimbo no convés. O imediato, não menos cru, de pé, junto ao homem do leme, parecia não ouvir o pranto que a dor a mais intensa arrancava da alma daqueles desgraçados!

Quanto mais se afastava o navio, mais aumentava o alarido.

— Meu pai que vai! Minha mãe que ficou! Meu filho! Meu marido! Meu irmão!

Quase todos exclamavam, quase todos lastimavam uma afeição que ficava, um amor que seguia.

Arruda foi testemunha de toda a cena, mas não se comoveu. Chegando em terra, foi para casa; estava livre de Edmundo.

CAPÍTULO IX

MANUEL DE FREITAS ia vivendo com a família, graças aos socorros que lhe mandava semanalmente o comissário Simeão de Arruda.

Quitéria do Cabo freqüentava a casa do coronel e conseguiu que Josefa e Carolina fossem três vezes rezar em sua casa o terço das almas, sua predileta devoção.

A mulher de Freitas e a filha simpatizavam com a feiticeira; uma criatura tão religiosa, que cumpria com tanta constância os preceitos da religião, que era piedosa, e fazia toda a sorte de mortificações pelo amor de Deus, não podia, pensavam, deixar de ser credora de todo o respeito, de se impor à amizade dos que tinham a felicidade de conhecê-la.

Carolina vivia triste. Edmundo prometera voltar e nunca mais aparecera! Dois meses se haviam passado, e nem uma nova sua. Freitas e Josefa se interrogavam sobre a ausência do moço e não podiam descobrir a causa. Pediram notícias ao comissário, e Arruda respondeu-lhes que nunca mais o tinha visto.

Simeão sentia prazer com o viver aborrecido de Carolina. O ar melancólico da moça, a languidez do olhar, sempre fito em uma imagem ideal estacionada na mente, cada vez mais excitava os desejos sensuais do comissário. As faces de Carolina, rosadas como as boninas do campo, iam pouco a pouco desmaiando, tornando-se cor de bogari. Arruda compreendia a causa daquele abatimento, que francamente se percebia. Aquele desalento da alma ofendia-lhe o amor-próprio, mas havia de rendê-la pelo dinheiro ou pela fome. Acreditava que a honra não podia morar com a miséria na mesma tenda. Resistiria aos primeiros dias de fome; depois, vencida, entregar-se-ia.

O estado de Carolina inquietava o comissário porque as feições da moça começavam a alterar-se e a formosura já não era a mesma. Era necessário apressar a execução do plano e só Quitéria do Cabo podia fazer isso amigavelmente.

Arruda foi ter com a feiticeira.

Voltava da missa, às oito horas da manhã, quando encontrou-se com o comissário defronte de sua casa. As saudações foram as do costume, amáveis e delicadas.

— Sempre na sublime prática da religião, D. Quitéria.

— Sou uma grande pecadora, meu capitão!

— Sabe o que me traz à sua honrada casa?

— Saberei quando V. Sª mo disser.

— Pedir-lhe um favor que é da religião. Estou resolvido a casar-me, não só para cumprir os sacramentos da igreja, como também para formar família, único amparo que temos na velhice.

— Pensa muito bem; se eu me tivesse casado moça, teria tido filhos e não me veria hoje só e à mercê de todos os caprichos da sorte.

E duas lágrimas rolaram pelas faces macilentas de Quitéria.

— Já fiz minha escolha. Suponho que será aprovada de Deus e do mundo, pois a moça é virtuosa e pobre.

— Quanta generosidade! Procurar uma noiva entre a pobreza hoje só faz quem já é do céu.

— Aproxima-se, porém, o tempo de realizar o casamento, e ainda não consultei a vontade de minha escolhida. Por várias vezes tenho tentado declarar-lhe os meus sentimentos, mas, medroso, recuo, sentindo aquela timidez do amor puro, dos sentimentos sublimes do coração.

— Quanto pudor! Que exemplos edificantes de honestidade!

— A proteção que tenho dispensado à família em que pretendo entrar, há concorrido muito para meu silêncio. Pobre e completamente desprotegida, encontrei-a numa palhoça e abriguei-a. Entretive depois relações e conheci que prestava serviços a uma família de sentimentos nobres, outrora rica e que fora atirada pelos caprichos da sorte às garras da miséria.

— Cada vez me convenço mais de suas virtudes. O casamento é da religião e houve homens que foram santos somente por terem concorrido para a realização desse sacramento. Diga-me: em que posso servi-lo?

— Quase depende de seu auxílio a minha felicidade. Sabe, a minha escolhida é a sua vizinha.

— Feliz Carolina! E nem podia deixar de ser abençoada do céu! Com que fervor rezava aqui, à noite, o terço das santas almas! Que linda noiva que serás! Como brilharão teus cabelos doirados sob o branco véu de linho! Como estou satisfeita! Que casamento feliz! Duas almas virtuosas unidas pela igreja!

— Suas palavras me confundem, D. Quitéria. Vamos agora a saber o modo de efetuar essa união, que a senhora agoura tão bem. O governo continua a internar os retirantes, muito embora as esperanças do inverno estejam desvanecidas. Não sei se essa família pretende retirar-se. Queria antes de tudo ouvir a opinião de D. Carolina. Podia pedi-la logo, mas desejo primeiramente consultá-la.

— V. Sª é muito sensato.

— Cumpre-me pedir-lhe sua autorização. Porém, onde? Em sua casa? É impossível; vejo-a sempre de relance, não pode ser. Se freqüentasse a sociedade, seria facílimo; os bailes são ótimos lugares para as declarações, os intervalos das contradanças, bons auxiliares, as valsas, verdadeiros excitantes do amor que desponta. Peço-lhe de aconselhar-me, suponha que ouviu um filho e que tem de ensinar-lhe

o caminho que deve seguir. Quero franqueza. Se for preciso dinheiro, gastar-se-á.

As últimas palavras de Simeão produziram grande efeito no ânimo de Quitéria. Volveu rapidamente os olhos verdes, abriu-os o mais que pôde, como para ver o tesouro que prometiam confiar à sua discrição e em que saciaria a cobiça. Fingiu depois que meditava, que reunia idéias dispersas. Quem a visse não duvidaria de que iria manifestar os sentimentos da alma, que ouvia a voz da consciência, para poder dar opinião franca e sincera sobre o que acabava de ser consultada. Seu olhar vivo e investigador tornou-se amortecido e terno; parecia estacionada diante de um quadro que a comovia. A feiticeira lia no coração do comissário como num livro aberto. Devassava-lhe os mais ocultos pensamentos. A sua resposta abriria o campo às negociações. O preço estaria na razão direta das dificuldades apresentadas à execução do plano. Quitéria olhou com ternura para Arruda e falou-lhe:

— Pede-me V. Exª um conselho, quer ouvir-me; falar-lhe-ei como se tivesse a felicidade de ser sua mãe. Depois, como uma criatura a quem os longos anos de experiência custaram muitas lágrimas: o casamento é um passo arriscado, a ponto de São Paulo dizer que será melhor não casar, mas a Igreja o quer, devemos obedecer-lhe.

Arruda deu um fundo suspiro, ouvindo a opinião do santo, o que não passou desapercebido à feiticeira.

— Porém esse modo de pensar de São Paulo não nos deve contrariar; não se segue que devamos condenar o casamento. Santo Agostinho apresenta em seus sermões o solteirão como a serpente que, na solidão do covil, maquina a perdição dos que dela se aproximam. E eu, cuja única felicidade nesta vida foi devida aos anos em que desfrutei as delícias do matrimônio, considero o sétimo sacramento da Igreja como a única ventura neste mundo cheio de trabalho. É V. Sª um homem virtuoso, e a escolhida de seu coração uma moça educada na santa religião de Cristo. Que motivos terá ela para recusar a mão de tão distinto cavalheiro? É verdade que o amor tem caprichos e eu que o diga. Acho prudente consultá-la.

— Aonde e de que modo?

— Tudo é fácil, quando temos perseverança ajudada das orações, dos pedidos aos santos da corte do céu. Não me ofereço para consultar a vontade da moça, porque entendo que essa consulta deve ser feita por V. Sª.

— Acho muito acertado o seu parecer.

— Comprometo-me a proporcionar-lhe ocasião de entender-se com ela, aqui mesmo neste humilde rancho.

— Quando?

— Vou fazer uma trezena ao Senhor Padre Santo Antônio, e, concluída que seja, será o dia que quiser.

— Muito bem; parece que tudo se combina para felicitar-me.[44] Quando começa a devoção?

— Hoje mesmo, mas são precisas velas de cera branca.

— Não seja esta a dúvida; aqui estão cinqüenta mil-réis para as despesas.

— Agradeço-lhe pelo Senhor Padre Santo Antônio. Farei, hoje mesmo, o sonho de Santa Helena, pelo qual pretendo ver o futuro de tão virtuoso par. Já sei que verei campos verdes, águas correntes, aves cantando.

— Feliz coincidência! Finda-se a trezena no dia de meu aniversário natalício. Bom agouro! Reunirei à noite alguns amigos e será aqui, se mo permitir.

— A casa é de V. Sª, temo somente as más-línguas.

— Não haverá festa, apenas trarei minha família, irmãs e tia, alguns amigos para, reunidos, passarmos parte da noite.

— Eu não farei parte da reunião. Estarei recolhida a meu quarto, rezando como costumo.

— Posso ficar certo que, na última noite da trezena, conversarei com D. Carolina?

— Creia em minha vontade.

— Ainda uma vez, agradecido.

Arruda retirou-se, certo do triunfo: Carolina seria sua amante.

Enquanto o comissário e a feiticeira urdiam aquela trama, Freitas, cada dia mais desalentado, pensava no futuro. As primeiras chuvas do falso inverno de 1878, o fuzilar dos relâmpagos e o estampido dos trovões, em 5 de janeiro, trouxeram-lhe vivas recordações do sertão. Vivia como a planta exótica nos primeiros tempos da aclimação. A energia vivificada pelo amor à família e de sobejo provada nos transes dolorosos da mais penosa peregrinação, ia-se-lhe amortecendo aos poucos. O meditar de todos os dias, de todos os instantes, o cansaço da velhice, as tribulações da alma e tudo sem uma esperança, diminuíam os meios de ação do seu espírito forte.

Freitas já não olhava sereno para o perigo, não havia aquela firmeza de outrora nas linhas do rosto quando a dor despedaçava-lhe o coração. A calma das feições, embora tivesse a alma ferida pelos aguilhões do pesar, havia desaparecido!

A lágrima, caía-lhe das faces por qualquer contrariedade. Nunca o tinham visto chorar, e agora o fazia diariamente. Via-se pobre e

---

[44] Já advertimos, antes, sobre certas impropriedades ou ousadias de R. T. no emprego de certas palavras ou expressões. No caso, a palavra *felicitar-me* deveria ser *fazer-me feliz.*

humilhado. Às vezes olhava para a estrada que o tinha conduzido àquele porto e que fora testemunha de seu heroísmo, e sentia-se fraco para regressar. Perdera a coragem, a força, talvez para sempre.

Teve um dia uma esperança; um raio benfazejo dardejou-lhe na alma, ao mesmo tempo que salvava a artilharia do espaço e a chuva regava a terra. Chegou a reanimar-se, a ter um momento de energia e ergueu-se disposto a enfrentar os perigos com a coragem de outrora. Lutaria, se a esperança não o abandonasse. Desiludido, sem nada que o acalorasse, caiu de novo em profundo abatimento. Custou-lhe muito assistir à queda de mais uma esperança, e, abandonado somente ao recurso aviltante da esmola, sentiu-se degradado para sempre.

O inverno tinha apenas sido uma ilusão, um sonho que a mente do infeliz povo acalentara alguns dias. Os mais crédulos, animados com a idéia de uma boa colheita, com um esforço heróico e supremo, semearam a terra. Mal a germinação se completou, ainda bem os cotilédones do embrião não se desuniram para deixar sair a hastícula, foram crestados pelo sol! Tudo não passou de uma ilusão, mas de uma ilusão que custou muitos sacrifícios.

A família cearense debandava-se de novo. Os que tinham ficado no torrão natal, esperando a aurora de uma nova época, abandonavam amedrontados a casa da infância e fugiam para a capital!

O ano de 1878 seria calamitoso!

A continuação do flagelo, contra a previsão de todos, teria conseqüências ainda mais desastradas, se não caísse a situação conservadora e não fossem chamados os liberais ao poder.

O novo governo[45] encontrou a província nas mais desoladoras circunstâncias. Na Fortaleza, mais de cento e quarenta mil almas de população adventícia, abarracadas em roda da cidade e, por cúmulo de incúria do governo da província, nos edifícios públicos e casas particulares do centro da capital.

Toda a província em deplorável estado de abatimento pela certeza da continuação do flagelo, sem víveres e sem recursos, e a lutar com a peste que se havia desenvolvido das praias ao sertão, se aniquilaria, se o governo que subia, com o mais acrisolado patriotismo, não procurasse por todos os meios atenuar os efeitos do mal.

---

[45] Trata-se do governo do Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, 41.º presidente da Província, nomeado em 9 de fevereiro de 1878 e exonerado em 4 de maio de 1880.

CAPÍTULO X

A FEITICEIRA, fiel à promessa que fizera ao comissário, foi, no dia em que acabava a trezena, à casa de Freitas.

— Acabo hoje uma devoção que fiz ao Senhor Padre Santo Antônio, para que tão bom e milagroso santo interceda por nós a N. S. Jesus Cristo. Foi uma trezena. Desejava que no último dia da oração se reunissem os fiéis da vizinhança, a fim de juntarem suas súplicas em favor do infeliz povo torturado pela seca. À vista disso, venho pedir à minha respeitável amiga o favor de ir assistir com sua família a essa piedosa prática da religião.

Josefa ouviu com atenção as palavras de Quitéria e respondeu-lhe:

— Talvez não me seja possível ajudá-la em seus piedosos exercícios. Acho-me doente e por esse motivo impossibilitada de sair de casa. Certa de que atenderá às razões que apresento, aproveito a ocasião para agradecer-lhe a atenção.

— Crendo piamente nos sentimentos religiosos de minha boa amiga, não posso deixar de acreditar em suas palavras; o seu respeitável rosto me afirma que sofre. Quando chegamos à meia-idade tudo nos persegue. Quando somos moços, a saúde é inalterável. Veja D. Carolina, forte e robusta, simpática e formosa como uma rosa-amélia!

— Qual, D. Quitéria, não é mais aquela menina viva de quando morávamos no sertão.

— Se minha amiga não puder ir, consinta que a sua bela filha vá à trezena perfumar com a sua inocência, com suas virtudes as nossas preces. Eu virei buscá-la.

— Pode ser, entretanto, que eu melhore e possa ir também.

— Deus o permita. Vá, minha filha, pedir aos céus para darem fim a este flagelo da seca e rogar pela saúde de sua santa mãe, disse a feiticeira, acariciando Carolina.

— Se eu não for, ela irá, D. Quitéria.

— Eu as espero. Até a noite, disse a feiticeira se despedindo.

Quitéria encontrou-se com Simeão à porta de sua casa e entraram.

— Sei que volta da missa, onde por certo não se esqueceu de mim; tive sem dúvida um padre-nosso?

— Um terço, como sempre, e de quebra uma coroa a S. Rita dos Impossíveis, a fim de auxiliá-lo hoje na grande batalha de seu coração.

— Então é hoje?

— Sem dúvida; acabo a trezena como prometi.

— E o convite?

— Está feito.

— Será possível?

— É certo.

— Então vem D. Carolina com toda a família?

— Ela e talvez D. Josefa.

— Melhor. . . Quanta confiança depositam na senhora os seus vizinhos! Parece-me um sonho!

— É a posse da felicidade.

— Como me sinto feliz! A senhora assistirá ao meu casamento.

— Como é um sacramento, irei, mas como a menor de suas criadas.

— Não, como uma das testemunhas.

— Quem sou eu!

— A que horas finda a trezena?

— Às oito horas da noite.

— Estarei aqui com minha família.

— Não repare encontrar a sala aberta e eu no meu quarto. As minhas obrigações para com as santas almas me proíbem de assistir qualquer reunião por mais íntima que seja.

— Então faça-me um favor; depois da devoção deixe saírem todos os devotos. Se D. Carolina vier só, fique com ela na sala até que eu chegue para consultá-la.

— E se vier com a mãe?

— Nesse caso a senhora levará D. Josefa para um quarto, a fim de lhe confiar um segredo qualquer. Devo encontrá-la sozinha, para pedir sua opinião sobre o casamento.

— Será como diz.

— Mandarei mais tarde deixar uma cesta; guarde-a.

— A casa é de V. Sª.

— Aqui tem esta quantia para dar de esmolas, hoje, em minha intenção.

E Simeão entregou vinte mil-réis à feiticeira.

— Quanta generosidade! Agradeço-lhe em nome dos pobres tão grande esmola; irei pessoalmente distribuir com os necessitados.

Simeão retirou-se contentíssimo.

Quitéria, enquanto pôde ser ouvida do comissário, rogou-lhe mil bens; depois abriu a velha mala de pregaria, guardou o dinheiro, dizendo:

— Pobre sou eu que não tenho papai governo, nem sou comissário. Fica aí para os tempos magros, meu dinheiro. Como está ge-

neroso, dando logo vinte mil-réis para esmolas aos pobres! Ora, as devotas devem pedir, mas para Deus castigá-lo das diabruras que tem feito e não para lhe dar o céu. Não é mais do que passar a vida a seduzir as filhas alheias e, depois da morte, um cantinho no reino da glória! Vá-se aprontando, meu comissário, para se divertir em uma caldeira de chumbo derretido na casa de Satanás.

Arruda, ansioso, esperava a noite. Havia convidado alguns de seus companheiros de libertinagem para uma orgia na casa de Quitéria. Ao pagode não deviam faltar mulheres e álcool. Uma grande cesta de diversos vinhos, doces e charutos mandou para a casa da feiticeira. Na incerteza de ficar de posse de Carolina naquele dia, mandou vir à sua presença dois dos afamados *chefes de turma*, e ordenou-lhes de levar, às nove horas da noite, à casa de Quitéria do Cabo cinco mulheres das mais novas e mais formosas do abarracamento. Dadas essas ordens, mandou aqueles empregados que fizessem vir a seu gabinete o companheiro João Azougue. Era um retirante que se havia celebrizado pela força, agilidade, perversidade e coragem. A sós com ele, disse-lhe Arruda:

— Nunca precisei tanto dos seus serviços. Estou metido em uma empresa arriscada e será hoje o dia do triunfo, senão o da derrota.

— O patrão dirá o que é preciso fazer para se ganhar. Se forem precisos cem mortos, a ponta de minha faca ainda não se quebrou, e das últimas que fiz, a folha ainda conserva manchas de sangue.

Arruda empalideceu e disse:

— Nada de mortes. Sabes da casa da feiticeira Quitéria do Cabo?

— Não é uma casa perto da que o patrão fez, há pouco tempo?

— Exatamente. Em frente há um cajueiro. Às oito horas da noite tu deves estar escondido à sombra da árvore, mas de um ponto onde tenhas debaixo de vista a sala da feiticeira. Ver-me-ás entrar, sentar-me e conversar com uma moça loura e bonita. Não deves perder um só de meus movimentos. Quando eu montar uma perna sobre a outra é a ocasião, é o sinal. Tu partirás como uma flecha, entrarás de sala adentro, tomarás a moça nos braços e dispararás numa carreira vertiginosa para o Retiro. Eu te seguirei a cavalo.

— E se ela gritar?

— Mostra-lhe tua faca, ameaça-a, mas nem de leve a toques.

— E se não se calar?

— Que importa isso? Tens que caminhar apenas um quarto de légua até a Casa do *Retiro* por uma vereda deserta; ninguém te alcançará. A tua carreira é veloz como a do veado. As ordens são estas, não te afastes uma linha.

— Serão cumpridas, patrão.

CAPÍTULO XI

ÀS OITO HORAS DA NOITE estava Simeão de Arruda em casa de Quitéria do Cabo. A sala estava deserta e iluminada por duas velas de carnaúba. Mobiliavam-na algumas cadeiras de pau, sem encosto, uma mesa, e quatro quadros de madeira com retratos de santos ornavam as paredes.

O comissário entrou e sentou-se. Reinava ali completo silêncio. Não parecia morar ali ninguém! Passava-se o tempo e não se realizava o que a feiticeira havia garantido.

João Azougue, como a fera, escondido à sombra do cajueiro, aguardava o momento de se lançar sobre a vítima.

Nove horas marcou o relógio e Carolina não aparecia! Arruda estava a estourar de cólera. Quitéria o havia iludido. Pensava em vingar-se dela, quando chegaram à porta Xenofonte e mais alguns companheiros de pagode. Entraram e foi imediatamente aberta a cesta de bebidas. . .

Xenofonte foi o primeiro a examinar as provisões; depois, olhou para os quadros que pendiam da parede, e ia fazer o elogio de alguns dos canonizados, quando Simeão segredou-lhe ao ouvido algumas palavras.

Um dos quadros representava S. Pedro abrindo as portas do céu; foi o que Xenofonte viu primeiro e Arruda não teve tempo de impedir que o seu conviva dissesse:

— Aqui está o carcereiro-mór do céu!. . .

Quitéria provavelmente ouviu o que disseram do santo, porque saiu lá de dentro o som de algumas palavras.

Carolina não aparecia. O comissário estava exasperado com o logro, pensava que a feiticeira o iludira. Quitéria do Cabo, pelo contrário, havia empregado todos os esforços para que Josefa consentisse em ir a filha à trezena. À hora marcada, apresentou-se para acompanhar a moça. A promessa de Josefa fora feita sem ouvir a opinião do marido e daí resultou à feiticeira o desgosto de voltar só.

Carolina recusou com obstinação acompanhar Quitéria; parecia adivinhar. À hora em que deveria ser roubada e prostituída, entoava a oração da noite, humildemente prostrada diante duma imagem da Virgem, que lhe havia dado o padrinho vigário, no dia da primeira comunhão.

O comissário estava desapontado. O seu primeiro pensamento, quando se convenceu do logro da feiticeira, foi entrar no quarto de Quitéria e quebrar-lhe à pancada todos os ossos, e depois penetrar à força em casa de Freitas, tirar-lhe a filha e conduzi-la aonde os seus gritos, os seus prantos não pudessem ser ouvidos. Faria

isso se aquela família ainda dormisse no descampado. O arrombamento duma casa, entretanto, não era coisa tão fácil, e, exasperado, exclamou:

— Armei-os contra mim! Se ainda estivessem na palhoça, satisfaria os meus desejos, embora para isso fosse preciso a faca e a perversidade de João Azougue.

Seus companheiros ouviram-no, mas não compreenderam-no.

João Azougue foi retirado da sentinela e veio para a sala de Quitéria.

Arruda estava desesperado, só havia um recurso para esquecer a contrariedade: era o álcool.

Algumas garrafas de champanha foram abertas e o comissário foi o primeiro a beber.

Pouco tempo gastou o álcool para chegar ao cérebro.

Estavam pouco mais ou menos alcoolizados, no período da excitação, quando entraram os chefes da turma acompanhando cinco mulheres. Xenofonte foi o primeiro a saudá-las de copo em punho:

— A vós, mimosas flores do sertão! O mundo é o amor e o álcool! Bebamos, companheiros, em regozijo do comparecimento de tão formosas criaturas.

O vinho passou das garrafas às taças e dessas ao estômago.

Beberam homens e mulheres, exceto uma moça que se escondia atrás das companheiras. Era muito nova, parecia ter quatorze anos, morena e de olhos negros. Tinha a fisionomia triste e as pálpebras vermelhas de chorar. Xenofonte notou que não tomava parte no brinde, aproximou-se e entregou-lhe uma taça cheia de vinho. Recusou. Um dos chefes de turma, Roque da Piedade, segredou-lhe ao ouvido uma ameaça e a infeliz, trêmula de susto, recebeu o copo.

Xenofonte pediu atenção e falou:

— Que vem fazer o pranto nesta festa? Para que a tristeza vem escurecer com suas cores o quadro de nossas alegrias? Nesta idade, mulher, quando se abre à tua frente um mundo de ilusões e de esperanças, quando as horas doces do amor se aproximam, para que consentes a lágrima do pesar queimar-te a face?! Não chores, bebe e goza. Afasta de tua imaginação a idéia triste que te persegue. Entrega-te ao vinho e ao amor. Eu brindo às sensações que te esperam. Upa! upa! upa!

Os copos esvaziavam-se. Vitorina, assim se chamava a mulher que chorava, não quis beber. Roque impôs-lhe com um gesto, e o vinho foi ingerido entre soluços e lágrimas. Arruda indagou quem era Vitorina e por que chorava. Disseram-lhe os empregados que aquela moça tinha perdido os pais, havia quatro dias, que ainda era virgem, que não tinha parentes na Fortaleza, e, como tinha

ficado só no mundo, devia pertencer ao mundo e por isso haviam-na trazido para o comissário servir-se dela.

Simeão ouviu as informações sem comover-se. Não bebeu mais, era preciso conservar a inteireza física. Não seria Carolina a vítima; seria Vitorina.

Um dos amigos de Arruda, conhecido pelo pseudônimo de D. Ribas, um dos mais libertinos e viciados, tendo ouvido a história da órfã, levantou-se, cambaleando, e pediu a palavra:

— Eu brindo à órfã de quatro dias, a filha do povo. Competenos a glória de fazê-la feliz. As sensações que gozamos no lupanar são as mesmas que sentimos no leito conjugal. O matrimônio e o adultério produzem os mesmos gozos. Aquele foi autorizado por um homem vestido de sotaina, este sancionado pelo amor de duas criaturas que se queriam unir. Companheiros, saudemos com entusiasmo a jovem sertaneja. Viva! viva! viva!

Vitorina ouviu o som daquelas palavras, já meio embriagada. Ajudaram-na a levantar e fizeram-na beber mais. Estava quase ébria.

As outras mulheres, veteranas na crápula, ainda não se tinham rendido completamente. Tinham as faces incendiadas, os olhos injetados, sentiam os móveis andarem à roda e algumas cambaleavam.

Xenofonte estava completamente bêbedo, falava com dificuldade e não obstante pediu a palavra:

— Meus senhores, minhas senhoras. Inspirado nas palavras de meu amigo D. Ribas, vou desenvolver a tese que apresentou. O que há neste mundo que não seja matéria orgânica e inorgânica? Quem poderá afirmar que exista alma e que seja imortal? Deixemos essa crença para os imbecis, deixemo-la como arma dos padres, desses hipócritas de batina, deixemo-la para as beatas, as feiticeiras no uso de suas bruxarias.

Quitéria soltou um gemido longo, bufou do fundo do quarto.

Xenofonte continuou:

— Eu sou materialista. Deus para mim é uma palavra sem sentido. Desde a monera até o elefante, desde o protococo até o sicômoro, desde o átomo até a rocha, só se precisou do tempo, luz, água e calor!

Xenofonte não podia ligar mais as idéias; vencido pelo alcoolismo, caiu sobre a cadeira e ficou a resmungar baixinho palavras sem sentido, a babar-se.

Quitéria rezava no seu quarto o credo, medrosa de um desacato físico à sua pessoa.

As velas que estavam acesas, as únicas que havia, bruxuleavam. A intermitência da luz, a alternativa de claridade e escuridão, dava ao quadro da orgia uns tons sombrios, macabros. Escurecia; as figuras dos pagodistas confundiam-se na pretidão da noite, até que

uma nova cintilação brilhava, um clarão baço, por um instante permitia a visão da bacanal. Via-se então a crápula em toda a sua hediondez.

As prostitutas espojavam-se no chão, tomando posturas indecentes, provocando os amantes.

Simeão de Arruda, menos alcoolizado que os companheiros, abraçava-se com Vitorina que, completamente ébria, num automatismo absoluto, entregava-se sem resistência.

As luzes se apagaram. Nem mais uma cintilação permitiu ver a onda de bêbedos, a se revolverem em sua degradação. Apenas ouvia-se o tinir de copos que se quebravam, o cair de cadeiras que se viravam, as gargalhadas das devassas e os gemidos da inocente!

Fervia a bacanal! Um som abafado como de um aulido ouvia-se de quando em quando, alternado com um estertor, mas um estertor sensual e não da agonia.

A noite se passou toda assim. A embriaguez dissipou-se pela manhã.

Os pagodistas levantaram-se: tinham no semblante estampados os estigmas da crápula. Os chapéus estavam amarrotados, as gravatas tinham saído dos domínios do colarinho e laçavam o pescoço nu. Consertaram as roupas e depois esfregaram com força os rostos, a fim de apagarem as manchas da sensualidade e da embriaguez. Medrosos da luz, foram saindo, um a um, olhando para todos os lados e prestando atenção a tudo.

As mulheres saíram também por sua vez. A crápula havia deixado nelas sinais mais fundos do que nos homens. Algumas tinham os olhos completamente injetados e a pele das faces coberta de ligeiras equimoses vermelhas.

Vitorina saiu incorporada às prostitutas. Ainda inconsciente de sua perdição, e meio aturdida, seguia para o abarracamento. Tinha os lábios e faces pisadas.

Uma noite de crápula bastou para crestar aquela flor de quatorze anos.

CAPÍTULO XII

QUITÉRIA DO CABO, quando teve certeza de que ninguém mais se achava na sala, levantou-se. Que noite passou! Havia de algum modo prevenido que os vizinhos presenciassem a orgia. Muitos dias antes, espalhou a notícia do aparecimento de um fantasma na noite em que findasse a trezena: era uma alma penada que sairia em

penitência pelas ruas, logo que dessem nove horas, e prevenia aos devotos para que se conservassem recolhidos às suas casas.

A feiticeira rezou o credo e o ato de contrição, e, armada de vassoura, se dirigiu para a sala. Ia trêmula, supondo encontrar o demônio escondido em algum canto. Entrou, pé ante pé, observando tudo. Parou no centro do aposento e resfolegou aquela atmosfera saturada de vapores de aldeído[46] e de deboche. A feiticeira sentiu impressioná-la aqueles cheiros, e percebidas as impressões, o seu olhar se amorteceu num requebro voluptuoso. A sensualidade adormecida pelos anos de continência despertou; aquele cheiro era o mesmo que sentia, nas noites de crápula, junto do amante embriagado e libidinoso. Quitéria ficaria horas inteiras no gozo daquela recordação carnal se a necessidade extrema de pôr os móveis da sala em ordem não a arrancasse daquele torpor. Era grande a desordem da mobília; não havia uma cadeira de pé, uma garrafa que não tivesse rolado, um copo inteiro.

A feiticeira começava a arrumação, quando chega-lhe a porta D. Josefa, acompanhada da filha. Quitéria perturbou-se, mas em tempo pôde dominar-se. A mulher de Freitas vinha desculpar-se de sua falta. A feiticeira, depois de chorar e de se maldizer muito, contou o que se tinha passado em sua casa, depois da oração. Para inspirar mais confiança a Josefa, levou-a para o quarto e, em segredo, disse que alguns libertinos e vadios tinham-lhe invadido a casa, que quis resistir, mas foi repelida com insultos e pancadas, sendo obrigada, para escapar à morte e à sanha dos perversos, a abandonar a sala e fechar-se no quarto.

Josefa acreditou piamente nas palavras de Quitéria e consolou-a.

Carolina, enquanto a mãe conversava com a feiticeira, sentada na sala com os olhos fitos no chão, pensava em Edmundo. A abstração tinha intervalos. Em um desses instantes, mais em contato com o que a cercava, viu que muito perto de si estava uma carteira no chão, aberta no meio de alguns papéis. Olhou-os com atenção. Levantou-se, apanhou os papéis e tirou duas cartas subscritas ao coronel Manuel de Freitas. Ao lado da carteira havia um maço de notas do tesouro. Carolina viu o dinheiro, mas não o tocou. A moça recolheu as cartas ao bolso do vestido, e ansiosa esperava que a mãe acabasse a conferência.

Josefa não se demorou muito a voltar à sala, acompanhada de Quitéria, de quem, com a filha, se despediu, depois de ter ouvido mil agradecimentos.

---

46 É o químico, que havia em R. T., interferindo no campo do ficcionista. *Aldeído* é, em química, "álcool desprovido de hidrogênio".

A feiticeira, logo que se viu só, continuou a arrumação da sala, mas de porta fechada. Estava tudo em ordem, e concluía a varredela quando parou de repente a vassoura, recuou como se tivesse visto uma cascavel aos pés. Os olhos verdes moveram-se rápidos, mordeu os beiços, aproximou-se do objeto que a fizera recuar e apanhou-o. Era a carteira do comissário Simeão de Arruda.

Quitéria examinou os papéis, reparou as notas do tesouro, contou-as, dobrou-as, reuniu os documentos que estavam espalhados no ladrilho e recolheu tudo à carteira. O dinheiro exacerbava-lhe a cobiça e a impaciência de ocultá-lo. A cada momento, ouvia bater à porta e entrar o dono reclamando-o. Era preciso uma resolução, e foi a astúcia quem a ditou. Abriu a mala e recolheu mais aquela quantia pertencente aos socorros públicos. Inquietavam-na agora os dizeres dos papéis. Que diriam? Se soubesse ler! Olhou muitas vezes ainda, antes de guardá-los e tratou da concepção de um plano, cujo fim seria disfarçar o furto. A carteira era a mesma do comissário, conheceu. Viria reclamá-la e talvez não se demorasse. Era preciso uma resolução pronta, e Quitéria voltou à sala, dispôs os móveis como havia encontrado, espalhou o cisco, virou garrafas, enfim, ninguém notaria diferença no cenário. Feito isto, se recolheu ao quarto, depois de ter aberto a porta da entrada da casa. Preparou-se para a comédia, amarrando um grande lenço encarnado na cabeça e deitou-se na rede.

Arruda não pôde almoçar, embora tivesse tomado, para diminuir a inapetência do alcoolismo, uma boa dose de *pyretic saline*. Levaria o resto do dia nessa apatia dos sentidos se, por um acaso, não desse pela falta da carteira. Ficou atônito com a certeza do prejuízo. Não pensou mais senão em reavê-la; sem dúvida, acreditou achá-la na sala de Quitéria, e para lá se dirigiu.

Chegou à porta da feiticeira e espreitou.

Quitéria, havendo-o pressentido, começou a soltar gemidos doridos e compassados.

Arruda pôs-se de pé no batente da porta, e examinava com olhar investigador a pequena sala. Tudo estava como havia deixado, percebendo-se não ter entrado ali ninguém.

Ia voltar, quando lembrou-se de que uma entrevista com a feiticeira, podia orientá-lo. Bateu palmas, e teve em resposta um gemido magoado. Esperou alguns minutos e tornou a anunciar-se; desta vez ouviu Quitéria dizer muito a custo:

— Se... é... cristão ... filho... de... Deus... entre... me... valha...

— É Simeão de Arruda.

— Ai... ai... que... dor... morro... sem... confissão... Socorro...

O comissário não se fez esperar e entrou para o quarto de Quitéria, que representava com admirável habilidade o seu papel. Quem a visse, toda envolvida em um lençol, com o rosto extremamente pálido, profundamente sulcado, os olhos cerrados, as feições numa decomposição assustadora, as mãos aveladas[47] e frias, cruzadas sobre o peito, acreditaria que estivesse moribunda.

Simeão contemplou-a por alguns minutos e, plenamente convencido de seus atrozes sofrimentos, perguntou:

— Está enferma, D. Quitéria?

— Às... portas... da... morte...

— Quer um médico?

— Um... padre...

— É preciso ter quem cuide da senhora. Sozinha nesta casa não vai bem. Quer que chame os seus vizinhos?

— Não... vêm... ai... ai... ai... ai...

— Ainda ninguém veio hoje aqui?

— D. Josefa... e... a... filha...

— Não quer médico?

— Amanhã... se... for... viva... quero... ir... para... o hospital.

— Então, até amanhã.

— Jesus... ai... ai... ai... eu... morro... ai...

Arruda saiu, crente que Quitéria estava às portas da morte e que a carteira fora apanhada pela mulher ou pela filha de Freitas.

A feiticeira continuou a gemer, por espaço de uma hora. Logo que teve certeza de que Simeão ia longe, calou-se e foi tratar da vida. Fechou a porta da rua e tratou de quebrar o jejum, o seu maior auxiliar na farsa que representara, fazendo-a empalidecer mais e esfriando-lhe as extremidades.

CAPÍTULO XIII

NA PEQUENA SALA, reunidos Freitas, a mulher e filha, liam as cartas que Carolina achou em casa de Quitéria.

Concluída a leitura da primeira, que era de Inácio da Paixão, passaram à segunda. Manuel de Freitas lia, em voz alta.

"Meu respeitável amigo. — Minha carta vai surpreendê-lo, não só por ser escrita do Recife, como também pelos motivos de minha

---

[47] **Aveladas = enrugadas.**

viagem. Fui vítima de uma traição. Em minha última visita à sua casa, prometi aproximar-me de Simeão de Arruda, para conhecê-lo e depois julgá-lo, e esse contato mais íntimo foi-me fatal. O laço que armou foi tão bem urdido que nele cairia o mais astuto. Convidou-me para um passeio a bordo, levou-me ao navio, e quando o enjôo me prostrou de todo, voltou para terra e deixou-me entre os infelizes que expatriavam! Como dói deixar forçadamente o torrão natal! Adormecer contemplando o azulino céu da pátria e despertar rodeado de irmãos desgraçados, sem outra esperança a não ser um pedaço de pão esmolado na terra alheia, sem outra aspiração mais que um desejo veemente de vingança! Simeão de Arruda desterrou-me à falsa fé, porque não cogitou da intensidade de meu ódio. Como é sombrio um depósito de retirantes! Como desalenta ver uma família enorme, a chorar noite e dia, sem esperança de um conforto! A ilha do Pina foi o lugar escolhido para o nosso suplício. Além de todas as dores do corpo e da alma, por cúmulo de crueldade fecham-nos as cisternas; até água nos dão de ração, por esmola! Peço-lhe de apresentar à família os meus protestos de amizade. Quando eu for livre, o meu primeiro passo será em rumo de minha terra, a minha primeira idéia, a vingança de meu algoz. Adeus. Seu amigo verdadeiro, *Edmundo da Silveira*."

Freitas findou a leitura da carta, indignado e comovido. Josefa meditava e Carolina, a quem aquele desastre mais feria, chorava em silêncio.

Nenhum comentava o fato. O coronel acreditava num aviso da Providência. Urgia uma medida que afastasse o comissário de sua casa. Cada vez sentia-se mais acabrunhado. A carta do amigo veio-lhe atribular mais o espírito já tão abatido pelas rudes contrariedades. Cumpria-lhe rejeitar a proteção do comissário, evitar o seu contato. Que motivos, porém, apresentaria para assim proceder, quando Arruda nunca lhe havia faltado com o respeito, pelo contrário, era todo atenções?

Josefa, depois de ter refletido sobre o acontecimento e ouvido a opinião do marido, opinião muito desfavorável ao caráter de Simeão, tornou-se aflita e preocupada. Não podia saber qual o interesse de Arruda desterrando Edmundo. Parecia-lhe tudo aquilo mais obra do acaso do que uma cilada.

Freitas tinha juízo formado sobre o comissário. Por mais que a mulher lhe mostrasse a possibilidade de ter sido a viagem de Edmundo toda casual, não se convencia. Carolina se conservava silenciosa em todas as discussões. Simeão de Arruda cogitava os meios a empregar, a fim de obter sua carteira, que acreditava estar em poder de Manuel de Freitas. Ainda uma vez lembrou-se da feiticeira

para auxiliá-lo, porém a orgia a teria prevenido contra ele, e mesmo, talvez Quitéria tivesse morrido da enfermidade que a atacou no dia seguinte ao pagode em sua casa. Era preciso, entretanto, explorar o terreno. Uma visita a Freitas e alguns minutos com a feiticeira muito podiam orientá-lo.

O comissário, depois de estudar o modo de se apresentar ao coronel e à Quitéria, foi ter com eles.

Freitas continuava triste e abatido. Não havia remédio para aquela atonia d'alma! Josefa conseguira, depois de judiciosas considerações, que guardasse silêncio, ao menos por algum tempo, sobre as cartas encontradas por sua filha em casa de Quitéria.

A feiticeira, restabelecida de seus incômodos fantásticos, gozava melhor que nunca uma saúde tão robusta como aos vinte anos. O dinheiro de Simeão pô-la mais esbelta, e mais rija a espinha, para suportar o peso de meio século. Todas as noites, depois do terço do costume, abria a mala e tirava a carteira do comissário, os cartões, os papéis e o dinheiro. Olhava para tudo, dava suspiros fundos e recolhia tudo ao esconderijo, dizendo:

— Não saber ler! Não ter aprendido a contar dinheiro grande!...

Arruda encontrou Freitas sozinho, sentado no toro de madeira na sala de visita.

— Como tem passado, meu caro coronel? A ilustre família como vai de saúde?

— Arrastando o peso da velhice e sem nenhuma esperança de melhorar de sorte.

— Acha-se doente? Está abatido. A vida da cidade, com o ar insalubre, tem decerto concorrido para alterar-lhe a saúde.

— Os meus sofrimentos são morais. Ao descrente tudo aborrece, tudo amargura, e a morte, como termo aos padecimentos da vida, deve ser a única e mais legítima aspiração.

— Alguma contrariedade o aflige, estou certo.

Josefa, que do interior da casa ouvia as palavras do marido, apareceu na sala a fim de desviar a conversação.

— Bom dia, Sr. Arruda, como V. Sª tem passado?

— Atarefado de serviço como sempre, minha senhora. Como passam os pequenos, e D. Carolina?

— Vamos todos vivendo, graças à bondade e proteção de V. Sª, melhor do que os nossos patrícios.

— O nosso coronel é que está hoje de mau humor!

— Não é fora de razão sua tristeza; não vê como o inverno iludiu, como a seca continua? Manuel esperava retirar-se por todo este mês. Contava que no dia do Senhor S. José caíssem chuvas copio-

sas, mas nesse dia o sol foi tão abrasador como grande, depois, o seu desânimo![48]

— Não deve desesperar, coronel; quem teve tanta coragem, tanta energia nos momentos mais críticos da vida, é de supor que não se abata, já no fim da peleja.

— Ontem eu tinha independência, não tinha comido o pão da esmola! Conservava minha soberania e acreditava nunca perdê-la. Os favores, as proteções humilharam-me, não porque revoltassem o meu amor-próprio, mas porque eram inspirados por sentimentos iníquos e reprovados. E sabe o senhor como degrada a esmola, quando quem a distribui procura matar a fome e a honra. . .

— Oh! Manuel, como estás inconveniente! Como é que esqueces a civilidade! Queira desculpar meu marido, Sr. Arruda, são caprichos da velhice.

— Não se incomode, minha senhora. Compreendo bem a posição do coronel e sei que os sofrimentos de todos os dias cansam o espírito.

— Exatamente, Sr. Arruda. Estou certa que sua bondade desculpará estes momentos de tédio de Manuel.

— Por quem é, não fale mais nisso, D. Josefa. Sabe dizer quem mora ali?

E Simeão indicou a casa da feiticeira.

— Uma pobre velha que vive de servir a Deus, chamada Quitéria, respondeu Josefa.

— A minha pergunta não é ociosa. Voltava do abarracamento uma noite dessas e, quando passava pela porta daquela casa, ouvi na sala um barulho infernal, aproximei-me e vi que alguns rapazes embriagados tinham invadido a casa da pobre velha, e insultavam-na. Apeei-me e obriguei-os a retirarem-se. Estavam, como disse, bêbados e foi-me preciso lutar. Na luta, que foi um pouco séria, caiu, sem que pressentisse, a minha carteira que continha, além de papéis de importância, mais de um conto de réis em cédulas grandes. Anunciei pelos jornais e, até hoje, não me foram restituí-la.

— Custou a V. Sª um prejuízo a caridade que fez.

— Certamente. Recomendo ao coronel e a D. Josefa, se porventura tiverem dela notícia, o favor de me avisarem. O dinheiro sei que não me restituirão, mas os papéis, se me entregarem, darei cem mil-réis de gratificação.

— Sim. . . disse friamente Manuel de Freitas.

---

[48] São José é o padroeiro do Ceará. Há, ainda hoje, difusa no espírito do homem do sertão, a crença de que, até o dia 19 de março, as chuvas devem ser esperadas, a cada ano. Se elas não caem até essa data, é sinal de seca declarada.

— Ficará a meu cuidado, senhor comissário.

— Queiram-me dar suas ordens, disse Arruda, se despedindo.

Simeão estava quase convencido de que Freitas tinha em seu poder o dinheiro e os papéis. Sua cólera era devida, sem dúvida, à leitura da carta de Edmundo. Não podia admitir que o coronel alardeasse tanta independência, tanta inteireza de caráter, sem ter na mala o seu dinheiro. Era preciso ser ouvida Quitéria, e para lá se dirigiu.

A feiticeira tinha visto Simeão e, escondida na rótula, o esperava. Arruda entrou amável como nunca.

— Há de ter-me censurado pela ausência que fiz de sua honrada casa, D. Quitéria?

— Qual, meu capitão, nós, os pobres, somos pouco exigentes; não temos direito de reclamar as visitas dos ricos.

— Deixei de aparecer por motivos muito justos, a morte de um de meus melhores amigos.

— Coitado! Passou V. Sª por esse golpe!

— A vida não é mais do que uma comédia. Quem viu Xenofonte cheio de vida, esperanças e ilusões, e em poucas horas trocar um mundo de aspirações pelo estreito espaço de uma sepultura descrê de todas as vaidades mundanas.

— Deus o tenha na glória; hoje à noite, rezarei um terço por sua alma.

— Ore por sua alma de anjo.

— Deve estar no céu.

— Assim o creio.

— Console-se, meu capitão; esse é o caminho de todos nós.

— Custa-me tanto sua separação!

— Essas lembranças o magoam; mudemos de conversa. Achou a carteira?

— Qual! Já perdi a esperança. E quem lhe disse que eu a havia perdido?

— D. Josefa. Eu tenho esperança de alcançá-la.

— Descobriu alguma coisa?

— Talvez. . .

— Diga-me o que sabe.

— Tenha paciência.

— Já sei que pegou o ladrão.

— Vi-o. . .

— Como?

— Sabe que lhe devo o meu coração. Desde o dia em que soube do seu prejuízo amarrei os meus santos, e atropelo as almas dos enforcados. Ontem fiz o responso do Senhor Padre Santo Antônio e vi. . .

— O quê?
— A carinha da *ladrona.*
— Como?
— Dentro da tigela de água.
— E se vê? E se conhece?!
— Tão bem como o estou vendo. Ainda vi mais: pedi ao santo que queria ver a carteira e o lugar onde estava, e vi.
— Conte-me o resto.
— A carteira está aqui na vizinhança.
— E quem a achou?
— A santinha loura por quem V. Sª morre de amores.
— Forte desgraça!
— Por caridade, não envergonhe a pobre família.
— E o meu dinheiro?
— Confia em mim?
— Muito.
— Prometo-lhe que muito breve terá sua carteira.
— Promete?
— Juro.
— Então ficamos justos.
E, num aperto de mão, selaram o acordo.

CAPÍTULO XIV

VITORINA chegou ao abarracamento inda aturdida. O espírito foi pouco a pouco desanuviando-se, e numa penosa hesitação ficaria, se os acontecimentos da última noite, como sombras erradias e dispersas, não se agrupassem na imaginação, dando corpo a um fantasma hediondo. Eram aterradoras as reminiscências! A órfã viu-se na sala da feiticeira, cercada de meretrizes e libertinos. Parecia estar vendo o olhar insólito de Roque, ameaçador e terrível! Ainda soavam-lhe aos ouvidos as palavras dos pagodistas, os insultos dirigidos à sua inocência, à sua virgindade. Cavava o passado, e cada minuto que passava servia de túmulo a uma esperança, era o berço de um desgosto! Pensava, entretanto, que ainda era virgem. Tinha consciência, até o momento em que a obrigaram a beber o segundo copo de vinho; daí por diante, completamente ébria, não soube mais o que se passou. Sentia-se mal do corpo e da alma. Os músculos, em flácido quebranto, relaxavam-se como se precisassem descansar de uma viagem longa e trabalhosa. Além do espreguiçamento enfadoso em que o corpo se estirava, vinha-lhe de quando em quando

uma impressão dolorosa, uma dor física que ruborizava-lhe as faces. A essa sensação sucedia um pensamento, uma idéia aterradora que procurava afastar de si, e temia como horrível desgraça. O medo, o terror que ao espírito infundia aquela idéia não podia ser aniquilado, uma vez que existia a causa dos padecimentos físicos: uma lesão traumática. Enquanto a ferida não cicatrizasse, aqueles maus pensamentos não a deixariam.

O sol já estava muito perto do ocaso e Vitorina, triste e desalentada até àquela hora, não pensou senão na orgia e em libertar-se de Simeão de Arruda.

Roque da Piedade havia curtido a bebedeira, e veio ter com a órfã:

— Boa tarde, Vitorina.

A moça estremeceu, ocultou o rosto e começou a chorar. As lágrimas da órfã, muda resposta à saudação do chefe de turma, comoveram-no. Compadecido de Vitorina, que se lamentava, mas não o maldizia, aproximou-se para consolá-la:

— Que tem, minha filha?

As palavras de Roque, ouviu-as a órfã com indignação. Considerou-as um escárnio à sua dor, e com um gesto altivo descobriu o rosto, mordeu os lábios e deixou de chorar. Havia chegado a reação; outro sentimento a dominava agora.

— Por que chorava, Vitorina?

— Minha mãe!...

A órfã, sem prestar atenção a Roque, invocava a memória de sua mãe.

— Console-se, minha filha, ela está no céu.

— O senhor atreve-se a consolar-me! Pronuncia sem remorsos o nome de minha mãe! Arrastou-me para uma festa de mulheres perdidas, sem lembrar-se que sou tão inocente como a mais inocente de suas filhas!

— Duvido.

— O senhor atreve-se a negar que, quatro dias depois da morte de minha mãe, obrigou-me a acompanhá-lo a um pagode, ameaçando-me com a cadeia se resistisse?!

Roque havia-se irritado com a altivez com que a órfã lhe falava, e insultou-a:

— Convidei-a, porque você devia ser do mundo.

— Miserável!

— Console-se, menina, não apure muito as coisas...

— Meu Deus! Será possível?

— E duvida ainda?!

— O senhor é um infame! Insulta-me, calunia-me! Lembre-se de que tem filhas, que pode morrer amanhã e elas ficarem à mercê dos Roques da Piedade e dos Simeões de Arruda.

— A menina está-se esquentando muito! Tenho um segredo a confiar-lhe; quer ouvir-me?

— Desejava mais nunca vê-lo, quanto mais ouvi-lo.

— Sabe que posso atirá-la à rua, deixá-la morrer de fome? Se continua a responder-me assim, lhe mostrarei para quanto presto.

— O senhor é tão perverso, quanto covarde! Perdi minha mãe, posso morrer também. Antes que me enxote, eu sairei, mas ninguém me levará mais a pagodes de prostitutas.

— O que pensa a menina que é?

— O que são suas filhas.

— Elas nunca dormiram com libertinos. O comissário Simeão de Arruda nunca passou a noite com nenhuma.

Vitorina levantou-se como impelida por uma força sobrenatural e pôs-se à frente de Roque, em posição ameaçadora:

— Mentes, perverso! E se supões que temo morrer de fome no meio da rua, que a ração que recebo me escraviza, a ponto de deixar de repelir ofensas à minha honra, te iludes muito! Se duvidas, repete a calúnia, que te mostrarei se saberei ou não puni-la! Já não duvido que tenhas vendido ao comissário as tuas filhas.

Vitorina disse essas palavras com veemência e com os punhos cerrados a pouca distância das barbas de Roque. Foi o último esforço de sua energia, o derradeiro lampejo da luz que bruxuleia e apaga-se.

— Se me insulta, sua desonra será pública.

A órfã não podia mais lutar; estava esmagada.

— Desonrada! Meu Deus!

E Vitorina sentiu-se desalentar de todo.

O chefe de turma aproveitou o estado da órfã, aqueles momentos de perfeita demência, em que a tribulação torna o espírito incapaz de qualquer concepção e contou-lhe como ela havia sido prostituída em casa da feiticeira por Simeão de Arruda. Vitorina chorava desesperadamente, enquanto Roque, com uma crueza que revoltava, assistia ao agonizar da última esperança daquele coração ainda tão novo. O presente era-lhe aterrador como uma sepultura aberta, e marcava com um traço negro a primeira página de sua desgraça. O futuro era o futuro, misto de dúvidas e mistérios.

Tudo era triste para Vitorina. Tinha a escolher ou a miséria ou o lupanar. Era preciso, entretanto, que saísse do abarracamento,

evitasse a presença do chefe de turma e do comissário. Deixou de chorar e, disposta a afrontar o infortúnio, abafando a dor que a torturava, saiu de capital a fora.

Seguiu sem destino pelas ruas da cidade. Passou por centenas de portas e não teve coragem de pedir uma esmola. Tinha fome; a inapetência do alcoolismo havia desaparecido e a dor moral serenado. Anoiteceu, e desalentada, fatigada, onde pernoitaria? As casas se fecharam todas, tudo se recolheu para dormir e ficou só na rua, entregue às lembranças de sua desgraça. Que fazer? Para onde ir? Foram os seus pensamentos, quando se viu sozinha em face do triste aspecto da cidade adormecida, com as casas perfiladas num mutismo que lhe fazia arrepiar todos os pêlos do corpo.

Seguiu quase assombrada com a solidão que se povoava de imaginários duendes, e ia gritar por socorro, quando viu que estava próximo a uma igreja, e que no adro havia gente. Encaminhou-se para lá, subiu os degraus do patamar e achou-se em frente da matriz da Fortaleza. Muitos companheiros, dos que mendigam pelas portas o pão e que não têm teto, faziam dali dormitório. A luz irradiada dos combustores da rua deixava ver a onda de esfomeados e maltrapilhos sobre o ladrilho do adro. Vitorina incorporou-se a ela, estirou-se no chão e adormeceu. Em sua idade o sono não foge dos pesares e nem dos rumores. Dormiu profundamente até seis horas da manhã. Ergueu-se, pouco depois do sol. A roupa estava molhada do sereno da noite, que, evaporando-se, mais lhe esfriava a pele transida da friaidade da laje. Duas crianças e um velho tinham amanhecido mortos; os cadáveres ficaram no adro e os retirantes continuaram o caminho.

Vitorina foi também errar pela cidade; sentia fome, mas não tinha ânimo de pedir esmolas! A necessidade de alimentar-se aumentava, e a vergonha de pedir diminuía. Era meio-dia e, desesperada de fome, entrou na primeira porta que encontrou aberta e pediu uma esmola. Apareceu-lhe uma mulher e despachou-a:

— Tão moça, minha vadia! Vá trabalhar.

A órfã, chorando, respondeu:

— Quero trabalhar, minha senhora, dê-me serviço, e basta dar-me em pagamento um canto para dormir e um pouco de comida.

— Todas dizem assim, mas depois que se acham fartas e enroupadas fogem, levando consigo o que podem furtar.

Vitorina seguiu chorando. A fome roía-a, e, sem esperança de socorro, pedia nas casas por que passava, não uma esmola, mas um

lugar de criada. Ninguém a quis e todos zombaram da sua pretensão. O sol já pendia muito para o poente quando chegou casualmente à portaria do colégio de N. Sª da Conceição. A porteira distribuía com os famintos os restos da mesa.[49]

Era um espetáculo que contristava: a turma de infelizes, de rostos escaveirados, macilentos, olhar amortecido e sem luz, como cães esfaimados dos monturos, a comer com avidez até a última migalha que a porteira lançava na fralda da rota camisa ou na ponta do imundo lençol!

Essa onda de esqueletos, composta de indivíduos de todas as idades e sexos, dava a cor sombria ao quadro. Derramavam-se por toda a cidade e, acocorados nos calçamentos das ruas, catavam as migalhas que caíam das sacas de víveres, que eram conduzidas aos celeiros. Quando um punhado maior de legumes perdia-se no chão, se lançavam sobre as sementes com uma gula de suíno, disputando o maior número de grãos. Nessa luta acotovelavam-se, esmurravam-se. Às vezes acontecia afundar algumas das aduelas dos barris de mel, que do porto eram levados ao comércio, e o líquido vasando caía e se misturava com o lixo das ruas; os famintos agrupavam-se e lambiam as pedras meladas até deixarem-nas completamente enxutas!

Vitorina olhou aterrada para os companheiros que comiam à porta do colégio. Estava ainda nutrida e forte. Tinha fome e pejo, ao mesmo tempo, de fazer parte daquela turma de esfomeados; mas a fome obrigou-a a incorporar-se ao cortejo. Envergonhada, aproximou-se da portaria. A religiosa deitou-lhe algumas migalhas no vestido. A órfã comeu com avidez, e a porteira deu-lhe outra ração mais abundante. Ajoelhou-se e agradeceu o benefício. Aquela prova de gratidão raramente dada pelos retirantes que mendigavam, surpreendeu a religiosa, e mais ainda quando a órfã, ao retirar-se, tomou-lhe a mão e beijou. A porteira olhou-a comovida e disse-lhe:

— Volte todos os dias, minha filha.

A órfã saiu sem destino. A sua vida era de vagabunda. Comia na portaria do colégio e dormia no adro da igreja. Algumas semanas viveu assim, até que um dia a religiosa, conhecendo a infeliz história da órfã, interessou-se e empregou-a como criada em casa de uma família de sua amizade.

---

49 O dado é documental. O colégio a que se refere Teófilo, mais conhecido como da Imaculada Conceição, foi inaugurado na então pequena Fortaleza, no dia 15 de agosto de 1865. Fundaram-no as filhas de S. Vicente de Paulo, chegadas pouco antes, em 24 de julho do ano referido.

CAPÍTULO XV

A DISTRIBUIÇÃO de socorros públicos em dinheiro e, por meio de cartões, o novo presidente proibiu logo que assumiu a administração da província.

Manuel de Freitas vivia agora à custa dos víveres que semanalmente recebia de Simeão de Arruda. O comissário entendia que estava tardando muito a realização de seu plano. Quando fazia justiça ao caráter de Freitas, julgando-o incapaz de um furto, acreditava possível a sedução de Carolina, rendendo-a pela miséria. Às vezes pensava que estavam armados com o seu dinheiro e que não poderia realizar o seu intento. Era necessário pô-los à prova, e deixou de mandar-lhes rações.

Chegou o sábado do recebimento de víveres e em casa do coronel não apareceu a esmola do governo. O fogão da cozinha passou apagado! Os meninos choravam com fome e Josefa, desalentada, levava em silêncio aquele transe à conta da indiscrição do marido.

Carolina, sem articular uma queixa, pensava no noivo. Freitas concentrava em si todas as agonias da família, sofria por todos, porém, mudo e taciturno. Não se havia rendido completamente à discrição da miséria. Meditava. Passaram-se dois dias de jejum, e nem uma esperança de conforto! O terceiro dia de fome veio encontrar o coronel de pé e disposto a lutar pela vida e pela conservação da família. Só havia um caminho a seguir para ganhar o pão, era o da pedreira. Freitas não refletiu mais e seguiu para o Mucuripe. Tinha caminhado doze quilômetros e, no estado de abatimento em que se achava, era um sacrifício enorme, um ato de subido heroísmo. Chegando à costa, incorporou-se ao bando de retirantes que seguia para a pedreira.

As praias da Fortaleza, acidentadas de dunas e cobertas em parte de uma vegetação enfezada de salsa e grama, tinham uma perspectiva de deserto, que se casava bem com as figuras esqueléticas das vítimas da fome! A solidão da beira-mar e a canção sonora das vagas a se espreguiçarem na praia em plena baixa-mar, aumentavam as tristezas desses lugares.

Freitas chegou à pedreira e voltou trazendo uma pedra ao ombro. O calor do sol, em duas léguas de caminho, depois de um jejum de dois dias, inundava-lhe a fronte de suor frio, que se extravasava dos poros em abundantes gotas e banhava a pele, a que a fome acentuava a palidez... Alquebrado pelos sofrimentos do corpo e da alma, o velho coronel conduzia o fardo às costas, para ter direito a uma ração.

Era enorme o préstito da miséria. Seguia para a pagadoria, quando alguns retirantes, que iam na vanguarda, pararam ao lado do trapiche. Os chefes de turma adiantaram-se para fazê-los seguir e fizeram alto também. Em poucos minutos a procissão estacou toda em derredor de uma leva de escravos que ia embarcar para o sul, e assistia a um espetáculo triste. A partida de cativos pertencia ao comendador Prisco da Trindade. Todos uniformizados de pano azul, com uma tristeza que doía ver, obedeciam como autômatos às ordens do corretor, que, em crescente azáfama, os reunia em bandos de vinte, lotação de cada jangada.

Algumas embarcações já se tinham feito à vela, levando a maior parte do magote; ficara uma jangada que, de pano ainda ferrado, recebia o resto dos escravos. Fazia parte do último lote a filha de Filipa. A escravinha assistia àquele espetáculo na feliz inconsciência da sua idade. Chegou o momento da separação. Filipa viu aproximar-se o jangadeiro, que devia arrancar-lhe a filha. Em um instante mediu a enormidade do transe. O marinheiro chegou-se para conduzir a escravinha. A liberta abraça-se com a filha e beija-a muitas vezes, chorando. O jangadeiro estacou, dando tempo àquela dor serenar. Viriato, menos compassivo, ordena:

— Leve este diabinho que a maré já enche.

O marinheiro arranca à força Bernardina dos braços de Filipa e leva-a para a jangada. A liberta acompanha a filha, que diz em prantos:

— Mamãe, não me deixe levar! não vou sem você.

Estas palavras da criança, sua última súplica, Filipa as ouviu alucinada. Posta a bordo a última *peça,* a jangada abriu a vela e serena deslizou sobre as ondas. A liberta ia atirar-se ao mar, seguir o batel, que levava a vida de sua vida, quando alguém a prende pelo braço e diz:

— Desgraçada Filipa!. . .

A liberta pára, volta-se e reconhece seu antigo senhor. Um grito nervoso atravessa-lhe os lábios e a epilepsia, ainda uma vez, fá-la cair e estrebuchar em hórridas convulsões.

Freitas conseguiu, ajudado dos companheiros, tirar a liberta do alcance das ondas e ficaria velando a seu lado, se as turmas de retirantes não seguissem, e se um dos chefes de turma, vendo-o ficar, não lhe dissesse:

— Fica, meu velho? Perderá a ração e os filhos têm que jejuar mais um dia!

O coronel seguiu contrariado, porque ainda uma vez a fatalidade obrigava-o a ser ingrato para com a sua antiga escrava.

Freitas havia-se incorporado, sem saber, às turmas de retirantes do abarracamento de Simeão de Arruda. Chegados que foram à pa-

gadoria, depois de alojada a carga na estrada de Messejana, fez-se a chamada e cada um recebeu quinhentas gramas de carne do sul e um litro de farinha. O comissário assistia à distribuição. Todos foram pagos, exceto ele, cujo nome não estava incluído na lista dos carregadores de pedras e não fora chamado. Ia fechar-se a pagadoria, e Freitas, vendo que perdia o trabalho, aproximou-se do pagador e reclamou o seu direito.

Arruda estava no armazém de víveres e viu a reclamação do coronel. A figura respeitável do velho, seu ar sombrio e grave, pela primeira vez impressionavam o comissário, que, envergonhado se escondeu, sentindo-se humilhado.

Os empregados do armazém, acreditando mais nas necessidades do coronel do que na legitimidade dos seus direitos, deram-lhe uma ração.

Freitas voltou à casa.

CAPÍTULO XVI

AS VÍTIMAS DA SECA sofriam atrozmente, quando uma nova época veio abrir mais uma página no livro de seus infortúnios. A população adventícia da Fortaleza se elevava a cento e quarenta mil almas!

Muito críticas eram as circunstâncias de toda a província, quando uma calamidade doutra espécie veio aumentar com um enorme cortejo de padecimentos sua lastimosa situação. A varíola entrou traiçoeiramente em Fortaleza.

As condições da população proporcionaram ao mal os meios seguros de um ataque súbito e terrível. A elevação da temperatura a 33º centígrados, a falta de vacina, o nenhum asseio nas habitações, a aglomeração dos emigrantes nos abarracamentos abriram mais o campo ao inimigo. E que repugnância tinham eles à vacina!. . . Entre milhares, um ou outro entregava os braços ao médico para ser preservado do mal; mas quase todos fugiam espavoridos, dizendo a uma voz:

— Deus me livre de meter a peste no corpo!

Foi em dias de agosto, desse mês fatal para os supersticiosos que se ouviu o primeiro grito de alarma. A varíola viera do sul, pela estrada que liga o Aracati à Fortaleza. Deu-se o ataque. Caíram feridos ao primeiro encontro, às dezenas, depois, às centenas, depois

aos milhares; enfim, onde estava um organismo não preservado pela vacina, chegava a peste.

Os habitantes da capital estavam sitiados completamente pela epidemia. Os abarracamentos dos retirantes circulavam a cidade, e onde existia um emigrante, podia-se afirmar, estava um varioloso.

O governo construiu lazaretos provisórios, contratou médicos, nomeou comissões de pronto socorro, mas tudo apenas atenuava um pouco os sofrimentos da população indigente.

Procurar debelar o mal, pôr o inimigo em debandada, seria o mesmo que tentar sufocar um incêndio em um campo seco batido de fortes ventos!

Alguns dias depois da invasão da epidemia, cada alojamento de retirantes era um lazareto de variolosos! As enfermarias regurgitavam de doentes; tudo era insuficiente para abrigar os pesteados. Muitos enfermos tinham por teto a sombra das árvores desfolhadas e aí mesmo, aos raios do sol, ao relento da noite, deitados no chão, morriam à míngua de socorro e isolados, porque os parentes, os companheiros, temendo o contágio, fugiam espavoridos, deixando-os abandonados! Pensavam assim evitar a peste e levavam-na incubada!

O terror era geral! Por toda a parte via-se o pranto, a desolação. Raro era o dia em que os urubus não denunciavam uma carniça humana, um corpo que apodrecia nos arrabaldes da cidade.

O centro da capital fora respeitado pelo flagelo, devido isso às melhores condições higiênicas da população e à vacina. Este estado, entretanto, não durou muito. O cerco foi apertando-se dia a dia, e pouco tempo depois a peste entrava em Fortaleza. Os cadáveres dos bexigosos eram conduzidos para o cemitério, amortalhados com os trapos que vestiam. Alguns tinham como esquife a rede rota e imunda, outros, mais desgraçados, nem esta possuindo, iam amarrados de pés e mãos a um longo pau para a vala e conduzidos por dois retirantes, aos quais o governo pagava quinhentos réis por cadáver.

E a este espetáculo, tão repugnante quanto desolador, assistiu por muitos dias a população das ruas mais públicas da capital, até que o governo mandou que os cadáveres fossem conduzidos ao cemitério pela beira-mar.

A atmosfera da cidade cada vez mais se infeccionava, pois, pedaços de carne podre e pus, não encontrando lugar onde ficassem depositados, caíam dos cadáveres nos passeios das casas e calçamento das ruas.

A peste invadiu tudo, desde a palhoça dos retirantes até o palácio do presidente da província. Por toda a parte ouviam-se os ge-

midos dos moribundos, os gritos dos loucos no delírio da febre eruptiva!

Era excessivo o pânico e geral a consternação. As ruas da cidade eram desertas; apenas, durante o dia, transeuntes a conduzir remédios e dietas!. . . Ao anoitecer fechavam-se as portas e acendiam-se pequenas fogueiras de alcatrão nas ruas e praças, o que dava à cidade um aspecto triste e lutuoso! As valas dos cemitérios recebiam mais de mil corpos por dia, e a peste a recrudescer!. . . Os cadáveres ficavam às vezes insepultos por mais de vinte e quatro horas, por não haver coveiros em número suficiente para o serviço dos enterramentos!

Os médicos não poupavam esforços, mas o que podiam fazer dez facultativos entregues em um hospital de oitenta mil enfermos?! Todo o trabalho e abnegação eram deficientes em face da enormidade do mal!

Os cordões sanitários não se fizeram, pois o inimigo atacou de um modo terrível e violento! A varíola, parece, se incubou de uma só vez em todos os organismos não preservados pela vacina. Era a legião dos infinitamente pequenos em número de muitos milhares de bilhões que se havia rebelado e, disseminado na atmosfera, levava a morte à tenda do homem. Eram os micróbios da varíola que se levantavam das trevas, onde jaziam despercebidos, e atacavam os organismos superiores e os destruíam! O contágio era inevitável! O indivíduo não vacinado escondia-se no lugar mais recôndito de sua habitação e lá mesmo o ar levava-lhe a peste e o micróbio se inoculava.

Freitas com a família não estava imune da peste. Desde que Arruda perdeu a carteira, que a vida se tornou mais difícil. Estavam reduzidos à pequena ração que o coronel recebia, quando ia à pedreira. A varíola, em sua onda devastadora, os envolveria também. Além das contrariedades e da penúria que os afligia, veio Filipa torturá-los com seus desvarios. Tornara-se louca do acesso de epilepsia no dia em que embarcou a filha. Levaram-na ao palacete do comendador e este mandou pô-la na rua. A liberta teria morrido de fome, se Freitas não a levasse para casa. A chegada de Filipa foi um dia de angústias para a família.

Josefa e Carolina foram-lhe ao encontro, abraçaram-na chorando, e ela, imóvel, inconsciente, olhava à toa para aqueles semblantes anuviados de tristeza e pena; não entendia as perguntas que lhe eram feitas, respondia com palavras sem sentido:

— Bernardina!. . . o chicote!. . . minha filha!. . .

As crianças rodearam-na e disseram-lhe:

— Mãe Filipa! mãe Filipa, você chegou?

A louca ouvia-lhes a voz, mas não lhes compreendia as palavras.

Freitas contemplava com grande mágoa aquele triste espetáculo. Josefa sentia profundamente a desgraça da liberta. Era uma vítima da sua fraqueza, de sua ingratidão. As cicatrizes deixadas nas costas pelo chicote, o nome da filha pronunciado quase sempre, torturavam a mulher do coronel, que, cheia de remorsos, procurava suavizar, tanto quanto permitiam os seus recursos, os padecimentos da louca.

A varíola continuava a grassar com intensidade por toda a parte. Arruda, que tinha assentado atacar a casa de Freitas a desoras e raptar-lhe a filha, adiou o plano em conseqüência da peste. Temendo o contágio, vivia recolhido em casa, bebendo conhaque. Os bêbedos aproveitaram-se da bexiga para se *vacinarem*, como diziam, com álcool. Arruda era do número destes, bebia como um cassaco.[50]

A varíola bateu à porta de Freitas... Em um mesmo dia foram atacados todos da peste, exceto ele e Carolina. O coronel porque o *cow-pox* o havia vacinado, sem ele saber, quando ordenhava novilhas, doentes daquela moléstia. A filha porque o vigário de sua terra a havia vacinado. As dores da terrível enfermidade e a fome reduziriam em breve aquela família ao estado mais lastimoso.

No mesmo aposento os doentes ardem na febre eruptiva; num quarto vizinho a eles, a louca, a desgraçada Filipa, também pestada, atordoa a casa com gritos nos desvarios da razão enferma. Carolina sente-se fraca em face de tamanho transe. Sobram-lhe amor, dedicação, porém, faltam-lhe conhecimentos e recursos para conjurar a crise, que ameaça esmagar os penhores mais caros de sua alma. Tem que servir de enfermeira aos variolosos, que reclamam um socorro pronto, e não há em casa remédio, não tem com que fazer um caldo. Na secura da febre que os queima, pedem água, água, e nem uma gota há para lhes matar a sede! Seu pai, também caído, não de varíola, mas de uma febre que não o deixa estar de pé.

Carolina impressiona-se com os sofrimentos dos seus e, sem esperanças de lenitivo às dores que os afligem, recorre à proteção da Virgem, prostrando-se diante de um pequeno registro e suplicando:

— Virgem Santíssima, protetora dos desgraçados, conforto dos aflitos, vinde em meu auxílio e ajudai-me a triunfar do abatimento de que está possuído o meu espírito! Eu, indigna filha vossa, me lanço com grande confiança a vossos pés, para vos pedir misericórdia para minha família, que, atacada da peste, morre à míngua de pão e de remédios. Tende piedade de nós, oh, piedosíssima Virgem Maria. Pelas dores do vosso amado Filho, socorrei-nos!

---

50 *Beber como um cassaco* foi expressão muito popular nos sertões nordestinos, partindo-se de uma tradição segundo a qual o cassaco, ou gambá, seria dado a beber aguardente, o mesmo sendo dito com respeito à raposa.

Carolina fez a oração com toda a confiança, e, crente de que suas palavras chegariam ao céu, tomou um pote e foi procurar a fonte. Caminhava sem destino e medrosa de tudo, quando encontrou um menino que vinha da aguada:

— Ensina-me a fonte?

— É muito perto, disse a criança, indicando-lhe uma vereda, que a moça tomou.

Antes da chegada à aguada encontrou-se com um homem de cor parda. Era um dos cabeleireiros da cidade, e vivia de comprar os cabelos das retirantes para revendê-los. O mulato fitou Carolina e ficou perdido por suas tranças louras que desciam até a curva da perna. Aguçada a cobiça pelas lindas madeixas, dirigiu-se à moça:

— Quer vender os cabelos, sinhazinha?

Carolina estremeceu e estacou.

O quadro desolador da família toda doente e sem recursos colocou-se-lhe diante dos olhos. A princípio o espírito revoltou-se com a idéia de tão torpe negociação, com a perda de um dos mais belos ornatos com que a natureza a havia mimoseado, mas, depois, ouvindo só o coração e tendo consciência de que era aquele o único recurso de que dispunha para socorrer honestamente os seus, respondeu com voz firme:

— Vendo!...

— Devemos fazer o preço, antes de cortá-los.

Carolina não se conteve e desatou a chorar.

No espírito do cabeleireiro, nada influíam aquelas lágrimas. Acostumado a visitar os abarracamentos diariamente e a tosquiar, como dizia, as retirantes por qualquer meia pataca, não hesitou em continuar a negociação.

— Vejamos; quanto quer?

Carolina pôde dominar-se, e, resignada, respondeu:

— Dê o que quiser.

— Sou pouco generoso; depois de tosquiada não comece a menina com lamúrias e choradeiras.

Carolina sentiu-se humilhada. Num ímpeto de indignação quis dar as costas ao mulato, mas os sofrimentos da família desarmaram-na; assim desapareceria o único meio de socorro aos enfermos que morriam de fome.

— Corte os cabelos, senhor, e já disse, dê o que quiser.

E com um gesto tão nobre quanto altivo entregou a cabeça ao cabeleireiro, que, com mão firme e golpes de tesoura, cortou-lhe as tranças.

Carolina, imóvel, como uma cataléptica, abismava-se numa saudade infinda de seus cabelos. Olhou-os, acompanhou-os com um olhar angustiado, até que desapareceram de todo no bolso do mulato. E,

quando se convenceu que não os veria mais nunca, sentiu um pesar, que não a fulminou, porque a fortaleceu a consciência de um ato nobre, de uma manifestação heróica do seu amor filial.

— Agora devo pagar-lhe.

E o cabeleireiro contou com todo o vagar trezentos e vinte réis em cobre, que entregou à moça.

Custava a Carolina um sacrifício enorme a posse daquelas moedas! Resignada a sofrer tudo pela felicidade da família, foi caminho da fonte. Era necessário água para os doentes; as dietas já tinha com que comprá-las. A vereda morreu na barreira de uma profunda escavação. Era ali a cacimba. Aproximou-se do buraco e viu uma pequena poça d'água. A profundeza da escavação crispou-lhe os nervos em medroso arrepio. Chegou à rampa que conduzia à aguada e teve medo de descer. Parecia-lhe que as barreiras se uniriam, logo que descesse. Indecisa, implorava coragem à Virgem, porém, do céu não descia nada que a amparasse. Não aparecia um companheiro, ninguém vinha tomar água. O tempo corria e os doentes em casa estariam a estalar de sede! Era preciso descer, e fazendo um esforço supremo, desceu a rampa. No fundo da escavação estava a fonte, pequena poça d'água, que os terrenos argilosos alimentavam gota a gota, com muita usura. Viu-se quase assombrada dentro daquele abismo. As barreiras, perfiladas em círculo, parecia que se inclinavam aos poucos, diminuindo a cada instante o círculo azul que aparecia do espaço. A moça desviou a vista do precipício, criado por sua imaginação excitada, e tratou de encher o vaso e fugir, em tempo de não ser soterrada. Ia subir, quando viu que descia a aguada um negro. Carolina quase se assombrou quando se viu só com o retirante que, de uma magreza extrema e de olhar de louco, parecia no delírio famélico. Chegando perto da moça, o infeliz, depois de ter saciado a sede, olhou para Carolina, a quem impediu de passar; colocando-se no caminho, ajoelhou-se e pediu-lhe uma esmola. A moça entregou-lhe a quantia por quanto vendera os cabelos e subiu apressada a ladeira.

CAPÍTULO XVII

CAROLINA voltou à casa. Por um ato de grande energia, conseguiu água para matar a sede dos doentes; mas onde encontrar dietas e remédios? Fora nulo o resultado da venda dos cabelos. A febre eruptiva seguia sua marcha regular. Os meninos desacordados nada pediam, apenas no delírio da moléstia falavam ou gritavam.

Filipa era o enfermo que mais cuidados dava. Carolina já tinha ido à rua buscá-la mais de três vezes, pois, no delírio da febre, havia saído porta afora, quase nua. Era-lhe impossível ser enfermeira de seis doentes e, temendo que o estado deles mais se agravasse, decidiu-se a pedir socorro à primeira pessoa que passasse, e foi para a porta da rua. O primeiro viandante que se aproximou foi um padre; vinha a cavalo e Carolina dirigiu-lhe a palavra:

— Senhor padre, pelo amor de Deus, ouça-me.

O padre apeou-se.

— Às suas ordens, minha filha.

— Foi a Virgem Santíssima que guiou V. Rev.ma até aqui; rogo-lhe que entre e veja com os seus próprios olhos a nossa desgraça.

E Carolina, seguida pelo padre Clemente, foi ter com os doentes.

— A paz seja convosco, meus filhos, disse o sacerdote.

— Senhor padre, sois o enviado de Deus para nos abrir as portas da eternidade, disse Freitas, sentando-se na rede.

— A Providência pode-lhe restituir a saúde, meu filho.

— Tudo pode ser. Quero que me ouça de confissão, disse o coronel.

O sacerdote aproximou-se de Freitas e confessou-o.

Carolina consolava sua mãe.

Filipa gritava, de vez em quando, levantava-se e queria sair para a rua. A febre trazia a louca num constante desassossego. Às vezes quebrava o silêncio com um grito agudo e desconcertado, que fazia estremecer as crianças. Josefa pedia-lhe que se calasse e Freitas meneava a cabeça sem proferir palavra.

Era penosa a situação da família. A liberta aumentava-lhe as tribulações, lembrando, inconsciente, a ingratidão de que fora vítima:

— Me venderam!... me enganaram!... a liberdade!... a liberdade que ela me prometeu!... Bernardina onde está!... na jangada!... presa!... vendida!... Bernardina!... aqui!... corre, te esconde!... olha o homem!...

E Filipa procurava esconder a filha sob a roupa.

O padre, depois de confessar Freitas e Josefa, pediu ao coronel que fosse com a família para o lazareto. Mostrou-lhe a impossibilidade de serem medicados ali, onde muito dificilmente teriam médico, enfermeiros, remédios e dietas.

Freitas hesitou, mas Clemente, prometendo levá-lo ao hospital, obteve seu consentimento.

— Seja feita a vossa vontade, senhor padre. Um único pedido tenho a fazer-lhe, em nome de Deus; é tomar minha filha sob sua guarda e proteção.

— Não, papai, não o abandonarei, o seguirei, suponho que ninguém impedirá que lhe sirva de enfermeira.

E Carolina abraçou-se com o pai.

— Irás também, minha filha; não haverá ninguém tão cruel que te proibisse de prestar os teus serviços a teus pais, no momento em que mais precisam deles. Irás, sim, irás.

A promessa do sacerdote, a certeza de que não se separariam, fortaleceu-os. Clemente retirou-se prometendo voltar dentro de uma hora, a fim de fazer transportar os variolosos para o lazareto. Acomodados os doentes pelo padre em quatro padiolas, Carolina fechou a casa e com Clemente acompanhou os enfermos ao lazareto da Lagoa Funda, a três quilômetros a oeste da Fortaleza.

Chegados ali, o padre indagou do administrador se haveria acomodações para sete variolosos.

— Talvez não. As enfermarias estão repletas. Contudo V. Rev.ma não desanime, a morte abrirá em breve lugar a seus protegidos.

— E os mesmos leitos?!

— Que há de se fazer, senhor padre? Se queimarmos os leitos servidos não teremos onde acomodar os enfermos.

— Deus queira se compadecer de nós.

— Só ele mesmo nos poderá valer.

— Desejava falar com as irmãs de caridade.

— Estão nas enfermarias. V. Rev.ma pode entrar. Suponho que não precisará de guia?

— Não; conheço bem estes lúgubres aposentos, disse o padre entrando.

E a passo lento e grave atravessava aqueles tristes lugares, a habitação da dor. Afrontava com coragem e abnegação um espetáculo que lhe repugnava a quase todos os sentidos, aquele mar de pus onde boiavam enfermos, moribundos e mortos. Resfolegava com resignação evangélica aquela atmosfera a tresandar a úlcera, a carne podre, sem procurar diminuir as funções da pituitária. Se o olfato se impressionava desagradavelmente com o fedor da enfermaria o ouvido, por sua vez, se molestava com os sons agudos e confusos que lhes abalavam o tímpano. Os gemidos surdos dos moribundos e os gritos desconcertados dos variolosos que deliravam, formavam um concerto que comovia e aterrava. As enfermarias regurgitavam de doentes! Eram em número superior a oitocentos! O sofrimento ali tinha todas as fases. Havia de tudo, e de tudo que há de mais horrível! Corpos cuja pele a inchação havia estirado a ponto de fender-se em todos os sentidos e, assim em carne viva, sem mais o invólucro protetor, sentia o desgraçado a aspereza da lona da cama penetrar nos tecidos nus, como um ferro incandescente, produzindo dores de uma horrível queimadura!

Outros não menos infelizes, no último período da moléstia, completamente desvairados, sem consciência da podridão dos tecidos,

erguiam-se dos leitos, e, alucinados de dor, gritavam enquanto a carne putrefata, despregando-se dos ossos, caía no chão do lazareto! Alguns, com a razão completamente perdida, rasgavam com as unhas as pústulas, arrancavam-lhes a crosta e, mesmo cobertas de pus e sangue, comiam-nas com avidez, tão profundas eram as desordens de sua mentalidade.

Clemente percorria a passos lentos as enfermarias. Palpava a enormidade daquela chaga com a grandeza de sua alma de santo! Tudo fugia daqueles lugares! As ilusões haviam desaparecido daquele recinto pavoroso, onde bem poucos têm esperanças, pensava, gemeriam sós e esquecidos, se a caridade não os procurasse e lhes dissesse:

— Estamos convosco na hora do perigo; sois nossos filhos, porque sois desgraçados!...

O padre tinha diante de si o horroroso e o sublime! O seu espírito, ao mesmo tempo que se abatia contemplando as contingências da vida com o cortejo de dores e misérias, se elevava ao incompreensível. O sublime era a caridade. O bispo da diocese, enfermo e velho, sentado à beira do leito do varioloso que apodrecia em vida, exortava-o à paciência e consolava-o com uma fé edificante. E na fisionomia do santo homem nem um gesto de contrariedade, nem um traço de repugnância ao pus fétido, que muita vez lhe salpicava o rosto e as vestes sagradas!...

Em derredor dos leitos dos variolosos, ainda por cúmulo de heroísmo, de abnegação, viam-se algumas irmãs de caridade.

Clemente fitou-as com respeito. Eram os lírios da castidade, com a maior bondade lavando, com o carinho de mãe, as chagas do enfermo que apodrecia em vida! O padre ainda uma vez curvou-se em espírito com a maior reverência, diante daquelas santas mulheres que, sem outra recompensa a não ser a que emana da fé nas promessas do filho de Deus, faziam da humanidade a sua família.

Durante uma hora tinham vagado vinte leitos, e o administrador de bom grado recolheu à enfermaria os protegidos do padre Clemente.

Freitas, que havia sido internado também como varioloso, depois de dois dias de febre intensa, restabelecera-se. Tivera um acesso de varíola de forma frustra.

Clemente não se retirou sem primeiro ouvir de confissão a umas dezenas de doentes. Para perceber as palavras do moribundo, sem que os outros as ouvissem, ajoelhava-se ao lado da cama, colocava o ouvido à boca do agonizante, suportando com coragem, com um estoicismo cristão, de mártir, a podridão que lhe enchia as narinas.

CAPÍTULO XVIII

QUITÉRIA DO CABO não escapou à peste. Dois dias depois da saída da família de Freitas para o lazareto, caiu doente, recolheu-se ao quarto. A febre queimava-lhe o corpo como se a cobrisse um cáustico de *louco,* o delírio desvairava-lhe a razão, a secura crestava-lhe os lábios, e numa luta sem tréguas com a moléstia, o organismo cada vez mais se enfraquecia, mais vulnerável ficava. Isolada em um quarto, gemia sem medicina, sem família. No primeiro período da doença, não teve consciência do perigo. Voltou-lhe depois a razão, e então Quitéria estremeceu de assombro; estava mais para a morte do que para a vida. Quis levantar-se, pedir socorro aos vizinhos, mas embalde; os músculos entorpecidos não tinham forças; quis assim mesmo erguer-se e caiu no mesmo lugar!

Não podendo caminhar, tentou gritar, mas debalde: a garganta estava crivada de pústulas e mal deixou passar um som rouco e abafado, que se extinguiu imediatamente, depois de ter-lhe escapado dos lábios. A idéia da morte precedida de um martírio lento e terrível, estacionava na imaginação; mais ainda a aterrava a lembrança de morrer sozinha. A sede fazia-lhe estalar a boca, e não tinha a quem pedir água. Tinha necessidade de alimento, e o fogão estava apagado! A moléstia seguia sua marcha terrível. A inchação havia lhe tornado disforme o corpo. A pele se estiraçava com o aumento de volume dos tecidos, e, cada vez mais adelgaçada, apresentava em diversos pontos manchas de cor purpúrea, desde o tamanho de um grão de milho até o de um ovo de pombo. Não eram as manchas um prognóstico de varíola de forma benigna. Era o sinal precursor e patognômico da varíola hemorrágica, da inoculação e desenvolvimento do micróbio da bexiga negra naquele organismo que inevitavelmente seria destruído pelo mais mortífero dos micróbios patógenos.

Quitéria sentia um desassossego aflitivo! Todas as mucosas se congestionavam. Uma sede horrível retalhava-lhe a língua e a pele da boca. O sangue começava a se extravasar das mucosas mais congestas. As dos olhos foram as primeiras que choraram sangue! A feiticeira fitava, nas ânsias da sede, um vaso de água que havia perto do leito. Como eram expressivas aquelas lágrimas vermelhas a caírem sobre as faces lívidas!... Se havia uma harmonia perfeita entre a lágrima e a expressão do rosto, um contraste não menos perfeito fazia a cor verde do íris esbatida pelo rubro do líquido extravasado das conjuntivas. A água, a poucos passos, ainda lhe exasperava mais a sede! Ver o líquido que lhe mitigaria a secura dos lábios e não poder tocá-lo!...

Quitéria impressionou-se com o seu estado. A hemorragia ocular aterrou-a. As lágrimas de sangue caem mais abundantes sobre os

lençóis do leito, e vendo-as tingir o algodão dos vestidos, acreditou na gravidade da situação, e com um resto de energia que a animava ainda, lutou com a moléstia. Era a vida a enfrentar a morte. A vontade reage e do último lampejo de força, que se aniquila, gerou-se um esforço supremo e um pequeno triunfo seguiu-se. Quitéria acreditou conjurar a crise, vencer todas as dificuldades e levantou-se para lutar. Tremenda ilusão! os músculos na atonia da doença não obedeceram à vontade e Quitéria ergueu-se, porém, caiu! tentou levantar-se de novo e tornou a cair! Ainda assim não se desiludiu; era preciso chegar ao vaso de água e de rastos caminhou como uma cobra. A frialdade do ladrilho impressionou-lhe desagradavelmente a pele a escaldar de febre. Sem embargo, num constante arrepio, foi-se arrastando vagarosamente até chegar ao pote de água. As mãos tocaram o vaso e viu-se-lhe na fisionomia brilhar o contentamento. Fraca ilusão que durou tão pouco! Quitéria levou com avidez o vaso de água aos lábios e pensou esgotá-lo de um só trago. Encheu a boca quanto pôde e julgou, com aquele enorme gole, refrescar as entranhas, quentes como se recebessem o calor de uma forja. Novo martírio! A garganta, meio fechada pela inflamação das mucosas, crivadas de pústulas, quase não permitia a deglutição. Quitéria queria engolir toda a água que tinha na boca e não pôde. O líquido, não podendo descer, escapa-se pelo nariz, quase sufocando-a. Quis matar a sede num segundo e agora vê-se obrigada a engolir a água gota a gota e isto mesmo sofrendo dores terríveis! Acreditou saciar-se, e foi completo o engano, malograda a tentativa. A sede continuava e a garganta parecia de ferro em brasa. A água, tocando-a, parecia esferolidizar-se como se caísse numa superfície incandescente.

Quitéria vê a morte à cabeceira, mas não acredita que possa morrer. O seu estado agrava-se mais e mais, apareceram hemorragias nasal e uterina, as equimoses perderam a cor de púrpura e vão pouco a pouco cingindo-se de uma auréola negra. Ainda assim tem esperança de escapar e vai de rastos até a mala, onde está guardado o dinheiro, e a custo abriu a caixa e tirou a carteira de Simeão de Arruda. A fisionomia transtornou-se, os pequenos olhos verdes iluminaram-se e as notas do tesouro fizeram-na exclamar, ardendo em cobiça:

— Tanto dinheiro!...

A feiticeira, esquecida da situação, ter-se-ia deixado ficar, contemplando o tesouro, se a moléstia não viesse despertá-la de um modo terrível. Manifestou-se uma hemorragia pulmonar: caíram-lhe no regaço golfadas de sangue. Quitéria amedrontou-se, e ainda cravando os olhos na carteira do comissário, antes de fechá-la na mala, disse:

— Tanto dinheiro!...

As hemorragias recrudesciam; parecia que todas as mucosas vertiam sangue.

A feiticeira sentiu-se enfraquecer e começou a temer a morte. Não tinha mais forças para lutar; era-lhe impossível qualquer reação: contudo, o espírito se conservava lúcido.

Os órgãos da circulação e respiração, gravemente comprometidos, a cianose e os fenômenos de asfixia, cada vez mais acentuados, amedrontaram tanto Quitéria que se decidiu a fazer um último esforço, já entre a vida e a morte. Era possível pedir socorro, e, encontrando-o, escapar da peste. Acreditando nisso, embalada por tão doce esperança, procurou a porta de entrada e foi de rastos, como réptil, após si deixando uma fita de sangue.

O caminho era curto, menos de dez metros, talvez, e Quitéria gastou mais de uma hora para vencê-lo! Chegou finalmente à porta e acreditou-se salva, tal era o desejo ardente que tinha de viver. Era preciso pôr-se de pé, para chegar à fechadura da porta. Quis levantar-se, mas lhe foi impossível! Dez vezes procurou, com os maiores esforços, pôr a mão na chave da porta, alcançá-la, e tudo embalde! Sem esperança de abrir a fechadura, deitou-se no chão para mandar por baixo da porta suas vozes, seus gritos de socorro aos vizinhos, e gritou e gritou muito, mas a sua voz não chegava aos lábios; morria na garganta!... Deitada no ladrilho, via já com muita pouca luz nos olhos a rua e os transeuntes. Fazia um esforço imenso para tirar um som da laringe, mas embalde: continuava em uma perfeita afonia, o silêncio não se quebrava!

Nesta última luta perdeu o resto das forças e entrou em agonia, numa agonia terrível, cruciante. Quase asfixiada, com os olhos fora das órbitas e a nadar em sangue, a boca escancarada procurando engolir ar como se o espaço estivesse vazio e os pulmões não estivessem cheios de sangue, estaria muito tempo moribunda, se um derrame cerebral não a fulminasse.

Uma hora depois, o cadáver tinha uma hediondez que aterrava, e entrava em franca e apressada decomposição.

CAPÍTULO XIX

O ANO DE 1878 desapareceu, findou-se entre os gemidos dos aflitos e as maldições dos desesperados. Em sua passagem tudo devastou; searas, rebanhos e homens! A fome e a peste encheram os cemitérios!

A família cearense passou esse período coberta de pesado luto, as lágrimas correram em todos os rostos, os lamentos ouviram-se em

todas as habitações, a tristeza morou em todos os lugares, a morte passou por toda a parte!

Em meio de tanto desalento, n'alma havia uma esperança. Era o novo sol que dourava o oriente, era uma nova época que começava e traria a redenção aos torturados pelas leis irrevogáveis da natureza.

— Bem-vindo seja o novo ano! Era a saudação que se ouvia por toda a parte.

O inverno, o benfazejo inverno, regando a terra a fecundará, os campos fertilizados produzirão, e a família reunida no lar de novo viverá em paz, liberta do humilhante jugo da ração dos abarracamentos.

Tudo levava a crer na mudança da estação. Os relâmpagos clareavam a abóbada celeste, os trovões ribombavam no espaço, a chuva regava a terra, era enfim o festival imponente dos elementos que fazia coro com as saudações do povo à nova era que surgia.

Tudo se preparava para os labores da vida. Os poucos braços que escaparam à grande hecatombe, não estavam cruzados, não; manejavam a enxada, semeando os campos.

Os retirantes abarracados na Fortaleza, ansiosos, esperavam o momento de regressar ao torrão natal. O inverno os convidava a entrar em suas antigas ocupações. Era tempo de voltar aos lugares queridos da infância.

Todos se julgavam salvos, quando a estação, que começara com probabilidades de ser regular, transtornou-se. As chuvas escassearam de todo! O dia 19 de março, o dia fatal, trouxe-lhes o desengano cruel. O equinócio de março acabou de desiludi-los! A limpidez do espaço não toldou uma nuvem de chuva! Quanta esperança malograda! Quanta desilusão! Mais um ano de provações e dores nas choupanas do governo, a comer o pão da esmola que degrada e avilta! E os infelizes do alto sertão, que sustentaram com todo o denodo uma luta tremenda de dois anos, que será deles?! Quanto não lhes custará ver reduzido a nada o derradeiro esforço de sua energia!

No campo preparado à custa dos mais penosos sacrifícios as sementes começaram a germinar, contemplavam esperançosos o desenvolvimento da planta, que lhes deveria matar a fome, durante o ano inteiro, olhavam repassados de amor para o fruto de muitos dias de trabalho, o resultado do poder da vontade! Todas as ilusões fugiram e ficou a realidade, a realidade que aterra, que esmaga!

O sol matou a planta, mal se completou a germinação; desfez em horas o trabalho de tantos dias! E agora o que resta do lavrador? O abandono, a desesperação. Com tamanha decepção o sertanejo não se abate, quer reagir contra o elemento que destruiu a lavoura, tenta reparar o prejuízo e procura novas sementes para semear a terra, mas tudo em vão! A sementeira havia-se acabado!

Que fazer para escapar, para manter a vida? Aos habitantes do interior da província restava o recurso selvagem e único das venenosas plantas silvestres ou a humilhante ração à porta dos celeiros do governo, depois de todos os sofrimentos de uma viagem longa e penosa.

CAPÍTULO XX

O CADÁVER DE QUITÉRIA DO CABO apodrecia dentro de casa. Os vizinhos notavam com surpreza que a porta da feiticeira, havia dias, estava fechada, e indagavam uns dos outros a causa, quando uma manhã viram muitos urubus pousados sobre o telhado; julgavam um sinal de mau agouro ou então o demônio disfarçado que vinha reclamar o sangue da feiticeira, desde muito tempo empenhado em troca do poder de fazer malefícios. Os urubus voaram do telhado e pousaram na soleira da porta de entrada; isto despertou a curiosidade dos menos supersticiosos, e foram verificar o que havia. Não foi preciso mais do que se aproximarem da casa. Um cheiro de carniça empestava a rua toda. Em pouco tempo se espalhou que a feiticeira tinha morrido e apodrecia dentro de casa. A notícia circulou com rapidez. Na vizinhança não havia quem se atrevesse a bater à porta de Quitéria e chamá-la pelo nome, quanto mais forçar a entrada. Temiam ser recebidos pelo demônio que estava de posse do cadáver.

O fato chegou ao conhecimento da polícia. Alguns soldados e o delegado vieram tomar conhecimento do ocorrido, um acontecimento muito comum. Raro era o dia em que os urubus não denunciavam nos arrabaldes e mesmo dentro da cidade cadáveres humanos que apodreciam insepultos.

A porta da feiticeira cedeu aos impulsos de alguns braços e o cadáver de Quitéria, já em adiantado estado de putrefação, foi sacudido no meio da sala.

A feiticeira estava medonha. A putrefação havia triplicado o volume do corpo, que, deitado a fio comprido sobre um lençol de vermes, era devorado. Os olhos quase fora das órbitas, o nariz separado dos ossos pelo apodrecimento dos tecidos, esparrinhava-se sobre os lábios que, também sem forma, eram apenas uma papa de bichos e pus! Eram de tal ordem as exalações da matéria podre que os soldados não se atreveram a transpor o limiar da porta.

O enterramento devia ser feito imediatamente. Não havia quem se animasse a lançar a mão sobre o cadáver. Queimá-lo seria o meio melhor, mais seguro e breve, mas corria risco a casa, que embora

de pouco valor, era de telhas. Se fosse de palhas teriam largado fogo, seria desinfetada pelo incêndio, como se fazia diariamente, em casas idênticas, nos arrabaldes da cidade.

O tempo se passava e urgia uma providência qualquer. Do abarracamento mais próximo foram chamados quatro homens da turma dos carregadores de defuntos com paus e cordas. Apresentaram-se ao delegado, o qual lhes ordenou que conduzissem o corpo de Quitéria ao cemitério.

Os retirantes entraram na sala e saíram imediatamente, embebedados do fedor.

A polícia intimou-os a entrar e resistiram, alegando ser impossível pôr as mãos em um corpo que tanto fedia. A ração dobrada que recebiam por cadáver que levavam ao cemitério, não lhes pagava o sacrifício. Só a miséria podia pôr-lhes às costas uma carga de pus, e fazer com que caminhassem três quilômetros e às vezes mais!

Os carregadores recusavam-se com obstinação. A polícia ameaçou-os e resistiram.

O delegado, compreendendo a necessidade de tirar dali aquele foco de infecção, mandou vir aguardente, que distribuiu à vontade com os carregadores, prometendo-lhes pelo enterramento daquele corpo quatro rações em vez de duas. Os retirantes, bastante excitados, entraram na sala e foram tratar de amarrar o cadáver, em um pau, para melhor poderem carregá-lo. Depois desse trabalho, que tanto tinha de insano quanto de repugnante, e ao qual só se sujeitavam porque estavam quase embriagados, foram pôr o pau às costas para seguir com a defunta, quando esta desfez-se em muitos pedaços; os tecidos, não tendo resistência para sustentar o próprio peso, despegaram-se dos ossos, as vísceras caíram no chão; enfim o corpo de Quitéria desmanchou-se em podridão e fedor. A atmosfera da sala ainda mais tresandou a carniça, quando os gases, comprimidos no abdômen e tórax, ficaram livres.

O álcool havia embotado a sensibilidade dos carregadores que, como verdadeiros corvos, estavam às voltas com o cadáver, sem constrangimento algum.

Não podendo o corpo ser conduzido atado ao pau, resolveram ensacá-lo e puseram os restos de Quitéria em um saco de grossa estopa. Todos os pedacinhos de carne, o menor ossinho, e até os cabeludos *tapurus* foram apanhados pelos carregadores e postos no saco. Fechada a boca do sudário com uma corda de embiratanha, foi amarrado a um comprido pau e os carregadores conduziram-no ao cemitério da Lagoa Funda.

A humildade da habitação, a posição da proprietária, a pobreza da mobília, fizeram com que a polícia não tomasse mais providência alguma e deixasse a casa abandonada.

O povo, aglomerado na rua, fazia seus comentários, quando foi surpreendido por um padre. Saudaram com todo respeito o sacerdote.

— Quem morreu aqui? perguntou o padre Clemente.

— Uma mulher chamada Quitéria do Cabo, a feiticeira, responderam a uma voz.

O sacerdote refletiu alguns segundos e se dirigiu à porta de Quitéria.

Os retirantes compreenderam a resolução que o padre tomara de entrar na casa e ponderaram-lhe que não fizesse isso, que era uma grande temeridade entrar naquela podridão.

Clemente não deu ouvidos aos conselhos, e transpondo o limiar da porta, entrou.

CAPÍTULO XXI

A SECA continuava.

Nem mais uma esperança de inverno!

A epidemia da varíola havia-se extinguido; fecharam-se quase todos os lazaretos, ficando apenas abertos dois, onde continuaram em tratamento algumas centenas de doentes de úlceras.

Josefa e Filipa conseguiram triunfar da moléstia, mas depois de sofrimentos cruéis.

Os meninos morreram todos!

Carolina ocultou quanto pôde a morte dos irmãos.

— Faça-se a vontade de Deus. Ele mos deu, Ele mos tirou; foram as palavras de Josefa quando procurou pelos filhos e lhe disseram que haviam morrido.

Freitas saiu do lazareto com a família. A morte havia reduzido o número de filhos, mas ainda eram muitas as pessoas que tinha de alimentar. Disposto a não voltar para a casa que lhe emprestara Arruda, abrigou-se à sombra do primeiro cajueiro que encontrou, e disse a Josefa:

— Libertou-me o acaso de um jugo bastante pesado. A misericórdia de Deus livrou-nos de ser a nossa honra ultrajada, Josefa, fez-nos conhecer o perigo a que estávamos expostos, sob a proteção de um homem sem consciência. Somos hoje mais felizes, porque a árvore que nos abriga não exigirá em paga da sombra o menor sacrifício. Somos pobres, estamos no número dos desvalidos que precisam de pão, teto e vestuário, mas em tudo seja feita a vontade de Deus. Irei à pedreira, continuarei a receber a minguada ração até que se restabeleça a paz em nossa terra. Seja esta sombra de hoje em

diante a nossa casa, viveremos mais contentes e mais seguros. Sinto-me forte, Josefa, parece que volta a energia perdida ou agrilhoada pela humilhação. Sou livre! A minha liberdade não está empenhada, voltou minha soberania. Que nos importa ter o chão por leito e por alimento uma ração, mas ganha com o trabalho? Josefa, eis a nossa casa, ajuda-me a bater o infortúnio, e iremos adiante. Fica com tua filha e Filipa, que eu vou à pedreira.

E Freitas saiu para a cidade. Talvez ainda não tivesse chegado ao Mucuripe, quando o padre Clemente, voltando do lazareto, encontrou a família de Freitas à sombra do cajueiro.

O sacerdote aproximou-se, e Josefa e Carolina, gratas aos benefícios do padre, beijaram-lhe a mão com respeito e reconhecimento.

— Muito me alegro, minhas filhas, de vê-las fora do perigo. Tive a felicidade de conduzi-las ao hospital, terei o prazer de levá-las a sua casa. Deus não quis que voltassem todos; contudo rendamos graças a Ele, pois pior poderia ter sido. O coronel onde está? perguntou Clemente.

— Foi à pedreira, respondeu Josefa.

— E quando volta para a sua habitação?

— A nossa casa é hoje esta.

— Esta árvore?

— Sim, senhor padre, estamos mais felizes aqui.

— É impossível! Não consinto que fiquem tão mal abrigados. Carolina não está bem neste descampado, sua saúde pode alterar-se e eu desejo que viva, ela que é o mais belo exemplo que conheço de amor filial.

O padre se afeiçoara sinceramente a Carolina. O ato de sublime abnegação, vendendo os cabelos para salvar a família, havia despertado em Clemente uma perfeita adoração pela moça.

Convencido de que Freitas ficaria com a família à sombra da árvore, e de posse dos segredos de Simeão de Arruda e de Quitéria do Cabo, o padre disse a Josefa que voltaria na tarde daquele dia, a fim de conferenciar com Freitas sobre a necessidade de procurarem um abrigo melhor.

O coronel chegou à cidade quase cansado. Como ir à pedreira? Viu-se nas ruas, cercado de mendigos, que imploravam a caridade pública, mas não sabia pedir; a idéia da esmola não podia ser aceita por seu caráter. O único recurso compatível com sua dignidade, o único que considerava legítimo, era o do trabalho, mas a pedreira era tão longe!... A família tinha fome e cumpria-lhe lutar pela sua conservação. Seguiu para a pedreira. O trajeto foi penoso. No caminho algumas vezes um supremo esforço supriu o vigor dos membros enfraquecidos. A luta foi enorme. A pedra foi posta no lugar indicado pelos agentes do governo: estava ganha a ração. Fez-se a

chamada, todos foram pagos exceto o coronel, cujo nome não estava alistado. A pagadoria ia fechar-se, quando Freitas apresentou-se reclamando seu direito: negaram-no e zombaram dele. O coronel não se perturbou, contou em poucas palavras sua história e os encarregados do armazém tiveram piedade e pagaram.

Freitas, chegando ao rancho, encontrou-se com o padre Clemente, a quem agradeceu os grandes serviços que lhe havia prestado.

O sacerdote, depois de ouvi-lo, disse-lhe:

— Estava à sua espera, meu bom velho. Soube com surpresa que não voltaria mais para sua casa e que ficaria à sombra desta árvore. Não sei das razões que o levaram a proceder assim, mas a decência manda que procure abrigar-se melhor.

— A casa que deixamos não é nossa, senhor padre, foi um empréstimo que nos fizeram, mas que resolvi não continuar a aceitar.

— Não quero entrar na intimidade de sua vida. Venho cumprir o meu dever, oferecendo-lhe os meus serviços.

— Não tenho direito de recusar os seus oferecimentos, senhor padre Clemente. Estou sem teto e sem pão! Se em minhas palavras encontrou V. Rev.ma ressaibos de desconfiança, é porque muito me custaram os favores recebidos ao chegar a esta terra.

— Aceitando os meus serviços, não me terá empenhado a sua independência nem sacrificado a sua liberdade.

— Assim o creio. Os homens não são iguais, é verdade, mas quem poderá distinguir os virtuosos dos hipócritas? Amo a liberdade, me apraz a solidão, porque sinto que me vivifica as forças. Este lugar me serviria perfeitamente bem, se eu fosse só; mas tenho que guardar minha mulher, minha filha e uma infeliz louca. A Providência talvez se compadecesse de minha situação e ainda uma vez foi V. Rev.ma escolhido para nos salvar. Não tenho o direito de recusar a verdadeira caridade. Em nome de Deus, V. Rev.ma nos procurou para nos proteger, e em nome de Deus eu me entrego com minha família à sua proteção.

— Suas palavras são ditadas pela experiência, mas por uma experiência amargurada de dissabores. Quero tirá-lo daqui porque em nossa terra, atualmente, o vício contamina tudo! Os maus penetraram no recinto das habitações honestas; quanto mais no descampado, onde nem ao menos humildes palhas constituem a propriedade, o asilo inviolável de família. Quero poupar-lhe o desgosto de um desacato à sua honra. Obtive uma casinha na estrada empedrada de Arronches, uma das catorze construídas por um comerciante desta praça e oferecidas ao governo, para recolher os retirantes. Suponho que lá estarão mais seguros, mais resguardados da onda de viciosos que tudo devasta! Terão por vizinhos companheiros de infortúnio, mas dos que ainda não se deixaram corromper. São famílias que

ainda conservam a pureza de costumes da vida campesina. Estou certo que lá viverão mais tranqüilos e será maior a paz de espírito.

— Como é diferente a verdade da mentira! Ouvi, senhor padre Clemente, as suas sábias palavras, e cada uma me penetrou n'alma imprimindo a resignação e o reconhecimento. Foram talvez as únicas expressões verdadeiras que ouvi em toda a minha vida de infortúnio. Segui-lo-emos como servos.

— Sigamos, é tempo de descansar os membros fatigados e o espírito tantas vezes atribulado pela contrariedade, pelo desgosto.

E Clemente, acompanhado de Freitas e da família, encaminhou-se para a nova casa.

CAPÍTULO XXII

SIMEÃO DE ARRUDA ignorava a morte de Quitéria. Desde que a varíola se manifestou com intensidade, fazendo mil vítimas por dia, o comissário deixou de ir ao abarracamento, de passear pelos arrabaldes, temendo o contágio. O serviço de socorros públicos a seu cargo era feito pelos chefes de turma.

O padre Clemente aboletou a família de Freitas e recebeu do coronel a chave da propriedade de Arruda, para pessoalmente entregá-la. O padre procurou a casa de Simeão, que o recebeu amavelmente.

— Venho trazer a chave de uma propriedade de V. Exª, ocupada outrora por uma família de emigrantes, disse o sacerdote.

O comissário perturbou-se e perguntou:

— E onde pára hoje essa súcia de ladrões, reverendíssimo?

— Ignoro o seu destino.

— Então ignora?...

— Suponho que sim.

— Acha-se disposto sem dúvida a pagar os aluguéis atrasados, reverendíssimo?

— Vim aqui somente entregar-lhe a chave; ei-la.

E o padre estendeu a mão para o comissário.

— Não é como pensa, reverendo; conte o dinheiro dos atrasados, do contrário entregue a chave a quem lha deu.

Clemente ficou perplexo diante do cinismo de Simeão.

— Então rejeita a chave, Sr. Arruda?

— Pois não, meu padre, suponho que ninguém, nem lei humana e nem divina me obrigará a trabalhar para vadios. A quadrilha que morou na casa de que fala, além do mais, furtou-me uma carteira com uma boa quantia.

— Está certo disso?

— Perfeitamente. Deixei-me levar pelas lamúrias do velho astucioso e caí na ratoeira. Não se encante com os olhos azuis da mocinha, reverendíssimo, olhe o precipício!...

— O senhor é audaz!...

E o padre levantou-se para sair.

— Alto lá, reverendíssimo, fique sabendo que de hoje em diante ficará obrigado pelos aluguéis passados e futuros; à minha custa o reverendíssimo não faz favor à moça bonita.

Clemente, por mais calma que procurou ter, por mais humilde que procurasse ser ,não se pôde dominar, e atirou-lhe a chave sobre a secretária, dizendo:

— Não me vingo de sua audácia porque não quero; existem em meu poder as provas de seus crimes.

E o padre saiu bruscamente.

Os documentos perdidos com a carteira colocaram-se imediatamente na imaginação de Arruda e humilharam-no.

Freitas com a família passava regularmente.

Filipa, depois da varíola, não teve mais acessos furiosos, passava os dias em completo silêncio. Só abria os lábios para, na inconsciência da loucura, falar na filha:

— Bernardina... a jangada...

A idéia do embarque da escravinha não a deixava.

Freitas continuava a carregar as pedras do Mucuripe. Custava-lhe muito fazer todos os dias aquele caminho. A minguada ração, ajudada de quando em quando com algumas esmolas de Clemente, os ia abrigando da miséria. Viviam mais contentes e relacionados com os vizinhos, que eram quase todos conterrâneos seus.

Simeão de Arruda ignorava o domicílio de Freitas. Impressionado com as palavras do padre, e acreditando muito crítica a sua situação, saiu para se orientar e foi ter à casa de Quitéria. Estava abandonada. Indagou pela feiticeira e disseram-lhe que havia morrido. Os documentos que perdeu, pensou, estavam na mão do padre. Havia necessidade de reavê-los, fossem quais fossem os meios. Como Clemente se teria apossado deles é que o comissário não podia saber; Carolina ou Quitéria tinha dado ao sacerdote tão poderosa arma. Simeão pensava que o sacerdote, apaixonando-se pela moça, a seduzira no confessionário, e inteirado do seu amor, exigira os documentos e procurava perdê-lo. Se não foi Carolina que entregou os papéis, foi Quitéria; era beata, e quando tinha qualquer dor de cabeça, pedia logo um padre para confessar-se. Deu sem dúvida o dinheiro que estava na carteira a Clemente, para rezar-lhe missas por alma.

Arruda, completamente desorientado, voltou à casa. Uma idéia estava sempre fixa na imaginação: a perseguição que o padre lhe faria, armado dos documentos do tesoureiro. Havia necessidade urgente de reaver os papéis, e o comissário com muita astúcia e manha dirigiu-se à casa do padre Clemente.

— Venho pedir a V. Rev.ma uma desculpa. Fui por demais injusto, violento e brutal para com V. Rev.ma, quando me procurou a última vez em nossa casa. Em um momento de mau humor esqueci-me de que tratava com um sacerdote virtuoso e digno, por seus dotes morais, de todo respeito e veneração. Reconhecendo minha falta, peço-lhe perdão.

— Seja bem-vindo, Sr. Arruda. Esqueçamos os momentos de cólera e os seus desvarios. Temos necessidade de perdoar as faltas de nossos semelhantes, para que Deus nos perdoe as nossas. O senhor vem pedir desculpa da ofensa que me fez; foi esquecida no mesmo momento que a recebi. Mais o ofendi desde que ousei ameaçá-lo, e eu que devia ser humilde, que não devia levantar a voz, para mostrar o argueiro no olho alheio! Denunciei os seus erros, perdoe-me, Sr. Arruda, essa falta.

— Denunciou-me à polícia, senhor padre? Perdeu-me, como me fez desgraçado!

— Denunciei-o, não aos tribunais públicos, mas ao tribunal da sua consciência. Em liberdade também se expia o crime: para o remorso morder não é preciso cárcere. Não quero magoá-lo, não me compete a mim censurar seus erros; recolher-me-ei ao silêncio.

— Continue, senhor padre, seja o meu castigo a história de meus crimes. Restabeleça-se o reino da verdade. Estão aqui o padre que tudo pode perdoar, e o pecador que tudo espera da misericórdia de Deus.

— Então permite que o aconselhe?

— Serei atento às vossas sábias palavras, senhor padre.

— Passava uma manhã por um dos arrabaldes da capital, quando fui chamado por uma moça que se mostrava aflitíssima. Pediu-me que entrasse em sua casa para ver a miséria dos seus. Entrei e tive de ver um quadro triste. Estava toda a família atacada de bexiga. Levei-os ao lazareto, onde se curaram, exceto as crianças, que morreram todas. Deixaram a enfermaria, e foram-se recolher à sombra de uma árvore, onde os encontrei. Afeiçoado a eles por suas virtudes, agasalhei-os melhor. O chefe da família entregou-me a chave de uma casa que V. Sª lhe havia emprestado. Desejava vir trazer-lha e agradecer-lhe, mas eu reprovei sua resolução, para V. S.ª ignorar o destino da família, arrefecer assim a paixão que nutria por Caro-

lina. É tempo ainda de se emendar, Sr. Arruda. Suas faltas foram graves, mas pode ainda o senhor reconciliar-se com Deus, e reabilitar-se perante a sociedade dos bons, dos virtuosos. Quando a paixão do vício quiser arrastá-lo, olhe para a esposa, medite na sorte de suas filhas e depois lembre-se *de que não devemos fazer aos outros aquilo que não queremos que se nos faça.*

— Mil vezes obrigado, senhor padre Clemente, voltarei ainda algumas vezes para ouvir os seus sábios conselhos.

Simeão havia-se galvanizado bem e, uma vez longe de Clemente, dizia consigo:

— Pregaste tua moral no deserto, meu padreco, queres-me afastar de Carolina para conseguires melhor os teus desejos. Não deixarei de seguir-te e veremos quem triunfa.

O comissário não tinha ilesas as qualidades psíquicas. O abuso do álcool havia produzido desordens no sistema nervoso, desordens que se manifestavam por acessos mais ou menos intensos de *delirium-tremens.*

Arruda, desde o dia que soube que os documentos estavam em poder do padre, bebia desesperadamente. Uma garrafa de conhaque mal chegava para um dia. A embriaguez fazia esquecer sua posição e o perigo que corria sua liberdade.

No dia da conferência com Clemente, chegando em casa, bebeu muito e, à tarde, governando mal, saiu a visitar a casa que emprestara a Freitas. Esperava encontrá-la vazia, mas iludiu-se. As cadeiras empoeiradas; todos os móveis, enfim, estavam ali para atestar a probidade do coronel. Arruda sentiu-se humilhado; pela primeira vez conheceu que era melhor do que o retirante de quem duvidava. A mudez daquele recinto foi-lhe excitando mais os nervos. Anunciava-se um acesso de *delirium-tremens.* As alucinações começaram pelo ouvido. Uma gargalhada zombeteira, estridente, soou, e Arruda, olhando para todos os lados, achou-se só entre paredes mudas e perfiladas. Sentiu que as idéias se lhe confundiam e aquela solidão se povoava de sombras, que se moviam lentamente: eram as alucinações da visão que principiavam. As retinas, a que não impressionava imagem alguma que aterrasse, não impediam de ver horríveis fantasmas, ligeiros duendes a fazer evoluções por toda a sala.

As alucinações do ouvido e da visão cada vez mais se acentuavam. Novos personagens chegavam e falavam. Simeão ouvia vinte vezes por segundo a voz rouquenha da feiticeira, prometendo-lhe a honra de Carolina, alternar com os gemidos de Vitorina na orgia; via a figura implacável de Edmundo, de punhal em punho e prestes a feri-lo. Cercado de todas essas sombras que o apavoravam, fugindo,

pedindo proteção à parede, à qual se cosia, ficava imóvel como um cataléptico. O suor brotava-lhe dos poros; o olhar fito, sem luz e morto, dava-lhe à fisionomia uma expressão mórbida.

Clemente voltava dos abarracamentos quase às seis horas da tarde, e passando em frente à casa em que morou Freitas, parou movido de curiosidade pela postura em que estava o comissário. Reconhecendo Arruda, entrou e cumprimentou-o. Simeão viu o padre.

— Que estranha imobilidade!... Estará petrificado?... disse Clemente consigo.

Com grande curiosidade, pôs-se na frente de Arruda e examinou-o com um olhar minucioso. A quietação do enfermo continuou. O sacerdote chamou-o pelo nome em voz alta e o som de seu grito perdeu-se nos vazios aposentos. O comissário continuava no sono dos sentidos. Clemente encosta-se e, batendo-lhe com força ao ombro, exclamou:

— Acorde, Sr. Arruda.

Simeão estremeceu, como se todos os músculos e nervos tivessem recebido uma descarga elétrica. Moveu-se com agilidade da onça e colou-se à parede interna da sala.

Clemente não compreendia aquele mistério. O comissário estava possesso, não havia dúvida; era conveniente exorcismá-lo e talvez fosse preciso, para enxotar o demônio, muita reza e muita água benta.

— O que sofre, Sr. Arruda? gritou-lhe ao ouvido o padre, como se falasse a um surdo.

— A feiticeira!... de batina!... credo! Não lhe dei tanto dinheiro?...

E Simeão colou-se à parede, procurando ocultar o rosto entre as mãos.

— É o padre Clemente com quem esteve hoje, desperte!

Arruda descobriu o rosto, arregalou quanto pôde os olhos, para conhecer o seu interlocutor.

— Já é outro, mudou-se, é pior, é Xenofonte, ai! Solte-me! gritou o comissário a tremer, e procurando livrar-se das mãos que supunha agarrarem-no.

O padre começava a inquietar-se com o estado de Arruda; lamentava não ter água benta ali e o seu cordão de São Francisco, que acreditava mais eficaz do que uma injeção hipodérmica de morfina ou uma dose de cloral. Louco ou possesso, não devia abandoná-lo. O padre continuou a falar-lhe e ele a responder às suas palavras, contando as cenas da orgia e o desfloramento de Vitorina.

A crise nervosa não devia durar sempre; o acesso foi diminuindo, e antes de anoitecer de todo, Arruda, quase restabelecido, era acompanhado a sua casa pelo padre Clemente.

CAPÍTULO XXIII

A PEDREIRA DO MUCURIPE continuava a iludir a fome a milhares de retirantes, onda de maltrapilhos, afeados pela varíola e vomitada pelos lazaretos. Manuel de Freitas fazia parte das turmas de carregadores de pedras. Os famintos levantavam-se ao primeiro clarão do dia e moviam-se vagarosos em direção ao Mucuripe, como uma enorme serpente de escamas negras.

Aquela pobre gente convalescia ao sol, fortalecia os membros enfraquecidos pela doença, morosos pela quietação numa viagem de doze quilômetros, todos os dias. Tinha uma fisionomia triste e doentia. Entre eles, no entanto, havia espíritos zombeteiros, que, a lutar embora com as mais rudes contrariedades, tinham nos lábios um riso de mofa para tudo ridicularizar. Enquanto o espírito forte recolhia-se e meditava, e depois, com um olhar investigador, media a profundeza do abismo, que cada vez mais fundo se fazia, o leviano, alegre, caminhava a rir de tudo. Zombava da própria mágoa.

— Morreu gente como formiga e não fez falta!

— Parece que estão saindo do cemitério!

— Olhem aquela velha, o diabo das bexigas comeram-lhe o nariz que quase não ficou com que tomar fôlego.

— Credo!

— Pior é aquele curiboca[51] que vem ali; as papocas pregaram-lhe as orelhas e o fizeram *mouco*.

— Gentes, não riam assim dos castigos de Deus.

— O mal quando vem é para todos.

— Olhem o velho Damião lá da Telha; escapou, porém tão fuxicada tem a cara, como um saco mal arremendado.

— Pena fazem os ceguinhos, órfãos de pai e mãe! Saíram dos lazaretos para o meio da rua, a pedir esmolas.

— E cantando!

— Vi ontem mais de cinqüenta, era um fieirão bonito e uma gralhada dos infernos.

— Diabos os levem com o seu barulho.

— Eu peço por caridade
Pelos mistérios da cruz,
Meus irmãos dêem uma esmola
Pelo sangue de Jesus.

---

[51] *Curiboca* ou *coriboca*, segundo F. A. Pereira da Costa (*Vocabulário Pernambucano*, 2.ª ed., Recife, 1976), "produto do índio com o negro, como assim já o definiu Marcgrave: *Natus ex patre brasiliensi et matre ethiopissa vocatur curiboca.*"

— É assim que pedem, gritou uma retirante, depois de ter cantado a quadra.

— Arremeda agora como agradecem, Josefina.

— Deus lhe pague a sua esmola,
Deus lhe dê muita alegria
No reino do céu se veja
Com toda sua *famia.*

— Bonito, Josefina! És um *quem-quem*[52] para arremedar!

— A cantarola deles vai-se acabar; o presidente vai fazer uma *colonha* para prendê-los.

— Só eles, não; também as dúzias de vadios que andam soltos na rua a fazer diabruras.

— Não *ignorem* as baldas dos filhos alheios, gentes!

— E a companhia da *russega?*

— De quê, tio Bernardo?!

— A *russega,* meninos.

— Ora *tibis,* as gentes da cidade sabem de coisas!

— E vocês sabem de um caso sucedido ontem na feira?

— Conte lá.

— Foram presos mais de vinte e cinco.

— E como?

— Fecharam os portões da ribeira e ficaram como preás em fojo.

— Então o facão comeu couro de gente?!

— Como sem dúvida.

— Credo, que *malvadeza!*

— E o Manuel Beicinho apanhou como cavalo acuado.

— O filho do subdelegado de Milagres?

— Ora se...

— Está em que deu os *mal ensinos* do rapaz.

— Acostumou-se a furtar pombos, e como o pai era autoridade e lhe passava a mão pela cabeça, entendeu que aqui seria o mesmo.

— E o que furtaram eles?

— Ora, entraram numa casa de gente rica e levaram até as panelas!

— Será verdade, tio Bernardo?

— Como sem dúvida. O delegado achou o couto, e foi um deus-nos-acuda.

— E ele que não é *mole.*

— Só aquele bigode ruivo faz a gente tremer.

— E o que acharam?

52 Espécie de ave canora dos sertões nordestinos e de outras partes do Brasil, de médio porte, penas negras e amarelas. É imitadora, não tem canto próprio. É o japim ou também xexéu.

— Tinha de tudo; estavam todas as galinhas da cidade lá guardadas.

— E de quem era a casa?

— Isso é que não sei bem; ouvi dizer por bocas pequenas que era de um sujeito até de paletó!

— Então era o chefe?

— Coisas do mundo. Abafaram o negócio, porém meteram os ratos pequenos no *xilindró.*

— E por que chamam *russega,* tio Bernardo?

— Lá isso não sei.

— Sei eu, gritou um rapaz que ficara atrás, acendendo um cigarro.

— Diga lá, Felismino.

— É *por mode* o vidrinho de cacos de garrafa que eles levam escondidos para furar as sacas de gêneros e os bolsos dos homens limpos.[53]

— Estás a bazofar, pedaço de vadio!

— Eu fui convidado para entrar no pagode e não quis.

— Então és do bando?

— Duvido!... O Beicinho me convidou, mas eu que não tenho meu couro para bainha de facão, pus-me fora.

— Fizeste bem, filho de sacristão.

— A *russega,* tio Bernardo, é aquele vidro que a meninada da cidade amarra nos rabos dos papagaios de papel para cortar a linha dos outros, não é, meu tio?

— Eu lá sei dessas *inventivas!*

— Então viva eu, que já aprendi as saídas das gentes daqui.

Marchava assim a turma da miséria, quando foi surpreendida pela voz de um retirante:

— Lá vem a cavalaria!...

— Santo Deus! Temos *tribuzana,* gritaram todos a uma voz.

A falta de disciplina na companhia de cavalaria organizada às pressas para policiar a capital, as atrocidades que os soldados cometiam, todos os dias, espancando a torto e a direito, e assassinando mesmo, e sem a menor punição, aterrava os retirantes. A notícia de aproximação dos soldados impressionou vivamente os carregadores de pedras.

A soldadesca desenfreada esporeava os cavalos que corriam a galope. Via-se já muito perto o luzir das espadas. Pouco tempo gastariam para alcançar os retirantes. Entre estes infelizes era completo o silêncio. As respirações estavam quase suspensas!

---

53 No Ceará, os meninos que brincam com *arraias* ou pipas, nos meses de céu limpo e de fortes ventos constantes usam, nas caudas do citado brinquedo, cacos cortantes de garrafas para *cortarem* as *arraias* de companheiros, que se acham à distância.

Tinham corrido para evitar o encontro, mas embalde; os cavalos voavam; seriam alcançados antes da pedreira. Pararam, agruparam-se intimamente; dir-se-ia ligados por um estreito abraço. Formou-se um quadrado de míseros despojos da peste e fome, que, longe de resistir a um ataque, cairia vencido ao primeiro choque.

A soldadesca se aproximava mais e mais. A vozeria dos soldados voava levada pela brisa do mar. As palavras insultuosas já se ouviam perfeitamente. As mulheres tremiam de medo com o olhar súplice para o céu. Os homens, envergonhados de sua fraqueza, cravavam o olhar no chão!

Os soldados chegaram em frente ao grupo.

Os cavalos, instigados pelas esporas, partiram mordendo os freios, sobre a coluna inerme.

As patas dos animais pisavam os infelizes, que a prancha do soldado lançava por terra! Na areia rolavam, estorcendo-se, homens e mulheres, cuja epiderme, ainda coberta de cicatrizes, havia sido rasgada.

Debandou-se em um instante o grupo. Como um bando de aves fugitivas, erravam à toa pela costa.

Os soldados continuavam a persegui-los, quando o comandante os chamou a postos:

— Basta por hoje de ensino, não faltará ocasião de surrar esta canalha.

A soldadesca açulada pela certeza da impunidade dos crimes, na mais infernal algazarra, na mais estúpida zombaria, corria a galope em direção ao Mucuripe, enquanto mais de cem infelizes gemiam deitados na areia da praia.

Doía ver as contusões feitas pelas patas dos cavalos! A pele ainda nova e cobrindo uma chaga mal cicatrizada, rasgou-se e o sangue caía das lívidas feridas. Fugiram os mais fortes e os fracos ficaram à mercê da crueldade dos algozes. Quadro pungente ofereciam esses infelizes a gemer, enquanto consertavam os miseráveis trapos ensangüentados que lhes cobriam a nudez!

A dor das espaldeiradas é nenhuma à vista do sofrimento moral que os acabrunha, da certeza de que naquele dia o jejum da família será absoluto!

Manuel de Freitas foi também uma das vítimas. Assim mesmo, manietado pela inanição, ergueu-se e, antes que o ferro do soldado bruto o ferisse, estalou uma bofetada na face do primeiro que se lhe aproximou. Se tivesse uma arma teria aberto caminho, mas inerme, teve de resignar-se à sorte dos companheiros: cair também derribado por uma espaldeirada que lhe vibrou no dorso um vigoroso malfazejo. Dispersou-se a turma inteira. No lugar do conflito apenas,

como testemunha daquela cena de canibalismo, ficaram trapos e manchas de sangue!

Freitas voltou a casa. A família esperava-o com a impaciência de quem tem fome. Na cozinha fervia uma panela de água em que devia ser escaldada a carne do sul.

Filipa, acocorada junto ao fogo, cravava o olhar demente nos tições roídos pela labareda.

Josefa e Carolina receberam o coronel à porta da entrada. Vinha pálido como uma figura de cera. A agitação do espírito mostrava-se no rosto em profundos sulcos que lhe alteravam as feições.

— Que tens, Manuel, que voltas tão contrariado?

— Se tivesse morrido ontem teria sido feliz, porque morria sem ter sido desfeiteado.

— Papai!... Meu Deus!... Ensangüentado!

E Carolina olhava com toda piedade as costas do velho.

— Sim, minha filha, teu pai foi também uma das vítimas da sanha da soldadesca desbriada de nossa terra!

— Meu Deus! Manuel, feriram-te? Malvados, disse Josefa, examinando as costas do marido.

— Dá licença? falou à porta o padre Clemente.

— Ah! senhor padre, sempre nos acode em nossas aflições; seja bem-vindo, disse Carolina, indo recebê-lo e fazendo-o entrar.

— Que há, minha filha?

— Papai, que volta da pedreira ferido!

— Coronel, D. Josefa, bom-dia.

— Bom-dia, senhor padre Clemente, disse Freitas.

— Oh! senhor padre, que malvadeza fizeram com o meu marido, quase o matam!

— Como, minha filha?!

— Veja que enorme pano de espada!

— Que crueldade!... Como e por que foi isso, coronel?

— Nada mais que procurar viver de meu trabalho.

— Não houve causa a tamanha perversidade?

— Nenhuma! Seguia com meus companheiros para a pedreira, quando fomos surpreendidos pela cavalaria que nos espaldeirou!

— Oh! senhor, isso é incrível!

— Mas infelizmente é verdade.

— Que malvados, senhor padre, papai não ofendeu a ninguém.

— Sim, minha filha, os perversos atacam indistintamente, disse Clemente.

— Este ferimento será perigoso? perguntou Josefa.

— Não, basta aplicar panos de vinagre com água fria, disse o padre.

— Não há vinagre, ponderou Carolina.

— Não se mortifiquem por isso, minhas filhas; me sobraram hoje alguns tostões que lhes ofereço de muito boa vontade, disse Clemente entregando a Josefa algumas moedas de níquel.

— Agradecida.

— A jangada!... Bernardina!... Vendida!... Corre!... O mar! gritou do corredor Filipa, a quem o som estranho daquelas vozes fora acordar da demência e chamar à sala para ver aquela cena.

O padre despediu-se, deixando à família o necessário para passar o dia.

CAPÍTULO XXIV

MANUEL DE FREITAS passou o dia desalentado. A cena do espaldeiramento via-a todos os instantes sem poder vingar-se! As palavras consoladoras de Clemente, os desvelos da esposa e da filha não dissipavam a noite em que errava o seu espírito.

O sol levantou-se, inundando de luz o espaço. O céu, como um plano de safira, arqueava-se sobre o vasto espelho do mar.

Freitas saudou de pé o novo dia. Passara a noite inteira a olhar a luz da vela, que esbatia a sombra dos objetos do aposento com movimentos fantásticos. Era dia e não havia pão em casa. A pequena esmola do padre mal chegou para uma minguada refeição. O coronel lia um papel verde: era um cartão do Gabinete Cearense de Leitura, à vista do qual lhe seria entregue, por ordem da Comissão Domiciliária, a quantia de doze mil-réis.[54]

Havia mais de quatro meses que Clemente o tinha dado a Freitas, mas ainda o não tinha utilizado.

— É uma boa esmola, mas jurei só recebê-la quando estivesse esgotado o último recurso, disse Freitas, guardando a guia.

Josefa e Carolina vieram ter com ele.

— Vais aceitar a mensalidade do padre Clemente, Manuel?

— Não, estava lendo o cartão e quando supunha encontrar o meu nome achei um número! Acho-me forte, irei à pedreira.

— Santo Deus, Manuel! Queres-te expor à ira dos malvados?

---

[54] Gabinete Cearense de Leitura, a par de intensa atividade literária, ao tempo a que alude o romancista, "aos primeiros gemidos do povo cearense, flagelado pela mais cruel das calamidades, foi um dos primeiros a responder com a voz do socorro", como escrevia o então Presidente da Província, Dr. José Júlio de Albuquerque Barros.

— O cartão do Gabinete só me servirá quando não dispuser mais de recurso algum.

— Papai, não faça isso, não vá à pedreira; olhe que o podem encontrar!

— Queres que fique aqui acovardado e vendo-te com fome?

— Não me queixarei.

— E Filipa poderá também jejuar?

— Ela não diz o que sente, nada pede, não tem vontade.

— Por isso mesmo, minha filha, é que devemos cuidá-la. Não há remédio senão ir; se temes alguma coisa, vai rezar por mim.

E Manuel de Freitas saiu para a pedreira. Em vez de seguir pela beira da praia, caminhava sobre as dunas da costa. O caminho por aí era mais longo e penoso, porém era mais seguro, estava livre dos malfeitores.

A praia estava deserta e soturna; apenas se ouvia o canto monótono das vagas, que, em saudosa toada, se espreguiçavam na costa, em plena baixa-mar. Além, a ponta do Mucuripe, como uma espada, entrava de mar adentro.

Freitas tinha a pedreira debaixo de vista e admirava-se de vê-la deserta! Algumas manchas de sangue, espalhadas à toa pela praia o surpreenderam!

A pedreira, já a poucos metros de distância, surgia das ondas como o dorso de um enorme jacaré. Nem um retirante! Apenas dois jangadeiros conversavam sentados nos *tauaçus* das jangadas.

Freitas deixava o espírito vagar pelo majestoso panorama que se desenrolava à sua frente. O olhar numa estagnação melancólica e a alma toda absorta numa meditação infinda ficariam, se o diálogo dos pescadores não o chamasse à realidade da vida. Freitas ouviu-os com atenção.

— Malvados! Acabaram com a raça dos Cabugis.

— Pobre gente, que vivia na paz de Deus, trabalhando para ganhar o sustento.

— E os soldados vieram sós?

— Qual, o negócio foi de combinação. Anteontem veio a patrulha patrulhar não sei o quê; tomaram cachaça e depois, se haviam de ir curti-la, começaram a provocar.

— Não atalhando o que você vai dizendo, foi *cana,* mesmo? Porque antes do *distúrbio,* vi na *venda* do Chico Piaba eles estarem *tomando.*

— É como sem dúvida que a *rusga* começou, porque um deles faltou com o respeito à mulher do Pedro Cabugi. Ela saía da novena e o cabra atravessou-se adiante e *desautorizou-a.* O caboclo, que não é *mole, mandou-lhe o pau;* então trovejou cacete, tiniu facão e fechou-se o *samba.*

espadas. A mulher saiu gritando como doida e por muito favor não a mataram, deram-lhe apenas dez espaldeiradas para ensino.

— Que malvados!

— Um ainda ameaçou-a de rasgar-lhe a barriga e tirar o cabugizinho.

Freitas, depois de ouvir a história da carnificina no Mucuripe, voltou a casa.

CAPÍTULO XXV

Manuel de Freitas vinha para casa, triste e desalentado, pensando no jejum da família; não sabia como ganhar naquele dia o pão. Pedir esmolas pelas portas, isso o horrorizava! Voltava sentindo esse desconforto, que tanto abate o espírito na vida de infortúnios, quando a alma sem aspirações e o coração sem esperanças amoldam-se às condições do meio, e deixam-se ficar em completa acedia.[56] Caminhava pensando num meio de trocar o trabalho pelo pão e não encontrava. Havia somente o recurso da esmola, a do cartão verde do Gabinete de Leitura. Seguia a passos largos, quando, movido de curiosidade, parou em frente ao palácio da presidência. A praça estava coalhada de povo! Mais de mil mulheres retirantes acotovelavam-se debaixo das varandas do palácio do governo e gritando:

— Queremos o nosso comissário, não queremos outro; se for demitido, há barulho; fecha-se o tempo!...

Era uma verdadeira conspiração do sexo frágil causada pela notícia da demissão do comissário do abarracamento de * * *. Este agente tinha exposto à venda no mercado público gêneros do governo, e que foram apreendidos pela polícia, e daí o boato de demissão. As retirantes instigadas por ele e temendo o sucessor, que dizia ser um homem de entranhas de fera e de propósito escolhido para maltratá-las, levantaram-se e responderam a uma voz:

— Viva o nosso santo comissário! Não sairá! Vamos ao Palácio!

E saíram fazendo uma assoada infernal.

O presidente havia efetivamente dispensado os serviços do comissário, única pena ao estelionato que tinha cometido; mas, vendo o ajuntamento, cedeu à imposição dos retirantes, reconsiderando o ato, o que ele próprio comunicou-lhes da janela de seu palácio.

---

[56] Frei Domingos Vieira, em seu *Dicionário*, qualifica a palavra, de origem grega, como sinônimo de *melancolia incurável*.

As mulheres ouviram-no e voltaram ao abarracamento, comentando o fato em vozes altas e assim:

— Viva o nosso comissário! O governo teve medo da *tribuzana!* Se não cede, havia rolo!

Freitas, ciente da causa do ajuntamento, continuou seu caminho. Chegou a casa e o mesmo silêncio, a mesma apatia. Nem Filipa denunciava pela palavra os desvarios de sua razão!

O coronel tirou da maca o cartão do Gabinete, releu-o dez vezes e guardou-o no bolso da calça. Josefa animava-o a receber a mensalidade. Carolina, fiel à sua promessa, se conservava em silêncio; a fome a torturava. Branca como uma estátua de cera, sentava-se confronte a Filipa, que fitava-lhe um olhar demente.

Freitas saiu para o Gabinete de Leitura. Depois de atravessar algumas ruas, de andar mais de um quilômetro, chegou em frente ao edifício público, onde, por favor do governo, funcionava a sociedade particular *Gabinete Cearense de Leitura.*

Não foi preciso que lhe dissessem que ali se distribuíam os dinheiros do Estado. A aglomeração dos retirantes sentados ao sol, nos passeios das casas e calçamento das ruas, revelava a negligência com que era feita a distribuição dos socorros públicos. O zelo, a dedicação, a probidade eram nessas comissões uma utopia! Voltava a época dos cartões, não com o arrojo com que fora iniciada, mas em escala suficiente a produzir grandes danos.

Manuel de Freitas era portador de um cartão, que arbitrava uma mensalidade de doze mil-réis ao número 1.612. Aproximou-se de seus companheiros e indagou o que seria preciso fazer para ser despachado.

— Há três dias que aqui *quaramos*[57] e nada! entre lá, que talvez seja mais feliz, disseram-lhe.

Freitas dirigiu-se ao portão com dificuldade; todos queriam entrar ao mesmo tempo, acotovelavam-se, esmurravam-se, queixavam-se da falta de atenção dos empregados do Gabinete.

Uma grade de ferro separava os *tesoureiros pagadores,* dos indigentes, e quatro soldados garantiam a ordem. Algumas mulheres bem trajadas desfrutavam a comodidade de boas cadeiras, na área ajardinada.

A fisionomia respeitável de Freitas, fechada pela fome, não lhe deu o direito de preferência. Já ia perdendo a esperança de chegar a sua vez, quando foi chamado o seu número. A grade foi aberta e o coronel introduzido no salão.

---

57 Muito comum, nos sertões nordestinos, dizerem que está *quarando* a roupa ensaboada e estendida no chão, sob os raios do sol. É corrupção da palavra *corando,* do verbo *corar.*

— Sua guia? O recibo? perguntou um dos pagadores.
— Aqui está o cartão, o recibo não passei por não ter dinheiro para comprar papel.
— E o que fez dos doze mil-réis do mês passado, que não deixou um vintém?
— É a primeira vez que venho receber a mensalidade.
— E o mês passado quem recebeu?
— Ninguém.
— E nesse tempo quem estava de posse desta guia?
— Eu. Há quatro meses que a possuo.
— Sem receber?! Está mentindo, velho!. . .
— O coronel Manuel de Freitas, nunca mentiu.
— Mente, sim, disse o diretor do Gabinete, depois de ter aberto a página onde estava escriturada a guia nº 1.612.
— Os senhores podem negar o pagamento do cartão, mas não me podem insultar.
— Mentiste, velho, está lançado no livro o pagamento feito a Rosa Maria da Conceição, portadora da guia nº 1.612, da quantia de doze mil-réis e cujo recibo foi a rogo dela assinado por um dos empregados desta casa. E atreve-se a negar que mandou a mulher ou a filha receber a mensalidade?
— Então existem cartões falsos.
— Quem lhe deu esta guia?
— Não dê confiança a este canalha, rasgue a guia, pois quem não precisou dela quatro meses, pode muito bem dispensá-la o resto da vida, disse o diretor com estúpida arrogância.
— Podem inutilizá-la, mas com isso não escondem os furtos que se praticam aqui, disse Freitas.
— Soldados, lancem na rua este miserável.
— Podem até me mandar assassinar, mas não podem duvidar de minha probidade.
— Fora, velho, nem mais um pio, disse-lhe um soldado, pondo-lhe a mão no ombro.
— Não me toque, guarde distância; um soldado é um inferior.
— Conduzam para fora este insolente, disse o diretor, carregando os sobrolhos grisalhos e dando ao rosto aparvalhado uma ferocidade de besta, mas de besta mofina.
— Sairei, mas juro denunciar o que vai aqui por dentro. Bandidos que saqueiam o Estado a título de leais servidores da pátria!
— Soldados, conduzam este miserável para a cadeia.
— Não me toquem, repito, não posso ser conduzido por inferiores; sou coronel da Guarda Nacional.
— Conduzam, que a farda que veste é de mendigo.

Os soldados aproximaram-se com os rifles em punho. Freitas, exasperado de indignação, quis resistir, mas pôde em tempo dominar a cólera, obedeceu e seguiu escoltado para a cadeia.

O povo, que estava aglomerado à porta do edifício e que em parte havia presenciado as cenas que se tinham passado, longe de apupar o coronel, recebeu-o com saudações:

— Viva o coronel! Viva o velho honrado! Morra a *muamba!* Fora os *muambeiros!*[58]

As manifestações da populaça chegaram aos ouvidos do diretor, que, ofendido em seu orgulho e prosápia, e não podendo mandar prender a todos que praguejavam, suspendeu o pagamento por quatro dias, a fim de castigá-los de sua audácia.

Comentavam o fato que dera lugar à prisão de Freitas:

— Ora, não haverá justiça nesta terra! O pobre vem receber sua mensalidade, não a recebe e além disso vai preso!

— A *muamba* não se acaba mais!. . .

— E como há de acabar, se ela é filha da seca?!

— E corre mais que o vapor!

— Já anda do Crato adentro!

— E só sendo assim, poderão eles dar cem mil-réis por mês a gente rica de meia nos pés!

— Credo! Malvados! Tiram dos pobres e dão a quem não precisa!

— Hão de aumentar, permita Deus, como correia no fogo.

— E rasgaram a guia do velho?

— Qual! Ficou inteira e tão verde como folha de *coroatá.*

— Servirá para pagar amas-de-leite para os filhos dos compadres.

— Estas gentes sabem de coisas!. . .

— E a filha da Rosa Preá não recebe aqui dez mil-réis para dar de mamar à filha de um homem de relógio?!

— Isso é inventiva, não façam juízos temerários.

— Inventiva o quê! E a graça é que ela tem cadeira e é despachada logo.

Manuel de Freitas seguia escoltado pela rua da Palma. Os soldados com os rifles o acompanhavam silenciosos; os transeuntes olhavam-no com indiferença, e a canalha nunca respeitou tanto um preso. Ao passar em frente do Passeio Público, enfrentando com a rampa que vem da praia para a cidade, encontraram-se com dois passageiros vindos no paquete do sul, fundeado havia poucas horas.

---

58 *Muamba,* na acepção do texto, é "denominação dada antigamente à mercadoria desviada, nos depósitos do Governo, destinada à manutenção dos trabalhadores em obras de emergência, mercadorias essas vendidas depois a preços extorsivos". (Tomé Cabral, *Dicionário de Termos e Expressões Populares,* Fortaleza, 1972.)

Um dos passageiros, depois de ter encarado o coronel, se dirigiu a ele:

— Coronel Freitas?

— Edmundo!

— Meu amigo Dr. Gervásio, coronel! — Gervásio, meu amigo coronel Freitas, disse Edmundo.

Cumprimentaram-se e Edmundo perguntou aos soldados:

— À ordem de quem vai preso o coronel?

— Saberá V. Sª que à ordem do diretor do Gabinete Cearense de Leitura.

— Levam o mandado da autoridade?

— Não, senhor.

— A prisão é ilegal. Iremos em primeiro lugar à presença do chefe de polícia.

Os soldados levaram o preso acompanhado de Silveira.

— Mais tarde te procurarei no hotel, Gervásio, disse Edmundo.

— Estimo que te saias bem.

— Às tuas ordens.

— Adeus.

CAPÍTULO XXVI

O Padre Clemente voltava uma noite dos abarracamentos de retirantes, onde ia, todos os dias, prestar aos infelizes os socorros de seu ministério. Esperava-o como sempre a solidão da cela, que, pobre como a habitação dos verdadeiros apóstolos do Cristo, tinha as comodidades de um horto, e tão confortável era como o lar de qualquer indigente. Dava-lhe claridade a pouca luz irradiada de um combustor da rua, fronteiro à janela. Era aquela pobreza a síntese da virtude.

Clemente era infatigável apóstolo da religião do Crucificado. O cansaço a extenuar-lhe os membros, a fadiga das longas horas a missionar os retirantes, não lhe alteravam a placidez da fisionomia. Voltava sempre calmo e satisfeito, como se tivesse provido todas as necessidades da vida.

Era já noite quando se recolheu a casa, e apenas o estômago havia recebido uma única e pequena refeição!

A cela oferecia a solidão de todos os dias e a imagem de Cristo, em seu mutismo, parecia reiterar a Clemente a promessa sagrada aos que, como ele, vêem na humanidade a sua família.

O padre entrou e ajoelhou-se em frente do Crucificado, com tanta reverência como se estivesse em presença do próprio Deus, e orou. Era a humildade e a fé na mais perfeita união aos pés da Divindade, era a crença descortinando o infinito, rasgando o véu que esconde o desconhecido, e vendo com os olhos da fé o Criador, a quem eleva sublime preito. O som daquele hino entoado por aquela alma de anjo devia ecoar nos páramos celestes.

Clemente levantou-se comovido, com o olhar angustiado de Cristo e procurou o leito; neste momento entrou no quarto um homem velho, e perguntou-lhe com respeito:

— Posso trazer o jantar?

— E temos alguma coisa, meu bom Constantino?

— Sobrou com que fazer um prato.

— Aceito a sua boa vontade.

O criado saiu e voltou, pouco tempo depois, trazendo uma pequena refeição. A pobreza do jantar não era menor que a do leito, o qual constava de algumas tábuas de pinho cobertas com um lençol de algodão!

Clemente serviu-se da metade da refeição, deixando a Constantino também com que matar a fome.

O criado retirou-se e o padre deu a volta à chave da porta que comunicava o aposento com o interior da casa. Ficando incomunicável, tirou da gaveta duma mesa uma carteira e sentou-se na cama.

Tinha nas mãos o necessário para tirar-lhe o sono algumas horas. Era uma questão grave a decidir e cuja decisão seria ignorada, mas por isso mesmo deveria ser muito justa.

A carteira era a de Simeão de Arruda, perdida na noite da orgia.

O padre, depois de examinar todos os papéis, entregou-se a profundas meditações. Arruda era um grande criminoso e como tal merecia ser levado aos tribunais, entregue à justiça. As cartas do tesoureiro provavam as dilapidações que havia feito dos dinheiros do Estado; a sua publicação entretanto importava a violação do sigilo da confissão.

Clemente ficou de posse de todos aqueles segredos no confessionário. Tirara da mala de Quitéria do Cabo, a carteira com os documentos e dinheiro, e era necessário dar um destino àquela quantia que não era sua. Restituí-la a Simeão, nunca; entregá-la ao governo, seria preciso dizer a verdade sobre a procedência, e isso se tornaria um crime ainda maior — o abuso do confessionário. Doá-la às vítimas da seca também não; não lhe ficava bem doar o que não lhe pertencia.

Clemente pensava em tudo isso quando lhe bateram à porta.

— Está em casa o senhor padre?

— Sim, senhor.

E, recolhendo a carteira à gaveta, dirigiu-se para a porta.

— Alguma confissão, meu filho? perguntou sem dar volta à chave.

— É Simeão de Arruda que deseja aconselhar-se com V. Rev.^ma^.

Clemente pressentiu uma cilada e respondeu:

— Se é em artigo de morte estou pronto, ao contrário, me queira desculpar; cheguei do abarracamento há pouco tempo e estou bastante fatigado.

— Pode abrir, senhor padre, é dever do sacerdote dar conselhos a qualquer hora do dia ou da noite.

— Se não está em perigo de vida, volte amanhã, ao romper do dia, que me encontrará pronto a ouvi-lo.

— Voltarei.

O padre tornou ao leito.

Arruda afastou-se da porta e se incorporou a três indivíduos que o tinham acompanhado e guardavam distância. Seguiram rua fora, conversando:

— O diabo do padre é sabido, disse o comissário.

— E V. Sª paciente demais.

— Com as suas posses eu não agüentava que ele me tivesse *atubibando*.[59]

— Nós estávamos prontos ao primeiro sinal.

— Entrávamos de casa dentro e levávamos tudo.

— O que não se pode fazer hoje, se faz amanhã, disse Arruda.

— E nem desconfiava de V. Sª. . .

— Podia desconfiar.

— Qual, senhor comissário, V. Sª entrava e quando estivessem entretidos conversando, nós rebentávamos de casa dentro.

— O padre tinha medo, e V. Sª fingia-se desesperado com a falta de respeito, e se botava para nós e lutava.

— E até para o negócio ficar mais *confeitado* nos metia o pau à vontade.

— Um de nós se atracava com V. Sª, enquanto os outros carregavam o baú, a cama e a mesa do padre.

— Era bem feito, mas o diabo cochichou com ele, disse Arruda.

— Amanhã, nós voltamos e não precisamos mais de V. Sª. Sabemos da casa e havemos de vir chamá-lo para uma confissão.

— E quando abrir a porta, limpamos-lhe a casa.

— Sim, mas no dia que eu marcar, disse o comissário.

— Será.

— Mas não ofendam o padre.

— Credo! Por dinheiro nenhum.

---

[59] Ainda é comum, em certas camadas sociais mais modestas do Nordeste, *atubibar* como sinônimo de perseguir, atormentar, insistir.

— Se fazemos isso é para salvar a honra de V. Sª.
— E será motivo de excomunhão?
— Qual, só ficariam excomungados se dessem no padre.
E o comissário, separando-se dos companheiros, seguiu para casa.
Clemente não pensou na visita de Simeão e muito menos na cilada de que escapara. Era preciso decidir a questão do dinheiro. Meditou e meditou muito, e depois proferiu a sentença:
— Seja o dinheiro distribuído com os famintos, reparta-se igualmente com os necessitados; a obra da caridade será completa e o sigilo da confissão não será violado.

CAPÍTULO XXVII

Aos primeiros clarões do dia, o padre Clemente levantava-se do leito, sempre disposto a continuar a árdua tarefa de seu ministério.
Simeão de Arruda o encontrou de saída para os abarracamentos.
— Bom dia, reverendíssimo padre.
— Bom dia, Sr. Arruda.
— Esta noite vim interrompê-lo em suas orações; estava com o espírito enfermo e desejava o conforto de suas palavras.
— Senti não poder prestar-lhe atenção; acabava de chegar dos abarracamentos e precisava de repouso.
— É verdade, senhor padre, que está em seu poder uma carteira com dinheiro e documentos que me pertencem?
— Sim, Sr. Arruda.
— E não pretende restituir-ma?
— Não, senhor.
— E acha justo e regular este seu procedimento?
— Perfeitamente!
— E por quê?
— Porque o dinheiro não lhe pertence.
— E que destino pretende dar ao meu dinheiro?
— Distribuí-lo com os famintos; restituí-lo às vítimas da seca, seus legítimos donos.
— E em que V. Rev.ma se firma para negar-me a posse dessa quantia?
— Permita-me também que o interrogue. Com que direito chama seu o dinheiro do Estado? Com que direito reclama a posse de uma propriedade, que, com sua própria assinatura, afirma não lhe pertencer? Quer que continue?

— O dinheiro que estava na carteira decerto não me pertence; estava de posse dele somente o tempo necessário para distribuí-lo com os retirantes.

— Não está isso escrito nas cartas do tesoureiro.

— E como V. Rev.ma obteve esses papéis?

— E como os perdeu? Em que lugar, não se recorda?

— Na rua.

— Numa orgia.

— Um crime enorme comete V. Rev.ma, violando o sigilo da confissão!

— Não, repito uma história que o senhor me contou.

— Permita dizer-lhe que mente!

— Já que muito ingrata tem a memória, permita que me justifique lembrando-lhe um fato muito recente. Recorda-se da tarde em que o encontrei numa casa abandonada? Quem, horrorizado de si próprio, trêmulo, hirto, proferia o nome de Vitorina? Quem fugia diante do punhal de Edmundo? Quem implorava a proteção da feiticeira, oferecendo-lhe rios de dinheiro pela honra de Carolina?

— Basta, senhor padre, distribua o dinheiro com os famintos, mas me entregue os documentos.

— Ainda é cedo; ficam em meu poder até que o senhor se corrija.

— Em nome de Deus, dê-me os papéis, senhor padre.

— Não; de posse deles, eu tenho um freio a seus desvarios. Não receie que sirvam de arma à vingança, que venham a cair em poder de outro. No dia em que boas razões me convencerem de sua regeneração, lhos restituirei.

— Então não me envergonhará?

— Não.

Arruda retirou-se completamente desorientado.

Clemente tirou da carteira o dinheiro, que importava num conto e duzentos mil-réis. Dava para socorrer a dez famílias com a mensalidade de dez mil-réis, e por espaço de um ano.

O padre, acostumado a visitar diariamente os domicílios dos necessitados e conhecedor de suas privações, levaria perfeitamente bem a esmola aos que mais precisassem. Tirou da carteira a quantia para dez mensalidades e foi cumprir fielmente a sentença que proferira na solidão da cela.

Clemente deixara Freitas doente e apenas alguns tostões lhe dera, para com a família se alimentar. Seria o coronel um dos primeiros socorridos.

A porta da entrada estava cerrada; o padre fez-se anunciar com algumas palmas, e Carolina, ouvindo-as, veio recebê-lo.

A moça estava lívida como uma figura de marfim. Parecia que a fome lhe havia tragado todos os glóbulos do sangue. A tristeza lhe amortecia o olhar e naquela doce languidez da vida que desfalece à míngua de seiva, de forças, estendeu a mão trêmula ao sacerdote. Aquele desalento havia feito realçar-lhe mais a beleza!

Clemente fitou-a e sentiu deleitá-lo a morbidez daquela carnação em contato com a sua mão. Fitou-a mais e, sem que o quisesse, os traços corretos daquele formoso rosto de mulher passaram-lhe das retinas ao coração: tinham impressionado a alma do homem, quebrando o voto do padre! Clemente sentiu que o olhar desalentado de Carolina num lânguido esmorecimento dos sentidos lhe havia feito mal. Fechou os olhos para não vê-la, mas embalde; a imagem, sem que o quisesse, dos olhos passara à alma!

Clemente era forte e virtuoso. Percebeu a tentação e pôde em tempo dominar-se, matar aquele desejo da carne, e fiel ao seu voto, sufocar os sentimentos que podiam fazê-lo perjuro. Continuar a fitá-la era expor-se a cair; a tentação crescia à custa dos escrúpulos da consciência, que facilmente se submeteria a todos os caprichos da carne.

O padre, conhecedor do espírito humano, temia mais a sua fraqueza do que confiava em sua virtude. Era preciso fugir, procurar no trabalho, na mortificação apagar os últimos traços da imagem que lhe haviam ficado dentro d'alma. Sair precipitadamente, sem deixar a esmola, acovardar-se, submeter-se à vontade da besta que pretendia dominar o homem e subjugá-lo, era um jugo tremendo e ao qual o caráter de Clemente não se sujeitaria sem resistir muito.

— Chame sua mãe, minha filha, disse o padre.

O sacerdote, por um supremo esforço, havia triunfado dos botes que à sua virtude atirava sua animalidade. Era agora somente o apóstolo de Cristo, o apóstolo da caridade que procurava o desvalido para socorrê-lo e não para ultrajá-lo, para profanar-lhe a inocência a preço de benefício.

Carolina entrou, e o padre já não pensava em sua beleza, mas na fome que lhe roía as entranhas! Clemente tirou do bolso dez mil-réis e esperou Josefa para dar-lhe a mensalidade.

Freitas entrou nessa ocasião com Edmundo.

O coronel apresentou ao padre o seu amigo.

Josefa e Carolina vieram à sala, supondo achar-se aí somente o sacerdote. Agradável surpresa! Edmundo se aproximou e saudou-as com bondade e respeito.

Carolina experimentou uma sensação que se confundia num misto de alegria e surpresa, e viu-se rodeada de todas as suas esperanças.

Freitas e Josefa liam em silêncio o que se estava passando no coração da filha.

Edmundo inebriava-se no gozo inefável dos seus pensamentos, nos desejos de noivo. Entre os sonhos cor-de-rosa, de quando em quando, um pesadelo; e o ódio e a vingança ao comissário lhe assaltavam o espírito, e, no meio das ilusões que o deleitavam, pareciam abismos profundos e terrorosos alumiados pelo sol, que ora cintilava e ora uma nuvem lhe escondia o disco luminoso.

Clemente guardava com toda a piedade as impressões de todas aquelas cenas.

Passara a tempestade. Foi um momento de alucinação na vida do padre, um instante de amor, na vida do homem.

— Foi ao Gabinete, coronel?

— Sim, senhor padre, e muito mal-sucedido. Os dias para mim parece que estão sendo aziagos.

— Então não recebeu a mensalidade?

— Nem o pagamento, e como reclamei, fui preso.

— Prenderam-no?!

— E se não fosse o Sr. Edmundo, teria ido à cadeia e lá ficado até quando quisessem os meus senhores.

— Nunca vi tão grande arbitrariedade, disse Edmundo.

— Então não chegou a ser recolhido? perguntou o padre.

— O chefe de polícia teve o bom-senso de pô-lo em liberdade; não é duro de cabeça como o diretor do Gabinete, disse Edmundo.

— Os comissários têm abusado muito, disse Clemente.

— Eu que o diga. Estive expatriado mais de um ano, graças à infâmia e perversidade de um destes agentes do governo, mas jurei, na solidão do meu desterro, vingar-me de um modo terrível.

— O perdão é nobre e a vingança é vil, Sr. Edmundo. A religião manda perdoar as faltas de nossos semelhantes, para que Deus nos perdoe as nossas, ponderou Clemente.

— A justiça pune o criminoso do mesmo modo que a religião condena o culpado a penas eternas.

— Nada de ódios e de paixões, quando tivermos de julgar os outros, disse o sacerdote.

— Minha sentença não é obra do momento, não; a consciência ditou-a e meditei longos meses, e cada dia que passava eu a achava mais justa. Não é uma vingança; é uma punição.

— Tenho de ir aos abarracamentos e não dispondo de mais tempo agora, peço-lhe, Sr. Edmundo, o favor de suspender o golpe sobre quem quer que seja até que conferencie comigo, o que poderá ser quando quiser em nossa casa à rua de ...... nº .... das cinco às seis da manhã e das seis às 9 da noite.

— Amanhã o procurarei.

Clemente saiu para os abarracamentos, deixando na despedida entre as mãos de Josefa a esmola. O modo de dá-la não passou

despercebido a Edmundo, que, depois que o sacerdote retirou-se, disse a Freitas:

— Deixa o óbolo da caridade como manda Cristo. Não pertence à raça terrível dos impostores, que fazem alarde do benefício; não é dos que metem a mão no bolso para tirarem a esmola ao mesmo tempo que põem a trombeta na boca para apregoá-la.

— Achamo-nos com ele à hora angustiada das provações mais cruéis! Encontrou-nos enfermos e abandonados, e recolheu-nos ao hospital; achou-nos ao tempo e nos abrigou, disse o coronel.

— Verdadeiro apóstolo do Crucificado!

— É nosso benfeitor e amigo, disse Josefa.

Carolina precisava estar só; as impressões abalaram-lhe muito os nervos, e, sentindo necessidade de chorar, se recolheu ao quarto.

Edmundo seguiu-a com a vista, e, cada vez mais apaixonado, se dirigiu a Freitas:

— Meu amigo, há muitos anos que meu coração vive do amor que tenho à sua filha; a sorte fez que nos encontrássemos num terreno menos acidentado, e o destino nos aproximou. Se acha que sou digno de merecê-la, peço-a em casamento.

A moça havia chorado, mas, de olhos enxutos, já voltava à sala, ignorando o que se estava passando.

— Ousei, D. Carolina, sem consultar a sua opinião, pedi-la em casamento.

Carolina ouviu as palavras de Edmundo, com os olhos fitos no chão. Irradiaram-se-lhe n'alma os clarões de uma nova aurora. O silêncio foi a resposta à súplica de Silveira, mas não um silêncio dos que nada dizem, não; a palavra foi substituída pela expressão de um olhar, que, retemperado no estreito espaço de um quadro no ladrilho, ergueu-se cheio de encantos e de promessas e fitou-se em Edmundo, que compreendeu naquele casto mutismo o amor que iluminava a alma da moça.

Freitas assistia comovido àquela cena.

— Sejam abençoadas as vossas afeições, meus filhos. Deus queira cobri-los de felicidade, amparar os vossos passos no tortuoso e difícil caminho da vida.

A voz do coronel, grave como a consciência, calou-se e tudo voltou ao silêncio. O futuro, misto de dúvidas e incertezas, estreitava no círculo da imaginação os pensamentos de todos que ali estavam. Todos queriam devassar o que só é permitido ao tempo, exceto Filipa que, roída de fome e sem ser pressentida, viera colocar-se à porta do corredor e exprimia por palavras a esmo a necessidade que tinha de comer:

— Foi no mar!. . . Bernardina!. . . O homem!. . . a jangada!. . . foge!. . .

As palavras da louca arrancaram o grupo àquela profunda meditação. Fitaram-na, e Edmundo perguntou:

— Filipa, a sua escrava, coronel?

— Hoje louca e liberta!

Edmundo tudo compreendeu, e sem proferir mais palavra, se despediu e seguiu para o hotel.

CAPÍTULO XXVIII

EDMUNDO seguia pensativo.

Chegara à praia e não tivera tempo de saudar o céu de sua terra! A situação em que encontrou Freitas absorveu-o todo. O seu desterro fora de dois anos.

O caráter de Edmundo se retemperou mais com as provações. Desembarcado do vapor *Pernambuco* na inóspita ilha do Pina, no Recife, se achou entregue à miséria e somente à miséria, rodeado de mais de quatrocentos companheiros de infortúnio, maltrapilhos e famintos. Enquanto nas águas do Ceará lançavam-se todos os dias os gêneros que apodreciam nos celeiros do governo, os retirantes eram forçados a sair da província. A ilha do Pina, destinada para alojamento desses mal-aventurados, era muda testemunha de cenas pungentes.

Não era o calor do sol durante o dia, a umidade ao relento à noite, a ração insuficiente e atirada de má vontade, as cisternas trancadas aos que tinham sede, os sofrimentos, as privações, não; por cúmulo de crueldade eram o escárnio, o motejo a amargurar-lhes a existência já tão depauperada de conforto, de paz, de felicidade!

Edmundo achou-se envolvido nessa onda de infelizes e sujeito também aos mais atrozes sofrimentos. Quatro dias depois da sua chegada ao depósito, apareceu ali um senhor de engenho da Escada, homem de meia-idade, de maneiras bruscas, que vinha observar os retirantes, a fim de escolher alguns para empregar na lavoura. Mal-avisado andou o agricultor; encontrou-se com esqueletos animados, achou-se frente a frente somente com a miséria. Ia retirar-se, quando viu Edmundo. A presença agradável do moço despertou-lhe a atenção e não se demorou em convidá-lo para seu empregado.

Qualquer proposta lhe seria vantajosa. Edmundo acompanhou o agricultor e entregou-se aos seus serviços com a dedicação, a solicitude do escravizado que trabalha pela liberdade. Longo foi o tempo de degredo. E que soma de sacrifícios não lhe custou! além das horas amargas de saudades da pátria, o testemunho das cenas re-

pugnantes da escravidão. O tronco, a gargalheira, o carro, a fornalha, suplícios infligidos pelos desalmados que chamavam sua propriedade a outro homem, traziam-no em um estado aflitivo! a nostalgia minava-lhe a alma, todos os gozos valiam menos do que a idéia de voltar ao Ceará. Em troca de tantos sacrifícios pôde alcançar o preço de resgate. A obra estava completa.

Silveira apresentou-se ao senhor de engenho e disse-lhe que deixava a casa.

O agricultor fez-lhe propostas vantajosas, para que continuasse, mas Edmundo tudo recusou e partiu para o Recife. Chegando àquela capital, tomou passagem para Fortaleza. O dia da saída do paquete foi para Silveira de completa alegria! Os primeiros passos na escada do navio foram como os do náufrago, que, depois de lutar muitas horas com as ondas, pisa terra firme!

A felicidade tem caprichos como a desgraça; Edmundo chegava à idade de ouro. A bordo lhe estava preparada uma agradável surpresa: um colega de seminário era também passageiro do vapor que ia tomar. Encontraram-se na câmara, conheceram-se, um apertado abraço e estas palavras:

— Edmundo!

— Gervásio!

Havia dez anos que não se viam. Os seus pensamentos voltaram-se imediatamente para o passado e as recordações dos dias de colégio os absorviam. As sabatinas, os sábados que precediam os domingos de saída, o dia de férias, os artigos do periódico, as pilhérias do gaiato da classe, enfim, tudo recordaram em um instante. Não cessavam de se olhar, achavam as fisionomias pouco diferentes, apenas a barba, e o corpo mais desenvolvido.

Silveira contou a Gervásio sua história e recebeu a promessa de empregá-lo bem, logo que chegassem. Edmundo foi ao hotel onde Gervásio o esperava com uma boa notícia. Tinha obtido o emprego. Ao Dr. Gervásio, despachado juiz de direito para uma das primeiras comarcas da província e amigo da situação, era impossível que o presidente faltasse, não satisfazendo um pedido, embora nas repartições não houvesse mais uma vaga. A portaria estava assinada e Edmundo da Silveira feito empregado público e com bons vencimentos.

— Agradeço-te do coração a colocação que acabas de obter para mim, mas talvez não me venha a servir.

— Como assim?

— Tenho que saldar uma dívida de honra e sairei da luta para a cadeia ou para o cemitério.

— Estás louco?
— Ainda mais que louco, desesperado!...
— Não te compreendo.
— Contei-te a minha história. Jurei castigar o perverso, que me atraiçoou, matando-o logo que desembarcasse aqui.
— E Carolina?
— Hoje, minha noiva, pois pedi-a.
— Tua noiva?!...
— Fizemos, há pouco, os nossos esponsais.
Ficará viúva antes do casamento, não?
— Ah! Gervásio, o destino continua a perseguir-me. Já não tenho mais forças para lutar! O amor e o dever batem-se em duelo de morte, e não sei qual será o vencedor.
— Despreza o covarde que te ofendeu, esquece a vileza do teu inimigo pequenino e te elevarás.
— Nunca; prefiro a morte. O meu desejo de vingança é hoje uma alucinação do espírito.
— E Carolina, Edmundo?
— Sim, ela, a quem, há pouco, prometi um futuro.
— Por seu amor, por sua paz, por sua felicidade, esquece a ofensa; ao contrário, serás um tresloucado. Fazer esponsais quando se tem em vista cometer um crime, só se explica por um desarranjo mental!
— Não posso perdoar.
— Serás um assassino.
— Um assassino, não!
— Um assassino, sim. A sociedade te apontará como o homem que matou sem ser em defesa própria; te condenará, porque não tens direito de tirar a vida a outrem; te acusará como o assassino que dois anos premeditou o crime!
— A sociedade puniu o crime de meu algoz? ouviu os meus gemidos do degredo? escutou o pranto que derramei longe da pátria? Não, nada ouviu de meus lamentos, agora seja também cega, que vou punir um criminoso.
— Querias que a justiça entrasse no conhecimento de uma ofensa toda particular?
— E para quê? Para escarnecerem de mim? Não; há ofensas que não se levam ao público antes de se terem lavado em sangue.
— Medita bem esta noite e amanhã me dirás se persistes em ser um assassino.
— Boa noite, Edmundo.
— Boa noite, Gervásio.

CAPÍTULO XXIX

SIMEÃO DE ARRUDA estava enfermo. Os membros inferiores pesavam-lhe como chumbo, uma inapetência invencível obrigava-o a rejeitar toda a sorte de alimentação, enquanto o estômago parecia digerir um pedaço de ferro. Depois da última visita ao padre Clemente, os sofrimentos aumentaram. A moléstia havia colado diante dos olhos do comissário um quadro sombrio, tinha-lhe encarcerado o espírito no escuro círculo da tristeza. Tentava fugir dos fantasmas que o perseguiam, mas eles eram o produto de um estado mórbido, que cada vez mais se acentuava.

A voz de Vitorina, chorando a desonra, o desespero de Edmundo cobrindo-o de maldições no depósito de retirantes da ilha do Pina, soavam-lhe a todos os instantes nos ouvidos. O conforto suave da família, o recurso da ciência não lhe minoravam o tormento.

As funções do cérebro a doença havia mais ou menos pervertido. Os erros do comissário, como sombras pavorosas, passavam incessantemente pela imaginação, e a consciência implacável atirava o remorso, esfaimado abutre, para roê-lo.

Arruda não encontrava em sua vida um ato bom! Tudo o acusava, tudo se erguia para esmagá-lo! Queria um conforto, um lenitivo, mas a consciência apontava-lhe as faltas! Na agonia de seu abandono moral, nada o confortava! Uma noite, depois de ter-se debatido nas angústias da insônia, Arruda chorou! A idéia de uma reconciliação, não com a sociedade, porquanto talvez não fosse mais possível, mas com Deus, assaltou-lhe o espírito, como o único recurso legítimo que lhe restava.

Precisava de um medianeiro entre si e a Divindade, de quem o ajudasse a vencer os obstáculos que lhe vedavam o caminho. Quem o auxiliaria, pensava, quando de repente uma imagem desenhou-se-lhe na imaginação: era a figura do padre Clemente. Arruda cobriu o rosto com as mãos e chorou. Pela manhã, levantou-se a custo e procurou a casa do sacerdote. Caminhava com dificuldade, os passos eram vagarosos, claudicantes e uma dispnéia aflitiva oprimia-lhe o peito. Só um esforço supremo fazia com que vencesse a distância que o separava da casa de Clemente.

A porta do padre já estava aberta e ele preparado para continuar a tarefa.

Simeão a custo conseguiu transpor o limiar da porta e caiu extenuado em uma cadeira.

O padre lançou-lhe um olhar comovido e se aproximou.

— Que tem, Sr. Arruda?

O comissário estava quase desfalecido. Banhava-lhe o rosto um suor gelado. A dispnéia aumentava, alimentada pela cinta beribérica, que, como um espartilho de ferro, constringia-lhe o tórax! Os pulmões pouco se dilatavam, embora a boca aberta procurasse enchê-los de ar! O beribéri havia dias traiçoeiramente destruía aquele organismo, e agora com marcha acelerada completava a obra.

Arruda quase não podia mais falar. Com grande esforço disse ao padre:

— Estou... às... por... tas... da... mor... te... me... per... doe... te... nha... pena... de... mim...

Clemente, penalizado, ajoelhou-se ao lado do enfermo. Era um desgraçado que se estorcia nas agonias da doença e pedia proteção. Prestou-lhe os socorros espirituais.

A moléstia progredia de um modo incrível; o enfermo já não podia estar recostado à cadeira. Com os olhos a saltar das órbitas, quase asfixiado, numa ansiedade mortal, sentia que lhe esmagavam o coração entre dois cilindros de ferro.

O padre conheceu que Arruda ia morrer. Não havia dúvida; era um moribundo e a família ignorava o seu estado. Desejando que a mulher e filhos lhe assistissem aos últimos momentos, deixou o criado velando à cabeceira do comissário e saiu apressado.

Edmundo da Silveira levou a noite toda a pensar. Pela manhã tinha os olhos pisados pela insônia. As palavras de Gervásio nada lhe influíram no ânimo. Fiel à promessa, antes de castigar Simeão de Arruda, foi à casa do padre Clemente, conferenciar com ele como prometera.

Parou à porta do sacerdote e viu estendida na calçada uma retirante. A imobilidade do corpo, algumas manchas de sangue próximas, chamaram sua atenção.

Silveira aproximou-se mais; a infeliz tinha o rosto coberto com a ponta do roto e imundo lençol. Descobriu-o e viu quase uma caveira!

— Que faz aqui, mulher?

A desgraçada respondeu a custo, mostrando uma criança recémnascida.

— Batize, para não morrer pagão.

Aquela infeliz acabava de ser mãe, exposta como uma cadela sem dono.

Edmundo a tomou nos braços e entrou na casa do padre.

— Dá licença, senhor padre Clemente?

Constantino ficou surpreendido com a visita, enquanto Arruda, reconhecendo Silveira, pôs as mãos em atitude de súplica, antes que o ferisse o raio de sua cólera.

Edmundo agasalhou a retirante e o filho na cama do padre, e, quando voltou-se para interrogar o criado, reconheceu o comissário:

— Miserável! Eis-nos enfim face a face!. . .

E marchou para Simeão.

— Que é isso, senhor?! Pretenderá porventura espancar um moribundo?! Se não respeita o enfermo, ao menos guarde o decoro devido à habitação de um justo, disse Constantino se colocando em frente de Edmundo.

— Ia privar-me de um gozo infinito, acabando com a corrente de crimes que te foi a vida. Ignorava se estavas moribundo, miserável! Apraz-me ver-te agonizar! De cada um dos teus estertores eu terei um contentamento, pois é infindo o ódio que te voto. E tens as mãos súplices!. . . A quem pedes compaixão?! A mim?! Responde tu mesmo, infame, se eu posso comover-me com tuas desgraças! Pergunta a ti próprio se te enterneceste quando à falsa fé me desterraste! Riste de minha desventura, é justo que eu escarneça às gargalhadas de teu martírio! Morres, Simeão de Arruda, quando eu queria que vivesses para gozar as delícias de matar-te!. . .

— Meu Deus!!. . . interrompeu a retirante sentando-se na cama.

Edmundo correu ao lado dela.

— Simeão de Arruda! . . . O comissário! . . . O autor de minha desgraça! . . . O pai deste infeliz! exclamava Vitorina quase fora de si.

— Ouviste, miserável! A tua vítima te amaldiçoa! Deus a enviou até aqui, permitiu que teu filho nascesse no meio da rua, bem perto do lugar onde agonizava o monstro que o procriou, cometendo, quem sabe quantos crimes, disse Edmundo.

— Toma teu filho, perverso! Abusaste da força, obrigando-me por intermédio de teus assalariados a ir a uma festa de mulheres perdidas quatro dias depois da morte de minha mãe! Embriagaste-me entre ameaças, e depois. . . ai!. . . depois abusaste covardemente de minha inconsciência e eis o fruto de tua perversidade!

Vitorina, por um esforço supremo, levantou-se da cama, aproximou-se de Simeão e lançou-lhe o filho nos braços; depois caiu exausta e sucumbiu instantaneamente, vítima de uma hemorragia violenta.

Edmundo comoveu-se com aquela cena. A retirante, como uma figura de cera, jazia no chão dentro de um lago de sangue.

Constantino chorava comovido e aterrado.

O comissário debatia-se nas agonias da morte. Os membros se relaxavam, os olhos já sem luz se volviam para o céu e os estertores dos últimos instantes saíram dos lábios.

Constantino, vendo que Simeão se aproximava do termo da viagem, tirou da banca a imagem do Crucificado, acendeu uma vela do Santo Sepulcro e se aproximou do moribundo.

Edmundo batizou o recém-nascido e, já cadáver, deitou-o no regaço de sua mãe.

O comissário agonizava, tendo a imagem de Cristo sobre o peito e uma vela acesa na mão.

— Eis a imagem do Crucificado! Aperta-a com força ao coração: reconcilia-te com Deus, arrepende-te de teus erros que estás à beira da sepultura. Eu te perdôo, porque não levo o meu ódio ao túmulo; não porque sejas digno de minha compaixão, disse Edmundo, afastando-se do comissário.

Constantino, fiel continuador dos costumes de seus antepassados, ajoelhou-se junto ao moribundo, para *ajudá-lo a bem morrer*. Estúpida e bárbara cerimônia que tantos séculos de civilização ainda não puderam acabar, até nas classes mais cultas da sociedade.

A agonia se prolongava. O criado de Clemente, apertando a vela acesa na mão do morto, gritava-lhe ao ouvido em voz cavernosa e sombria:

— Lembre-se do nome de Jesus, irmão! Lembre-se do nome de Jesus, irmão! Lembre-se do nome de Jesus, irmão! Jesus seja contigo! Jesus seja contigo! Jesus seja contigo! Jesus, misericórdia! Jesus, misericórdia! Irmão, chegou a tua hora! Irmão, chegou a tua hora! Irmão, chegou a tua hora! Jesus seja a tua guia! Jesus seja a tua guia! Jesus seja a tua guia! Jesus! Jesus! Jesus!

A cela do padre havia-se transformado em pouco tempo em um necrotério. O silêncio era sepulcral. Edmundo estava de pé, de braços cruzados, e Constantino, ajoelhado entre os mortos, rezava em voz baixa.

O padre Clemente entrou, acompanhado da família de Arruda.

A viúva viu o cadáver e caiu sobre ele, sufocada em pranto. Os filhos cercaram-no chorando as lágrimas da orfandade.

O padre, ajoelhado a pouca distância do grupo, orava com fervor, entoava preces pela alma do morto e pedia a Deus o conforto, a resignação para a desolada família.

Edmundo rendera-se completamente às emoções. Prostrado, comovido, implorava a paz da eternidade para os mortos e lenitivo às dores cruciantes daqueles que se deixavam abismar em tamanha desventura. Clemente, depois de orar, foi surpreendido pela presença de mais dois cadáveres. Edmundo e Constantino contaram-lhe o que se havia passado.

O padre abriu a fonte consoladora da religião de Cristo, levou ao coração dos aflitos em palavras piedosas e edificantes o bálsamo suave da resignação.

A viúva e os órfãos ouviram-no meio atordoados. As frases ungidas de ternura e consolação daquele coração virtuoso e justo, lhes

penetraram na alma, e todos juntos, na mais fraternal união, prostraram-se diante do Crucificado e oraram fervorosamente.

Clemente conservava a energia de seu espírito forte e, depois da oração, consolou ainda os tristes, e procurou enterrar os mortos.

CAPÍTULO XXX

O Dr. Gervásio foi pela manhã procurar Edmundo e já não o encontrou. O dia cresceu, declinou e nada do amigo voltar ao hotel. Havia justas razões para o doutor inquietar-se, pois já havia dado um passeio pela cidade, a fim de ouvir alguma coisa que o orientasse e nada!... Resolveu-se a ir ao palácio da presidência; lá poderia saber se o conflito se teria dado.

A secretaria do governo, às cinco horas da tarde, ainda funcionava. Sem se fazer anunciar, o Dr. Gervásio entrou para o gabinete do presidente.

O secretário, oficial-de-gabinete e o administrador da província, sentados ao lado de uma banca sobre a qual estava um grande maço de ofícios, fechados uns, outros abertos, liam algumas dessas peças, enquanto, a pouca distância, sentados em um sofá e cadeiras de descanso, conversavam e fumavam alguns amigos da situação.

O doutor cumprimentou o presidente e os circunstantes e foi-se incorporar ao grupo, que palestrava. O crescido número de visitantes indicava grande novidade.

A hora estava adiantada; era tempo de cada um retirar-se para jantar, e, em vez de diminuir, o número de visitas aumentava. Havia indivíduos que se mostravam enfastiados de esperar, criaturas pacientes que desde uma hora da tarde iam-se deixando ficar, na esperança de os deixarem a sós com o presidente. Mas qual! Todos tinham isso em vista e ninguém se retirava.

O presidente, acabrunhado de trabalho, importunado com a presença daqueles ociosos, deixava-se na mesma posição, em uma postura toda estudada, com os olhos pregados no papel, que fingia ler, mas, pela expressão abstrata da fisionomia, podia-se afirmar que sua imaginação errava muito longe daquele sítio. O secretário pedia-lhe atenção sobre algum período dos ofícios; o presidente lançava um olhar demente sobre o papel, deixava depois coar-se, através do bigode negro, uma lenta baforada de fumaça do charuto e ainda em completa abstração, numa postura toda cômica, meneava a cabeça, mostrando-se entendido. A tarde adiantava-se bastante. Já entre os visitantes reinava absoluta falta de assunto. Depois de uma palestra indigesta, árida, insuportável, o silêncio da expectativa!

O cabo-de-ordens entrou com uma carta para o presidente. Nela se fitaram olhares curiosos. Se fosse possível devassar-lhe o segredo! Lida a carta, disse o administrador para o secretário:

— Morreu o comissário Simeão de Arruda.

Gervásio perturbou-se vivamente e perguntou:

— De quê?

— Não dizem, respondeu o presidente com amabilidade.

O cabo-de-ordens voltou um instante depois, com mais quatro cartas. A vaga do comissário dava assunto a toda aquela correspondência. Os amigos da situação que ali se achavam todos, sabiam da morte de Arruda e vinham apresentar à clemência do administrador os nomes de alguns protegidos. E com que títulos os recomendavam para um lugar não remunerado! Além das virtudes cívicas, dos predicados de honrado, ativo, inteligente, onerado de família, mais ainda o de *liberal!* As cartas recebidas pelo presidente eram de recomendação e a todos sobressaltavam.

Era cômica e ridícula a teimosia do grupo de políticos. A impaciência e ansiedade manifestavam-se bem na falta de quietação dos corpos, a se moverem procurando posição cômoda e sem a encontrar. Seis horas sentados em atitude respeitosa, era já um suplício, a que se sujeitavam de boa vontade.

O administrador, depois que leu a última carta, disse ao secretário:

— Está acéfalo o abarracamento de ...; é preciso nomear um comissário.

Havia necessidade urgente de ser provido o lugar que acabava de vagar, mas o presidente deleitava o seu orgulho vendo subordinados à sua vontade todos aqueles tipos. Cevava o amor-próprio à custa da subserviência daqueles cortesãos.

A pertinácia dos pretendentes ao lugar de comissário iria longe; não enfraqueceria com a noite inteira.

O jantar presidencial estava servido. O criado veio ao gabinete e comunicou isso ao amo, em voz bastante audível. Ainda assim a assembléia não se dissolveu! Olharam uns para os outros e foram-se deixando ficar.

O presidente levantou-se e os convidou à mesa. Deixaram as cadeiras e, em vez de procurarem a rua, se espalharam pelos corredores e jardim, nos lugares por onde devia passar o administrador.

Um dos chefes políticos seguiu conversando com o presidente. Deram alguns passos e ficaram de pé conversando, numa palestra importuna, difícil de termo. Era a nomeação do comissário para um mártir da situação. Havia um quarto de hora que durava o pedido, quando o administrador, homem de grande talento e conhe-

cedor das fraquezas do espírito humano, fez uma meia promessa, despediu-se e continuou o caminho. Não dera dez passos quando outro tipo lhe saiu ao encontro.

Foi longa a palestra. Lembraram-se serviços ao partido, necessidades políticas a satisfazer, compromissos antigos, e finalmente o dever de amparar o correligionário que estava a morrer de fome com a família.

O presidente viu-se abarbado com o importuno, e, para se ver livre, disse-lhe que tomaria na devida consideração o pedido. Mais adiante, aguardava a passagem do governo[60] um outro amigo. Não havia remédio senão parar e ouviu a mesma história. Esta foi mais longe, durou talvez meia hora.

O presidente seguiu, supondo que ninguém lhe estorvaria mais o caminho, mas enganou-se. Seis tipos, como sentinelas perdidas, esperavam sob as arcadas da extensa galeria a passagem do administrador.

De estação em estação, parando em todos os passos, como um penitente de via-sacra, seguiu o presidente, até que, morto de fadiga, chegou muito depois de oito horas da noite, à sala de jantar. A todos tinha ouvido e prometido atender. Faltava-lhe somar o valor político e oficial dos protetores, e o que atingisse o maior algarismo, seria o preferido.

Gervásio, que nada pretendia, além da notícia do amigo, logo que o administrador entrou, voltou para o hotel.

Edmundo já o esperava.

Absorto ainda na contemplação[61] das cenas do dia, se deixara ficar no quarto, sentado em uma cadeira, meditando.

Gervásio foi encontrá-lo assim.

— Edmundo, morreu o comissário Simeão de Arruda?

— Ouvi-lhe o último suspiro.

— Como? Mataste-o? Fala! dize!

— Não, Gervásio, não.

— Eu te desconheço! Estás triste, pensativo, pálido! Estás doente?

— Não, Gervásio: depois da sucessão de cenas tristes, o espírito adoece. É preciso o repouso, o sono. Sinto a alma cansada! Minha fadiga é toda moral.

— Queres que te deixe só?

— Não, vou contar-te o que se passou.

E Edmundo relatou os acontecimentos que tiveram lugar em casa do padre Clemente.

---

60 Era comum, ao tempo, no Ceará, usar-se *governo* em lugar de *governador*.
61 Um dos muitos descuidos de R.T., no tocante à propriedade das palavras. Onde está *contemplação* devia ler-se *recordação, recomposição.*

CAPÍTULO XXXI

CONTINUAVA A SECA. Mais alguns milímetros de água durante a última estação invernosa alentaram a esperança de salvação nos habitantes da província, que no mais completo desconforto arcavam contra o flagelo.

Os vitimados pela calamidade aplaudiram as primeiras espigas de milho e vagens de feijão vingadas nas serras à custa de chuvas finas e parciais. Recordavam-lhe o tempo da abastança; aqueles cereais e legumes como que preludiavam uma época de paz, de abundância. Ainda assim a dúvida os perseguia e queriam emigrar, queriam sair, para o espírito convalescer das dores com que o infortúnio desapiedadamente os ferira!

Inácio da Paixão ouvira contar sempre histórias fabulosas, verdadeiras maravilhas dos seringais do Amazonas. A árvore da borracha, diziam, é a árvore do dinheiro, cada gota de leite que verte se transforma em ouro! Com o fim único de acumular riquezas, tomou passagem na barca *Laura,* que seguia em lastro para o Pará.

Os jornais da Fortaleza, dias depois da saída do navio, noticiaram que havia naufragado, morrendo passageiros e tripulação.

A ser exata a notícia, Inácio era morto. Deu-se o sinistro, mas ele escapou, com muitos passageiros, e logo que chegou a Belém, foi engajado pelo proprietário dum seringal do rio Purus. Lá o esperava o trabalho e a doença. O organismo estranhou o clima quente e úmido, e o estômago recusou a alimentação do *pirarucu* e tartaruga. O costume, que tudo dobra, em pouco tempo, amoldou Inácio àqueles hábitos. Mas às intempéries, ao veneno palustre, se habituaria também?

Não; a febre o derribou, e só depois de uma luta terrível de mais de trinta dias, pôde triunfar da moléstia. Veio a convalescença, as forças voltaram e a saúde. Dois meses de sofrimentos foram o tributo de aclimação naquele clima insalubre. O patrão, no dia que deu por pronto[62] continuou a trabalhar, disse-lhe que não perdesse tempo, pois estava grande o seu débito. Inácio contrariou-se muito. As despesas com dietas e remédios eram excessivas, e sobre elas o prêmio de dez por cento por mês! Ficou moralmente enfermo; o seu cativeiro seria de anos! Passada a má impressão, pensou seriamente na vida e se decidiu a vencer pelo trabalho. Redobrou de esforços e internou-se nos seringais, em uma lida afanosa, a lutar pela liber-

---

62 Chamava-se *pronto,* na linguagem típica dos seringais amazônicos o nordestino que, chegado como *brabo,* tempos depois, era tido como experiente da vida em contato com a selva, no trato da borracha.

dade. Era uma vida de selvagem! Passava os dias dentro dos alagados, às vezes com água até a cinta, mal alimentado, e ainda, por cúmulo de sofrimento, exposto às picadas dos *carapanãs, piuns* e de outras pragas, que vivem naquelas regiões. Assim viveu dois meses, findos os quais se apresentou ao patrão e pediu a conta do que devia. Surpresa horrível! Apenas a borracha que tirara e entregara, dera para o pagamento da alimentação e juros do dinheiro. A borracha descera de quatro mil-réis para mil e poucos réis o quilo, e os prejuízos do patrão pagá-los-iam os engajados.

Inácio caiu em um estado de desânimo penosíssimo; a dívida antiga ficara de pé! Nunca mais se libertaria! Tentou fugir, mas a fuga só se podia efetuar em canoas. Foi ter à margem do rio, e à primeira montaria[63] que apareceu, fez sinal que aproasse. Aproou e, minutos depois, estava à fala com o mestre:

— Pode levar-me como passageiro?

— Conforme. Traz o passe do patrão?

— Não tenho amo. Ando a passeio. Leve-me.

— Não caio eu nessa; assim me têm dito muitos que são cativos, porque devem os cabelos da cabeça.

E o mestre manobrou a montaria, se afastando da margem do rio.

Inácio perdeu a esperança de fugir. Ninguém o levaria. Entre os proprietários de seringais, autoridades, mestres de embarcações havia um contrato de lucros recíprocos, a fim de vedarem inteiramente o transporte de engajados, quando não conduzissem o *passe.* Essa infração das leis garante aos proprietários dos seringais o meio seguro de fazerem grandes fortunas à custa do trabalho do engajado, sempre cearense, que, uma vez lá, é muito difícil libertar-se.

Inácio da Paixão continuou a trabalhar, mas sem esperança. A alimentação, o vestuário, o fumo, a aguardente eram fornecidas pelo patrão e por preços exorbitantes! Agora lhe custaria mais sofrer as pragas, o frio, a fome. Expiava de um modo cruel a sua falta. E as nuvens escuras lhe sombreavam o futuro! Procurara as inóspitas regiões do Amazonas para ganhar com que saldar a dívida de honra. E agora fechavam-se-lhe os horizontes! Nem a dívida seria paga, e mais, nunca, esposa, os filhos, a pátria, a liberdade!

A paixão pelo jogo acompanhou-o ao degredo. Foi o algoz, o gênio mau que precipitou-o no abismo, e no entanto é agora o seu melhor amigo, o suave conforto nas tribulações. Quando joga, esquece tudo.

---

63 Pequeno barco de muita voga nos rios amazônicos. Na maioria dos casos, comporta no máximo duas pessoas.

Uma noite jogavam os paroaras, o *trinta-e-um-de-boca,* Inácio *aperuava.* Alguns tostões, único fruto das pequenas economias, pesavam-lhe menos na algibeira que o desejo de atirá-los à sorte da mesa do jogo. Foi uma tentação irresistível! A última vez que jogara a dinheiro foi no *trombone.* Não se conteve, não se dominou, e parou. Ganhou e continuou a ganhar. Em pouco tempo passaram a seu poder as economias dos companheiros: importavam em nove mil-réis. Na manhã do dia seguinte apareceram os negociantes ambulantes, que levavam mercadorias a vender. Entre eles havia um que vendia bilhetes de loteria.

Inácio examinava os gêneros, quando viu os bilhetes. Ficou fascinado; comprando algum, era uma esperança que nascia, uma esperança que valia tudo nos seus dias de desgostos e tribulações.

Empregou todo o dinheiro em um bilhete. Um mês depois voltavam os mercadores e traziam a lista da loteria.

Inácio examinou a lista com impaciência, e qual não foi o seu espanto quando viu que o número que possuía estava premiado com dez contos de réis!

— Dez contos de réis!! exclamou chorando.

Ser livre, saldar a dívida de honra, voltar à pátria, abraçar a esposa, beijar os filhos, foram os seus primeiros pensamentos.

Inácio apressou-se em descontar com o cambista o prêmio e recebeu nove contos de réis.

Depois dirigiu-se à casa do patrão. Pagou-lhe o que devia, recebeu o passe e partiu para Belém, onde se demorou somente o tempo necessário a esperar a passagem do paquete.

A bordo do *Bahia* embarcou para o Ceará, como passageiro de proa. Um dia, depois da estada no navio, viu que alguns dos companheiros jogavam. Inácio entristeceu-se vivamente. Tinha descoberto um abismo a seus pés. Afastava-se quanto possível do jogo, e sentia que o arrastavam. Acovardado, trêmulo, pálido, se dirigiu ao comandante do vapor, e pediu-lhe que guardasse o dinheiro que conduzia.

O comandante se recusou tratando-o com acrimônia.

Inácio ouviu-o com humildade, e com o coração nas mãos suplicou:

— Senhor, por piedade guarde este dinheiro! É o pão de meus filhos. Volto dos seringais do Amazonas, onde sofri por espaço de dois anos. Este dinheiro em meu poder o perderei antes de chegar ao Ceará! Jogam a bordo, e o vício do jogo é uma tentação que me domina, a que não posso resistir. Senhor, guarde o pão de meus filhos pelo amor de Deus.

Tal foi a franqueza de Inácio que o comandante recebeu o dinheiro. Salvo de perigo, voltou tranqüilo à proa do navio, mas gas-

tava as noites e os dias em *aperuar* o jogo. Um dia tal foi a tentação que teve ímpetos de ir ao comandante pedir o dinheiro. Com vergonha, não foi.

Quatro dias durou a viagem de Belém a Fortaleza.

O *Bahia* fundeou às duas horas da tarde, e momentos depois Inácio da Paixão pisava as alvas areias de sua terra.

CAPÍTULO XXXII

INÁCIO DA PAIXÃO chegara, havia quatro dias, e ainda não lhe tinha sido possível saber notícias da família. Embalde percorreu a cidade e os arrabaldes, e sempre infrutíferas eram as pesquisas! Visitara todos os abarracamentos e nada de novo! Não descansava, caminhava sempre, como o Ashaverus da lenda, e o mesmo silêncio, o mesmo desconforto a minar-lhe a alma! À noite, procurava o leito e o sono fugia. Se dormia alguns instantes, os mais horríveis pesadelos o atormentavam. Erguia-se com o sol e errava de palhoça em palhoça, a tudo consultando, ouvindo a todos e murmurando a cada instante:

— Onde estarão?

A noite chegava e com ela o desengano! Mais um dia perdido, mais uma esperança morta.

Inácio não pensava senão em descobrir os filhos. Faltava-lhe ir à pedreira; talvez a mulher se confundisse na onda maltrapilha dos carregadores de pedras. Era esta a última esperança. Assim animado, foi ao trapiche e, encostado a uma das colunas, esperou que os retirantes voltassem do Mucuripe. Olhava pensativo para a vastidão do mar. O murmúrio das vagas, os assobios monótonos do vento, coando-se nas fendas do assoalho da ponte, lhe aumentavam as saudades. Aquela alma de pai se recolhia, e, sem alento, meditava.

As turmas de retirantes já se avistavam ao longo da praia. Inácio tinha-as visto e esperava-as com impaciência.

O cortejo se aproximava cada vez mais. Já se divulgavam os rostos bronzeados dos indigentes, já se distinguiam bem os trapos que cobriam a nudez, ouvia-se distintamente o som da vozeria dos levianos, a zombar de tudo.

Os retirantes começaram a passar pelo trapiche e Inácio não perdia uma só das fisionomias. O semblante de um velho, que seguia a passo lento, de longe o tinha impressionado. Olhava-o com atenção e, quando o indigente ombreou-se com ele, exclamou:

— Valentim!. . .

— Inácio! . . .

O velho largou a pedra, e um estreito abraço aproximou os corações dos dois amigos, havia muito tempo separados.

— Minha mulher, meus filhos, Valentim?!. . .

— Retiraram-se para aqui também, e nunca mais os vi! . . .

— E o primo Manuel de Freitas?

— Vem aí.

Inácio reanimou-se; era uma esperança que nascia.

— Eu sigo, Inácio; minha turma já vai longe, eu caminho muito devagar; adeus.

— Adeus, Valentim.

Inácio afastou-se um pouco do lugar em que estava, e ansioso aguardava a passagem de Manuel de Freitas.

O seu desejo foi em breve satisfeito. Apareceu a figura respeitável do ancião, grave e severa como sempre. Trazia uma grande pedra ao ombro, passo firme, porém pausado, e olhos fitos no chão.

Inácio não se pôde dominar e chorou. Quis ir ao encontro do primo e não teve forças! As reminiscências lhe chumbavam os pés no solo. Amesquinhado perante a idéia de seus crimes, envergonhado diante da própria consciência, que lhe mostrava os andrajos de Freitas e a penúria a que estava reduzido, se deixou ficar, sem coragem de se enfrentar com o parente, que passou a pouca distância, mas sem vê-lo. Inácio seguiu-o comovido.

Os retirantes, depois de deixarem as pedras na estrada de Messejana, voltaram à pagadoria, a receber as rações. Distribuídos os gêneros, se dispersaram.

O coronel seguiu para casa, e Inácio o acompanhou, guardando distância. Josefa esperava o marido à porta da rua.

Freitas entrou e o primo ficou de pé, a alguns passos, sem coragem de aproximar-se. Estava indeciso. Em si lutavam a vergonha e o desejo ardente de notícias da família.

Inácio não pôde mais resistir, chegou à porta e se anunciou com algumas palmas. Freitas saiu a recebê-lo.

— Inácio! . . .

— Primo Manuel! . . . disse comovido, abraçando o parente.

— Estou surpreendido; tinha-te por morto! . . .

— Antes de tudo, por quem és, perdoa a minha falta!

E quis se prostrar aos pés do coronel.

Freitas não consentiu que se ajoelhasse e disse:

— Perdoei-te desde o dia em que chegou a meu conhecimento a tua fraqueza. A tua falta arrastou-me ao estado que vês e contudo eu não te amaldiçoei. Perdoei-te, Inácio, se bem que me doesse mais tua ingratidão, o abuso de confiança, do que a penúria a que fiquei

reduzido. Não pretendia te dizer uma palavra sobre o passado. Perdoei, como já disse, tua falta. Os sofrimentos do degredo sirvam-te de lição, e de agora em diante pede a Deus que te ajude a não te afastares mais nunca do caminho do dever.

Inácio chorava de vergonha!

— Obrigado, mil vezes obrigado, Manuel. A grandeza de sua alma, a generosidade de seu coração fizeram-me conhecer a minha pequenez e que me envergonhasse. A enormidade de minha falta é tal, diz-me a consciência, que só merecia a sua maldição! E quando esperava que me ferisse um raio de sua cólera, que me fizesse sair de sua casa como um bandido, me abre as suas portas e complacente procura suavizar as minhas dores, perdoando o grande crime que cometi. Mil vezes obrigado, Manuel!

— Esqueçamos o passado, Inácio.

— Minha mulher, meus filhos, onde estão?

— Emigraram antes de mim. Deixei-os partir porque eu era também desvalido. Retê-los era sacrificá-los, e por isso consenti que procurassem a salvação. Depois que cheguei aqui, não os vi.

— Meu Deus! Quanto terão sofrido! Eu previa tudo isso! Como sou infeliz!. . .

— Coragem, Inácio, ainda os poderás encontrar. Talvez resistissem à calamidade e vivam por aí, esquecidos em algum recanto dos abarracamentos. Procura-os com esperança, com calma, e talvez não continuem infrutíferas tuas pesquisas.

Josefa e Carolina, que do interior da casa tinham conhecido a voz de Inácio, apareceram na sala.

— Primo Inácio!. . .

Dirigiram-se a ele e o abraçaram.

Inácio chorava, como também as primas.

— Manuel, os meus sofrimentos, talvez não tenham fim; porém, um dos pesos que dia e noite me esmaga a consciência, quis a sorte que eu pudesse aliviar. Posso saldar a dívida que contraí, quando me fiz mau. Tenho que pagar religiosamente a quantia de que me apossei sem o seu consentimento.

E tirando do bolso um maço de notas do tesouro, papel e lápis, continuou:

— Quero prestar-lhe minhas contas, dar-lhe ciência da venda dos escravos.

O coronel suspirou; a posse daquele dinheiro, embora nos dias escuros da indigência, o contrariava; era o produto de infelizes criaturas, que foram tão suas amigas, e muitas das quais vira nascer.

Inácio entregou a Freitas papel, lápis, e disse-lhe:

— Faça a conta, Manuel.

O coronel recebeu o papel e disse:

— Podíamos dispensar essas formalidades.

— Tornam-se indispensáveis, porquanto não sei ao certo em quanto somam as parcelas.

Freitas resignou-se a passar por mais uma cena que deveras o contrariava.

— Posso começar? perguntou Inácio.

O coronel moveu afirmativamente com a cabeça.

— Simeão, vendido por um conto de réis.

— Pobre Simeão!... Quantas vezes carregaste em teus ombros o meu Joãozinho! interrompeu Josefa.

Freitas escreveu a primeira parcela no alto do papel.

Inácio continuou:

— Anacleto, novecentos mil-réis.

— Infeliz Cleto, mamãe! Se me fosse possível pagar-lhe aquela dívida de gratidão! Salvou-me a vida, arriscando a sua, disse Carolina.

— Sebastião, julgado pelo médico doente do coração, vendido por cem mil-réis.

— Desgraçado! Além de enfermo, vendido, e quem sabe a que senhor! Tão humilde que era! Tão manso, que nas minhas horas de mau humor não tinha uma palavra áspera para sua senhora! Tinha um coração bom, era tão amigo de seus senhores!...

E o pranto interrompeu Josefa.

— Filipa, vendida por seiscentos mil-réis.

Josefa e Carolina não puderam resistir mais àquela cena e retiraram-se para a pequena alcova, onde choraram sem consolo.

Inácio continuou:

— Bernardina, a última da partida, vendida por oitocentos mil-réis.

— Bernardina!... a jangada!... foge!... vendida!... o mar..., exclamou Filipa, que tinha vindo, sem ser vista, unir-se ao portal mais próximo de Inácio da Paixão. Depois soltou uma gargalhada desconcertada, aguda, estridente, que pareceu abalar até os alicerces da habitação. A louca arregalava os olhos, querendo reconhecer Inácio. Seus esforços eram baldados, porque a razão estrebuchava enferma e as idéias erravam à toa no cérebro doente.

Freitas, comovido, assistia àquelas cenas. A última nota do grito da louca ainda ecoava como uma maldição em sua alma angustiada.

Inácio falou:

— Em quanto soma?

Freitas entregou-lhe o papel.

— Três contos e quinhentos mil-réis, não incluindo os juros. Diga a taxa para fazer o cálculo, disse Inácio, depois de ter somado as parcelas.

— Não me pagarás um real pelo empate da quantia que me queres restituir.

Inácio entregou o dinheiro ao coronel. Depois, pediu a Freitas que fosse depositário de outra quantia, e entregou ao primo um maço de notas do tesouro.

— Onde estás, Inácio?

— Tomei um quarto em uma hospedaria.

— Esta casa está à tua disposição.

— Aceito, Manuel, porém não se inquiete se eu não voltar antes da noite; vou errar por aí procurando o que talvez já não existe.

E Inácio, apertando com reconhecimento a mão do primo, saiu a fim de continuar a tarefa.

Onde estarão, em que pedaço da terra se esconderão aqueles infelizes?. . . pensava, caminhando sem destino.

Andou o resto do dia, revolveu quatro abarracamentos, indagou de todos, e sempre o mesmo silêncio, sempre a barreira escura do desconhecido a separá-lo dos filhos! Voltava pela Rua da Palma,[64] já ao pôr-do-sol, e tão triste que fazia dó vê-lo. Gelava o coração a desesperança e o desconforto ia-lhe ao fundo da alma.

Uma menina cega cantava à porta de uma casa a copla seguinte:

A ceguinha que aqui vedes
Tinha olhos, via a luz;
E agora, irmãos, pede esmolas
Pelo sangue de Jesus.

Inácio ouviu o verso e parou. As notas daquela súplica o comoveram e se aproximou da ceguinha. Que contraste! A voz harmoniosa, saía de uma criatura horrivelmente deformada pela varíola; feia como um sapo e repugnante pelas úlceras que lhe cobriam as pernas.

Inácio olhou-a com compaixão.

A ceguinha acabou de receber a esmola e agradeceu:

Bendito seja quem ouve
Da pobre cega o pedir
Jesus o queira amparar
Quando estiver pra cair.

A Inácio cada vez mais impressionava aquela voz. Lembrou-se da filha mais velha; facilmente a reconheceria; porém, assim comple-

---

64 Chamava-se assim, ao tempo, a parte da hoje Rua Major Facundo que vai do Passeio Público, ao norte da capital cearense, até a Praça do Ferreira.

tamente desfigurada, com a máscara da varíola, era impossível. Não se conteve e se aproximou mais.

— Aqui está uma esmola que também lhe dou.

A ceguinha não recebeu a moeda e surpreendida levou as mãos aos ouvidos protegendo-os contra a corrente de ar e procurando recolher todas as modulações daquela voz que parecia conhecer; depois perguntou:

— Quem fala?

— Inácio da Paixão.

— Papai! Papai!

— Minha filha!!

E o mais apertado abraço uniu aqueles corações que pulsavam do mais santo e sublime dos sentimentos.

Passados os primeiros acessos da violenta emoção, Inácio perguntou à filha:

— Tua Mãe, Maria, teus irmãos.

— Morreram todos de bexigas, no lazareto.

— E tu onde ficaste, minha filha?

— Na rua, sozinha e cega. Saí do hospital, onde ceguei das bexigas, andei de porta em porta, pedindo esmolas e, à noite, dormia no adro da matriz. Assim vivia, quando esta mulher que me guia levou-me para a sua casa.

— Agradeço-lhe os favores que fez à minha filha, esta infeliz.

— Não, papai, agora que já não estou só no mundo, conto-lhe como esta mulher me maltratava. Obrigava-me a andar, desde que amanhecia até que anoitecia, cantando a pedir esmolas, e, quando cansava e pedia descanso, me açoutava. Veja estas feridas; doíam-me tanto! Quando caminho muito, botam sangue, que chegam a molhar os pés! E nem um dia me deixava ficar em casa para descansar! Recebia todo o dinheiro que me davam e quase não me dava de comer!

Inácio voltou-se encolerizado para a perversa que tanto lhe maltratara a filha, mas achou-se só; a retirante havia desaparecido. Quis segui-la, mas a filha conteve-o:

— Papai, não me deixe só, deixe ir aquela malvada.

— Então ela te castigava?

— Todos os dias!

— Miserável! Não se contentava em comer à custa da menina e ainda surrá-la sem motivo!

E os olhos de Inácio faiscaram de cólera.

— Irás viver de agora em diante junto de teu pai; ele viverá somente para ti, minha filha.

— Sim, papai, você não me deixará mais nunca, não é assim?

— Não, Maria, não te deixarei.

E Inácio da Paixão, tomando a filha pela mão, dirigiu-se para a casa de Manuel de Freitas.

Durante o trajeto não trocaram uma palavra. A menina porém ouvia, de quando em quando, um soluço que estrangulava a garganta do pai.

CAPÍTULO XXXIII

EDMUNDO DA SILVEIRA partiu com o Dr. Gervásio para o interior da província. As despedidas à noiva fê-las na véspera da viagem.

Carolina ficou chorosa.

Os dois amigos seguiram para a vila de Canindé, onde se deviam separar, indo Gervásio para a comarca e Edmundo à cidade de Natal, tirar as certidões para o casamento, e receber alguns bens, herança do seu tio padre.

Na manhã do quarto dia de viagem entraram na vila. Algumas ruas de casas de *taipa* e tijolo, mal alinhadas, faziam um perfeito contraste com um bonito templo edificado em uma pequena elevação do solo. A leste da igreja deprimia-se o terreno, formando quase uma espiral, marginada por grandes barreiras entre as quais no inverno corria o rio, mas agora o leito de areias estava completamente seco.

A igreja, cuja celebridade vem de longa data, é uma das mais ricas da província.

S. Francisco de Chagas é o orago. Recebe anualmente visitas de milhares de romeiros, que de todos os pontos do Ceará e até das províncias limítrofes, vão levar-lhe suas oferendas, tal é a fama de que goza. Muitos caminham, descalços, dezenas de léguas para Canindé, a fim de varrerem a igreja de S. Francisco. Outros vão até lá, para rodearem de joelhos a igreja três vezes. O povo acredita piamente na influência do bem-aventurado junto à divindade. Raro é o dia em que à igreja não chega um crente para se prostrar diante da imagem de S. Francisco das Chagas e entregar ao seu procurador dinheiro, cera branca, azeite doce, etc.

Além de tudo, como testemunhas do milagre, como atestado da graça a provocar a admiração das gerações futuras, deixam o favor, que receberem do santo, em toscas esculturas de madeira. E que verdadeiros milagres cobertos da poeira do tempo na sacristia da igreja! Desde a nojenta úlcera até o repugnante cancro vê esculpidos em

madeira ou cera. Fatos tão estupendos, como a ressurreição de Lázaro![65]

Gervásio conversava com Edmundo, atravessando as ruas; admiravam o templo em relação à pobreza da edificação particular. Iam pedir hospedagem, quando foram surpreendidos por um rumor longínquo que vinha do sul da vila. A bulha se aproximava. Já se percebia o som de muitas vozes.

Os viajantes pararam e, voltados para o sul, ficaram atentos. Não esperaram muito. Um séquito imenso apareceu ao longe. A vozeria era infernal. Os sons das palavras fundiam-se num só ruído que, confuso e surdo perdia-se no espaço, em pausadas ondulações.

A população da vida, avistando o séquito, se recolheu.

Gervásio e Edmundo ficaram sós na rua, em frente do grupo, que se aproximava. O que será aquilo, perguntava um ao outro, quando se abriu uma porta com que enfrentavam: apareceu um homem e disse-lhes fechando-se logo depois:

— Fujam! Os Calangros!

— Calangros, Edmundo?

— Sim, salteadores que atacam, roubam e matam.

— Não há mais tempo. Já nos viram.

— Morra o malvado! Morra o Punaré!

Estes gritos haviam-se destacado da vozeria e chegaram aos viajantes, que imóveis, firmes, esperavam a agressão.

O séquito tinha chegado ao centro da vila e parado à porta de uma casa das melhores, da rua.

— Não são salteadores, Gervásio. Vê que estão de pé e armados de cacetes. Os Calangros andam montados e debaixo do *cangaço*.[66] Vamos até lá?

— Vamos.

E partiram a galope para o lugar do ajuntamento.

Um grupo de mais de cem homens, descalços, vestidos de camisa e ceroula, com cacetes, cercavam um indivíduo de cor preta.

— Saia a autoridade! Saia a autoridade! gritavam à porta, que se conservava fechada.

Os viajantes apearam-se e romperam o ajuntamento até o centro. Estava ali a causa da reunião. Um homem bastante alto, musculoso, cor preta, de feia catadura, olhar feroz, tendo os braços amarrados,

---

[65] Decorrido mais de um século da época em que está situado o romance, o que R.T. descreve, com relação a Canindé, continua a registrar-se, malgrado a evolução dos costumes.

[66] Para o caso do emprego, no texto, preferimos a acepção dada por Euclides da Cunha, em *Os sertões*: "Complexo de armas que trazem consigo os malfeitores que infestam as estradas do interior."

vinha preso à presença da polícia. Perto dele o esqueleto de uma criança dentro de um cesto.

Gervásio dirigiu-se ao indivíduo que segurava as cordas do preso:

— Que fez este homem?

— Este malvado, senhor, esta fera matou um menino e comeu-o...

— Será possível?

— Estão naquele cesto os ossos; foi pegado como a onça na carniça!

O preso olhou o informante e rosnou como um cão de fila. Essa manifestação de ódio não passou despercebida.

— Bota água nas cordas, João, para a onça rosnar mais.

Um rapazito se aproximou do preso e molhou as cordas que lhe apertavam os braços. O preto olhou-o com uma ferocidade inaudita! Depois rangeu com tanta força os dentes que se partiram alguns, caindo-lhe das gengivas sobre o peito gotas de sangue! Gervásio compadeceu-se e falou:

— Por que o torturam, fazendo apertar mais as cordas?

— É pouco, senhor! Diz V. Sª porque não viu a mãe do menino correndo doida pelo mato, quando reconheceu a cabeça do filho, do único filho que tinha!...

As cordas haviam apertado tanto os braços do preso que quase tocaram o osso! Os antebraços e mãos estavam disformes pela inchação!

A indignação era geral, todos gritavam:

— Morra o Punaré! Morra o malvado!

Gervásio, temendo que em uma daquelas exasperações mais se exaltassem os ânimos e punissem o crime cometendo outro crime, aproximou-se da porta da autoridade policial, bateu e disse:

— O povo traz um criminoso para entregar à justiça.

Minutos depois, o delegado de polícia, receoso, abria a porta e conferenciava com Gervásio.

Preenchidas as formalidades da lei, o preso foi introduzido na sala das audiências e deu-se começo ao inquérito. Mandaram-no sentar, recusou-se; perguntaram-lhe o nome, não respondeu. De testa coberta de grossas rugas, olhos injetados e fitos na parede, parecia nada ver e nada ouvir. O povo exasperava-se com o atrevimento do criminoso, com a falta de respeito à justiça. A indignação crescia e talvez chegasse ao desespero, se Gervásio não procurasse demover o criminoso do propósito em que estava de não prestar homenagem à lei. Era tarefa dificílima domar aquela fera.

— O povo trá-lo à presença da justiça como um criminoso e no entanto o senhor pode ser um inocente. Acusam-no, e é preciso que se defenda. A lei só pune o culpado. Nós devemos respeito a ela. O senhor está na casa da justiça, deve obedecer-lhe; não lhe negamos

o direito de defesa e, para lhe mostrar que aqui a pessoa do acusado é inviolável, que não pode haver punição sem crime provado e sem a condenação da justiça, eu lhe restituo a liberdade.

E Gervásio cortou as cordas, que amarravam o preso.

O povo exasperou-se e vociferou:

— Fora o protetor da fera! O amigo do malvado! Morra o Punaré!

Gervásio havia assumido grande responsabilidade; o povo o ameaçava. Com grande presença de espírito lhe falou:

— Nada mais tendes com o preso, uma vez que está em poder da justiça.

E voltando-se para o delegado, disse:

— Cumpra a lei, o preso responderá o que lhe for perguntado.

Punaré fitava agora Gervásio surpreendido de tanta generosidade. Segundos antes, como a fera enraivecida e presa na jaula, estava disposto a ser morto pelo povo, e não dizer palavra sobre o crime. A coragem de Gervásio restituiu-lhe os meios de ação, quando todos o torturavam, despertou em seu espírito enfermo o sentimento de gratidão pelo doutor.

O povo investia para a sala das audiências, e o delegado, ainda aturdido com a idéia dos Calangros, deixava de conter a onda que já invadia todo o recinto.

Gervásio compreendeu a posição falsa da autoridade, e a bem da justiça decidiu-se a invadir-lhe as atribuições.

— Em nome da lei, como autoridade que sou por S. M. o Imperador, a quem Deus guarde, mando a todos que se retirem da sala das audiências, menos o preso e as testemunhas, sob pena de ser levado o procedimento dos que resistirem, à presença do Império, do nosso real senhor.

A sala esvaziou-se, mal Gervásio concluiu a alocução. Os que não tinham ouvido as palavras do doutor, gritavam na rua:

— Fora o homem da cidade! Fora o amigo do Punaré!

Mal chegou lá por fora a notícia de que Gervásio falava como autoridade, fez-se silêncio; apenas diziam em voz baixa uns para os outros:

— O homem é da lei! Traz ordens do Império!. . .

Gervásio teria sido vítima de um desacato se por aquele meio não contivesse a turba de ignorantes.

Começou o inquérito: o doutor, sentado ao lado do delegado, interrogou o preso:

— Qual o seu nome?

— Joaquim Manuel, conhecido por Punaré.

— De onde é natural?

— Da freguesia de Quixeramobim.

— Onde reside ou mora?
— Na Baixa da Areia.
— Há quanto tempo ali reside?
— Há muitos anos.
— Qual sua profissão ou modo de viver?
— Vivo de caçar.
— Aonde estava no tempo que se diz ter praticado o crime?
Punaré carregou os sobrolhos, lançou um olhar feroz para Gervásio e não respondeu.
— Responda! ordenou o doutor.
— Não sei.
— Tragam os ossos que foram encontrados.
Uma das testemunhas conduziu o esqueleto da criança, que foi colocado sobre a mesa.
Punaré fitou os olhos no chão.
— De quem são estes ossos? perguntou o doutor. Responda.
Punaré recusou-se. Gervásio mandou três vezes que respondesse, e, não sendo obedecido, levantou-se, levando a caveira, que colocou a poucos centímetros da barba do preso. Punaré desviou o rosto, e com a agilidade da onça deu um salto para a esquerda.
Gervásio voltou a seu lugar. Mal se tinha sentado notou que o povo abria caminho a uma mulher, dizendo:
— A mãe do menino!!
Entrou na sala das audiências uma mulher alta, morena, olhar desvairado, semblante taciturno, esfarrapada e caminhando a passo lento. Olharam todos para ela, menos o preso.
Era a infeliz mãe da vítima. Gervásio perguntou-lhe o que queria; não respondeu. Olhou a todos e se dirigiu para Punaré. O negro perturbou-se, alteraram-se-lhe mais os traços da fisionomia, a cor preta tornou-se fulva. A mulher chegou o rosto bem junto da barba do preso e, depois de tê-lo olhado alguns segundos, soltou uma gargalhada aguda, que retumbou em toda a sala, afastou-se depois para um canto e sentou-se no chão. Punaré, com a fisionomia visivelmente transtornada, tremia de assombro. Gervásio aproveitou o incidente e continuou o interrogatório:
— Onde estava no tempo em que se diz ter cometido o crime?
— Em São Serafim.
— Conhece as testemunhas que vão depor? Desde quando?
— Conheço a todas e de pouco tempo.
— Como se deu o fato de que é acusado?
— Eu fui à casa de Maria Ligeira em dias do mês passado e ela me pediu para levar à caça em minha companhia o filho José, o qual saiu comigo para o rio Curu; voltando, cheguei a São Serafim, onde resolvi logo matar o menino, o que realmente fiz no dia seguinte à

tarde, descarregando-lhe uma cacetada na cabeça. Depois de bem morto *consertei* e pelei no fogo o corpo, depois assei-o todo por não ter sal e comi-o com mel de abelhas, por espaço de três dias.

— E o lugar de São Serafim tem caça e mel, e fica distante de casas?

— Tem caça, mel, e fica a uma e meia légua duma fazenda onde há muita criação de ovelhas.

— Por que não lançou mão de outros meios para evitar o crime?

— Vi-me vexado da fome que não permitia outros meios.

— Por que motivo, tendo saciado a fome, continuou a comer carne humana, por espaço de três dias?

— Não sei.

— Em que estado se achava a criança quando a matou?

— Estava farta por ter trazido de casa alguma comida.

— Para onde foi, depois que matou o menino?

— Para a casa de minha mãe, na Baixa da Areia.

— Alguma pessoa mais foi cúmplice no crime?

— Ninguém.

— E não tem remorsos de um tão grande crime?

— Não, senhor.

Terminado o interrogatório, Gervásio conduziu o réu à cadeia pública. O dia estava bastante alto, quando o doutor concluiu a tarefa. Hospedou-se com Edmundo em casa do juiz de direito até a manhã seguinte, quando seguiriam, ele para a comarca e seu amigo para a cidade de * * *.

Pela madrugada Gervásio despediu-se de Silveira e cada qual tomou seu caminho.

Edmundo, apenas caminhou uma légua, sentiu-se doente. Uma cefalalgia intensa obrigou-o a apear. A marcha do cavalo, embora moderada, o incomodava. Tinha febre e uma repugnância invencível ao vento. Sentia calefrios, quando o alcançava uma corrente de ar mais forte. Os membros inferiores doíam-lhe como se tivesse feito uma marcha forçada de léguas! Experimentava na coluna vertebral uma sensação de cansaço aflitiva. Estava a uma légua da vila e não se sentia com forças de voltar. Recostado ao tronco de uma árvore à margem da estrada, esperava algum viandante que o socorresse. O dia crescia e ninguém passava no caminho. Edmundo se inquietava com o seu estado. Resolveu voltar à vila, e, se aproximando do cavalo, tentou montar, mas embalde! O menor esforço exacerbava-lhe a cefalalgia, a ponto de parecer que lhe estalava o cérebro. Desalentado, voltou ao mesmo lugar e à mesma posição. Minutos depois, estava completamente adormecido, aos raios quentes do sol.

Assim passou à beira do caminho o resto do dia e a noite inteira.

Pela manhã, alguns retirantes passaram, chamaram-no e, como não despertasse, seguiram e disseram na vila que na margem da estrada estava um homem morto ou muito doente. Pelos sinais desconfiaram ser o companheiro do Dr. Gervásio.

O delegado de polícia dirigiu-se ao lugar, e Edmundo foi transportado para a casa do juiz de direito. Estava gravemente doente, pouco falava, parecia indiferente a tudo.

A doença prolongou-se, a febre sempre intensa, e apenas, para debelá-la, o recurso único das doses homeopáticas aplicadas pelo vigário da freguesia, bom padre, mas péssimo médico.

A natureza, e só a natureza, a lutar com a moléstia! Nem um medicamento, a auxiliá-la!

Os desarranjos gástricos se acentuavam mais, e uma diarréia rebelde os acompanhava. No tronco algumas manchas ovais cor-de-rosa, mas que desapareciam quando eram comprimidas. As mucosas nasais, em uma epistaxe constante, pouco repouso permitiam ao doente.

Na manhã do vigésimo primeiro dia de doença, Edmundo tinha o ventre timpânico, a língua completamente seca e os lábios fuliginosos. As feições profundamente alteradas e de uma cor lívida indicavam perigo iminente. A bronquite, o delírio, o soluço, eram o cortejo terrível da febre tifóide, que seguia a marcha fatal. Era a crise vinte e um dias! O vigário não abandonava o doente. Lia noite e dia um médico homeopata, e procurava dar as doses indicadas, embora sem diagnóstico.

O doente tinha febre; ele ignorava que febre é efeito e não causa, e dava acônito, alternando com outros medicamentos. Para ele toda a febre curava-se com acônito e briônia.

Edmundo estava mais para a morte do que para a vida. Às duas horas da tarde, começou a se manifestar a carfologia. O doente não parava com as mãos um segundo. Ora parecia apanhar moscas, outras vezes desfiar um novelo de linha. Algumas horas levou nesse constante desassossego e a delirar sempre! Às oito horas da noite, uma convulsão distendeu-lhe todos os músculos, contraiu-os depois, dando ao corpo a forma de um arco, que tivesse as extremidades sobre um plano.

Julgaram a convulsão da morte, e o vigário, com todos os aparatos fúnebres, chegou-se ao enfermo para *ajudá-lo a bem morrer.* O ataque durou minutos, findos os quais voltou o corpo à posição natural; cessou o delírio e o crocidismo; abriu os olhos, pediu água, que bebeu com avidez, e adormeceu profundamente. Entrava o enfermo em convalescença; a crise passara, somente a natureza batera a moléstia. Curara-se à revelia da medicina.

CAPÍTULO XXXIV

EM CASA DE MANUEL DE FREITAS conversava o coronel com o padre Clemente.

— Pretendo mudar-me, senhor padre.

— Por quê? Algum desgosto com os vizinhos?!

— Não, senhor. Recebi uma quantia que me deviam e, desde que posso alugar uma casa, não devo continuar a utilizar-me desta, quando muitas famílias vivem por aí desabrigadas.

— É louvável o seu procedimento, coronel.

— De hoje a quatro dias, irei entregar-lhe a chave e agradecer os grandes favores que nos há feito.

— Sempre à sua disposição.

— Comunico-lhe que Carolina foi pedida em casamento pelo Sr. Edmundo da Silveira, hoje empregado na secretaria do governo. As núpcias serão em março próximo, e desejava que fossem celebradas por V. Rev.^{ma}.

— Desejava ter recursos para oferecer à sua filha o enxoval do casamento; em falta, reservo para mim, a honra de casá-la.

— Obrigado, senhor padre Clemente.

— As certidões estão prontas?

— Edmundo foi ao sertão e as trará.

— Ao sertão?

— Deus seja com ele.

O padre despediu-se do coronel e foi para os abarracamentos. Nem um dia faltava àquela piedosa tarefa.

Inácio da Paixão veio com a filha morar em casa de Freitas.

Josefa recebeu Maria como se fosse sua filha. À criança não faltavam cuidados e desvelos, mas tudo isso apenas lhe minorava os sofrimentos. As úlceras atônicas, e algumas de grandes dimensões, cobriam os membros inferiores. Os lábios lívidos, as faces de uma cor terrosa provavam a pobreza de sangue.

Inácio da Paixão receando perder a filha, chamou um médico, que lhe prescreveu uma medicação tônica e reconstituinte, a par de uma alimentação apropriada a levantar as forças da doente. Entretanto aquele estado continuava, a atonia progredia, a enferma definhava cada vez mais! O estômago e intestinos, numa fadiga mórbida, rejeitavam os alimentos mais digestíveis. As úlceras, longe de cicatrizarem, se abriam mais, eram de um lívido azulado, em vez de pus exsudavam uma serosidade viscosa, uma espécie de salmoura fétida.

Maria estava profundamente anêmica. Mesmo em repouso a vida era aflitiva. Cansava na posição mais cômoda, na mais completa quietação. O sangue havia perdido a densidade e daí os desarranjos

penosos na circulação. A dispnéia a afligia. A hematose era incompleta e a vida por isso mesmo era um fardo pesado. O tédio, o desgosto, de tudo faziam a pequena enferma pedir o termo da vida, que começava. Uma manhã, Maria disse ao pai que queria morrer. Inácio consolou-a prometendo-lhe saúde.

A enferma caminhava para a morte, que se anunciava pelo resfriamento dos membros inferiores. O pai, desalentado, não deixou mais o leito da filha. À tarde, Maria pediu que lhe dessem água. Deram-lha, mas não pôde mais beber. Beijou as mãos do pai e morreu.

Inácio da Paixão chorava sem consolo à beira do leito da filha, à borda do túmulo que se abria para receber o seu derradeiro amor.

Chegava a hora das saudades, o pôr-do-sol. As dores de Inácio aumentaram as tristezas da ave-maria, e soluçava cada vez mais. Era o remorso que ficava, depois do desaparecimento da última afeição da terra. Era a angústia que lhe esmagava o coração numa tribulação infrene!

À noite, depois de acesas as velas mortuárias, Inácio pediu aos parentes que fossem descansar, que guardaria o corpo da filha.

Sentado ao lado do cadáver, com o olhar fito nas velas, que ardiam, o infeliz cavava o passado, cada vez mais horrorizado de si. Já tinha passado mais de dois terços da noite, nem um pensamento tivera que não fosse mau, nem uma idéia que não fosse um desalento! Era preciso um castigo à sua falta — o abandono da família.

Pensava nos erros do passado, quando Filipa entrou com passo firme e cadenciado. Colocou-se em frente de Inácio, tendo de permeio a morta. Levou de pé, imóvel, mais de duas horas, depois olhou para Inácio e perguntou:

— Quem é?

— Maria, minha filha.

— Morta a sua, e a minha vendida!... A jangada!... O mar!... Foge!...

Filipa havia tido um momento lúcido, um raio de luz da razão cintilou por um instante na escuridão da enfermidade mental. E depois tudo voltou à inconsciência.

As palavras de Filipa abriram na mente de Inácio um caminho a seguir. Queria um castigo a seu crime, e seria o resgate de Bernardina, que lhe custaria, além do dinheiro, os sacrifícios de uma viagem longa e penosa.

Ao alvorecer do dia, Filipa estava ainda de pé no mesmo lugar, e Inácio cada vez mais triste e acabrunhado.

Freitas veio ter com o primo e disse-lhe que ia procurar o padre Clemente para fazer o enterro, e saiu.

O coronel encontrou o sacerdote já de pé e disposto a continuar a tarefa de seu ministério.

Estava pálido e trêmulo. O jejum do dia anterior havia sido quase absoluto! Apenas tomara a hóstia e o vinho do sacrifício! Não recebera a espórtula da missa.

Freitas estava admirado da pobreza do padre. Era a primeira vez que ia à casa de Clemente. Comunicou-lhe a morte de Maria e pediu-lhe que se encarregasse do enterro. O padre prometeu procurá-lo, logo que voltasse da igreja.

O coronel voltou à casa. Inácio continuava inconsolável.

Clemente, fiel à sua promessa, tratou do enterramento de Maria e Inácio e Freitas acompanharam o cadáver ao cemitério de São João Batista.

Às dez horas da manhã estava tudo consumado. Inácio quis remunerar os serviços do padre, mas este recusou a espórtula.

Clemente seguiu para o abarracamento; o coronel e Inácio voltaram à casa.

Inácio isolou-se no seu quarto. Cavava o passado, e agora mais que nunca a consciência clamava contra seus erros. Tudo o acusava e por cúmulo de angústia aparecia mais uma vítima; era Manuel da Paciência. Até então não se tinha lembrado dele; a esposa, os filhos o absorviam todo! Inácio estava desalentado. Como reparar o mal causado ao servo, caso fosse escravo no sul? Era já noite e aquele desgraçado não repousara um segundo! De angústia em angústia via o tempo passar vagarosamente, contando os minutos por milhares de idéias tristes e desoladoras.

O padre avaliou bem os sofrimentos de Inácio pelos traços que lhe haviam ficado na fisionomia.

Com o fim de consolá-lo, procurou-o. Freitas acompanhou-o ao quarto do primo:

— O senhor padre Clemente vem visitá-lo, Inácio, disse o coronel retirando-se.

— Seja bem-vindo, senhor padre, disse Inácio oferecendo uma cadeira ao sacerdote.

— Vim procurá-lo, meu filho, porque compreendi o seu pesar. Nas grandes dores precisamos de conforto, de ter quem nos ajude a triunfar das tribulações do espírito. São os parentes os amigos preferidos nessas ocasiões. Como sou irmão de Cristo, vim procurá-lo, ao menos para ser seu companheiro nas primeiras horas atribuladas de sua dor.

— Ah! senhor padre Clemente! Eu não merecia de Deus tão grande favor! A sua misericórdia é infinita e se assim não fosse não enviaria Ele um justo para consolar-me. Há mais de dois anos, me perdi. Durante todo esse tempo, nem um momento de sossego tive.

Eu fui o causador de todos os meus males. O vício me fez criminoso. Na minha adversidade, longe dos meus, não os esqueci.

Inácio interrompeu a narração, e chorou alguns minutos; depois continuou:

— A sorte favoreceu-me e voltei à província. Andei de palhoça em palhoça, de abarracamento em abarracamento, procurando a família, e sem encontrá-la. Um dia, voltava dos abarracamentos, quando encontrei a criança a quem V. Rev.^{ma} deu sepultura. Era a minha filha mais velha, que, cega, pedia esmolas pelas ruas. Perguntei-lhe pela mãe, pelos irmãos. Tinham morrido das bexigas. Ela havia ficado para meu consolo.

— Ela foi viver a vida eterna dos bem-aventurados. Deus quis que passasse por mais esta provação; deve-se submeter aos seus altos juízos.

— O tempo acabará com a minha dor, mas, o remorso? Ficará, senhor padre. Uma das minhas vítimas era um meu servo, fiel, e eu o vendi, enganando-o, como meu escravo. Os danos que causei a esse honrado velho, abusando de sua confiança, poderei repará-los algum dia? Ainda a noite passada, quando guardava o corpo de minha filha, a louca Filipa aproximou-se de mim e perguntou-me de quem era o cadáver; respondi-lhe, e então disse-me: "Sua filha morta e a minha vendida!" Diga-me, senhor padre Clemente, se eu poderei ter mais paz neste mundo!

— Não se considere perdido, meu filho; Deus perdoa sempre que nos arrependemos. E fora incompatível com sua misericórdia negar o perdão ao arrependido. O homem é susceptível de regeneração, e se assim não fosse, muito pequeno seria o número dos virtuosos. Todos nós caímos e ainda caem mais os que se julgam perfeitos. Pode-se reabilitar perante Deus e a sociedade dos bons. Nunca se julgue forte, considere-se sempre fraco, evite quanto possível as ocasiões, temendo a sua fraqueza, e se não quiser cair, nunca ponha em prova a sua virtude. Peça a Deus perdão das faltas que cometeu contra sua mulher e filhos; procure restituir a liberdade a seu servo, a quem pedirá absolvição do crime que cometeu contra a sua liberdade. Não se envergonhe de prostrar-se aos pés do seu criado, uma vez que o tenha ofendido.

— Ah! senhor padre, como é bom o conselho de um justo! Há pouco tempo, só havia para mim o desespero. As suas palavras, senhor padre Clemente, me deram alívio e esperança. Cumprirei religiosamente o que me acaba de aconselhar. Partirei no primeiro paquete para o sul, e tenho fé em Deus que saldarei as minhas dívidas.

Inácio levantou-se e, comovido, beijou a mão do padre.

— Adeus, meu filho, Deus o acompanhe.

EPÍLOGO

CAPÍTULO I

COMEÇAVA O ANO DE 1880 e nascia uma esperança, que o povo cearense, acossado pela seca, procurava alentar.

O governo continuava a socorrer os famintos, mais pela magnanimidade do Imperador do que em observância à lei constitucional do Império.

O espírito público se impressionara com a continuação da calamidade e nas altas regiões oficiais a desconfiança era tal, e a falta de patriotismo dos representantes da província tão grande que um ministro da coroa, por abuso de mando, chegou a suspender por decreto os socorros públicos!

Os retirantes, alegres, se preparavam para voltar ao sertão.

A floresta tocada de morte, os rios sem uma gota d'água, e entretanto acreditavam estar muito próxima a vinda do inverno.

Não se iludiram! O dia 14 de março veio realizar os seus pressentimentos. Logo ao amanhecer, o trovão ribombou no espaço e chuva copiosa lavou a terra! Os alísios emudeceram e o norte impelia as nuvens para o sul.[67]

Seria uma ilusão que se transformaria em breve numa realidade crudelíssima, ou a paz que se anunciava às vítimas do flagelo, trazendo o benfazejo inverno, o fertilizador dos campos?

Nos abarracamentos, que alegria nos famintos! Humilhados pela ração, insultados por alguns grandes do país, olham fortalecidos e esperançosos para a nova época que surge, e longe de ficar, como

---

[67] *Alísios* e *norte* são ventos que se alternam, no litoral cearense, sendo os segundos, conforme a tradição, os que asseguram chuvas constantes de inverno.

tinham agoirado alguns senadores levianos, em pleno parlamento, feito cães de monturo, comendo *migalhas de carne-seca podre e farinha derrancada*, partem felizes, porque os espera a independência do trabalho.

O contentamento havia chegado também à tenda de Freitas. O coronel ouvia contente salvar o festival dos elementos, a artilharia do espaço. Queria também voltar, mas Edmundo não chegava! Nem uma notícia sua em mais de dois meses!

Carolina definhava todos os dias. A idéia de uma desgraça não a deixava. Tinham-se mudado da casa oferecida pelo padre Clemente e moravam à Rua Formosa.[68] Freitas sentiu-se forte. A atonia da dependência havia desaparecido. Olhava para os dias idos, como o convalescente para o tempo em que gemeu no leito da doença. Voltava-lhe a energia de outrora.

O inverno continuava copioso, das praias ao sertão.

Freitas, embevecido, passava contemplando horas inteiras as saudosas tristezas do espaço coberto de nuvens pardacentas, os cúmulos acastelados no horizonte, como fortalezas de cobre.

O dia fatal tinha chegado; era o dia 19 de março! Para mais fortalecer a crença dos retirantes, foi de completo inverno. A chuva foi uma só, de manhã à noite; as nuvens carregadas de eletricidade escoaram-se no espaço sobre toda a província!

Era uma fartura para Freitas continuar em Fortaleza. Todos os dias via passar os companheiros para o sertão e ele ficar! Uma manhã, saiu a passeio e ouviu ler nos jornais do dia as notícias chegadas do interior. Eram por demais lisonjeiras; os campos verdes, os rios cheios, as lagoas e açudes a vazar e, em breve, a abastança por toda a parte. Não se conteve mais. Voltou à casa e comunicou a Josefa o seu plano de viagem que se efetuaria no dia seguinte. Sua mulher fez-lhe ver a necessidade de esperarem a volta de Edmundo, mas isso não o demoveu de seu propósito. Seguiriam pela estrada de ferro de Baturité até Canoa, estação terminal e inaugurada, havia seis dias.

Ao amanhecer, quando Freitas e a família saíam para tomar o trem, encontraram Edmundo, que chegara, havia instantes. Estava forte e robusto.

Adiaram a viagem. Edmundo contou o perigo em que estivera e a resolução de voltar de Canindé, temendo o regresso de Freitas. O dia 30 de março foi marcado para a realização do casamento, e o coronel, com o noivo procuraram a casa do padre Clemente. O sacerdote estava na igreja; tinha ido celebrar. Constantino os recebeu com respeito.

---

[68] A antiga Rua Formosa é a, hoje, Barão do Rio Branco.

Freitas não cessava de admirar a pobreza da habitação. Entre os objetos que estavam na sala, não havia um que não fosse paupérrimo! Acostumado a freqüentar os vigários do sertão, amadores dos gozos da vida, o coronel não compreendia como Clemente se sujeitava voluntariamente a viver assim. Não sabia a vida do padre; conheceu-o em horas angustiosas e dele só tinha ouvido até então conselhos e consolações. Era a segunda vez que visitava o sacerdote e agora, mais detidamente, observava tudo.

Freitas não pôde dominar a sua curiosidade e interrogou Constantino, que discretamente guardava distância:

— Perdoe a indiscrição, meu velho. É por economia que o padre Clemente goza tão pouco dos bens da vida?

— Ele nada possui, senhor. Herdou fortuna e nunca teve mais que os gozos desta pobreza. Repartiu com os necessitados o que tinha; eles foram os legítimos herdeiros dos bens que lhe deixaram os pais. Sempre viveu como vive, das espórtulas dos fiéis e destas mesmas, senhor, quantos dias mal chegam para comermos uma vez!... São distribuídos também com os desvalidos.

O padre entrou e Constantino calou-se.

Freitas e Edmundo estavam surpreendidos de tanta virtude. Foram ao encontro de Clemente, e o coronel, por uma dessas emoções que não se podem dominar, tomou a mão do padre e beijou-a com toda a veneração.

— Bom dia, coronel!... Sr. Edmundo!

E abraçou o noivo.

— Mais um favor, senhor padre: quero realizar o casamento de Carolina no dia 30, e venho pedir-lhe o seu valioso auxílio.

— Os meus fracos serviços estão à sua disposição, coronel.

— Adoeci em caminho e não pude continuar a viagem, e daí a falta das certidões de idade.

— A câmara eclesiástica aceita justificações, disse Clemente.

— Vamos dá-las, então, e a V. Rev.ma comunicaremos o resultado, disse Freitas.

— Amanhã os acompanharei à secretaria do bispado.

Freitas e Edmundo, agradecidos, se despediram de Clemente, e saíram.

CAPÍTULO II

ERA O DIA DAS NÚPCIAS. Às 7 horas da manhã a fortaleza de Nossa Senhora de Assunção anunciava com um tiro de peça a chegada do

paquete do sul e, uma hora depois, os passageiros desembarcavam em jangadas que, com as velas latinas enfunadas, corriam ligeiras com todos os ventos.

Entre os passageiros vinham Inácio da Paixão acompanhado de uma rapariga de cor preta. Era Bernardina, a filha de Filipa.

Chegando à terra, Inácio dirigiu-se à casa de Clemente.

O padre, havia pouco tempo, voltara da igreja.

— Sr. Inácio!

— Senhor padre Clemente!

E abraçaram-se.

— As minhas dívidas estão quase todas pagas. Foi-me difícil seguir os conselhos de V. Rev.^{ma}. A primeira dificuldade foi saber quem na corte era o correspondente de Prisco da Trindade. Era preciso ir ter com ele, mas como, se eu havia cometido em sua casa um crime? Para a realização de meu plano era preciso conferenciar com o comendador. Resolvi arriscar a liberdade; disfarcei-me quanto pude e apresentei-me em seu palacete. Achei-o mais velho, mais rico e mais desgraçado. Sua mulher estava sofrendo do *flato*. Mudei de nome e pedi que me desse ordem de duzentos mil-réis para a corte. Dei o dinheiro e recebi letra contra Taveira, Cunha & Cia. Não me conheceu. Seria fácil descobrir os escravos. Embarquei para a corte, dizendo a Manuel de Freitas que ia viajar. Chegando à praça do Rio de Janeiro, fui ter com os negociantes, e, antes de receber o dinheiro, indaguei do paradeiro de Bernardina; consultaram o registro e me disseram ser escrava em uma fazenda de Campinas. Por Manuel da Paciência não foi preciso perguntar, me contaram o logro que havia sofrido o comendador. Criei coragem. Pedi que me informassem sobre o escravo Sebastião, o doente; queria saber a quem deveria indenizar. Examinados os livros, Sebastião estava também em São Paulo e fora vendido por um conto e oitocentos mil-réis. A moléstia havia sido somente para depreciar a *mercadoria*. Parti para Campinas e fui ter à fazenda onde Bernardina era escrava. Ah! senhor padre, apertou-se-me o coração diante do que vi! Era horrível! Escravos e escravas somente de tanga, no trabalho, vigiados por um feitor, e, por qualquer parada, dava-lhes chicotadas, lembrando-lhes assim que não tinham o direito de parar! E os desgraçados nem uma palavra, nem uma queixa, temendo a gargalheira, o tronco, o carro! Pedi uma conferência ao fazendeiro e fui levado à sua presença. Recebeu-me mal. Moço formado, porém tolo e presumido, filho de pais ricos e soberbos, acredita que sendo doutor, valha mais do que os outros. Nem me mandou sentar. Disse-lhe a que ia, e entramos em negociação. Atendeu-me melhor, depois que viu que, além de um conto e quinhentos mil-réis que lhe dei pela carta de liberdade de Bernardina, me ficavam ainda algumas cédulas: fez-me sentar, mostrou-me

os dentes e ofereceu-me hospedagem. Recusei o agasalho em seu palacete; voltei com a liberta à corte e daí à Fortaleza. Eis, senhor padre Clemente, o que se passou comigo no sul.

— Fez o seu dever, meu filho.

— Vou à casa de Freitas.

— Hoje, casa-se Edmundo com Carolina.

— A que horas, senhor padre?

— Às cinco da tarde, na igreja do Rosário.

— Então permita que fique em sua casa até aquela hora. Quero-lhes fazer a surpresa, depois do casamento.

— A casa é sua, meu filho. Esteja à vontade; eu vou aos abarracamentos.

E Clemente saiu. Era o dia de núpcias. Em casa de Freitas, os preparativos do casamento tudo absorviam. Carolina sentia em si um misto de prazer e tristeza; entregava-se a mil pensamentos. Filipa, taciturna, passava por todos sem vê-los, ouvia-os e não os entendia.

À hora marcada, Edmundo, acompanhado das testemunhas, se dirigiu à casa de Freitas. Esperava-o já a noiva, sentada ao lado dos pais na sala de visitas. Carolina estava mais formosa. Trajava um vestido de cambraia branca, fina, transparente, simples, mas bem-acabado. Emoldurava-lhe o rosto oval o véu e cingia-lhe a fronte a grinalda de flores de laranjeira por sobre o sombreado do véu nos cabelos louros que haviam crescido um pouco.

Edmundo apertou a mão da noiva; e o préstito se dirigiu para a igreja.

O padre Clemente, minutos depois, dava a bênção nupcial ao par e os acompanhava.

Inácio da Paixão assistiu, sem ser visto, ao casamento. Logo que supôs os noivos em casa, se dirigiu com Bernardina à residência do coronel. Os noivos estavam sentados, conforme o uso, tendo o padre Clemente à direita e as testemunhas à esquerda. Inácio entrou com Bernardina e se dirigiu aos noivos. A liberta beijou a mão de Carolina, que a abraçou, e choraram juntas.

Freitas e Josefa saudaram Inácio e indagaram como ele fizera aquela ressurreição.

— Libertei-a, e venho restituí-la à mãe.

Filipa estava sentada no pequeno corredor. Inácio foi ter com ela e trouxe-a à sala. Era geral o silêncio. Todos fitavam a louca e esperavam. Inácio deixou-a de pé, no centro da sala e disse a Bernardina:

— Tua mãe!...

A rapariga correu para ela e abraçou-a chorando.

Filipa olhou-a e disse:

— O mar!... a jangada!... foge!... o homem!...

— Que? minha mãe, não me conhece? Bernardina, sua filha.

Filipa aproximou-se do rosto da filha, examinou-lhe as feições, murmurando palavras imperceptíveis, arregalou depois quanto pôde os olhos, como se assim pudesse acordar a consciência, que a noite da loucura adormecera. Faz-se luz da razão naquele cérebro escuro, reconhece a filha e exclama:

— Minha filha!... Ah! Deus misericordioso e justo!

Um abraço longo estreitou aqueles corações que a lei bárbara dos homens havia separado e torturado tanto. Todos estavam comovidos. Filipa ainda meio aturdida olha tudo que a cerca e reconhece seus antigos senhores. Fitou Josefa, de quem se aproximou, e beijou a mão. Abraçaram-se e choraram juntas. A Freitas, Filipa tomou a bênção, estendendo-lhe a mão, mas o sertanejo comovido, abraçou-a.

Às seis horas da manhã deviam tomar o trem de Baturité, para o interior.

Freitas, chegara à Fortaleza com mulher e cinco filhos, e voltava apenas com Josefa, Inácio da Paixão, Filipa e Bernardina.

Na estação soava a derradeira chamada; abraçaram-se amigos e parentes, e o padre, Clemente, dirigindo-se aos que iam, disse-lhes:

— Em homenagem a Deus, aos favores dele recebidos, meus filhos, quando chegardes à vossa terra, se tiverdes inimigos, procurai-os, aos infelizes protegei, e Deus será convosco. Adeus...

A sineta deu o sinal de partida, a locomotiva silvou. Um jato de vapor branco vomitou a válvula e se espiralou no espaço; esticaram-se as manilhas, mordendo os pinos, gemeram os pára-choques, moveram-se as rodas, e a máquina, arquejando, foi-se movendo devagar, depois mais depressa, e lá se foi, arrastando o comboio, em rumo do sertão.

VIOLAÇÃO

Bibliotheca da Padaria Espiritual.

RODOLPHO THEOPHILO

Violação



MILITÃO BIVAR, Editor
Typ. "Minerva" de Assis
Bezerra
Ceará — Fortaleza

1898

CAPÍTULO I

A TRISTE CENA DE BRUTEZA HUMANA que vou narrar passou-se em 1862, na epidemia do cólera-morbo, em uma das vilas do litoral do Ceará.

Eu era bem criança; tinha apenas nove anos, mas conservo estereotipado em mim tudo que vi daquela medonha peste.

Meu pai era o único médico do lugar quando se deu a invasão do mal. Havia meses que o flagelo devastara os sertões da província, e de lá vinham as mais desoladoras notícias. Tudo estava se acabando no interior, morria-se em poucas horas, dizia a nova popular em seu costumado exagero, e assim se espalhava de tenda em tenda, deixando em sua passagem o gérmen do desconforto a desenvolver-se e a crescer!. . .

O espírito das populações marinhas cada vez mais se abatia com os horrores que se contavam da peste. Não se guardavam as devidas reservas sobre o progresso e intensidade da epidemia. Os poderes públicos, não compreendendo a influência perniciosa de semelhantes novas, as divulgavam abatendo assim mais o ânimo dos que iam gozando as imunidades do contágio.

Era a primeira vez que o mortífero filho do Ganges nos visitava; que a legião desses infinitamente pequenos deixava a sua terra, para vir empestar a nossa tenda.

O pânico era geral; numa mortificante tensão de espírito, como a do condenado que espera no oratório que venham buscá-lo para o patíbulo, aguardávamos a visita da peste.

A posição topográfica da localidade, longe de nos dar uma certa imunidade, pelo contrário, favorecia a procriação dos micróbios do mal, pois que a vila estava edificada num estreito vale, cercada de

montanhas. O vento que é o veículo do cólera, o deixaria ali, e o bacilo da peste se desenvolveria e mataria à vontade.

E todos nós nos preparávamos, não para resistir ao inimigo, pois não tinha armas a nossa ignorância, mas para morrer. Não se tardaria ouvir o gemido do primeiro pesteado.

Foi em dias de janeiro que soubemos estar o inimigo a menos de dez léguas. O pânico foi geral e indescritível.

A população espavorida valeu-se do derradeiro recurso dos abandonados, e todos os dias lá ia em grande romagem à pequena matriz, pedir a Deus que a livrasse da peste. Lembro-me ainda, sentindo um frêmito nos nervos, daquele vozear de náufragos a implorar a misericórdia do céu. Rezavam, em vez de estabelecerem rigorosos cordões sanitários.

Algumas famílias abastadas fugiram para a capital, que se conservava em boas condições sanitárias. Nós também podíamos nos ter retirado, mas o dever prendia meu pai à localidade ameaçada, e ficamos.

O cólera chegou, mas sem pródromos, sem casos isolados, atacando centenas de pessoas. A confusão foi então horrível, e o pânico tudo avassalou. A população inteira desvairou-se, como um bando de aves bravas que fosse alcançado à noite no quieto pouso pela ofuscação do facho de astuto caçador.

A vila contava cinco mil almas, e entre tanta gente não havia um espírito que não estivesse sucumbido. As qualidades afetivas mesmo, se não haviam perecido neles, pelo menos o terror do contágio as tinha anestesiado.

Os enfermos foram abandonados, não só na choupana do desvalido, como na casa do abastado. Ao primeiro brado de alarma todos fugiram espavoridos.

Evitavam os primeiros pesteados pensando livrarem-se do mal, mas se iludiam e eram atacados mesmo longe deles, porque todo o ambiente estava viciado; em cada molécula do ar havia um átomo da peste.

Serenado um pouco o estonteamento que lhes fechava o coração aos mais ternos afetos da vida, voltaram ao lar, e muitos o encontraram vazio!. . . Nessa crise de assombramento, de alucinação, foram grandes as angústias da população flagelada. Para mitigar-lhes as agruras do infortúnio não tinham eles uma carícia, a consolação de uma ternura. A paz da existência os havia abandonado na hora angustiada daquele transe.

A peste tinha nivelado todos e embotado a sensibilidade até no coração amorável das mães!. . . Pelos tormentosos dias de nosso lar eu avaliava as aflições que iam por toda a vila.

Meu pai, falho de conhecimentos sobre a patogenia do cólera, quase nada podia fazer em favor dos pesteados. Preso pelo dever à cabeceira dos enfermos, trabalhava dia e noite; e se não lhes dava a saúde ao menos lhes restituía as esperanças perdidas, levando-lhes o doce alento de uma consolação.

Poucos dias, entretanto, durou a imunidade do médico e o conforto que sentiam os doentes com a presença dele. Caiu ferido, mas ferido mortalmente. Havia chegado também para nós o dia das tribulações e pagávamos à peste nosso tributo. Em um mesmo dia todos de nossa casa foram acometidos da doença, à exceção de minha pessoa. Uma legião de micróbios invadiu a nossa morada, e horas depois todos estavam derribados.

Embora a minha idade, teve o meu espírito uma noção nítida do perigo em que estávamos. Senti um desalento que me abateu todo, que me prostrou, consumindo toda a minha energia.

Meu pai, pressentindo o meu abatimento, exortou a minha coragem e, aproveitando-se da influência que seu espírito tinha sobre o meu, insinuou-me a idéia do dever. Só por um milagre de sugestão pôde o meu caráter, que ainda se estava formando, submeter-se sem revolta, e aceitar as idéias aconselhadas.

Havia em casa dez doentes, e eu era o enfermeiro de todos, o criado dos próprios criados.

A minha luta foi tremenda, e hoje é que compreendo quanto ela foi heróica.

Não foi a remoção das dejeções, dos vômitos, a limpeza dos aposentos e dos leitos, o serviço da cozinha o que mais me desalentou durante esse período de provações, porém o enterramento de minha irmã.

A pequenina havia nascido vigorosa, mas pesteada. Meu pai, na impossibilidade de ir ao quarto de minha mãe, pediu-me que lhe levasse a recém-nascida. Minhas mãos, pouco afeitas a tão delicado fardo de arminho, o conduziram com grande cuidado e carícias. Meu pai fitou a pequenina criatura e voltou o rosto para que eu não visse as lágrimas que lhe assomaram aos olhos. Chorava com a certeza de que não a veria mais, porque ela ia morrer, e mal sabia ele que de todos nós seria a única feliz, porque se acabava sem conhecer a morte, sem a mínima noção da vida.

Entregou-me a pequenina, que conduzi; e ele a acompanhou com a vista, dizendo-lhe com toda a ternura de seu olhar de pai, o último, o derradeiro adeus, até que me encobri no corredor.

Vinte e quatro horas somente esteve neste mundo a criança a quem um vizinho que a veio batizar chamou de Maria.

A moléstia havia desfeito, em sua curta duração, todos os músculos do pequeno ser. Havia apenas no berço um esqueletinho vestido de

pele, cor de cera branca, com os olhos abertos, num olhar morto de estátua.

Meu pai, sabendo do óbito, ordenou-me que conduzisse o cadáver ao cemitério. Aquela ordem traspassou-me todo. Onde encontraria coragem para carregar um defunto, eu, que tinha medo das almas, mesmo das almas dos meninos!... Chorando, fiz-lhe ver a minha covardia. Era bem justa a minha recusa, e tão justa que ele a aceitou e mandou-me que fosse chamar o batizante de minha irmã.

Grande foi o meu contentamento, e maior depois o meu desgosto, quando, chegando à casa do vizinho, soube que ele havia morrido do cólera quando voltou do batizado. Semelhante nova abalou-me todo, arrancou-me trepidações de todos os nervos; agora não era somente a alma da pequenina mas também a do vizinho que me fazia medo.

Meu pai recebeu a notícia mostrando grande ânimo, e, sem demonstrar perturbação, ordenou-me que conduzisse o cadáver ao cemitério. As palavras da ordem, vibrantes de autoridade e de energia, entraram-me no cérebro como pontas de estilete em brasa.

Queixei-me de doente; e na verdade eu ardia em febre. Entreguei o pulso ao médico, que o examinou e, antes de proferir nova sentença, ergueu-se do leito, quis caminhar e não pôde.

— Queria ir em teu lugar; vês? não posso andar!... vai.

Esta cena partiu-me de mágoa; e hoje é que avalio a sublimidade dela. Em minha alma de afetivo só vibravam então as palavras de meu pai e meus olhos viam-no, mas trôpego, doente, querendo ir enterrar a filha e sem poder.

Decidi-me a cumprir a ordem com o sacrifício de todos os meus escrúpulos, de todos os meus temores. Abeirei-me do berço para tirar o cadáver e colocá-lo no esquife, uma caixa de papelão na qual minha mãe guardava costuras; mas quando minha vista caiu sobre o rosto do anjinho, e descobriu o seu olhar morto, estagnado, fitando-se em minhas pupilas, não sei como não me acabei de medo. Tive desejos de abandonar a casa, deixando os meus na mais penosa situação; e o teria feito, confesso, porque aquele cálice era por demais amargo para os meus anos, se a figura de meu pai, trôpega, vacilante, procurando embalde caminhar para sepultar a filha, não tivesse ficado dentro de mim para sugerir-me, com todo o seu poder de força espiritual, aquele grande sacrifício.

Depois de algumas investidas, consegui agarrar o cadáver e depositá-lo no esquife. O corpo já estava gélido. A frieza dele, atravessando o cueiro e a camisinha, me transiu as mãos e senti por aquela algidez de carne morta uma repugnância que me arrepiou de medo e nojo.

Estava na base do meu penoso Calvário e tinha de subi-lo até o vértice, e lá deixar o fardo que a amizade e o dever me haviam posto aos ombros.

O meu espírito teve sempre uma penetração admirável e por este aspecto de sua psicologia pode-se avaliar de sua agudeza e também de suas agonias.

Disposto a fazer o enterramento de minha irmã, fui às ambulâncias, que eram em nossa casa, para fazer em meu corpo uma fricção de álcool e cânfora e livrar-me do contágio. Cifravam-se nisso os desinfetantes e os meios profiláticos que tinham os nossos conhecimentos naquela época.

Antes de sair com o cadáver, minha mãe chamou-me e pediu-me que lhe levasse o esquife. Obedeci, e ela, coitada, mal teve forças de soerguer-se do leito e deixar o derradeiro beijo do seu amor no frio rosto da filha morta. O que muito me impressionou nesta cena não foi a ternura dela, mas a coragem de minha mãe, beijando um cadáver. Sem ânimo para mais, acenou-me que me fosse; e saí conduzindo o esquife.

Lá fora as ruas eram desertas, e o sol descendo verticalmente sobre a vila inundava-a de uma claridade que doía nos olhos. Ainda bem que havia muita luz, e por algumas horas ainda; mas nem um vivente que me acompanhasse naquele esquisito caminho. Ninguém tinha mortos a enterrar? Seria possível?. . . pensava, caminhando com grande pressa. O cemitério ficava a um quilômetro de nossa casa, do outro lado do rio.

À medida que me aproximava da morada da morte sentia um pavor que me atordoava. Fui caminhando quase automaticamente até que, depois de galgar uma eminência, descortinei o lugar dos enterramentos em campo raso, a duzentos metros. Estaquei. Era chegado o instante mais angustioso daquela desesperada provação.

Animava-me a esperança de encontrar alguém sepultando os mortos, e esta esperança que me dava algum alento se desvaneceu de todo quando o cemitério caiu-me inteiro debaixo dos olhos. Ninguém vivo estava ali!. . . Tulhas de cadáveres se espalhavam de chão afora, uns já podres, apodrecendo outros. As pernas se me bambearam e naquele meu abandono, instintivamente, bradei por meu pai; mas num grito medonho de quem está assombrado. O meu angustiado apelo, agudo e intenso que me estonteou com as suas primeiras vibrações, foi esmorecendo de onda em onda até que se perdeu de todo e ninguém apareceu para me socorrer. Caí então em mim; lembrei-me que meu pai, por quem havia chamado com a maior confiança, havia deixado enfermo e quem sabe se já não tinha morrido!. . . Senti-me cada

vez mais abandonado e chorei, porém lágrimas tão sinceras e sentidas como ainda ninguém as chorou talvez.

Naquele meu acabamento moral tive uma idéia sugerida pelo pânico que me abocanhava inteiro o espírito. Esta idéia, que se gerou entre os pensamentos atribuladores que me enchiam a cabeça e começou por um simples desejo, transformou-se-me em breve na mais palpitante necessidade. Dominado por ela ia sufocar em mim todos os sentimentos afetuosos tão prodigamente alimentados pelas carícias de meu amoroso coração. O medo havia dissolvido em minha alma os seus mais puros e queridos afetos. Em começo deste transe o meu espírito ainda não estava de todo embotado, e tanto assim que bastou uma imagem ideal, a sombra de um ente querido, para reviverem nele os deveres da amizade. Agora não mais viviam essas visões amadas!... A figura de meu pai procurando embalde caminhar para sepultar a filha e o derradeiro beijo de minha mãe, resumindo em tão curta carícia um mundo de afetos e de dores, já não me comoviam. O meu ser já não se pertencia, não tinha afeições; era um autômato que o pânico subjugava e dirigia. Assim, violentando toda a minha piedade de afetivo, sacrificando tudo que de sensível existia em mim aquele egoísmo feroz, pensei em atirar o cadáver de minha irmã dentro de uma moita, que me ficava ao lado, e depois correr até em casa.

Ia fazer isso quando ouvi passos que se alternavam com o lúgubre ranger da padiola, que conduzia à vala os cadáveres dos coléricos. Aquele ruído seco de madeira nova a se esfregar ouvia eu há uma dezena de dias, a todos os instantes, de noite mesmo. E a padiola ia e vinha, sempre rangindo lugubremente, cantando a tristonha melopéia da morte, e eu a ouvia aterrado porque o seu ruído me trazia a idéia dos defuntos.

O veículo passou gemendo; eu acompanhei-o. Quatro homens o carregavam. Estava menos assombrado e procurei ver se os conhecia. Olhei-os com atenção e todas as suas cataduras me eram estranhas. A figura de um deles, um cabra de bigodes retorcidos e cabelos crespos caídos na testa, me causou tão má impressão que ainda hoje conservo na memória as feições de sua carantonha. Vinham todos eles embriagados. Caminhavam aos tombos, mal equilibrados, e, as passadas em falso, traziam a padiola numa incessante sacudidela, e faziam mais intenso o seu lúgubre e áspero ranger. Encontrada que foi a primeira tulha de cadáveres, pararam e virando o raso esquife sacudiram fora o defunto, que caiu teso a uma grande distância.

A barbaridade da inumação deixou-me aterrado, e mais aterrado ainda fiquei quando verifiquei que o corpo que assim tratavam era o do batizante de Maria.

Os homens da padiola, despejado que foi o defunto, deram de marcha para a vila, e eu os acompanhei, depois de ter deixado sobre uma pilha de mortos o cadáver de minha irmã.

CAPÍTULO II

As RUAS CONTINUAVAM DESERTAS, e o silêncio delas só era quebrado pelo cantar agoureiro do veículo da morte ou pelo ritmo agudo dos gemidos dos pesteados. E havia tanta luz no céu e tanta beleza mesmo em seu azul-claro, uma cúpula tão bonita mas para se arquear sobre um pedaço de mundo de risos e flores e não sobre um hospital de coléricos!...

A transparência do espaço, pura como a de um cristal de rocha, não a fendia a asa de uma ave ou mesmo de uma borboleta! Todos os voláteis haviam emigrado, deixando aquele meio, porque obedeciam cegamente ao instinto de conservação, mais do que nós, que ficamos esperando a peste e a morte com toda a casta de atribulações.

Até os urubus haviam fugido, deixando o abundante repasto do cemitério entregue somente à fome da larva. Pousados nos altos piroás da serra viam de lá as tulhas de podres trapos humanos e o seu apurado faro, sentindo-lhes o cheiro, os cortava de gula mas crocitavam eles apenas e ficavam; não desejavam a vila.

O diáfano ambiente, que tão inofensivo parecia, estava empestado. Para que as aves o evitassem, o abandonassem, não foi preciso mais do que a morte de algumas, fulminadas quando o fendiam em sereno vôo. Sabiam mais do que nós, eram mais sensatas, porque fugiam do perigo, e nós o procurávamos.

Rara era a tarde, ao toque das ave-marias, que os morcegos, ao saírem das tocas, antes mesmo de muitas evoluções no ar, não caíssem mortos às dezenas, repentinamente, como varados por balas.

A mortandade crescia na razão direta do empestamento do ambiente.

Aos pesteados não faltaram os favores da assistência pública. Quase de coisa alguma, entretanto, serviram eles. Meu pai foi substituído, mas o médico que o veio render mal teve tempo de fazer uma única visita aos enfermos: — morreu de cólera fulminante. Este fato acabou de aterrar a população. Todos podiam ser atacados pela epidemia, morrer mesmo, mas o médico, não, pensavam, porque o criam invulnerável.

A peste havia recrudescido, não por faltar a medicina, não por terem crescido ou germens do mal, mas porque o pânico havia tornado

mais aptos os organismos ao contágio, ao desenvolvimento dos micróbios da peste.

A epidemia tinha chegado ao seu maior grau de intensidade. Poucos eram os refratários e entre estes estava eu, graças à acidez de meu estômago de glutão, sei hoje.

O obituário havia crescido de um modo assombroso, tanto que a cifra dos falecimentos subiu a setenta em um dia.

Nessa terrível colisão estávamos quando nos chegou um sacerdote de outro bispado. Era ele o padre Galindo, homem novo ainda, moreno, alto, magro e direito como uma régua. Deviam ter sido bastante desagradáveis as impressões que ele recebeu quando viu a desolação dos moradores, a qual imprimia à vila um cunho particular de tristeza, de acabamento.

Nada mais lúgubre do que a perspectiva de um lugar atacado de peste. Depois que vi os horrores da varíola em 1878 em Fortaleza, cujos óbitos subiam a mais de mil diariamente, é que avalio da fisionomia da minha pobre aldeia, edificada em um buraco, cercada de montanhas.

A impressão que o padre recebeu foi tão intensa e tanto o comoveu que, apeando-se da cavalgadura, foi direito à matriz. O sol não tardava a esconder-se por trás do mais alto cabeço da serra, porém ainda longe estava a hora de trindades, quando o sino grande soou com toda sua monotonia de dobre, chamando os fiéis à prece.

O som grave do bronze ecoou mais intenso do que nos outros dias e, como um gemido rouco e fundo, foi se espalhando pela vila até que se perdeu de todo nas covoadas da montanha. Ah como me apavorava aquele soluçar do sino! Ele me trazia a idéia dos defuntos dos quais eu tinha tanto medo.

O sacerdote teve, pelo aspecto da vila, uma noção verdadeira da intensidade do flagelo. Crendo na misericórdia de Deus e em sua influência sobre o destino humano, corria pressuroso ao templo e o sino badalava convidando os fiéis à oração.

De todas as habitações saíram em piedosa romaria os que podiam caminhar. Em breve a pequena igreja regurgitou de gente.

O padre, cheio de abnegação e caridade, porém sem a mínima noção de higiene pública em tempo de epidemia, reunia ali a população para ouvir a palavra de Deus e assim aplacar a cólera do Céu. Benfazejo era o seu intento, e ele, com a alma ungida do amor do próximo, não tinha consciência do mal que fazia àqueles infelizes, aglomerando-os em não saneado recinto e ainda mais abatendo-lhes o ânimo com aquelas cenas deprimentes.

Os exercícios religiosos constavam de prédica e de orações cantadas. Por infelicidade minha, nossa casa ficava na praça onde estava edificada a igreja e para que aquelas práticas mais perniciosas fossem,

começavam à hora das trindades, tempo propício ao contágio, hora deprimente, mesmo para os que são felizes, quanto mais para os desgraçados.

Depois do sermão, que constava sempre da enumeração das penas eternas, com um exagero dantesco, vinha o Ofício de Nossa Senhora, cantado por centenas de vozes de todas as alturas e timbres, com os falsetes do medo, e terminando-se pela — Senhor Deus misericórdia — súplica feita num ritmo pavoroso, por si só mais aterradora do que a mais tenebrosa idéia dos castigos do inferno!...

Ainda hoje conservo nos sentidos o vozear roufenho das devotas acompanhando a voz cheia do padre. Quantas vezes não corri para o fundo da casa, fechando os ouvidos com a mão para não ouvir a pavorosa melopéia dos fiéis! E lá mesmo ia ter o som, de que eu fugia amedrontado, a alternar-se com o ranger da padiola, sugerindo em mim idéias que me mortificavam porque todas elas se prendiam à morte. Deixava então o meu asilo e vinha para o quarto de meu pai, onde me julgava livre das almas, embora mais perto da igreja.

O padre era um crente, era um abnegado. Desde que entrou na vila, não descansou mais. De dia confessava os moribundos e enterrava os mortos e à noite fazia preces e acendia fogos nas ruas para desinfetar a atmosfera.

Não estava parado nunca; por toda parte aparecia a sua figura magra, a sair dos mais infectos aposentos.

Por mais que se expusesse ao contágio o mal o respeitava. A sua imunidade começava impressionar o povo que, mais por ela, que era um fato extraordinário, mas não sobrenatural, do que pelos seus atos de caridade, o acreditava santo. E grande santo é quem somente pelo amor de Deus cuida dos enfermos e enterra os mortos.

O padre Galindo não temia a peste e nem tampouco a morte. O seu heroísmo e a sua abnegação, se eram uma doença de seus nervos, abençoada nevrose que alimenta tão puras e salutares virtudes cristãs. Quando lhe disseram que os cadáveres apodreciam em cima da terra por não haver quem os sepultasse, não se limitou a exortar do púlpito os fiéis àquela obra de misericórdia, foi ele próprio ao cemitério, abriu a vala com as próprias mãos e enterrou os mortos. Este seu grande exemplo de coragem e de piedade serviu tanto, foi tão edificante, que desde aquele dia não ficaram mais apodrecendo sobre a terra os corpos dos pesteados, embora repetidos fossem os casos de cólera fulminante na ocasião dos enterramentos.

No período mais agudo da peste foram enviados de Fortaleza doze sentenciados às galés perpétuas para o serviço das inumações. Todos estes criminosos morreram fulminados nos três primeiros dias de sua chegada, à exceção de dois que desgraçadamente viveram mais alguns dias para morrerem como os companheiros, porém depois de come-

terem o mais nefando e abominável crime de bruteza humana. Contavam-se coisas horríveis destes dois monstros. As suas histórias eram tão medonhas que os meninos não podiam ouvi-las e por isso não se me as referiam.

Meses depois de acabada a epidemia, meu pai conversava com um homem muito nosso amigo sobre os horrores da peste, quando me aproximei deles ansioso pela narrativa. A minha presença fê-los calar, mas notei que ambos tinham as feições demudadas e mais ainda o estranho, cujo rosto estava numa crispação medonha.

Afastei-me, e, logo que me pus longe, o homem continuou a falar quase ao ouvido de meu pai, gesticulando, irritado, ameaçador, todo ele numa crise de ódio, de desespero. Supus que o narrador estivesse para endoidecer e mais receios tive disso quando o seu desvairamento terminou-se num dilúvio de lágrimas.

Aquela história devia ser muito dolorosa, pensei, e não poder ouvi-la, eu que tanto gostava de ouvir episódios dantescos!

Quando o visitante saiu, me aproximei de meu pai e perguntei-lhe por que tanto chorava aquele pobre homem, isto na esperança dele contar-me o que tinha ouvido.

— Não, disse-me ele, quando fores homem, pede-lhe que te conte a sua triste história.

Dois anos depois do cólera, morria meu pai de uma moléstia, que sei hoje ser o beribéri, e que aparecia pela primeira vez no Ceará. Em conseqüência deste desastre fomos obrigados a nos mudar para Fortaleza, onde eu devia entrar para o Atheneu Cearense, o primeiro e único colégio que havia naquele tempo. Deixei a nossa vila, sem sentir saudades dela: não chorei vendo ficarem os lugares de minha infância. Meu espírito almejava outro meio, porque no em que vivia tudo lhe falava mais ou menos da peste e dos horrores dela. O ranger da padiola e o "Senhor Deus, misericórdia" ainda me soavam aos ouvidos quase tão aterradores como no tempo da epidemia. Por muitos anos ainda, quando eu tinha um sonho mau, um pesadelo, eram eles episódios da cólera. Aquelas cenas haviam ficado gravadas dentro de mim talvez para sempre. Com o andar do tempo modificou-se a minha psicose, ficando-me, entretanto, dentro do cérebro, as mesmas imagens, porém, menos nítidas, meio apagadas.

CAPÍTULO III

OS ANOS PASSARAM, mais de vinte, talvez, quando voltei à minha antiga vila, cidade hoje. Como a achei mudada!... Só a natureza era

a mesma com as suas montanhas azuis e os seus regatos cristalinos e cantantes. A casaria havia aumentado e melhorado de arquitetura. Em algumas já se viam os serpentões nas cornijas tão em moda na capital, os quais a primeira intendência republicana em Fortaleza, encurtou e acabou por aboli-los, como se aquelas falsas hidras fossem contrárias ou maquinassem contra o regime democrata.

A matriz tinha sido reedificada com maiores acomodações. Lá fui visitar o meu antigo padroeiro e advogado da peste, São Sebastião: era o mesmo; nada o tempo tinha alterado nele, lá estavam a mesma laranjeira verde e o vivo sangue a lhe gotejar do lado. Olhei-o com afeto, como um amigo que se vê depois de prolongada ausência, e ele me fitou, como costumava fitar os que o olhavam, lançou-me o seu olhar morto de imagem. Senti, vendo o santo, um vazio na alma que havia deixado a fé da infância. Quantas saudades tive então das minhas crenças, daquele tempo em que, com toda a inocência de minha idade, com todo o meu coração de simples e com um fervor que já não existe, me prostrava e pedia a São Sebastião para livrar da peste a mim e aos meus, prometendo-lhe uma vela de cera branca. Como era inocente e feliz, muito mais feliz do que sou hoje, que não tenho medo das almas! E no entanto eu amava o santo, respeitava o mártir e me alegrava vendo-o.

Saí da igreja e a imagem foi acompanhando-me com a vista até que me encobri no adro. Era a hora das ave-marias e o sino tocava trindades. Descobri-me, perfilei-me e intencionalmente caíram os meus olhos sobre a nossa antiga casa. Todas as cenas do passado viveram então em mim, e a figura do meu pai, em todo o vigor de sua mocidade, viram os meus sentidos. Parecia-me realmente vê-lo, como o via todos os dias àquela hora, descoberto, de pé à primeira badalada do sino, a rezar O anjo do Senhor, tendo ao lado uma criança que também rezava de mãos postas. E era eu a criança que vinte anos depois, homem e quase desiludido, aquela visão com sua misteriosa força espiritual fazia orar a hora das trindades!...

Ninguém me conheceu na cidade!... Passei no meio de sua população como um desconhecido. E quem me podia reconhecer? Os meninos de meu tempo estavam também homens e eram outros os seus rostos e o seu talhe. Comecei a me sentir mal entre aquela gente. Todos me olhavam com curiosidade. Poucos eram os que havia deixado homens e reconhecia: mas me conservava incógnito. Não sei por que tinha o coração fechado. Não era a perspectiva do lugar, então alegre pela paz e prosperidade de seus habitantes, que me entristecia, mas um não sei quê de melancólico me amofinava o espírito.

Entre toda aquela gente uma figura me arrancou um pouco ao meu desalento e me fez sentir uma vaga saudade dos dias da infância. Foi ela a preta Rita, vendedora de doces e que tantos anos depois me

aparecia, já velha, mas forte ainda, com o seu tabuleiro à cabeça, coberto com uma toalha de rendas sempre branca e engomada. Vivi por alguns instantes a minha vida de menino, saboreando os doces que guloso comia e que me fizeram dispéptico por toda vida. A velha passou, olhou-me, mas não reconheceu o seu antigo freguês.

E assim passei na cidade, sempre triste, e a teria deixado incógnito se no dia de minha partida não tivesse encontrado à porta de uma de suas melhores casas um homem que reconheci logo à primeira vista ser o que tinha, chorando, narrado a meu pai a sua triste história. Não o havia esquecido nunca; fora mesmo da província, me lembrava dele e quando contava aos companheiros de estudos os horrores do cólera prometia-lhes procurá-lo e lhe escrever a história.

Olhei com atenção: eram as mesmas feições, porém bastante amarrotadas pelo tempo e pelos sofrimentos. Os seus cabelos estavam todos brancos. Era sem dúvida o desgosto a causa de sua velhice prematura.

Saudei-o, e ele sem ligar importância à minha pessoa retribuiu friamente o meu cumprimento. O meu amor-próprio, de uma sensibilidade extravagante, quis molestar-se com a falta de cortesia, e talvez continuasse o meu caminho se as palavras de meu pai: — quando fores homem pede-lhe que te conte a sua triste história — não tivesse ouvido naquele momento tão claramente como quando foram proferidas.

Aproximei-me do velho, que, sem levantar a vista do chão, esperou que lhe dissesse o que queria dele.

Vendo que não se dignava olhar-me disse-lhe:

— Faz vinte anos que o vi. Eu era muito criança ainda, mas me lembro de sua aflição e de suas lágrimas. Contava o senhor uma história ao médico deste lugar, que era meu pai, e essa história devia ser bastante dolorosa e bastante horrível porque ele não ma quis repetir. Vejo quanto tem padecido, de quanto é capaz o sofrimento! Deixei-o moço e o encontro velho!. . . Não foi a idade, estou certo, que lhe branqueou os cabelos, que lhe abriu nas faces estes profundos sulcos, que lhe apagou quase a luz dos olhos e o brilho deles, deixando-os estagnados diante de uma imagem que não se separa de sua lembrança, que vive dentro de sua cabeça. É a história dessa visão, que durante vinte anos lhe tem gasto as energias do espírito, lhe tem morto todos os desejos da carne, lhe tem consumido todas as esperanças do coração, que desejo conhecer. Quando o senhor contou-a a meu pai, pedi-lhe que ma repetisse e ele negou-se, dizendo-me que, quando eu fosse homem, o senhor ma contaria. Estou na idade de ouvi-lo e espero que não deixará de satisfazer a minha curiosidade.

O velho levantou a vista e olhou-me com um olhar doentio, com um olhar de ovelha. Queria talvez encontrar em minha fisionomia a identidade de minha pessoa. Não podendo pelo meu rosto reconhecer-

me começou a sua narrativa, falando do médico da antiga vila, mas de um modo tão lisonjeiro que me encheu de contentamento. Os seus conceitos eram sinceros, porque eram de um homem sem ódios e sem aspirações, que era vivo mas que se julgava morto havia mais de vinte anos. Vivendo por uma fatalidade dentro do próprio cadáver, indiferente como um extinto ao Bem e ao Mal, só podia ser a sua linguagem a da verdade e por isso me orgulhava de ouvi-lo concretizar as suas idéias em belíssimas imagens sobre a caridade de meu pai. Falava sem emocionar-se e sem dar mostras que percebia a comoção que me causavam as suas palavras. Feito o exórdio, entrou na narrativa. Pensei que ele se transfigurasse, mas iludi-me; continuou sereno, e com firme entonação de voz me relatou as páginas que se vão ouvir.

CAPÍTULO IV

Eu tinha vinte anos, era terceiranista de direito e estava passando aqui as férias com minha família, quando apareceu o cólera-morbo. Ao primeiro grito de alarma a população ficou aterrada, como se ela fosse um rebanho de carneiros cercado por uma manada de lobos. Fortes foram os que evitaram o contágio retirando-se da vila. Fiquei porque minha mãe, que já não tinha marido, e de quem eu era o único filho, não quis sair. Ela, coitada, acreditava, como a maioria dos ignorantes fanáticos, ser a peste uma manifestação da cólera de Deus, um castigo de nossos crimes e que devíamos recebê-lo de cabeça baixa e não procurarmos fugir dele. Eu absolutamente não comungava das idéias de minha mãe e tanto que, conhecendo a gravidade da situação, lhe pedi por tudo para abandonarmos a vila. Obstinada como todo obcecado, não a demoveram os meus rogos e ficamos esperando estupidamente o castigo do céu. Ela ainda era crente, ainda rezava, pedia e confiava na misericórdia de Deus, e eu nem isso fazia, porque se a peste fosse um agente de destruição, mas obra da Divindade, não mataria os pequeninos, os inocentes, e via todos os dias essas pequenas vítimas irem para o cemitério. Um dia mostrei à minha mãe a padiola cheia de cadáveres de crianças, e ela, achando o fato muito natural, me disse que Deus castigava os pais matando os filhos. Por mais absurdo que a mim parecesse esse modo cruel de castigar, nada lhe disse, e para quê? Ela estava completamente convencida dessa inverdade.

A peste tomava dia a dia maiores proporções. Pela manhã ninguém podia afirmar, estando mesmo de perfeita saúde, se seria vivo à noite. Se seu pai vivesse podia confirmar o que lhe estou dizendo. Eu temia

a peste, não tanto por mim e minha mãe, porém por minha noiva. Amava uma linda moça de quinze anos, filha de um vizinho nosso. Havia dois meses que tínhamos feito os nossos esponsais, e nos casaríamos dentro de um ano. Se não tivesse morrido para sempre em mim a linguagem afetuosa dos amantes, lhe contaria o nosso idílio. Quantas ilusões me nasciam das carícias dela e como era esperançoso o nosso viver!

A peste crescia, e todos os dias eu ia, logo ao alvorecer, pedir novas de minha noiva. Alguém me dizia que a cólera a mataria; mas este alguém era invisível — apenas sua voz soava-me nos recessos d'alma. Uma manhã, quando eu voltava daquela obrigação imposta pelo meu amor, me senti mal. Um quebranto esmorecia-me todo, empurrando-me para o leito. Estava pesteado, conheci, e me apavorei, não ante à idéia da morte, mas ante a certeza terrível de deixar a minha amada para sempre.

O mal evoluía em mim com incrível rapidez. Começou por náuseas, que logo se transformaram em vômitos, mas em vômitos que não paravam. Vieram as dejeções e com a mesma freqüência mais de trinta por hora. Estava desmanchando-me em água; o que saía de mim era somente líquido. Em poucas horas a moléstia tinha me dissolvido toda a carne do corpo, só deixando a pele e os ossos! A minha figura devia estar hedionda, repelente, e no entanto, ela, que me servia de enfermeira, que viera pôr-se ao meu lado, logo que soubera estar eu pesteado, não procurava evitar-me as feições, não mostrava nojo de mim. E eu devia estar nojento, como um esqueleto sujo. Ao passo que a carne me desaparecia do corpo, o espírito tornava-se mais lúcido, mais claro o meu entendimento.

A abnegação dela, assistindo a todas as fases do mal que ia me consumindo e ia, aos pulos, me roubando dela, bastante me comovia. Que delicada enfermeira! Eu não tinha mais lábios para dar direção ao vômito que me saía por toda a abertura da boca, e quantas vezes, por isso, aquela aguadilha infecta e morna não lavou as mãos dela, o rosto mesmo!. . . Só o amor é capaz desses milagres de dedicação; só a mulher tem desses rasgos de heroísmo.

Sentia que estava acabando-me e maldizia a tirania da doença em conservar a luz da razão. A carne já estava quase toda consumida e cada vez mais se aguçava a minha sensibilidade moral, mais delicado se fazia o meu sensório.

A luta de morte em que se batiam o meu corpo e o mal não podia durar sempre. Aproximava-se o termo do terrível duelo. Eu não tinha mais carne, e no entanto ainda tinha nervos para sentir a miséria de minha animalidade sujeita às tristes contingências da vida.

Uma febre horrível me abrasava as entranhas, e eu pedia à minha enfermeira, por Deus, pelo nosso amor, uma gota d'água, uma so-

mente, para me refrescar a língua, que se crestava como uma folha de feto que caísse no borralho de uma forja. Ela me olhava com seus grandes olhos pretos, nadando em lágrimas e me recusava o líquido, dizendo que me faria mal. Quanto lhe devia custar a prática daquela estúpida prescrição, um dos preceitos mais recomendados pela medicina daquela época aos doentes de cólera!... Não podia conformar-me com a sua crueldade e para comovê-la como se o seu coração não fosse um cofre de piedade, de afetos, pus as minhas mãos de esqueleto em súplice postura, olhei-a de dentro de minhas fundas órbitas de caveira e lhe pedi por tudo uma gota d'água, uma somente, para me refrescar a língua.

Ela não resistiu à súplica; e mais comovida talvez com o atentado que ia cometer contra a minha saúde do que com as torturas que me impunha a sede, se aproximou de mim trazendo na extremidade do seu dedo mimoso um pingo d'água.

Estirei a língua, e naquele trapo, semelhante a couro curtido, caiu a gota, que se embebeu subitamente, como o orvalho da noite nos secos areais dos desertos.

Aquela frescura durou um instante, mas depois senti outras gotas, que me caíam na boca, mornas, salgadas; eram as bagas de seu pranto e que bebi sedento.

Sentia que estava me acabando, que meu corpo não tardaria a cair em terra para a derradeira decomposição que os vermes começariam, mas que pobre seria o repasto que em mim deixaria a peste para lhes saciar a gula. Tênue era o fio da vida a se partir a cada instante.

Estava quase morto e, no entanto, viviam os meus sentidos como nos melhores tempos de saúde. A minha sensibilidade moral não se embotava e nem tampouco languescia a minha percepção. Haveria em mim alguma coisa mais do que a peste dissolvia e eliminava do meu corpo? Existia, sim, porque minha carne estava reduzida a menos de um terço e não diminuía o meu entendimento. Havia uma força imaterial que a peste respeitava, que não era atacada pelos micróbios do mal. Sentia perfeitamente a existência dessa entidade sutil dentro de mim.

Minha enfermeira, profundamente abalada por essa derradeira cena, afastou-se, e continuei com a língua estendida, esperando uma gota mais para me aliviar a sede. Esperei, mas embalde; ela não voltou! Fiquei só, e quanto me custou esse desamparo?! Eu era quase um cadáver, porém com a sensibilidade de um homem são e afetivo. O mal progredia em mim e eu tinha consciência disso. A algidez que me gelava a pele era tão intensa que eu sentia o ambiente morno. E ela me havia abandonado na hora suprema, no momento em que eu ia morrer!... Ah como fui injusto em meu egoísmo de amante desprezado!... Uma luta terrível travou-se então em mim — a de meu

amor-próprio ultrajado com o desejo ardente de chamá-la a meu lado, desejo que nascia do temor que me fazia aquele desamparo. E venceu o instinto da conservação — quis chamá-la mas não pude; já não tinha voz, a palavra morreu-me no fundo da garganta e não foi articulada. Uma série de cãibras, que torciam os músculos de todo o corpo num doloroso espasmo, começou; era chegada a última agonia daquele transe, pensei. Apavorei-me de todo; quis gritar por ela e não pude. Deste derradeiro esforço no qual gastei a última parcela de minha energia, se é que em mim ainda havia esta força, gerou-se uma cãibra mais forte que me chegando ao coração o estrangulou em repetidos espasmos. Perdi os sentidos; morri para os que minutos depois me vieram ver.

Seriam seis horas da tarde quando tornei à vida, duas horas depois de minha suposta morte. Acordei precisamente no momento em que dois carregadores de defuntos me atiravam dentro da padiola. Nunca mais esquecerei os primeiros instantes de minha ressurreição. Bastaram poucos segundos para que eu me relacionasse com o meio e para que se gerasse dentro de mim a dolorosa idéia de meu enterramento! Ia ser enterrado vivo e já sentia o peso da terra me esmagando o corpo e me afogando o vazio da cova. Sensação mais augustiosa poucos terão sentido, ainda os mais desgraçados na dolorosa peregrinação por este vale de lágrimas. Fiquei completamente aniquilado. Antes, porém, de se submeterem à vontade dos que me iam enterrar, revoltaram-se todas as minhas fibras sensitivas, mas de nada serviu a sua revolta, elas ordenavam, porém não eram obedecidas, nem um músculo se mexia para satisfazê-las.

Quis acenar para os carregadores e não pude!. . .

Quis ao menos pôr nas linhas de meu rosto um traço que denotasse que eu vivia, um ar de vida finalmente, e a pele, que me engelhava como amarrotado pergaminho sobre a caveira, se conservava imóvel, como de pedra, e com o mesmo aspecto terroso e mortuário.

Tentei falar com os olhos, com os quais eu tantas vezes tinha dito a ela o que se me passava n'alma, mas eles não podiam falar, estavam semi-apagados dentro de suas fundas covas.

Hirto, imóvel, gelado, quem não me julgaria morto? E eu estava vivo, sabia que me iam enterrar e não podia evitar aquele terrível desastre.

Os carregadores deixaram-me na padiola e entraram.

O sol já se tinha escondido de todo por trás da montanha, mas a vila saiu da sombra da serra iluminada pela lua, que quase em plenilúnio mostrava o seu disco luminoso muito acima do horizonte.

Os carregadores voltaram trazendo um corpo que atiraram sobre o meu. Recebi em cheio o choque do cadáver, que me sacudiam em

cima com o maior desrespeito e que se estirou ao longo do meu corpo ficando unido o seu rosto ao meu.

A idéia deste íntimo convívio com um morto arrepiava-me de repugnância. Eu estava álgido, mas o meu companheiro ainda era mais frio do que eu; a friagem de suas faces me transia a pele do rosto até a caveira. Se pudesse mover-me teria evitado aquele contato, mas não tinha forças para estirar ou encolher um músculo.

Resignado estava a suportar a companhia do defunto até o cemitério ou mesmo até a vala, quando a luz da lua, caindo em cheio sobre os nossos rostos, fez com que reconhecesse o morto. Era ela com toda a sua carne e toda a sua formosura que se unia a mim naquele derradeiro abraço à beira da sepultura. Comecei a sentir que não estava tão só e tão desamparado. E bem podia ser que ela não estivesse morta, que estivesse como eu. Esta esperança de salvação durou somente enquanto a padiola descansou; logo que a puseram em movimento, que começou a ranger, que as suas sacudidelas trouxeram os nossos corpos em um constante atrito, me julguei perdido. Se ela não estava morta, morreria afogada debaixo do chão; igual sorte também seria a minha. Como devia ser horrível não ter ar para a articulação de uma palavra, uma somente, menos ainda, uma interjeição, mas que resumisse, em sua breve sílaba, todo o nosso horror, toda a nossa angústia!. . . E a padiola, cada vez mais lugubremente, rangia, e dentro dela dançavam os nossos corpos, movidos pelo passo incerto dos carregadores.

Como eu achava hedionda a figura dos cocheiros! Tinha-os reconhecido; eram os dois galés, únicos que escaparam ao contágio. Se ao menos pudesse gemer para saberem que levavam alguém vivo, mas nem isso podia fazer e, se o fizesse, o ranger da padiola engoliria os meus ais antes de serem percebidos.

E o esquife a cantar a sua lúgubre melopéia e a sacudir-nos os corpos nos levava à cova e eu sentia o horror de meu enterramento. E ela, quem sabe, se também não estava viva e horrorizada com a idéia de ser enterrada sem estar morta!

Não, a sua frialdade era de defunto. Em um dos solavancos da padiola os seus lábios se colaram às minhas gengivas num rápido beijo, e senti que eles eram de gelo e me repugnaram tanto que se eu fosse senhor de mim os teria afastado e repelido mesmo.

A distância de nossas casas ao cemitério era de pouco mais de um quilômetro. Os carregadores depressa a venceram. Quanto mais se aproximava o termo daquela dolorosa viagem mais me horrorizava o fim trágico que me esperava.

Quando passamos pela igreja rezavam as devotas as suas orações, acompanhando a voz estridente do padre a pedir — Senhor Deus,

misericórdia!... Senti-me de todo aniquilado; aquela súplica me soava aos ouvidos como se rezassem o meu réquiem.

A minha vista estava tão curta que olhando a matriz mal enxergava a fachada até a altura das portas. O meu cérebro, entretanto, funcionava bem, e pude então avaliar o seu poder.

Nos poucos minutos que gastamos para chegar ao cemitério escrevi mentalmente um sentido poema de recordações. Senti uma saudade da vida, que me traspassou todo. Não podia conformar-me com a morte; o que me augustiava, não era o acabamento, era morrer moço, era ter apenas vinte anos e ser enterrado vivo!

Que funda mágoa tive e como amaldiçoei o meu destino!...

Assistia, partido de saudades, o desfilar de todas as minhas ilusões, de todas as minhas esperanças, que incorporadas seguiam caminho da morte e que em breve cairiam na cova. O meu infortúnio era de tal ordem que para ele não podia haver resignação possível. Em uma dessas crises de desespero, em uma dessas ânsias de viver, fitei o rosto dela, pálido como o de uma Vênus de mármore e mais frio ainda do que gelo. Estaria morta ou, como eu, assistiria ao funeral de todos os seus desejos, de todos os seus sonhos?!

E a padiola rangia, rangia e ela não dava sinal de vida.

O veículo calou-se, ouvi um dos carregadores dizer: — chegamos; e fomos despejados desumanamente no chão, como fardos inúteis. O choque me abalou o esqueleto, mas não produziu em mim a menor dor. Caí ressupino sobre um cadáver, cujo peito me serviu de travesseiro. Ela, mais tesa do que eu, recebeu mais impulso e se estatelou um pouco adiante de mim.

Era chegado o instante supremo, o momento de esgotar até as fezes o cálice da agonia.

A lua estava clara como o dia, e eu não perdia de vista os celerados, que não tardariam a me arrastar para a vala. Esperava-os completamente acovardado. Só por um milagre escaparia de um tão trágico gênero de morte. Lembrei-me então de Deus, eu que fazia alarde de minha falta de Fé!... Foi preciso esta provação para eu conhecer quanto o homem é miserável e quanto é necessário no sofrimento a idéia de um ser sobrenatural que lhe possa aliviar as penas. Prostrei-me em espírito e orei. Pedi, mas pedi sem aquela confiança, aquele fervor com que pedem os crentes. Ainda bem não havia concluído a súplica vi que os galés, depois de uma ligeira conversa, que não ouvi, se aproximavam do corpo de minha noiva. Iam enterrá-la; ela parecia morta, mas bem podia ser que, como eu, estivesse viva.

Meus olhos, embora sepultados como estavam nos fundos buracos da caveira, viam bem o que se passava perto deles.

Um dos carregadores, depois de mirar o rosto do cadáver, apegou-se a ele e arrancou-lhe os brincos das orelhas e os anéis dos dedos.

Ah! como me doeu n'alma aquela primeira profanação! Foi grande a revolta que senti, mas não tinha músculos nem forças e continuei imóvel. Despojada de suas jóias, algumas das quais tinham sido presente de noivado, e que os galés repartiram entre si, ela ia repousar aos quinze anos, para sempre, de todas as fadigas desta vida. Como me iludia, praquela desventurada criatura a morte não seria a posse do descanso.

Os dois celerados, depois de recolhido o saque, sentaram-se, e um deles sacou um baralho do bolso. Começaram a jogar. Eram as jóias dela que jogavam, pensei. Riam e palravam e, ante aqueles sons mal articulados, deformados mesmo pela língua perra de embriaguez, percebi uma palavra que me fulminou. Bem podia ser que me houvesse enganado, dizia dentro de mim a voz da Esperança, talvez para não morrer de todo, como se eu já não fosse um morto.

A posse daqueles objetos, penhores do meu amor, pertencendo a outro homem me ralava de ciúme, me desonrava enfim! E mal sabia eu que eles jogavam uma cousa mais preciosa do que as jóias que tinham furtado; jogavam o corpo dela.

Um deles ganhou, e seria dele o que sonhei tantos anos pertencer a mim e somente a mim. Esta idéia me assaltou a mente gerada pela palavra que eu tinha ouvido; e eu que supunha já ter chegado à vasa do mar das amarguras, já ter tocado as fezes do cálice da agonia, vi que ele ainda estava cheio e que havia de esgotá-lo!. . .

Era demais aquela provação e, numa crise de justo desespero, pedi a Deus, não a vida, mas a morte, trágica embora como se me apresentava. Deus não me ouviu e conservou-me vivo dentro do meu próprio cadáver; inerte, desprezível em minha impotência de morto!. . .

Estávamos à mercê de dois monstros dominados somente pelo instinto bestial. Ela seria vítima inconsciente daquela cena de bruteza humana, e eu seria a vítima consciente; padeceria por mim e por ela, o ultraje, a vergonha e ciúme, e por cúmulo da miséria ter o espírito vivo dentro de um corpo morto.

Ela dormia o derradeiro sono, amortalhada no roupão de cassa cor-de-rosa, que vestia quando a peste fulminou-a. O mal não teve tempo de lhe alterar as formas, matou-a repentinamente como se lhe atravessasse o coração com uma bala. Não sofreu, nada sentiu e muito branca e muito bela parecia adormecida com o ar do rosto numa expressão angelical. Os seus traços de estátua, que antes o mal os tivesse apagado, banhados pela luz doce e suave do luar aguçaram mais nos celerados os instintos bestiais.

Em caminho para o cemitério eu pensava ser o maior suplício o enterramento de uma criatura viva, e mal sabia que a escala do sofrimento humano é como espaço, não tem fim, e que outro suplício, tão atroz que não se define, estava reservado para mim.

Os carregadores de defuntos ambos eram mestiços, de feia catadura e de uma carnação tão vigorosa que os dias da cadeia, numerosos embora, não puderam sequer amolecer-lhes a musculatura.

Eu não sabia, até então, de quanto é capaz o instinto bestial; não avaliava a perversão do homem que se deixa dominar pela animalidade. A carne havia triunfado nas bestas humanas, à mercê das quais estava a virgindade dela e a paz de toda a minha vida. Eles tinham perdido a razão e com ela todos os escrúpulos da moral. Nem o espetáculo da morte e nem tampouco o receio da peste embotavam nos celerados os lúbricos desejos carnais!...

O que havia ganho o cadáver, e que devia violá-lo em primeiro lugar, ergueu-se e caminhou para o corpo. Não posso explicar o que se passou em mim quando me convenci de que ia ser consumado ali o mais nefando delito da bruteza humana. Quis erguer-me e livrá-la de ser prostituída depois de morta e não pude!... Por maior que fosse a revolta que eu sentia, por mais intensa a descarga nervosa vibrada em meus músculos, estes não se mexeram e fiquei imóvel!... Como me doeu a minha nulidade!... Como me acabrunhou a minha inércia!... O meu eu havia percorrido em poucas horas todas as etapas de sofrimento, passado por todos os estádios da tortura, acredite! E, cousa estranha, eu sentia, sem que quisesse, nas ruínas do meu acabamento, em presença daquela cena carnal, uns frêmitos de sensualidade, ânsias da carne, que ainda não tinha de todo perecido!... A dissolução é a glorificação da matéria, o triunfo da animalidade; me convenceu o que vi e senti.

Os dois monstros, cada qual mais repelente pela sua moral, mais imundo pelo seu físico, mais asqueroso pelos seus vícios, indignos mesmo do amor de um cadáver, cevaram-se à farta na virgem morta, enquanto adormeci ou desmaiei!...

Quando voltei à vida já era dia e o sol dardejava, erguido bastante no horizonte, como se fosse uma esfera fulgente de prata boiando num tranqüilo lago de anil. O meu acordar foi uma das páginas mais tocantes desta tragédia. Custei a ter uma noção exata de minha pessoa, do lugar e do tempo. Não posso bem definir o estado de meu espírito quando despertei. Tive uma sensação de vazio na cabeça, depois de atordoamento, idéias se atropelaram, se baralharam em uma confusão de loucura, depois as imagens dos objetos que me cercavam foram se individualizando, tomando formas mais nítidas, e percebi o meio e me reconheci. Despertos todos os meus sentidos, na posse de meu entendimento lembrei-me da cena, que assistia quando adormeci, porém não como um fato real e verdadeiro, mas como um sonho mau. E continuariam a ser para mim um pesadelo aquelas reminiscências, a terem o valor de uma extravagante alucinação, se meus olhos não confirmassem a tristíssima verdade caindo sobre as formas dela com-

pletamente expostas. Um espasmo me sacudiu todo e ressuscitou a vida de meus músculos. Quis erguer-me e sentei-me. Olhei o sítio; era o cemitério dos coléricos. Pilhas de mortos apodreciam ao tempo!... Não me demorei na apreciação daquele triste lugar. A minha cabeça estava toda cheia do monstruoso atentado da derradeira noite. Pus-me de pé, cambaleando é verdade, mas firmei-me e fui ao lado dela. Não sei que natureza de sentimento tive quando palpei a dolorosa verdade que minha razão teimava em fazer um sonho. Nem havia dúvida, ela tinha sido violada; suas formas continuavam expostas e os autores do nefando crime mortos em nudez obscena a poucos passos dela!... Naquele instante não posso definir o que se passou em mim; meu espírito desceu, desceu até topar a vasa do oceano tormentoso da agonia. Tudo estava em trevas dentro de meu cérebro e quando clareou-se-me a vista e a razão foi ela que viram os meus olhos mas profanada e morta! Acheguei-me ao corpo sem olhá-lo, sem profaná-lo com a luz de meus olhares, com o mais profundo recolhimento e piedade cobri-o com as suas próprias vestes. Quis depois sepultá-lo, lançá-lo dentro de uma vala aberta perto de nós e não tive forças e nem coragem. Mandaria mais tarde prestar-lhe este serviço.

Ao deixar o cemitério senti uma necessidade imperiosa de vingar-me dos celerados que para sempre me haviam roubado a paz do espírito. Como me vingaria se eles estavam mortos?!...

Aproximei-me deles e numa ânsia de vingança, numa crise de ódio, de desespero, pisei-lhes os rostos com os pés, como se eles pudessem sentir a ofensa física ou se revoltar com o ultraje e eu tivesse forças para esmagá-los!

E saí, com o passo vacilante, em rumo à vila onde o senhor me encontra vinte anos depois, ainda enclausurado dentro de mim, evitando o convívio dos homens e chorando a viuvez do meu espírito.